Humberto Robson de Carvalho Thales Martinsides Santos Antonio Wardison C. Sva (orgs
SEMINARISTA DIOCESANO
Identidade, vocação e missão
PAULUS

Humberto Robson de Carvalho Thales Martins dos Santos Antonio Wardison C. Siva (orgs
SEMINARISTA DIOCESANO
Identidade, vocação e missão
PAULUS

HUMBERTO ROBSON DE CARVALHO Pertence ao clero diocesano da arquidioce se de São Paulo (pároso da paróquia Nossa Senhora Aparecida Região episcopal San- tana). E mestre em Educação, especialista em Catequese, Espiritualidade e Liturgia, graduado em Filosofia. Pedagogia e Teologia e coordenador dos cursos de pós-graduação em Catequese e Espiritualidade no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Uni- sal. Campus Pio XD). Membro da Comissão dos Presbiteros do setor Santana. Membro da Sociedade Brasileira de Catequese (SBCat), Membro fundador do Kerigma - Cateque se mistagógica. Membro da Comissão de Iniciação à Vida Cristá na região episcopal Santana, na arquidiocese de São Paulo. Pu- blicou artigos em revistas nacionais e, pela Paulus, os livros: Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista: Missa: celebra ção do mistério pascal de Jesus: Ministério do catequista: elementos básicos para a formação; Auroquia missiondria: projeto de evangelização e missão paroquial na cidade: Biblia: palavra que transforma a vida dos catequistas: Espiri tualidade do padre diocesano; Crelos a profissão de fè explicada aos catequistas: Liturgia ele mentos básicos para a formação de catequistas: Iniciação à Vida Crista e pedagogia catecume nal: Catequistas: vocação, ministério e missão; Diocesancidade, esponsalidade e incardinação; A catequese como educação da fé e Catequese, liturgia e mistagogia,

Humberto Robson de Carvalho
Thales Martins dos Santos Antonio Wardison C. Silva (orgs.)
SEMINARISTA DIOCESANO
Identidade, vocação e missão
Ecitio,
Em crusts Jenn, o Boo tantes.
Впи
News, 17.06.2022
PAULUS

poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.
Direção editorial: Pe. Silvio Ribas
Coordenação de revisão: Tiago José Risi Leme Coordenação de arte: Rodrigo Moura de Oliveira
Preparação do original: Tatianne Francisquetti Capa: Elisa Zuigeber
Diagramação: Eligelson Barroso
Impressão e acabamento: PAULUS

AGRADECIMENTOS
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057
Seminarista diocesano: identidade, vocação e missão / organizado por Humberto Robson de Carvalho, Thales Martins dos Santos, Antonio Wardison C. Silva. - 1. ed. - São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Vocação e formação.
ISBN 978-65-5562-307-9
1. Seminaristas - Vida religiosa I. Carvalho, Robson de II. Santos, Thales Martins dos III. Silva, Antonio Wardison C. IV. Série
21-2454
Índice para catálogo sistemático:
1. Seminaristas - Vida religiosa
1a edição, 2021
Seja um leitor preferencial PAULUS.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11
CDD 200.711
CDU 254.4
Aos nossos pais e formadores A todos os bispos, padres, diáconos e seminaristas diocesanos
Ana Paula Souza Pe. Jair Marques de Araujo Marlene Maria Silva D. Ricardo Hoepers D. Sergio de Deus Borges Pe. Ronaldo Zacharias
In memoriam
D. Joel Ivo Catapan
D. Joaquim Justino Carreira D. Paulo Evaristo Arns Pe. Gaetano Tarquizio Bonomi
Pe. Reinaldo Emílio
PAULUS-2021
Rua Francisco Cruz, 229. 04117-091 - São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br. editorial@paulus.com.br
ISBN 978-65-5562-307-9
FSC
www.fsc.org MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC C108975

APRESENTAÇÃO
Apresentação
Este é um livro cujo significado tem duas vertentes: a primeira refere-se aos temas escolhidos com os textos que os compõem, tratando do conteúdo em si e de suas repercussões existenciais, pessoais, eclesiais e de fé para o processo formativo dos futuros presbíteros diocesanos da Igreja. A segunda é dada pelo signi- ficado que está para além dos textos compostos e articulados ao longo dos capítulos, pois o livro constitui-se em um marco para a formação dos seminaristas diocesanos da Igreja no Brasil. Esta obra, nesse sentido, é um exercício inédito.
Os seminaristas diocesanos convidados e alguns especialistas abordam vinte e seis elementos constitutivos do processo formati- vo de um padre. Servindo-se dos documentos referenciais do ma- gistério da Igreja, os autores expressam-se de maneira a construir um

caminho que orientará e ajudará os seminaristas diocesanos e formadores a dialogarem, tendo em vista a construção dos sentidos do projeto de vida sacerdotal e sua identidade no seio da Igreja. Nas reflexões transparecem questões sobre o amadurecimento humano, afetivo, espiritual e pastoral; todas elas iluminadas e guiadas pela Tradição, pelo magistério e pela experiência dos seminaristas diocesanos e dos especialistas. Considerando-se que os seminaristas tomam a palavra em grande parte desta obra, é uma oportunidade ímpar de ouvi-los, compreendê-los e refletir sobre como colaborar melhor com eles, que, generosamente, estão respondendo ao amor do Senhor que os chamou, amando-o por meio da escuta de sua voz e da construção de suas respostas dedicadas à própria formação.

Os textos são um feedback à Igreja de como os seminaristas diocesanos estão assimilando e em que sentido estão assumindo as diretrizes da formação emanadas do magistério. Nos escritos, está a percepção de como são experienciadas e internalizadas

as

essas diretrizes e de como é a sua dinâmica ao longo do processo formativo e da vida de cada formando, que é o protagonista do discernimento e da formação sacerdotal. O livro representa um momento de diálogo entre a Igreja e seus filhos diletos, os jovens seminaristas diocesanos. Este diálogo indica pistas preciosas, tanto para a Igreja quanto para os seminaristas. Para a Igreja, porque é fundamental que ela escute os seus futuros pastores, conheça suas percepções, sentimentos, pensamentos e os grandes desafios que enfrentam no contexto social atual, para poder apoiá-los como mãe solícita e providenciar os meios e formas de melhor capacitá-los para o exercício do ministério sacerdotal, entendido como projeto eclesial e pessoal de vida e que empenha todas as dimensões da pessoa que o assume. Para os seminaristas, porque oferece um conjunto de temas e reflexões que permite poten- cializar e contribuir para o amadurecimento em seu itinerário formativo, considerando as fases peculiares e etapas do processo de discernimento vocacional.

Nesse sentido, o livro é precioso e recomendado não só para os seminaristas, mas também para aos formadores, presbíteros e bispos diocesanos, que continuam a responder ativamente ao Senhor com o empenho de suas vidas e o amor incondicional ao povo de Deus.

Outro ponto de valor - que percorre todos os temas - é a consideração dos contextos da sociedade e da Igreja como refe- renciais que conduzem a reflexão sobre o que é ser seminarista hoje e quais as influências que os âmbitos social e eclesial exercem na identidade e no ser do futuro presbítero e no significado do ministério presbiteral.

Por fim, este livro reverbera aquele encontro do Senhor ressuscitado – à beira do mar de Tiberíades - com os seus apóstolos, que ali pescavam. Eles, no mar, com as redes vazias, escutam o Senhor dizendo para jogarem as redes novamente. As redes se enchem. O Senhor é reconhecido. Os apóstolos vão ao seu encontro. Sentam-se com ele à praia do mar. Partilham os frutos da pesca. E vem a grande pergunta: "Tu me amas?".

Se a resposta do seu coração for "sim", eis o pedido do Senhor: "Apascenta as minhas ovelhas". Este é o presbítero: aquele que no mar da vida, no barco da Igreja, com os irmãos

na fé, por de amor ao Senhor, pesca, apascenta, serve e zela pelo povo Deus, ovelhas de seu rebanho. Com certeza, este livro inflama o nosso coração de um amor renovado por Cristo e sua Igreja, fazendo-nos a todos, bispos, presbíteros e seminaristas dioce- sanos, irmanarmo-nos no fogo abrasador do Espírito Santo, para que, repletos de caridade, possamos servir e amar a Igreja. A bênção do Senhor esteja com todos. Boa leitura! Coragem!
Dom Jorge Pierozan Bispo auxiliar de São Paulo Vigário episcopal para a Região Santana
9

INTRODUÇÃO
as
Introdução
A formação de todo discípulo e missionário é indispensável para o processo de evangelização da Igreja. Chamado à santidade, ele é escolhido e eleito pelo Senhor (cf. Ef 1,4). O Espírito de Deus inspira, chama e conduz todos à vida na graça de Deus, não sendo a santidade, portanto, mérito ou condição específica para um grupo privilegiado, mas algo que todo cristão precisa acolher na intimidade de seu coração. A vocação dos primeiros discípulos de Jesus, sobretudo dos apóstolos, nasceu de um encontro pessoal e íntimo capaz de gerar desejo e compromisso de permanecer com o Mestre, na gratuidade do serviço da Palavra, na partilha do pão e na caridade.
A caminhada dos discípulos com Jesus transformou o sen- tido de suas vidas, desencadeando um processo de mudança, de aprofundamento do conhecimento, da revelação, da percepção e da vivência do Reinado de Deus. Tanto tempo se passou e o Senhor continua chamando outros discípulos e missionários para levarem, até os confins da terra (cf. At 1,8), o mandato salvífico que o Filho, em obediência amorosa, consumou com o dom de sua vida. O dom da vocação daqueles que são chamados e aten- dem ao convite do Mestre à vocação presbiteral exige conversão, discernimento e preparação humano-afetiva, intelectual, espiritual e pastoral-missionária. O presbítero diocesano segue é configura-se a Cristo Bom Pastor, mobilizando e integrando em torno dele sua humanidade e sua vida cristá recebida no batismo.
Ao longo da história, a Igreja buscou ser sempre solícita em educar eficazmente aqueles chamados ao serviço do Reino. Desde o Concílio Vaticano II, o magistério da Igreja vem dedicando espe- cial atenção à formação presbiteral nos seminários. Os documentos conciliares Optatam Totius, Presbyterorum Ordinis e Christus Dominus indicam orientações e diretrizes a serem consideradas
11

12
posteriores, dos diversos pontificados pós-conciliares, ressaltam por rodos os candidatos ao ministério presbiteral. Documentos a importância de uma formação qualificada e coerente com os novos desafios próprios a cada época.
A nova Ratio Pundamentalis Institutionis Sacerdotalis, Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, os rexros da Comissão Nacional dos Presbiteros, entre outros, muito rem contribuido, nos dias atuais, para a formação dos jovens seminaristas e para a formação permanente de todos os presbí reros diocesanos, a fim de que eles sejam capazes de responder aos desafios da evangelização e da missão na atualidade. Neste sentido, pensar a vocação diocesana é, sobretudo, refletir sobre os contextos nos quais o seminarista e, futuramente, o presbítero estarão inseridos em seu ministério à luz dos

documentos referen- ciais emanados do Concilio Vaticano II e das demais instâncias do magistério da Igreja.
Por que um livro sobre a identidade, a vocação e a missão do seminarista diocesano? O desejo de tal escrito encontra-se no vazio literário desse assunto específico. Os religiosos aspirantes ao mi- nistério presbiteral encontram abundantes textos em seus diversos institutos, congregações ou ordens. Os seminaristas diocesanos, por sua vez, carecem de tais textos. Este livro pretende auxiliar a pastoral vocacional e os responsáveis pelo processo de discerni- mento dos jovens e adultos que se apresentam com o desejo de se tornarem ministros ordenados para servir o Senhor (cf. Eclo 2,1).
A sociedade pós-moderna nos obriga a olhar para o mun- do e para a evangelização com novas propostas e dinamismo. Os seminários diocesanos têm de estar atentos e abertos para esse novo processo em que a sociedade vive. O processo educativo dos seminaristas diocesanos há de levar em consideração as profun- das crises estruturais, institucionais, sociais, culturais, religiosas, relacionais e pessoais que o mundo e cada pessoa vive e enfrenta. A cultura narcísica, hedônica e consumista tem larga influência na formação das "consciências" atuais. Logo, o processo formativo do seminarista diocesano deve levá-lo a reconhecer as possíveis
carências humano-afetivas que possam esvaziar o sentido de sua vida e vocação, integrando as suas escolhas no projeto de vida abraçado. A formação da identidade é imprescindível para uma reta vivência do ministério presbiteral diocesano como caminho de santidade.
Este livro está organizado em vinte e seis capítulos, elaborados por vários autores espalhados por todo o Brasil. Os temas propos- tos foram avaliados e sugeridos por diversos formadores, alguns bispos e pessoas envolvidas no processo formativo dos seminaristas diocesanos. Com exceção de alguns presbíteros diocesanos, uma fiel cristá leiga comprometida com a formação de presbíteros e cinco fiéis cristãos leigos comprometidos com a causa da formação laical, todos os demais capítulos foram escritos por seminaristas diocesanos no período do discipulado e da configuração. Acre- ditamos e apostamos no protagonismo daqueles que se tornarão padres diocesanos configurados ao Cristo Bom Pastor, modelo de toda caridade pastoral, e ao carisma específico da diocesaneidade.
Sabedores da relevância do ministério presbiteral ordenado e do processo formativo pelo qual passa cada candidato, desejamos que este livro possa contribuir com o seminarista diocesano no aprofun- damento da própria vocação e identidade presbiteral, colaborando no que se refere à sua espiritualidade tipicamente diocesana.
от проди
13

O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO VOCACIONAL DO SEMINARISTA DIOCESANO

Túlio Rocha Pugas'

INTRODUÇÃO

O cultivo de vínculos familiares saudáveis e vigorosos se demonstra como condição vital para que o seminarista diocesano tenha fundamentos que o habilitem a percorrer com êxito sua jornada formativa. É confiado à família não apenas o primado educacional afetivo dos filhos, mas também a tarefa de ajudá-los a assimilar e vivenciar os valores cristãos. Dela emana uma seiva nutritiva que proporciona aos candidatos à vida presbiteral o en- gajamento na vida de fé. É valido ressaltar o exemplo da Sagrada Família de Nazaré, que, alicerçada na experiência do mistério de Deus e de seus desígnios, vislumbrou o quanto

"Jesus crescia em estatura, sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2,52). Do mesmo modo, as mais diversas famílias que se referenciam na experiência da fé cristã na comunidade eclesial acabam por expressar-se como recurso potencializador e promotor de respostas vocacionais enraizadas e fortalecidas pelo testemunho de fé.
O documento Instrumentum Laboris do Sínodo sobre a voca- ção e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo, realizado em 2015, afirma que a família é o ventre de toda vocação, uma vez que ali ela é gerada, nutrida e impulsionada à sua plena realização. Por isso, o documento sugere que, durante o período de formação, os seminaristas permaneçam períodos suficientes com a própria família e dela bebam da fonte sagrada de vida,
Seminarista diocesano da arquidiocese de São Salvador da Bahia-BA.
15
O papel da familia

16
Tテコlio Rocha Pugas
テゥ instテ「ncia formativa por excelテエncia. A presenテアa da famテュlia na de esperanテアa e, sobretudo, de amor familiar. O ambiente familiar formaテアテ」o de cada seminarista テゥ condiテアテ」o sem a qual nテ」o テゥ possテュvel o desenvolvimento humano-afetivo, espiritual e pastoral de cada candidato ao ministテゥrio presbiteral."
Neste sentido, テゥ importante refletir sobre a relaテアテ」o entre o seminarista diocesano e a sua famテュlia no contexto contemporテ「neo que desafia e interpela os princテュpios e fundamentos que regem at instituiテアテ」o familiar. Esta reflexテ」o indicarテ。 os modos pelos quais of amor prevalece sobre os sofrimentos e tristezas familiares e, desta forma, poderテ。 suscitar frutos no caminho formativo de cada um. daqueles que responderam ao dom da vocaテアテ」o presbiteral. Pensar sobre a famテュlia テゥ oferecer ao seminarista diocesano a possibilidade de se reconciliar com sua histテウria de vida, sobretudo em seu contexto familiar, e, ainda, テゥ reconhecer que a famテュlia テゥ o ventre em que se processa a gestaテアテ」o vocacional de todos aqueles que acolheram of chamado do Senhor da messe (cf. Hb 5,1).
A anテ。lise das questテオes familiares constitui importante ajuda na formaテアテ」o humano-afetiva do seminarista diocesano. O ambiente familiar, assumido em uma perspectiva saudテ。vel, favorece elementos que colaboram para o fortalecimento da autonomia e da maturidade do sujeito e desenvolve experiテエncias que o ajudarテ」o na sua relaテアテ」o com as demais famテュlias, no perテュodo de sua caminhada formativa e no exercテュcio do ministテゥrio presbiteral, sobretudo em vista da caridade pastoral."
O papa Joテ」o Paulo II, no ano familiar de 1994, em sua Carta as familias, entre tantas outras afirmaテアテオes, assim se expressa:
A famテュlia tem a sua origem naquele mesmo amor com que o Cria- dor abraテアa o mundo criado como se afirma jテ。 ao princテュpio no livro do Gテエnesis (1,1). Uma suprema confirmaテアテ」o disso mesmo, no-la
SINODO DOS BISPOS XIV Assembleia Geral Ordinテ。ria: a vocaテアテ」o e a missテ」o da famテュlia na Igreja e no mundo contemporテ「neo. Instrumentum Laboris. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2015, n. 88 e 89.
'CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2017, n. 148.

oferece Jesus no Evangelho: "Deus amou de tal modo o mundo que The deu o seu Filho Unigテェnito" (Jo 3,16). [...] O mistテゥrio divino da Encarnaテアテ」o estテ。, pois, em estreita relaテアテ」o com a famテュlia humana. Nテ」o apenas com uma a de Nazarテゥ-, mas de certa forma com cada famテュlia, analogamente a quanto afirma o Concilio Vaticano II do Filho de Deus que, na encarnaテアテ」o, se uniu de certo modo com cada homem. Seguindo a Cristo, que veio ao mundo para servir (Mt 20,28), a Igreja considera o serviテアo テ famテュlia uma das suas obrigaテアテオes essenciais. Neste sentido, tanto o homem como a famテュlia constituem a via da Igreja."

1. A VOCAテ・グ SURGE NO INTERIOR DE UM CONTEXTO FAMILIAR E COMUNITテヽIO

O papel da familia

テ・no contexto familiar de cada vocacionado que o mistテゥrio da eleiテアテ」o divina se efetiva. Conforme nos relatam as Sagradas Escrituras, Jesus de Nazarテゥ se demonstrou obediente テ vontade do Pai, desde a mais tenra idade, mesmo quando interpelado por sua famテュlia de Nazarテゥ. Nesses momentos, sua famテュlia demonstrou discernimento da vontade de Deus e respeito para com a missテ」o de Jesus. Podemos citar o episテウdio em que foi encontrado por seus pais pregando no templo, com apenas doze anos de idade, no qual ele obteve de sua mテ」e a delicadeza e a doテアura de quem compreendeu os desテュgnios de Deus e guardava e meditava todas as coisas em seu coraテアテ」o (cf. Le 2,41-52). Ainda, lembremo-nos das bodas de Canテ。, quando Maria demonstra grande sintonia com Jesus na percepテアテ」o da necessidade dos noivos. A cumplicidade de ambos テ vontade do Pai transforma a angテコstia dos noivos em momento de epifania do amor de Deus, que em Jesus devolve alegria テ festa da vida (cf. Jo 2,1-5). Na Sagrada Famテュlia de Nazarテゥ, estテ。 o modelo a ser seguido por todas as famテュlias no que se refere テ receptividade e ao incentivo テ vocaテアテ」o de seus descendentes. Forjada como nascedouro vocacional, テ fam テュlia estテ。 confiada a sabedoria de escutar o chamado de Deus e percebテエ-lo na vida e na

'JOテグ PAULO II. Carta テs famテュlias. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1994, p. 6-8.

missão de seus filhos, procurando apoiá-los e incentivá-los, uma vez que a realização vocacional de cada pessoa é o fio condutor para a felicidade auténtica e genuína. Segundo dom Eusébio Scheid

Cristo, o Filho Unigênito de Deus, feito gente igual a nós, tanto valorizou a família que "veio morar entre nós" (Jo 1,14) através de uma família humana. Foi a partir da família que Jesus fez a primeira experiência humana de amor, fraternidade, do senso comunitário. Seu coração humano foi influenciado, modelado, pela nobreza, delicadeza, altruísmo, acolhida, abertura aos outros, comunhão de amor, integração de valores de José e de Maria."

Dom Eusébio faz refletir sobre como a família oferece aos seus membros experiências que favorecem a capacidade de amar e ser amado e conhecido, de construir com segurança a própria identidade e, ao mesmo tempo, abrir-se aos outros com atitudes de fraternidade, acolhida e solidariedade. As recentes orientações ofe- recidas pelo magistério eclesial indicam com clareza as implicações vigentes no entrelaçamento entre a família e o percurso formativo de cada seminarista. Na Exortação Apostólica Amoris Laetitia, o papa Francisco afirma que a família é basilar e indispensável para a completude da trajetória de desenvolvimento e estruturação do candidato à vida ministerial. Segundo ele, "os laços familiares são fundamentais para fortificar a autoestima sadia dos seminaristas. Por isso, é importante que as famílias acompanhem todo o proces- so do Seminário". É na família que

todo ser humano se abre para a experiência do amor que na vocação presbiteral encontra uma expressão sublime pela doação da própria vida a Cristo e à Igreja.
Sem dúvida, o contexto familiar transmite aspectos ele- mentares à vida dos que foram admitidos por suas respectivas Igrejas particulares como candidatos ao presbiterato. Não por acaso, a Ratio Fundamentalis destaca a família em seu papel crucial na companhia e proximidade junto àqueles que estão no
SCHEID, E. O. (Coordenador). Preparação para o casamento e para a vida familiar. Aparecida: Santuário, 1989, p. 217.
* FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família. Brasília: Edições CNBB, 2016, n. 203.
processo formativo. Da mesma forma, a comunidade de origem do seminarista diocesano è posta em relevo como um fator de suma importância, como colaboradora do processo vocacional de cada seminarista. A família e a comunidade eclesial de origem proporcionam crescimento afetivo e emocional, desenvolvimento psicológico e maturidade na construção da própria identidade e na capacidade de manutenção dos vínculos referenciais da própria personalidade humana e cristá
É recomendável que os formadores possam contar com a colabora- ção dos país, os quais [...] tém uma importância fundamental para o processo de crescimento dos próprios filhos, além do amparo e proximidade da comunidade paroquial de origem. Os formadores cuidem ainda para que os seminaristas mantenham a conveniente e até necessária relação com as respectivas famílias e seus coetáneos, pois precisam dela para um sadio desenvolvimento psicológico, especialmente no que diz respeito à vida afetiva.
O papel da familia
A família e a comunidade paroquial de origem contextualizam, presenciam e atuar no processo em que o individuo gradativamen- te toma consciência de si enquanto principal sujeito responsável por sua história de vida. As fontes que nutrem e vitalizam habilidades, qualidades, comportamentos, posturas, desafios, deficiências e erros podem, inequívocamente, apresentar fundamentação neste espaço. O papa São João Paulo II recorda, na Pastores Dabo Vobis, que "fre- quentemente as próprias situações familiares, de onde provém as vocações sacerdotais, revelam a este respeito não poucas carências, e por vezes até graves desequilíbrios". Todas essas realidades de luzes e de sombras, ao serem acolhidas, reconhecidas e trabalhadas em um projeto unitário de vida, viabilizam a construção da pessoa do presbítero de modo que o exercício de seu ministério seja fonte de realização pessoal e eclesial. Assim, contribuirá para a missão da
* CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 23.
* Ibidem, n. 94.
* JOÃO PAULO IL Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 44.
19

Igreja, concretizando a resposta ao chamado e à eleição divina em uma vida presbiteral rica de significados e sentidos realizadores, uma fonte de vida que se faz dom e na qual todos podem saciar-se
A história de cada ser humano é o território sagrado onde a Trindade se autocomunica e se relaciona com os seus eleitos. A his- tória de vida de cada seminarista diocesano é, assim,

tabernáculo no qual Deus se deixa encontrar, exprimindo-se com afeição. Por isso, cada seminarista diocesano poderá, malgrado as vicissitudes ou dissabores que tenha experimentado, identificar no seu passado pessoal a projeção inequívoca e amorosa da providência de Deus. A legitimidade do que se pôde constar até aqui não se dilui frente aos possíveis conflitos ou intempéries que emolduram o quadro familiar de muitos seminaristas. Como não pensar, por exemplo, nas situações em que a privação material no lar se constitui um tormento? Como não se recordar, ainda, daquelas outras em que o ódio e o rancor desencadeiam a putrefação dos laços com a escolha pelo divórcio? Como lidar com aqueles que carregam consigo o drama da orfandade e do abandono? Essas e outras situações na família, como a violência doméstica, o alcoolismo ou os conflitos provocados pela existência de credos distintos, são temáticas que reafirmam que a família de cada um é a primeira terra de missão onde os candidatos ao presbiterato devem atuar com a solicitude de quem sabe dispor de equanimidade e com a certeza de quem sabe não estar desamparado por Deus.

A Ratio Fundamentalis recomenda aos seminaristas que "com realismo e maturidade humana e cristá [...] saibam reco- nhecer e aceitar a própria realidade familiar, enfrentar eventuais problemas, e, se possível, até mesmo compartilhar com a família o próprio projeto vocacional".10 São constituídos como artesãos fundamentais da construção e da restauração de laços, alicerçados no dom da reconciliação, da pacificidade e do diálogo, e como canais resplandecentes da concórdia e do amor. Haverão de lidar com a demanda da gestão de conflitos particularizados em cada

10 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 149.

ambiente familiar, certos de que o mistério da providência divina os habilita a atuar como instrumentos eficazes de unidade.

O reconhecimento do próprio trajeto histórico e a manuten- ção das relações familiares oportunizam ao seminarista posicio- nar-se frente às suas relações interpessoais de modo mais saudável e amadurecido, impulsionam a progressão e aperfeiçoamento da própria personalidade e desdobram-se na efetividade de suas capacidades e potencialidades. Esse processo de conhecer e valorizar o chão da própria história, de se autoconhecer, oferece segurança e elementos que

nutrem, fortificam e diferenciam a sua personalidade, revelando o seu caráter único e irrepetível. A chave de abertura para tanto realiza-se no amor e apreço pela própria origem. Ao reconhecer a sua existência como dom inestimável, recepcionado por sua família, bem como por sua comunidade de origem, descortina-se no seminarista o entendimento da sua vida e da sua jornada vocacional, intrínseca a ela, como dádivas.

O papel da família

No discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela Congregação para o Clero, por ocasião do cin- quentenário dos decretos conciliares Optatam Totius e Presbyterorum Ordinis, cada formando é convidado a equacionar o cultivo do vínculo com suas origens como parâmetro indispensável de sua identidade e de seu sentido de pertença ao lugar que compõe a sua história, de onde ele procede e para onde ele se encaminha.

O papa Francisco afirma que "é importante não eliminar a raiz da qual derivamos [...], a raiz deve estar sempre presente, a raiz da família"." Acrescida a isso, pode-se dizer que a atenção prestada a tais fatores oportuniza ao seminarista ver brotar dentro de si, gradativamente, um coração de pastor. É no redil familiar que se vislumbra o prelúdio

daquilo que será a vida em comum, quer seja com os seus colegas, quer seja com a família paroquial.
"I FRANCISCO. Discurso aos participantes no Congresso promovido pela Congregação para o Clero por ocasião do cinquentenário dos decretos conciliares Optatam Totius e Presbyterorum Ordinis. Vaticano, 20 nov. 2015. Disponível em: <http://www.vatican.val content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151120_ formazione-sacerdoti.html>. Acesso em: 29 abr. 2020, p. 1.
21

Ao atuar em consonância com os designios de Deus, a família leciona para cada seminarista, pela sua própria forma de ser, em que consistem os sublimes valores da comunhão e da unidade, dos quais ele necessitará dispor durante toda a sua vida e de maneira singular quando, já ordenado, for membro integrante de um presbitério, território por excelência em que a diocesaneidade exprime. A família é assim revestida de um ofício preponderante para que se efetive pedagogicamente no seminarista a consolidação dos requisitos explicitados em cada dimensão do seu itinerário for- mativo. Os elos que a envolvem e edificam ressoam como recursos educativos hábeis para despertar nos candidatos ao presbiterato diocesano uma consciência integrada a respeito de si mesmos e do caminho que devem trilhar. Porém, como conciliar devidamente o enlace com o seio familiar e as implicações requeridas para que se efetue o caminho de discipulado no seminário diocesano?
2. A IMPORTÂNCIA DE MANTER VÍNCULOS SAUDÁVEIS COM A FAMÍLIA
sempre
O processo de transição de um jovem que deixa o seu lar para ingressar no seminário pode ser assimilado tanto por sua família quanto por sua comunidade de origem como uma ocasião jubilosa na qual se faz notar a atualidade do imperativo "segue-me" (Lc 9,57-62), que ainda hoje suscita o consentimento daqueles que, in- terpelados por uma experiência vocacional, ousaram responder com a sua livre adesão. O ingresso de um jovem no seminário é expressão do compromisso da Igreja em formar e preparar pastores com cheiro de ovelhas. 12 É sinal em que o povo de Deus reconhece a realização de sua esperança em Deus, que cumpre a promessa: "Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração" (Jr 3,15). As famílias que fomentam tal consciência encontram no envio de seu filho ao seminário o desdobramento de uma dádiva e a percepção de que Deus quis contar com a colaboração delas delas para servir o seu povo.
12 FRANCISCO. Homilia na Santa Missa Crismal. Vaticano, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa fran- cesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em: 29 abr. 2020.
São João Bosco afirmava: "Quando um filho deixa o lar para obedecer à vocação, Jesus ocupa seu lugar na família".13 Essa afirmação nos faz compreender a vocação à luz da fé no Senhor, que tem um desígnio especial de amor e de aliança não só para o jovem que responde ao seu convite, mas para toda a família que respeita e acolhe a voz do Senhor. Ao chamar para si um jovem, Deus o agracia com o desabrochar de um horizonte repleto de po- tencialidades, de modo que, na realização dos filhos, consolida-se a felicidade dos pais. É preciso compreensão da família quanto ao distanciamento necessário para que o filho possa desempenhar sua autonomia e acreditar em sua força de sentido para se realizar como pessoa, sem depender de agentes externos que cumpram essa missão por ele.

Interferências nesse processo podem afetar o êxito dos estágios consoantes à jornada de desenvolvimento harmonioso tanto da família quanto do jovem.

O papel da família

É comum encontrar episódios nos quais os pais projetam nos filhos a realização das próprias aspirações, em detrimento dos seus sonhos e objetivos legítimos. Por vezes, a carga com a qual isso se efetiva chega a condicionar ou inibir a atuação espontânea dos filhos. Permitir que eles disponham da justa autonomia colabora para que sejam educados na administração da própria liberdade como protagonistas de sua própria história de vida. O conteúdo que permeia a definição do projeto de vida de cada pessoa intransferível. Impelir alguém a assumir realidades que estão em desacordo com o seu perfil vocacional implica sentenciar essa pessoa a subjugar suas capacidades e a desintegrar os elementos que a fazem sentir-se plenificada. A condução de um ser humano ao estágio de plenitude perpassa inexoravelmente por aquilo que os desígnios de Deus fomentaram acerca daquela pessoa.

é

Ao privar-se das próprias aspirações em vista da satisfação dos planos de outrem, o jovem sujeita-se a intempéries que vili- pendiam sua autenticidade e o despersonalizam. Considerar que toda pessoa é constituída de uma identidade, singular e irrepetível,

13 SALESIANOS. Frases de Dom Bosco. Disponível em: <http://www.salesianos.com.br/frases-de-dom-bosco/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

oportuniza aos pais respeitarem as livres escolhas de seus filhos e reconhecê-los como verdadeiros agentes e sujeitos no cenário

que

para subserviência, atitude totalmente adversa à obediência que os os circunda. Retirar deles essa possibilidade consiste em formá-los mediante a sujeição de si às determinações arbitrárias de outrem, os filhos devem aos pais. Enquanto os subservientes são deformados que se fazem obedientes gozam do privilégio de seguir orientações

respon-

que não lhes fragmentam, mas os conformam à liberdade interior que os plenifica. Ao passo que a primeira postura é corrosiva, a segunda instaura no jovem a potencialização do senso de sabilidade e da consciência crítica dos limites de seus atos. É muito importante a reflexão de dom Joaquim Justino, quando afirma:

A família de Jesus demonstra um equilíbrio entre a liberdade e os limites; Jesus não apareceu na hora do almoço, os pais acharam que Ele estava com os parentes, não aparecendo à noite, decidem procurá-Lo e expressam preocupação, fazem queixas, ouvem a justificação, não compreendem, mas se reconciliam, se perdoam, caminham juntos e crescem na fé e na comunhão. Problemas surgem nas melhores famílias e fazem parte do processo de de- senvolvimento. Os pais, unidos como um casal, enfrentam os problemas, mas são capazes de fazer a distinção entre a pessoa do filho e a sua conduta. Expressam as suas emoções em ambiente de compromisso, aceitação e respeito, que permite o desenvolvi- mento integral da criança e sua passagem para adolescência e o crescimento para a vida adulta integral.14

A liberdade interior, quando desenvolvida na responsabilidade, favorece um projeto de vida que realiza plenamente o ser humano. A unificação de suas potencialidades com aquilo que

almejam para as suas vidas, em conformidade com a vontade de Deus, promove nos jovens a confluência de elementos que os direcionam a se ex- primirem com autenticidade, rumo à concretização do chamado
CARREIRA, J. J. Familia, torna-se aquilo que é Elementos essenciais para a Pastoral Familiar São Paulo Palavra & Prece, 2006, p. 154-155.
que receberam. Seguir e construir a própria vocação pAR CREERY os laços familiares. O seminarista continua sendo um ente family e, portanto, membro constituinte dessa esfera, sem que deizi contudo, de ser considerado em sua autonomia e liberdade, me vez que a exacerbação de condicionantes, ainda que revestida de complacência, forja pessoas demasiadamente dependentes,
A necessária comunhão com o âmbito familiar nada tem a ver com arrefecimento daquilo que desempenha no seminarista um ser integrado em suas carências, suficientemente robustecido de condições para administrá-las em consonância com o todo em que está circunscrito. O ambiente familiar não pode ser assi- milado como ambiente de fuga para os que carecem de coragem para lidar com os desafios da vida. Ele deve ser visto, na verdade, destituídas como instância modeladora de pessoas maduras, que, de comodismos ou privilégios derivados da proteção do "ninho familiar", conseguem com altivez dedicar-se a engendrar as bases promissoras de seu futuro.
Desta maneira, a comunidade formativa encontrará na família uma preciosa ferramenta para a realização dos componentes que integram o ofício eclesial. Ela é considerada cooperadora do múnus santificador da Igreja, tal como prescreve o Código de Direito Ca- nônico em seu cânon 835, no quarto parágrafo: "De modo peculiar participam neste múnus os pais, vivendo em espírito cristão a vida conjugal e cuidando da educação cristã dos filhos". Anterior ao Código de 1983, o decreto conciliar Optatam Totius, sobre a for- mação sacerdotal, havia nomeado a família como sendo o primeiro seminário.1 A mesma expressão fora retomada por São João Paulo II na Pastores Dabo Vobis quando considerou que é primeiramente a família o lugar onde o seminarista diocesano percebe e apreende o dom da piedade, a prática da oração e o amor à Igreja.16 Urge, pois, que cada família resgate essa autopercepção indicadora da primi
15 DECRETO Optatam Totius sobre a formação dos padres. In: COMPENDIO DO VATICANO II. Constituiçies, decus e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 2
*JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes, n. 41.

gico na iniciação e educação à fé cristã em cada candidato à vida da qual ela está revestida em se tratando do desempenho mistagó presbiteral diocesana. É fundamental propagar no redil familiar uma cultura vocacional favorável à vida e ao chamado feito por Deus,
Ainda sobre o papel eminente da família no processo for- mativo dos seminaristas, a CNBB orienta, nas Diretrizes para a
formação dos presbiteros da Igreja no Brasil, que:
Uma responsabilidade particular é confiada à família crista que, em virtude do Sacramento do Matrimônio, participa na missão educativa da Igreja. Os vínculos do presbítero diocesano com o presbiterio têm seu fundamento nos laços familiares. Na família, a Igreja reconhece o início da vocação. Ela é a primeira comunidade eclesial a cooperar na formação do vocacionado. No cultivo da vida cristã, a família abre espaços para que os filhos confrontem

seus ideais com o chamado de Jesus. É necessário que a pastoral familiar e os movimentos eclesiais ligados à família atuem em unidade com a pastoral vocacional."
Entre outros aspectos, há que conceder maior enfoque aos laços familiares, pois são a base da capacidade de conexão do pres- bítero diocesano não apenas com todo o presbitério, mas também com toda a comunidade paroquial. Situado numa ampla rede de interações, o presbítero diocesano goza do privilégio de possuir uma família extensa, não mais delimitada exclusivamente pelos critérios biológicos da consanguinidade, mas unida pelo amor de Deus, que é comunhão de amor (cf. Mt 12,50). Ao pastorear a porção do povo de Deus que lhe foi confiada, o padre diocesano
descobre-se revestido da incumbência de salvaguardar a comunhão dos fiéis que compõem a família paroquial.
Embora todo ser humano tenha sua experiência de solidão, que, inclusive, o ajuda no caminho de reflexão interior, ele é cha- mado a compor um vínculo de união e fraternidade, formando, assim, interações integradas com os que o circundam. "Deus não
CNBB. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 88.
18
criou o homem deixando-o só, desde o princípio 'homem e mulher os criou' (Gn 1,27) e a união deles constitui a primeira forma de comunhão de pessoas". A família pode, assim, ser vista como communio personarum, expressão que recorda, em primeira instân- cia, ao seminarista, que os fraternos vínculos familiares aludem e apontam para a unidade e comunhão trinitária. A comunhão da Trindade, quando vislumbrada e apreciada, faz germinar a commu- nio personarum na família, que cunha e lapida em cada homem a imagem de Deus." O homem é, em sua essência, uma pessoa aberta à relação, ao outro, à comunhão.20 A originalidade do "eu" do ser humano desponta para si mesmo quando se autodescobre em interação com o "tu", identificado por ele desde os períodos mais tenros, na pessoa de cada ente familiar.21 Dessa associação salutar entre o ser de cada um dos componentes da família des- cortina-se o "nós", um todo coeso, significativo e transcendente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da família

É na doação de sua existência ao outro que o seminarista diocesano faz de sua vida um dom, mediante o exercício do amor incondicional, uma prática que descortina a implementação do seu protagonismo, 22 vivido como manifestação de sua liberdade respon- sável a serviço do povo, conforme recorda a Ratio Fundamentalis
A formação inicial e permanente - deve ser entendida sob um prisma integral, levando em consideração as quatro dimensões pro- postas na Pastores dabo vobis, que, juntas, compõem e estruturam
18 CONSTITUIÇÃO PASTORAL Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COMPENDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 12.
19 JOÃO PAULO II. Homem e mulher os criou: catequese sobre o amor humano. Bauru: EDUSC, 1985, p. 81.
20 SANTOS, W. J. P. dos. "O personalismo de Emmanuel Mounier". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/o-personalismo-emmanuel-mounier.htm>. Acesso em: 25 abr. 2020.
21 BUBER, M. Eu e Tu. São Paulo: Centauro, 2001, p. 170.

22 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 130.
27

28
Tテコlio Rocha Pugas
uma
a identidade do seminarista e do presbテュtero, tornando-o capaz de realizar o "dom de si para a Igreja, que テゥ o conteテコdo da caridade pastoral [...] Tal formaテァテ」o tem uma characterテュstica eminentemente comunitテ。ria, logo a partir da sua origem, a vocaテァテ」o ao sacerdテウcio, de fato, テゥ um dom que Deus concede テ Igreja e ao mundo, via para santificar-se e santificar os outros que nテ」o se percorre de maneira individualista, mas sempre havendo como referテェncia uma porテァテ」o concreta do Povo de Deus. Tal vocaテァテ」o テゥ revelada e acolhida no interior de uma comunidade eclesial e forma-se no Seminテ。rio, no contexto de uma comunidade educadora compreende vテ。rios componentes do Povo de Deus, para conduzir o seminarista mediante a ordenaテァテ」o a fazer parte da "famテュlia" do presbitテゥrio, ao serviテァo da comunidade dos fiテゥis.23
que
Desta maneira, se enseja que o seminarista diocesano desven- de em suas origens um lugar onde ele forme seu carテ。ter a partir da experiテェncia do amor autテェntico. Tambテゥm por meio da famテュlia, o Cristo Pastor continua a chamar jovens dispostos a segui-lo. A pastoral vocacional, que テゥ responsabilidade de todo o povo de Deus, comeテァa na famテュ lia, pois por meio dela o vocacionado encontra os fundamentos de sua reposta ao chamado de Deus. Deste modo, o seminarista テゥ convidado a identificar em sua famテュlia nテ」o apenas um ambiente propテュcio para o cultivo ininterrupto de relaテァテオes plasmadas e inspiradas pela ternura e pela amorosidade, mas tambテゥm um local onde um coraテァテ」o de pastor comeテァa a ser tecido minuciosamente.
Encontra-se na famテュlia uma gama de instrumentos capazes de maximizar a qualidade da resposta dada pelo seminarista diocesano ao chamado de Deus. Por isso, de fato, a pertinテェncia do imperativo promulgado pelo papa Sテ」o Joテ」o Paulo II assume agora um novo vigor: "Famテュlia, torna-te quem tu テゥs窶・ Isto テゥ, va- liosa expressテ」o domテゥstica do ser eclesial, reservatテウrio da sublime comunhテ」o de amor, arauto e sujeito de irradiaテァテ」o da Boa-nova.24 Assim, infere-se que a instituiテァテ」o familiar sempre serテ。 um recurso
23 Ibidem, n. 4.
24 JOテグ PAULO II. Exortaテァテ」o Apostテウlica Familiaris Consortio sobre a missテ」o da famテュlia cristテ」 no mundo de hoje. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1981, n. 17.
magnテュfico no qual o seminarista diocesano poderテ。 apoiar-se em vista do atendimento テs demandas inerentes ao seu percurso for- mativo, preparando-se para a vivテェncia do ministテゥrio presbiteral no contexto da diocesaneidade.
REFERテ劾CIAS BIBLIOGRテ:ICAS
BUBER, M. Eu e Tu. Sテ」o Paulo: Centauro, 2001.
CARREIRA, J. J. Famテュlia, torna-te aquilo que テゥs! Elementos essenciais para a Pastoral Familiar. Sテ」o Paulo: Palavra & Prece, 2006. Cテ泥IGO DE DIREITO CANONICO. Promulgado por Joテ」o Paulo II, Papa. Sテ」o Paulo: Loyola, 1983.
COMPENDIO DO VATICANO II. Constituiテァテオes, decretos e declaraテァテオes. 29. ed. Petrテウpolis: Vozes, 2000. CONFERテ劾CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formaテァテ」o dos presbテュteros na Igreja do Brasil. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2019.

O papel da famテュlia
CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテァテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2017.
FRANCISCO. Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na famテュlia. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2016.
Discurso aos participantes no Congresso promovido pela Congregaテァテ」o para o Clero, por ocasiテ」o do cinquentenテ。rio dos decretos conciliares Optatam Totius e Presbyterorum Ordinis. Vaticano, 20 nov. 2015. Disponテュvel em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151120_formazione-sacerdoti.html>. Acesso em: 29 abr. 2020.
Homilia na Santa Missa Crismal. Vaticano, 28 mar. 2013. Disponテュvel em: <http://www.vatican.va/content/Francesco/Pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa- -crismale.html>. Acesso em: 29 abr. 2020.

JOテグ PAULO II. Exortaテァテ」o Apostテウlica Familiaris Consortio sobre a missテ」o da famテュlia cristテ」 no mundo de hoje. Sテ」o Paulo
Paulinas, 1981.
Homem e mulher os criou: catequese sobre o amor humano,
Bauru: EDUSC, 1985.
Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis
sobre a formaテァテ」o dos sacerdotes. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1992. Carta テs familias. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1994. SALESIANOS, Frases de Dom Bosco. Disponテュvel em: <http://www.salesianos.com.br/frases-de-dom-bosco/>. Acesso em: 29 abr. 2020. SANTOS, W. J. P. dos. "O personalismo de Emmanuel Mounier". Brasil Escola. Disponテュvel em: <https://brasilescola.uol.com.br/ filosofia/o-personalismo-emmanuel-mounier.htm>. Acesso em:
25 abr. 2020.
SCHEID, E. O. (Coordenador). Preparaテァテ」o para o casamento e para a vida familiar. Aparecida: Santuテ。rio, 1989 (Comissテ」o Regional Sul 1 de Pastoral Familiar).
Sテ康ODO DOS BISPOS. XIV Assembleia Geral Ordinテ。ria: a vocaテァテ」o e a missテ」o da famテュlia na Igreja e no mundo contem- porテ「neo. Instrumentum Laboris. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2015.
2
VOCAテ・グ: RELAテ・グ ENTRE CHAMADO E RESPOSTA
INTRODUテ・グ
Bruno Brentan'
Deus compadeceu-se da fragilidade do homem que se perdeu na estrada que o conduzia ao seu Criador e revelou seu amor e sua misericテウrdia, enviando seu Filho para ensinar o caminho de volta e para manifestar a todos o seu Reino. Para essa missテ」o, Deus conta com o auxテュlio de homens e mulheres de boa vontade, chamando-os no テュntimo de seus coraテァテオes, para que, na liberdade, respondam com amor, disponibilidade e generosidade, vencendo tanto as dificuldades da realidade que os cerca quanto suas prテウprias inconsistテェncias.

1. DEUS CHAMA A TODOS E EM PARTICULAR

Sendo comunhテ」o de pessoas, usando de seu amor, bonda- de, misericテウrdia e vontade, Deus se revelou na criaテアテ」o, que, de forma progressiva, atinge seu ponto alto com o homem, imagem e semelhanテアa de Deus (cf. Gn 1,26). Contudo, sendo o homem livre, desejou ser igual a Deus (cf. Gn 3,5) e rompeu sua relaテアテ」o com aquele que o visita no jardim (cf. Gn 3,8), num gesto de desobediテェncia (cf. Gn 3,6). テ･dessa forma que sintetizamos como o pecado entrou no mundo, por meio do homem, criatura dotada de inteligテェncia, liberdade e vontade. Portanto, a partir da autos- sufici テェncia, da desobediテェ ncia e do orgulho, o pecado continua a se manifestar (percept テェvel em Caim e Abel, no Dilテ ヨvio, na torre de Babel, entre outros episテウdios e personagens, para alテゥm do

'Seminarista diocesano da diocese de Ituiutaba-MG.

livro do Gênesis) ainda hoje. Entretanto, Deus, em sua bondade infindável (cf. Gn 8,21), não cessa de chamar o homem, a fim de que se volte para ele e construa uma nova relação.2 sugere,

é afirmar "não só o primado de Deus na existência da pessoa, mas Crer no Criador que chama, mesmo diante do pecado humano, também o modo como se afirma, se torna experimentável, pede e provoca uma resposta da própria pessoa". Em outras palavras, "a vocação como fenômeno humano se inscreve na profundidade da pessoa em sua busca por ser mais e melhor. Na dinâmica evangélica, a vocação humana se caracteriza pelo desejo de realizar a vontade de Deus e deixar-se transformar por ela (cf. Rm 12,2)".4

Em toda a Sagrada Escritura, encontramos histórias, per- sonagens, situações e exemplos de chamados que motivam, dão esperança, fé e perseverança a qualquer batizado, vocacionado à santidade. Elencaremos alguns exemplos que nos ajudam a perceber a ação histórica de Deus que chama à missão, uma vez que "o ser humano reconhece-se ao acolher o encontro com Deus que se antecipa a ele e o interpela". Subjacente a esta concepção, está a convicção de que, "muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora, aos nossos pais, pelos profetas" (Hb 1,1), revelan- do-se, pedagogicamente, de modo que o homem de cada tempo conseguisse penetrar, por ínfimo que fosse, no mistério divino, a fim de conhecê-lo e de viver e testemunhar o seu amor.

Pela aliança estabelecida com Abraão (Gn 15,18) e com o povo de Israel através de Moisés (Ex 24,8), revelou-se, por palavras e atos, como único Deus vivo e verdadeiro à nação que adquiriu para si [...] para que, falando o próprio Deus pela boca dos profetas, viesse

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto ofi- cial em latim. São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus; Petrópolis: Vozes, 2000, n. 293 e 295.

3 COMISSÃO EPISCOPAL VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS. Dicionário de orientação vocacional. Coimbra: Paulinas, 2008, p. 1446.

"CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB n. 93. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 33.

5 COMISSÃO EPISCOPAL VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS. Dicionário de orientação vocacional, p. 1446.

a compreender, dia após dia, mais profunda e claramente estes caminhos e os testemunhasse mais amplamente entre as nações. Voltemo-nos para Abraão, nosso pai na

fé, aquele que deixa não só sua terra, mas também suas certezas (cf. Gn 12,1); que tem a coragem de ofertar seu filho tão amado e esperado (cf. Gn 22). Ele que "morre para os seus sonhos, para os seus desejos, porque está pronto para dar a Deus o seu Isaac, para amar Deus mais que todas as consolações de Deus, para entregar-se perdidamente a ele".7
Olhemos para Moisés, a quem Deus se revelou na sarça ar- dente (cf. Ex 3,1-6) e chamou para ser o libertador do seu povo oprimido e para conduzi-lo a uma vida nova, atravessando o mar Vermelho (cf. Ex 14,15-30). O Senhor falava com ele "face a face, como quem fala com seu próximo" (Ex 33,11). Lembremo-nos de Samuel (cf. 15m 3), que, no silêncio da noite, escuta o Senhor a chamar, mas tarda a perceber de quem é a voz, precisando de ajuda no discernimento. Ao perceber quem é que lhe fala, pron- tamente responde: "Fala, teu servo escuta" (15m 3,10).

2. CRISTO, VERBO DE DEUS, VOCACIONADO DO PAI

Vocação

Em Jesus Cristo, Deus mesmo vem habitar, revelar-se e falar às pessoas, assumindo a sua humanidade: "Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas" (Hb 1,2). Alcançamos, portanto, o ponto alto da revelação divina, no Deus que se encarna em nossa humanidade, pois o Pai enviou, então, o seu Filho, o Verbo eterno, que a todos os ho- mens ilumina, para que habitasse entre os homens e lhes desse a conhecer a intimidade de Deus (Jo 1,1-18). Assim, Jesus Cristo, o Verbo feito carne, "homem enviado aos homens",

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA Dei Verbum sobre a Revelação Divina. In: CONCÍ- LIO ECUMENICO VATICANO II. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 14.

7 FORTE, Bruno. As quatro noites da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 27.

"fala as palavras de Deus" (Jo 3,34) e realiza a obra da salvação que o Pai lhe deu a fazer (Jo 5,36; 17,4).8

Cristo, o missionário do Pai, ao passar pela história, chamou pessoas que pudessem dar continuidade à sua missão. É isso que contemplamos em várias passagens dos Evangelhos e de outros textos do Segundo Testamento. Para exemplificar, tomemos Pedro (cf. Lc 5,1-11) e Paulo (cf. At 9,3-9), colunas da Igreja.

O primeiro é um pescador chamado a uma nova pescaria; aquele que será o possuidor das chaves do Reino dos céus (cf. Mt 16,19); a pedra sobre a qual o Cristo edificará sua Igreja (cf. Mt 16,18). O mesmo que, num gesto de obediência, lança as redes o outro lado, "transformando a noite do nada no dia do tudo"," Espantado diante da abundância da pescaria, reconhece-se pecador. Diante do chamado de Cristo, deixa tudo e o segue.

para

Paulo é o perseguidor que se torna perseguido (cf. At 9,21); aquele que presenciara o apedrejamento de Estêvão (cf. At 7,58) e agora oferece a outra face (cf. 2Cor 11,24-25). Ele cai por terra e escuta o Senhor que o chama a uma vida nova, marcada pela mudança de visão. Após encontrar o Senhor, não o deixa, mas continua a anunciá-lo, seja com Barnabé (cf. At 13,44ss), seja com Silas (cf. At 15,40). Não desanima nem abandona o Senhor, mesmo quando sua pregação não surte efeito, a exemplo do areópago de Atenas (cf. At 17,23ss), ou quando lhe é imposta a prisão (cf. At 16,33; Fl 1,13ss).

Torna-se possível, agora, perceber alguns pontos em comum no convite que Deus faz à humanidade:

Ele chama, sem levar em consideração as misérias pessoais, a demora em escutar ou a discernir a sua voz. Não se importa se ainda há insegurança em deixar sua terra, se há dúvidas ou angústias ou se ainda é jovem ou uma criança. Ele continua a chamar, tomando parte na história no Filho que se encarna na
CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA Dei Verbum sobre a Revelação Divina, n. 4. Expressão usada pelo Pe. Rafael Solano, da arquidiocese de Londrina, no retiro para os seminaristas do Seminário Maria Imaculada, da diocese de Ituiutaba, no ano de 2018.
natureza humana. 10 Logo, o primeiro ponto a salientar é que Deus nos chama em nossa história, independentemente de nos- sas fragilidades, para que, na oferta do Isaac de nosso coração, cruzemos da noite do nada para o dia do tudo e atravessemos o mar a caminho da libertação, em direção a uma nova pescaria, não importando as adversidades, prisões e mal-entendidos. Quem é chamado é fortalecido por ele, que se faz presente como um amigo e ensina a ir às águas mais profundas e a lançar as redes do outro lado da barca.
É importante encontrar-se com Deus que chama, pois, quando se é chamado, requer-se uma resposta que se exprime no encontro e na relação com o Senhor. Encontro que transforma vidas, cau- sando uma mudança de comportamento e de visão, a exemplo de Pedro e de Paulo, já citados, e de outros, como Bartimeu (cf. Mc 10,46-52), Zaqueu (cf. Lc 19,1-10) e tantos que ouviram a sua voz, estabeleceram com ele uma aliança e o seguiram, partilhando sua missão. "O primeiro e grande dom é o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, pois Deus nos amou antes de tudo, e a vocação é sempre resposta de amor. Do encontro nasce o discipulado - Jesus é o Mestre -, o seguimento, a missão".11 Será, portanto, o rememo- rar desse encontro que sustentará os seminaristas diocesanos nos momentos de angústias, dificuldades e incertezas.

3. CRISTO, POR MEIO DA IGREJA, CONTINUA A CHAMAR

Vocação

Ainda hoje, por meio da Igreja, esposa de Cristo,12 Deus continua a chamar homens e mulheres para continuar a missão de anunciar a Boa-nova em diversas instâncias. São diversas as vocações suscitadas no seio da Igreja, sendo que, na diversidade
10 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 461.
11 COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA-PASTORAL VOCACIONAL. Texto-base do IV Congresso Vocacional do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 74.
12 CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA Lumen Gentium sobre a Igreja. In: CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 6.

dos ministérios e vocações, cada um é chamado, antes de tudo, a
viver a vocação à santidade, comum a todos os batizados. todavia, todos são chamados à santidade, e receberam a mesma Se, pois, na Igreja, nem todos seguem pelo mesmo caminho, fé na justiça de Deus (2Pd 1,1). Embora, por vontade de Cristo, alguns sejam constituídos mestres, dispensadores dos mistérios e pastores em benefício dos outros, entre todos, porém, vigora a verdadeira igualdade em relação à dignidade e ação comum a todos os fiéis na edificação do Corpo de Cristo.13
Dentre as diversas vocações suscitadas na Igreja, que devem ser olhadas com bons olhos e cultivadas, destaca-se "aquela ao sacerdócio ministerial [que] chama a participar do

sacerdócio hierárquico de Cristo', e a unir-se a ele no seu 'apascentar a Igreja com a Palavra e a graça de Deus"". 14

Essa vocação, que "se manifesta em várias circunstâncias, em relação às diversas fases da vida humana: nos adolescentes, nos adultos e, como o confirma a constante experiência da Igreja, tam- bém nas crianças","5 constitui um dom da graça divina, ao qual o mesmo homem que outrora se escondia daquele que o visitava no jardim (cf. Gn 3,8) agora responde com bondade e amor, indo ao encontro do Amado pela mediação da Igreja. Para essa resposta, é necessário ter conhecimento da importância do dom recebido e buscar incessantemente o amadurecimento por meio da espiritua- lidade, 16 ou seja, é necessário ter ouvidos atentos ao interlocutor, daí é importante saber que, "pela oração, [...] se pode criar maior sensibilidade e receptividade ao chamado do Senhor". 17

Aquele que foi chamado cresce no conhecimento e no de- senvolvimento do dom recebido à medida que interioriza, "dia

13 Ibidem, n. 32.

14 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 11.

15 Idem.

16 Ibidem, n. 34.

17 COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS EA VIDA CONSAGRADA-PASTORAL VOCACIONAL. Texto-base do IV Congresso Vocacional do Brasil, n. 76.

após dia, o espírito evangélico, graças a uma constante e pessoal relação de amizade com Cristo, até chegar a compartilhar os seus sentimentos e atitudes". 18 A configuração a Cristo, fruto da união com ele, viabiliza a gratuidade da resposta e permite que o vocacionado seja cada vez mais fiel e generoso, pois, “uma vez que Deus nos chama a sermos amigos e não servos' (Jo 15,13), as nossas decisões contribuem de maneira real para o desdobramento histórico de seu plano de amor".19 Portanto, só no amor a vocação atingirá, cada vez mais, fecundidade e profundidade.

Para que esse processo de amadurecimento da vocação acon- teça e o futuro presbítero diocesano encontre uma base para se fortalecer em sua dimensão humana e espiritual; para que possa se configurar ao Cristo Bom Pastor e manter o equilíbrio "entre as três funções dos ministros: a missão profética de proclamar e ensinar a Palavra de Deus, o poder sacerdotal de celebrar os sacramentos [...], e a responsabilidade pastoral de conduzir o povo de Deus", 20 a Igreja mantém os seminários como ambientes privilegiados para a vivência desses processos.

4. O SEMINÁRIO E A MISSÃO DE MOLDAR O REAL EM VISTA DO IDEAL.

Vocação

Sem dúvida, "o seminário é uma experiência de Igreja em que o candidato antegoza a vida presbiteral nas estruturas formativas da comunidade do seminário e no contato direto com as realidades da Igreja local".21 Essa experiência deve guiar os seminaristas diocesa- nos no caminho de uma formação integral e conferir a legitimidade da vocação, bem como avaliar a idoneidade do candidato para

viver

18 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 41.

19 XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 78.

20 CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 60 (Coleção Comunidade e missão).
21 COMISSÃO EPISCOPAL VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS. Dicionário de orientação vocacional, p. 1279.
37

38
Bruno Brentan
uma existテェncia presbiteral.22 Deste modo, "o seminテ。rio, por ser a 'escola do evangelho', precisa desenvolver um processo formativo a partir do qual o formando possa encarnar o ideal evangテゥlico, tendo em vista a sua missテ」o futura como pastor-missionテ。rio".25 Portanto, "a formaテアテ」o seminarテュstica deve ser concebida como um itinerテ。rio' de 'iniciaテアテ」o' ao presbiterato (cf. AG 14), em que se valoriza cada aspecto da existテェncia presbiteral (cf. OT 8). テ・necessテ。rio ter uma educaテアテ」o cristテ。 integrada"." Nessa caminhada, as dimensテオes co- munitテ。ria, espiritual, humana, intelectual e pastoral devem estar
harmonizadas e interiorizadas.
Alテゥm dos desafios prテウprios de seu tempo, o homem, um ser cheio de dons e riquezas, テゥ caracterizado tambテゥm por seus limites e fragilidades. Portanto, "o compromisso formativo consiste em procurar ajudar a pessoa a integrar estes aspectos, sob o influxo do Espテュrito Santo, num caminho de fテゥ e de progressivo e harmo- nioso amadurecimento dos mesmos, evitando a fragmentaテアテ」o, as polarizaテアテオes, os excessos, a superficialidade ou a parcialidade" 25
Percebemos, entテ」o, que hテ。 duas dimensテオes que tangem a vida do vocacionado: a real, que representa a realidade histテウrica, condicionamentos sociais e psicolテウgicos, que devem ser assumidos e transformados no ideal de Cristo, isto テゥ, "o ideal テゥ o prテウprio Jesus, seu estilo de vida, suas opテアテオes, seu comportamento, espiri- tualidade e missテ」o; [...] 'Seguir Jesus' significa deixar Deus moldar a realidade humana a partir da figura de seu Filho".26
No proceder dessa configuraテアテ」o, muitas serテ」o as dificuldades encontradas. O processo serテ。 dolorido, exigindo pacitテェncia (cf. Hb 6,15), perseveranテアa (cf. Rm 5,3-5) e persistテェncia (cf. Lc 11,8-9), pois haverテ。 uma batalha entre aquilo que se テゥ e aquilo que se deve
22 Ibidem, p. 1274.
23 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerテ。rio formativo para seminaristas. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2013, p. 17.
24 COMISSテグ EPISCOPAL VOCAテ・髭S E MINISTテ嘘IOS. Dicionテ。rio de orientaテアテ」o vocacional, p. 1278.
25 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 28.
26 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerテ。rio formativo para seminaristas, p. 17.
ser (cf. Eclo 2,4-5; Pr 17,3). Por isso "o tempo de formaテアテ」o para o sacerdテウcio ministerial テゥ um tempo de prova, de amadurecimen- to e de discernimento por parte do seminarista e da instituiテアテ」o formativa"." "Na verdade, nenhuma destas vocaテアテオes conseguiu consolidar-se senテ」o depois de ter passado pela prova da Pテ。scoa".28 Logo, os seminaristas "sテ」o chamados a encarar as dificuldades da vida com muita fテゥ e a descobrir a proximidade de Deus, que deseja estabelecer com eles uma relaテアテ」o de amor, como na intimidade de uma famテュlia reunida na casa paterna".29

A graテアa divina acompanha aqueles que dテ」o abertura para a aテアテ」o do Espテュrito Santo. Por isso, "o seminarista テウ chamado a 'sair de si mesmo', para caminhar em Cristo, em direテアテ」o ao Pai e aos outros, abraテアando o chamado ao sacerdテウcio e empenhando-se em colaborar com o Espテュrito Santo para realizar uma sテュntese interior, serena e criativa entre forテアa e fraqueza".30 Ou seja, a formaテアテ」o auxilia os vocacionados a reconduzirem a Cristo todo o seu ser, adquirindo liberdade interior capaz de vencer a "mundanidade espiritual": a obsessテ」o pela aparテェncia, a seguranテアa doutrinal ou disciplinar presunテアosa, o narcisismo e o autorita- rismo, a pretensテ」o de impor-se, o cuidado somente exterior e ostentado com a aテアテ」o litテコrgica, a vanglテウria, o individualismo, a incapacidade para escutar o outro, e todo o gテェnero de carreirismo.31

Vocaテアテ」o

テ・preciso, portanto, abertura para si mesmo. テ medida que desenvolver o autoconhecimento, o seminarista aprenderテ。 a se amar, com seus limites e fragilidades. Nテ」o deve ser um amor fechado,

27 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 28.

28 COMISSテグ EPISCOPAL VOCAテ・髭S E MINISTテ嘘IOS. Dicionテ。rio de orientaテアテ」o vocacional, p. 1447.

29 COMISSテグ EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTテ嘘IOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA-PASTORAL VOCACIONAL. Texto-base do IV Congresso Vocacional do Brasil, n. 54.

30 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 29.

31 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 42.

egocテェntrico, mas um amor que se abre ao outro. Sテウ assim ele al- canテアarテ。 uma personalidade madura a ponto de doar-se na entrega amorosa aos outros, pois "quem nテ」o se ama nテ」o conseguirテ。

amar

nem Deus, nem o prテウximo".32 Em outras palavras, a "experiテェncia de amar a si mesmo, sentindo-se chamado e escolhido pelo Senhor, torna-se uma forテアa vigorosa para o crescimento humano-afetivo e a fonte genuテュna do amor aos irmテ」os",33 como o prテウprio Jesus nos exorta: 窶廣marテ。s teu prテウximo como a ti mesmo" (Mc 12,31; Cf. Gl 5,14; Tg 2,8ss). Para que esse processo seja bem-feito, pode "servir de ajuda um especテュfico acompanhamento psicolテウgico".34

テ・imprescindテュvel que o vocacionado テ vida diocesana, enquanto protagonista de sua vocaテアテ」o, tenha abertura para se conhecer e dテェ abertura para a aテアテ」o do Espテュrito Santo, bem como para as orientaテアテオes e experiテェncias propostas, vividas e testemunhadas pela equipe de formadores. Esta pode ser considerada como uma comunidade que introduz e guia cada vocacionado, por meio de um itinerテ。rio comunitテ。rio e pessoal, テ internalizaテアテ」o do ministテウrio presbiteral:

O grupo dos formadores nテ」o constitui somente uma necessidade institucional, mas テウ, antes de tudo, uma verdadeira comunidade educadora, que oferece um testemunho coerente e eloquente dos valores prテウprios do ministテウrio sacerdotal. Edificados e

encorajados por este testemunho, os seminaristas acolherテ」o com docilidade e convicテアテ」o as propostas formativas que lhes serテ」o dirigidas.35
Tomemos como modelo de abertura e obediテエncia o prテウprio Cristo, que foi submisso a quem tinha autoridade sobre ele (cf. Lc 2,51). Ele テウ "exemplo de fundamento da obediテエncia do cristテ」o, como afirma Sテ」o Pedro em sua primeira carta: 'Subordinai-vos
32 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerテ。rio formativo para seminaristas, p. 109. 33 CONFERテ効CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil, n. 251.
CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 63.
35 Ibidem, n. 132
a toda autoridade humana por amor ao Senhor' (1Pd 2,13)".36 Foi sendo obediente que ele conquistou a nossa redenテアテ」o, pois "desde que existem homens e anjos, a obediテエncia foi contestada: de fato, a redenテアテ」o teve este motivo: restabelecer a obediテエncia".37 O futuro presbテュtero diocesano pode, jテ。 no seminテ。rio, viver uma das promessas que um dia farテ。テ Igreja.38
Vocaテアテ」o
Outro elemento que contribui para a vida formativa do vocacionado テウ o testemunho: "A norma suprema da educaテアテ」o テウ o testemunho. Os formadores vivam eles mesmos da manei- ra como desejam que os formandos venham a ser no futuro ministテウrio". 39
Testemunhar a fテウ e a vida eclesial テウ caminho mistagテウgico para todo vocacionado desenvolver o dom rece- bido e nテ」o se restringe テ equipe de formadores, mas envolve desde as famテュlias, berテアo das vocaテアテオes "a famテュlia permanece o berテアo da vida, ninho de vocaテアテオes para Igreja" - atテウ chegar テ comunidade paroquial com seus leigos e pテ。rocos, abarcando todo o presbitテウrio e os (as) religiosos (as). Portanto, "aquele que se deixa envolver pelo mistテウrio テウ chamado a dar testemunho para que outros possam igualmente viver essa experiテエncia" encontrar-se com o Cristo, de atテウ mesmo repetir esse encontro quantas vezes forem necessテ。rias, buscando a conversテ」o por meio do discipulado, para que, num processo de comunhテ」o, possam ser conduzidos テ missテ」o.43
36 CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. A integridade do sacerdote: for- maテアテ」o humano-afetiva. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2018, p. 97 (Coleテアテ」o Ministテウrios, v. 4). 37 Idem.
38 PONTIFICAL ROMANO. Traduテアテ」o portuguesa para o Brasil das ediテアテオes tテュpicas. Sテ」o Paulo: Paulus, 2000, n. 125.
39 CONFERテ効CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil, n. 240.
40 CATECISMO DA IGREJA CATテ鏑ICA, n. 2232 e 2233.
41 COMISSテグ EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTテ嘘IOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA - PASTORAL VOCACIONAL, n. 112.
42 CONFERテ効CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Iniciaテアテ」o テ vida cristテ」: itinerテ。rio para formar discテュpulos missionテ。rios. Documentos da CNBB n. 107. 2. ed. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2018, n. 85.
43 CONFERテ効CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil, n. 92-97.
41

42
Bruno Brentan

Ainda devemos destacar, na caminhada formativa dos semi- naristas diocesanos, a espiritualidade. A partir dela, o seminarista diocesano irテ。 buscar forテアas para permanecer na caminhada, conforto diante dos fardos pesados (cf. Mt 11,28-30), perdテ」o diante dos pecados (cf. Jo 8,10-11), alento em meio テs angテコstias, esvaziando-se de seu ego para encontrar-se consigo," com Deus
e com os irmテ」os.
O centro da formaテアテ」o espiritual テウ a uniテ」o pessoal com Cristo, que nasce e alimenta-se em modo particular na oraテアテ」o silenciosa e prolongada. Atravテウs da oraテアテ」o, da escuta da Palavra, da partici- paテアテ」o assテュdua nos sacramentos, na liturgia e na vida comunitテ。 ria, o seminarista fortifica o prテウprio vテュnculo de uniテ」o com Deus, テ luz do exemplo de Cristo, o qual tinha como programa de vida fazer a vontade do seu Pai (cf. Jo 4,34).45
Portanto, "a espiritualidade do presbテュtero constrテウi-se ao redor da identidade com Cristo, na docilidade ao Espテュrito de Deus na prテ。tica da caridade pastoral",46 na mesma dinテ「mica de Jesus, obediente ao Pai, que tantas vezes se retirou para rezar (cf. Mt 12,15; Mc 1,35; Lc 5,16ss) e colocava em prテ。tica o que pregava. Vale ressaltar a espiritualidade mariana, uma vez que Maria テウ mulher do sim (cf. Lc 1,38); a adoraテアテ」o ao Santテュssimo Sacramento como continuidade da celebraテアテ」o eucarテュstica; a liturgia das horas direテアテ」o espiritual,47 que ajudam o seminarista a encontrar sentido para vivenciar o ministテゥrio almejado.
Parte integrante da formaテアテ」o e um elemento que dテ。 vida e テ「nimo テ vocaテアテ」o テウ a dimensテ」o pastoral. テ・na comunidade que o seminarista diocesano confirmarテ。 sua vocaテアテ」o, colocando em prテ。tica aquilo que aprendeu e vivenciou em sua vida formativa.
"CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 93.
45 Ibidem, n. 93.
46 CONFERテ劾CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil, n. 277.
47 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 107.
テ・ali que se torna e aprende a ser um servidor, a exemplo do Mestre (cf. Mt 20,28). テ・no seio da comunidade que a sua vocaテアテ」o ganha forテアas e, portanto, encontrarテ。 vigor para carregar as cruzes do processo formativo.
A formaテアテ」o sacerdotal deverテ。 estar permeada por um espテュrito pastoral que os torne capazes de ter aquela mesma compaixテ」o, generosidade, amor por todos, especialmente pelos mais pobres, e pronta solicitude pela causa do Reino, que caracterizaram o ministテゥrio pテコblico do Filho de Deus, e que se podem resumir na caridade pastoral.48
Vale ressaltar, ainda, a importテ「ncia da dimensテ」o intelectual, pois ela "テウ parte da formaテアテ」o integral do presbテュtero; aliテ。s, estテ。 a serviテアo do seu ministテゥrio pastoral e incide tambテゥm sobre a forma- テアテ」o humana e espiritual, que daquela retiram proficuo alimento".49 Essa dimensテ」o contribui para que, ao mergulhar nos mistテゥrios divinos e humanos, o seminarista diocesano confirme cada vez mais sua vocaテアテ」o, pois "o estudo rigoroso das verdades humanas e divinas leva o presbテュtero, por meio do amadurecimento vocacional e espiritual, ao amor テ verdade revelada, que テウ o prテウprio Cristo, e テ dedicaテアテ」o ao seu Reino no ministテゥrio para o qual foi chamado".50

CONSIDERAテ・髭S FINAIS

Vocaテアテ」o

Diante de Deus que se faz prテウximo ao homem, adentrando na histテウria e na realidade humanas, e de tantos elementos que contribuem para o compromisso, discernimento e

seguimento vocacional, cabe a esse mesmo homem responder com amor, de- dicaテァテ」o, fidelidade e responsabilidade. E, ao exercer seu ministテゥrio presbiteral, como padre diocesano na Igreja, cabe-lhe manifestar a presenテァa misericordiosa do Pai, que, nテ」o olhando suas misテゥrias, o chama para ser dispensador de seus mistテゥrios. Portanto, ao rece- ber e comunicar a misericテウrdia de Deus, permite a todos que se
48 Ibidem, n. 119.
49 Ibidem, n. 117.
50 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerテ。rio formativo para seminaristas, p. 155.
43

Vocaテァテ」o
44
Bruno Brentan
aproximam dele que se "sintam acolhidos, amados e perdoados por Deus","1 como um Pai que aguarda ansiosamente a volta do
filho que hテ。 muito havia se perdido (cf. Lc 15,20).
REFERテ劾CIAS BIBLIOGRテ:ICAS
CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano Sテ」o Paulo: Paulus, 2017 (Coleテァテ」o Comunidade e missテ」o). CATECISMO DA IGREJA CATテ鏑ICA. Ediテァテ」o revisada de acordo com o texto oficial em latim. Sテ」o Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus; Petrテウpolis: Vozes, 2000.
COMISSテグ EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTテ・RIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA - PASTO- RAL VOCACIONAL. Texto-base do IV Congresso Vocacional do Brasil. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2018.
COMISSテグ EPISCOPAL VOCAテ・髭S E MINISTテ嘘IOS. Dicionテ。rio de orientaテァテ」o vocacional. Coimbra: Paulinas, 2008. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Documentos. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2018.
CONFERテ劾CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Cristテ」os leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14). Documentos da CNBB n. 105. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2018.
Diretrizes para a formaテァテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB n. 93. 2. ed. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2011. Iniciaテァテ」o テ vida cristテ」: itinerテ。rio para formar discテュpulos missionテ。rios. Documentos da CNBB n. 107. 2. ed. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2018.
51 CONSELHO PONTIFテ垢IO PARA A PROMOテ・グ DA NOVA EVANGELIZAテ・グ. Celebrar a misericテウrdia: subsテュdio litテコrgico. Sテ」o Paulo: Paulus e Paulinas, 2015 (Coleテァテ」o Jubi- leu da misericテウrdia 2015-2016). Oraテァテ」o do Ano Santo da misericテウrdia, p. 123-125.
CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテァテ」o pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2017.
CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. A inte- gridade do sacerdote: formaテァテ」o humano-afetiva. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2018 (Coleテァテ」o Ministテゥrios, v. 4).
CONSELHO PONTIFテ垢IO PARA A PROMOテ・グ DA NOVA EVANGELIZAテ・グ. Celebrar a misericテウrdia: subsテュdio litテコrgico. Sテ」o Paulo: Paulus e Paulinas, 2015 (Coleテァテ」o Jubileu da misericテウrdia 2015-2016).

FORTE, B. As quatro noites da salvaテアテ」o. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2012. PONTIFICAL ROMANO. Traduテアテ」o portuguesa para o Brasil das ediテアテオes tテュpicas. Sテ」o Paulo: Paulus, 2000.
VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerテ。rio formativo para seminaristas. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2013.
XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINテヽIA DO Sテ康ODO DOS BISPOS. Os jovens, a fテゥ e o discernimento vocacional. Documento final. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2019.
45

as
3
O CRESCIMENTO INTEGRAL DO SEMINARISTA: A INTERAÇÃO DAS DIMENSÕES FORMATIVAS
Darlan Heleno Schwaab1
INTRODUÇÃO
"Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração" (Jr 3,15). Assim nos confirma a Exortação Apostólica Pós-Sinodal, intitulada, como de costume, com as palavras iniciais, Pastores Dabo Vobis, de São João Paulo II, sobre a formação dos sacerdotes. Para falar sobre esse chamado e o que implica o caminho pessoal de amadurecimento do seminarista diocesano rumo à realização do plano de Deus, tal escrito faz-se imprescindível. Isso fica muito claro ao analisarmos os documentos posteriores de mesmo viés - todos fazem menção ou estão claramente embasados na supracitada exortação. Mas, dessas palavras iniciais retiradas do livro de Jeremias, cabe a nós o enfoque na expressão "segundo o meu coração".
O coração de Nosso Senhor Jesus Cristo é fonte, modelo e artesão do caminho vocacional. Isso implica relacionarmo-nos com a mais sublime verdade, beleza e amor que o ser humano consegue vislumbrar; ao mesmo tempo remete à coragem, à renúncia e à metanoia (mudança de concepção, de conduta, de vida): "Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo", afirma o papa Bento XVI.2 Em outras palavras:
'Seminarista diocesano da arquidiocese de Porto Alegre-RS.
2006, n. 1. 2 BENTO XVI. Carta Encíclica Deus Caritas est sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas,
47
O crescimento

48
Darlan Heleno Schwaab
depois de termos uma experiテエncia pessoal com Jesus, o que mais poderテュamos fazer de nossa vida?
com
テ・o prテウprio Cristo, cabeテアa e coraテアテ」o pulsante da Igreja, que nos dテ。 o exemplo e pede: 窶馬azei isto em memテウria de mim (Lc 22,19). Pede que sejamos, do mesmo modo que ele foi sacerdote e cordeiro imolado; que amemos atテゥ o fim por meio do dom de nossas vidas, unindo-nos a ele. Em cada celebraテアテ」o eucarテュstica se recorda e se torna presente o テコnico e mesmo mistテゥrio pascal redentor. O verbo recordar, especialmente no contexto e na linguagem bテュblica, tem ligaテアテ」o (inclusive etimolテウgica) coraテアテ」o (cordis). Ao fazer memテウria do Senhor, celebramos tor- nando presente o seu coraテアテ」o,

isto テゥ, a sua pessoa, o seu amor: "Todas as vezes que comemos deste pテ」o e bebemos deste vinho". recordamos, ou seja, revivemos, trazendo ao nosso coraテアテ」o o coraテアテ」o de Nosso Senhor. Fazer memテウria, celebrar o memorial do Senhor, テゥ entrar no coraテアテ」o de seu sacrifテュcio, no centro de seu mistテゥrio de amor. "Para a compreensテ」o bテュblica, celebrar o que, memorial テゥ, alテゥm de recordar o fato, atualizテ。-lo de tal forma pela celebra テアテ」o ritual, trazemos para o aqui e agora os efeitos e a forテアa da Pテ。scoa do Senhor".3 Bem sabemos que nテ」o hテ。 fテウrmulas prontas na caminhada formativa do seminarista diocesano, mas o lugar privilegiado da sintonia e escuta de Deus テゥ, sem dテコvida, a Eucaristia, "fonte e テ。pice da vida crista"."

Contudo, nテ」o podemos cair na ingenuidade de encerrar todas as questテオes por aqui. Nテウ s entramos no mistテゥrio do Senhor do jeito que somos, com nossa histテウria, nossa liberdade, nossa identidade, nossas luzes e sombras que constantemente nos inter- pelarテ」 o no encontro com o Senhor: "De fato, o dom de Deus nテ」o exige"s anula a liberdade do homem, antes a suscita, desenvolve e

'CARVALHO, H. R. Missa: celebraテアテ」o do mistテゥrio pascal de Jesus. Sテ」o Paulo: Paulus, 2020, p. 14.

* CONSTITUIテ・グ DOGMテ↘ICA Lumen Gentium sobre a Igreja 23. ed. In: CONCテ・LIO VATICANO IL Documentos do Concilio Ecumenico Vaticano II. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2011, n. 11.

* JOテグ PAULO IL Exoraテアテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis. 5. ed. Sテ」 o Paulo: Paulinas, 2001, n. 2.

Liberdade que leva sempre mais ao desenvolvimento e que abrange cumprimento de exigテェncias - eis aqui trテエs pilares subsequentes e graduais da formaテアテ」o dos que querem se entregar ao sacerdテウcio. Basicamente, estamos falando sobre tomada de decisテ」o - romper com o que nos prende e firmar os passos naquele que nos liberta. 窶廚ertamente, hテ。 uma fisionomia essencial do sacerdote, que nテ」o muda: o padre de amanhテ」, nテ」o menos que o de hoje, deverテ。 assemelhar-se a Cristo". Aqui nos deparamos com o sentido de nossa liberdade. Apresentam-se como verdadeiros desafios para o seminarista tanto a cultura do relativismo como a do subjetivismo absoluto - ambas complementares. Pois bem, independentemente do tempo e da cultura vigentes, um sテウ テゥ o modelo e essa percepテアテ」o テゥ ainda mais essencial ao padre diocesano, jテ。 que cada congregaテアテ」o possui um fundador donde emana o carisma (テ figura de Cristo). A partir da diversidade de tempo, de contextos, de histテウrias, de personalidade e de culturas em que nos encontramos, e nas quais fomos encontrados e eleitos por Deus, pois a iniciativa テゥ dele, a finalidade do chamado テゥ a mesma: ser outro Cristo. Ele テゥ o eixo

central que supera todo e qualquer ismo.

O crescimento

Durante o tempo de formaテアテ」o no seminテ。rio, cabe ao semi- narista diocesano a tarefa iluminativa e unitiva de ser discテュpulo e de deixar-se configurar (mais do que autoconfigurar-se) a Cristo Bom Pastor. Para tanto, テゥ necessテ。ria uma formaテアテ」o integrada e integrante. Nossa intenテアテ」o nテ」o テゥ apontar erros e acertos dos se- minテ。 rios, menos ainda temos a pretensテ」o de ensinar como deve agir o seminarista - isso tudo a Santa Mテ」e Igreja jテ。 o fez muito bem. A proposta, embasada nas orientaテアテオes dos papas e nas particularidades indicadas pela Igreja do Brasil, テゥ expor algumas nuances do ponto de vista de um vocacionado.

Somos chamados テ vocaテアテ」o dentro de um tempo e contexto especテュficos. Isso diz respeito a uma atitude que pode parecer para- doxal, mas que, na verdade, テゥ

complementar. Se nos faz necessт。rio o estudo sincero e aprofundado do hoje e de seus pretextos, nт」o
Ibidem, n. 5.
49

50
Darlan Heleno Schwaab
espe-
cabe ao presbítero (e aos candidatos a tal missão) se tornar cialista em uma única área - deixando de lado os outros aspectos formativos. Ser padre diocesano não consiste em ser um eximio filósofo ou teólogo, necessariamente, mas demanda ótima noção de divergentes correntes de pensamento de dentro e de fora da Igreja. Não parece justo para com o povo, nem para com aquele que nos que chama, que se invista na formação de seminaristas diocesanos e aqui se comprazem com a mediocridade. Ao mesmo tempo entra a questão aparentemente paradoxal -, só nos aproximamos faz de Deus quando nos abrimos ao diálogo com ele, ou seja, não se sábio aquele que não consegue traduzir e comunicar os desígnios de amor de Deus para as pessoas e o mundo do seu tempo.
É dever permanente da Igreja auscultar os sinais dos tempos e inter- pretá-los à luz do Evangelho de modo que, de uma forma adaptada a cada geração, ela possa responder às perenes interrogações dos homens sobre o sentido da vida presente e futura e sobre a sua relação recíproca. É necessário, de fato, conhecer e compreender o mundo em que vivemos e também as suas esperanças, as suas aspirações e a sua índole por vezes dramáticas.
Se tomarmos por base a figura da Igreja como corpo, o sacerdote é chamado a fazer as vezes de Cristo Cabeça. Ao semi- narista diocesano cabe empenhar-se no processo de formação e de lapidação para se tornar pastor conforme o coração de Deus. Não podemos passar os olhos rapidamente por tal aspecto. Urge que nossa alma se detenha inúmeras vezes nessa desconstrução do eu e ressignificação em Nosso Senhor. No entanto, vale lembrar desconstrução é diferente de destruição. Quem foi chamado a essa vocação é uma pessoa específica, portanto não se deve negligenciar nem o fator pessoa, nem tal especificidade. Se cada um de nós é chamado com particularidades diferentes (e aqui se inclui idade, região, vivências, contexto, cultura...),
que
7 CONSTITUIÇÃO PASTORAL Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COMPENDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 4.
nosso empenho e nossos frutos têm o sabor dos sinais de nossos tempos.
Compreendamos: a cada tempo, sua gama de pessoas, de cristãos, de pastores e de santos.
O crescimento
O chamado vocacional se dá pelo nome e não exclui as mi- sérias e as alegrias de nossa humanidade - imagem e semelhança do Criador. Evidente que isso não pode jamais ser desculpa para os apegos negativos. Pelo contrário, a beleza da vocação está no fato de sabermos que é esse o projeto de Deus para nos tornar a melhor versão de nós mesmos - não de maneira egoísta, mas para os outros. Por isso, a necessidade de nos deixarmos moldar, de nos deixarmos configurar ativamente, dentro da liberdade e das carências. Em outras palavras, de fato, sermos humanos e, a partir de nossa humanidade, entrarmos em Cristo, a Porta das ovelhas, adentrando em seu redil e participando de seu múnus

sacerdotal: "O novo povo sacerdotal, que é a Igreja, não só tem em Cristo a sua própria e autêntica imagem, mas dele recebe também uma participação real e ontológica do seu eterno e único sacerdócio, ao qual o mesmo povo se deve conformar em toda a sua vida". A conformação mencionada por S. João Paulo II diz respeito a todo o povo. Justamente por isso, é necessário que, desde o semi- nário, criemos consciência de que o sacerdócio ministerial exerce funções além do que é comum às outras vocações.
Nosso discipulado nos leva, inevitavelmente, à cruz, e nos propomos seguir o caminho de Cristo, eterno e sumo sacerdote, sacrifício e vítima pascal. Ou seja, é perante a figura do cordeiro imolado pela salvação de todos que nos ajoelhamos e dizemos sim. É evidente que, como afirma o papa Francisco, não somos cristãos que "parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa".? A Igreja nasce do todo de Cristo, ou seja: a criação, o mistério pascal, o lado aberto na cruz, a ressurreição, a vinda do Espírito Santo Paráclito. A Igreja é sacramento de Cristo. A alguns de nós é concedida a missão de ser esse sacramento em tempo integral. Não por mérito, mas, sim, por graça do Mistério e do Amor.
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 13.
'FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013, n. 5.
51

Portanto, os presbíteros são chamados a prolongar a presença de Cristo, único e sumo Pastor, atualizando o seu estilo de vida e tornando-se como que a sua transparência no meio do rebanhe a eles confiado. [...] Os presbíteros são, na Igreja e para a uma representação sacramental de Jesus Cristo Cabeça e proclamam a sua Palavra com autoridade, repetem os seus de perdão e oferta de salvação, nomeadamente com o Igreja, Pastor, gestos batismo, a
penitência e a Eucaristia, exercitam a sua amável solicitude, até ao dom total de si mesmos, pelo rebanho que reúnem na unidade e conduzem ao Pai por meio de Cristo no Espírito. Numa palavra, os presbíteros existem e agem para o anúncio do Evangelho mundo e para a edificação da Igreja em nome e na pessoa de Cristo
Cabeça e Pastor. 10
ao
Não podemos esquecer, ainda, que o porquê do chamado ao sacerdócio está no povo. Ninguém é padre para si mesmo, mas para alimentar a santidade de todos que o Senhor lhe confia.
Quando São João Paulo II aborda a questão do chamado universal à santidade, afirma: "O Espírito se torna em nós princí- pio e garantia da sua própria realização"." Eis aqui a afirmação do magistério que nos incentiva a deixar de lado o medo. Se falamos em discernimento, em deixar-se conduzir no caminho do discipu- lado e da configuração a Cristo e, por consequência, assumir tudo que tal missão implica, naturalmente nos deparamos (por diversas vezes) com o medo. E este é natural, humano e, por que não dizer, benéfico. Evidente que, se ele nos leva ao estado de paralisia, não se cumpre a voz de Deus em nós. Entretanto, se sabemos interpretar a função desse medo como perene entrega ao que apraz ao Senhor da messe - em detrimento de gozo pessoal e egoísta-, então ele nos torna mais sábios para guiar o povo a nós confiado pelas veredas de Deus misericordioso e amoroso. Se o Espírito é princípio e garantia, não precisamos temer errar

os passos. E o chamado dos presbíteros à santidade tem sabor e desafios particulares, derivados do sacramento da ordem.
10
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 15. 11 Ibidem, n. 19.
A vida do presbítero é "vocacionada para manifestar e tes- temunhar, de modo original, a 'radicalidade evangélica".12 Cabe ressaltar a sublimidade dessas duas dimensões complementares expressas na Pastores Dabo Vobis: ser como Cristo Cabeça não implica meramente coordenar, mas, sim, servir - eis nossa via pas- toral de santificação: "O serviço total de Jesus atinge a plenitude com a morte na cruz, ou seja, com o dom total de si mesmo, na humildade e no amor". 13
Tal doação sem limites nos aponta o relacionamento esponsal que se cumpre na caridade pastoral que cada sacerdote é chamado a testemunhar - não por meio de seus afazeres, exclusivamente, mas com todo o seu ser: "A entrega de Cristo à sua Igreja, fruto do seu amor, está conotada com aquela dedicação original que é própria do esposo em seu relacionamento com a esposa, como por mais de uma vez sugerem os textos sagrados. Jesus é o verdadeiro Esposo que oferece o vinho da salvação à Igreja (cf. Jo 2,1-11)".14
Em sua homilia durante a adoração eucarística ocorrida em outubro de 1989, em Seul, São João Paulo II destaca:
O crescimento
A caridade pastoral é aquela virtude pela qual nós imitamos Cristo na entrega de si mesmo e no seu serviço. Não é apenas aquilo que fazemos, mas o dom de nós mesmos que manifesta o amor de Cristo por seu rebanho. A caridade pastoral determina o nosso modo de agir, o modo de nos relacionarmos com as pessoas. E não deixa de ser particularmente exigente para nós.15
16
E, como explicitado no decreto Presbyterorum Ordinis, essa caridade pastoral "flui sobretudo do sacrifício eucarístico, que permanece o centro e a raiz de toda a vida do presbítero"." Ou seja, todo nosso apostolado (e vida exterior) será reflexo do é realizado sobre o altar (e na vida interior).
que
12 Ibidem, n. 20. 13 Ibidem, n. 21.
14 Ibidem, n. 22.
15 Idem. Homilia durante a adoração eucarística em Seul, em 7 de outubro de 1989, 2: Insegnamenti, XII/2 (1989), 785.
16 DECRETO Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 14.
53

A espiritualidade do padre diocesano sempre será serviçal e e o cheiro de ovelhas. "A Igreja litúrgica, unindo o escatológico
evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado im- devemos estar permanentemente atentos a perceber os sinais dos pulso para se dar"."7 Como ministros da Palavra, por excelência, tempos, bem como as alegrias e as aflições do povo a nós confiado. Assim, naturalmente, o

sacerdote é o primeiro a viver a experiência do Verbo Encarnado - não simplesmente em dado momento do passado, mas, sim, o Verbo que se faz carne em nossa carne. Por isso, a importância da leitura da Sagrada Escritura, tanto para estudo teológico e exegético quanto para a vida de oração pessoal; e, da mesma forma, da meditação e da vivência do sentido de um Deus crucificado e ressuscitado.

Quão decepcionante é quando nos deparamos com padres que permanecem em um discurso sobre um Deus reduzido ou a um ser ontológico (quase como a concepção kantiana inatingível), ou a um ser não transcendente. Se não superarmos a confabu- lação metafísica para apreender, experenciar e tocar o sentido do Deus-Homem capaz de sofrer como nós e por nós, mais distantes nos colocaremos da misericórdia do Pai. Como falar sobre o filho pródigo sem nunca termos feito a experiência de nos sabermos indignos e, ainda assim, constrangidos pelo infinito amor que nos perdoa? Sem que nos atraia esse Deus que se deixa crucificar sem que o mereçamos? Como amar a Eucaristia sem perceber a presença real de Cristo nela? É dessa intimidade brotará a resposta do presbítero aos anseios que lhe são impostos. O padre é um evangelizador que se sabe necessitado de constante evangelização. Fazendo ressoar o Concílio Vaticano II, 18 São João Paulo II afirma:

que

A própria vida dos padres, a sua dedicação incondicional ao re- banho de Deus, o seu testemunho de amoroso serviço ao Senhor

17 FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, n. 24.

18 DECRETO Optatam Totius sobre a formação sacerdotal. In: CONCILIO VATICA-NO II. Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 2.

e à sua Igreja - testemunho assinalado pela opção da cruz acolhida na esperança e na alegria pascal-, a sua concórdia fraterna e o seu zelo pela evangelização do mundo são o primeiro e mais persuasivo fator de fecundidade vocacional. 19

A pergunta é: como chegar a essa vivência que nos indica a Igreja? Para isso, é necessário um olhar (auto) crítico frente às dimensões formativas, fazendo com que estas sejam caminho integrado e integrador do querer divino em nós. A maioria dos escritos aponta tais dimensões na forma de quatro aspectos: humano, intelectual, espiritual e pastoral. É bem verdade que o documento 93 da CNBB inclui o fator comunitário; todavia, por uma questão didática, optamos por deixar preestabelecido que essa dimensão - como afirma a supracitada diretriz - está insepa- ravelmente ligada a todas as outras. No período de formação, as quatro primeiras dimensões são experienciadas e enriquecidas na vivência fraterna, primeiramente no seminário e, num segundo momento, nas comunidades onde somos chamados a atuar.20

1. DIMENSÃO HUMANA

O crescimento

A sabedoria do magistério da Igreja consolidada na Pastores Dabo Vobis e no decreto Presbyterorum Ordinis nos afirma que sacerdote não é escolhido por Cristo como uma coisa', mas como uma pessoa: ele não é um instrumento inerte e passivo, mas um 'instrumento vivo".21 O magistério quer ressaltar nessa afirmação a humanidade, tanto do padre como também de todos os fiéis que compõem o corpo místico de Cristo. Por excelência, o candidato ao sacerdócio deve estar aberto à desafiadora missão de tornar-se doutor em humanidade. Dois perigos emergem na caminhada do seminarista e do presbítero diocesano: a concepção não integral da pessoa humana e a negligência das próprias misérias – cobrando

19 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 41. 20 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010, p. 127.
21
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 25; DECRETO Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros, n. 12.

excessivamente dos fiéis e de si uma espécie de humanidade c apenas Jesus Cristo alcançou em perfeição sem pecados: "É
que
pre-
ciso que, a exemplo de Jesus, que 'sabia o que existe no interior de cada homem' (Jo 2,25; cf. 8,3-11), o sacerdote seja capaz de
conhecer em profundidade a alma humana". 22
Podemos propor essa questão nos termos da linguagem do apóstolo Paulo: o homem velho a ser superado e a possibilidade sempre renovada do homem novo. Esse assunto pode parecer lugar-comum durante o seminário, mas a verdade é que este aspecto formativo consiste na educação para a maturidade, que, posteriormente, terá relação com a liberdade, com nossas relações e com a obediência ao bispo.
A dimensão humana não exclui a espiritual. Nessa busca de educação para a maturidade, nos interpelam questões como: fracasso, angústia, depressão, paixões, autoimagem etc. Como se distingue um período de noite escura de uma crise existencial? Qual é o limite saudável da relação afetiva do padre para com os (as) fiéis mais próximos (as)? Até que ponto uma decisão é embasada em vontades pessoais ou no plano divino? Por esses e outros questionamentos, mostra-se sempre mais interessante uma busca de comunhão entre direção espiritual, vida comunitária e acompanhamento psicológico.
Em 1967, o então papa S. Paulo VI já advertia: "Não se deve pretender que a graça supra o que falta à natureza".23 Uma vez que se faz reconhecida a idoneidade do candidato, cabe à formação incentivar o desenvolvimento da sua personalidade e do seu au- toconhecimento, para que, dessa forma, se possam dessa forma, se possam trabalhar com competência as fragilidades relacionadas a instintos, sentimentos e paixões, para se tornar senhor de sua casa, isto é, possuir-se e dispor-se em sua totalidade.
22 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 43.
23 PAULO VI. Carta Encíclica Sacerdotalis Caelibatus sobre o celibato sacerdotal, n. 64. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_24061967_sacerdotalis_po.html>. Acesso em: 27 mar. 2019.
da espon- A arte do educador deverá estimular os jovens a cultivar a virtude sumamente evangélica da sinceridade (cf. Mt 5,37) e taneidade, favorecendo toda a boa iniciativa pessoal, para que o próprio candidato aprenda a conhecer-se e a medir as forças, assumir conscientemente as próprias responsabilidades, e a ades- trar-se no domínio de si mesmo, que é de suma importância na educação sacerdotal.24
Os seminários devem ser lugar privilegiado de partilha de vida. Quando falamos em vida, não se trata aqui de permanecer no mero diálogo raso e protocolar sobre o que estudamos, quais teorias filosóficas e teológicas mais nos agradam. Precisamos, urgentemente, falar do

que sentimos - sem medo de repressão e julgamento, com confiança e maturidade. Como é triste quando alguém busca o vocacionado para falar de suas aflições e recebe como resposta uma enciclopédia decorada! Quão problemático virá a ser o futuro padre que no presente não sabe errar. Natural- mente, adentramos também a questão do celibato, cujo sentido, segundo Cristo, "nem todos são capazes de entender, mas só aqueles a quem é concedido" (Mt 19,11).

O crescimento

Como já dissemos, não existe diferenciação palpável entre es- piritualidade e dimensão humana: o que afeta uma, afetará também a outra. Assim, deve-se ter cuidado com a visão de espiritualidade que o sacerdote cria. Afinal, muitas questões que, aparentemente, são tidas como sublimação, canalização ou qualquer forma de transformação de energia sexual estão, na verdade, reprimidas por meio de uma conduta tida como espiritualmente superior. A ideia de castidade não pode ser vista com estranheza - não deveria assim ser interpretada nem mesmo pelos leigos não celi- batários que estão na Igreja –, já que nossa garantia é Cristo. Não podemos conhecer Deus enquanto um ser abstrato; só o Verbo encarnado é cognoscível, experienciável. E é esse aspecto que deve ser levado em conta para a compreensão da antropologia teológica. O corpo não pode ser reduzido ao aspecto biológico (material)

24 Ibidem, n. 67.

nem a uma soma de partes que distingue espírito, mente, con- texto histórico etc. Temos de perceber a perspectiva personalista integral da corporeidade como semelhança ao primogênito da criação, Jesus Cristo (cf. Cl 1,15). Nesse sentido, o mistério de Cristo aponta para a nossa humanidade, que se transformou no caminho natural do encontro e da experiência de Deus, sendo nosso corpo o templo no qual tocamos a presença do Senhor, do habita em nós e nos revela seu amor incondicional. Nesta perspectiva, “a primeira e permanente tarefa da formação humano-afetiva visa ajudar o formando a amar a si mesmo" 25 Toda possibilidade de transcendência brota do que há de mais humano em nós, pois a nossa humanidade tornou-se o ponto de encontro com Deus.

outro que

2. DIMENSÃO INTELECTUAL

A formação intelectual nos garante a contínua e necessária atualização para melhor compreendermos e difundirmos a Palavra. O próprio Cristo, para anunciar e denunciar, se mostra especialista nos assuntos de sua época, a saber, a Lei judaica. No livro dos Atos dos Apóstolos, vemos a sabedoria de Paulo a instruir e converter. Posteriormente, ao longo dos séculos iniciais da Igreja, não nos faltam exemplos entre os santos Padres dessa mesma tarefa de "dar razões da própria esperança" (1Pd 3, 15) - e assim, sucessivamente, na linha do tempo, até os dias atuais. Sabendo que somos exata- mente a mesma Igreja, seguimos a investir na compreensão e no produtivo diálogo (complementar) entre fé e razão. Além disso, é próprio do ser humano a busca pela transcendência - especial- mente quando se depara com sua finitude. Nessa perspectiva, os estudos da Filosofia e da Teologia vêm como auxílio a preencher uma grande parcela de nossa necessidade.

O germe de eternidade que nele existe, irredutível à pura matéria, insurge-se contra a morte. Todas as tentativas da técnica, por

CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 251.

muito úteis que sejam, não conseguem acalmar a ansiedade do homem: o prolongamento da longevidade biológica não pode satisfazer aquele desejo duma vida ulterior, invencivelmente radicado no seu coração.26

O crescimento

A partir da nova Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdo- talis, não falamos mais de maneira focal no estudo acadêmico para designar as etapas formativas do seminário maior. O estudo da Filosofia está compreendido no discipulado e abrange uma oportunidade de exercer a escuta e a compreensão e, principal- mente, uma porta aberta para o diálogo com o diferente. É tem- po propício à comparação e evolução (ou deturpação) da busca da verdade com aquilo que a Igreja ensina. Apesar de algumas correntes de pensamento tentarem fazer pouco caso das questões de fé, é, no mínimo, incompleto o estudo que negligencia os grandes e santos autores da Igreja que se dedicaram ao diálogo filosófico. Dentre eles, poderíamos citar Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, na Idade Média, bem como Edith Stein, na compreensão antropológica da contemporaneidade. Ainda mais, a Filosofia é suporte necessário para o estudo teológico, oferecendo ferramentais de perspectivas teóricas capazes de questionar e compreender a própria Teologia. da etapa da configuração. Se, por parte Já a Teologia faz vezes, se mostra complicado o caminho de três anos na Filosofia, ao chegarmos nos estudos teológicos, sentimos que estamos mais no nosso chão - onde os pés se firmam e o coração rejubila pela proximidade da Verdade que se revela. Talvez o grande desafio desse momento seja a vivência da máxima que repetimos tantas vezes: fazer teologia de joelhos, na tentativa de equilíbrio entre as figuras de S. Tomé - com sua dúvida sincera que não se encerra em si mesma - e a Santíssima Virgem - sempre em fiel escuta e observância, mesmo na incompreensão momentânea da cruz. Para me configurar a alguém, o primeiro passo é conhecer essa
pessoa,
adentrar suas características.

26 CONSTITUIÇÃO PASTORAL Gaudium et Spes, n. 18.

Deste modo, como padres diocesanos, nossa missão central não é anunciar as mais recentes discussões teológicas, nem tornar os fiéis mestres na arte da maiêutica (ou de outros métodos do filosofar), mas, sim, a Boa-nova - a verdade revelada. E justamente por isso que se faz tão importante o estudo de ambas as áreas pro- postas pela Igreja. Se, em outros tempos, nos valemos da lingua- helenística para anunciar a Cristo, hoje temos essa abertura pelas filosofias, teologias e ciências que nutrem o pensamento do sedento de Cristo.

gem
povo

O fato é que, em ambos os estudos, temos a oportunidade de cumprir o que o apóstolo recomenda: "Levai em consideração tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o for amável, tudo o que for de boa
que
fama" (Fl 4,8). Sendo assim, cabe à Igreja - serva da Verdade não negligenciar as comprovações científicas ou filosóficas e, mais ainda, permanecer atenta à constante autocompreensão e vocação à vontade de Deus que se mostra na história.

O Concílio Vaticano II reitera a complementaridade dos estudos filosóficos e teológicos: "Coordenem-se de forma apta e concorram de modo harmônico para que a mente dos alunos se abra ao mistério de Cristo, que atinge toda a história do gênero humano, continuamente penetra a vida da Igreja e atua princi- palmente através do ministério sacerdotal".27 A formação inte- lectual não pode ser vista ou pensada pelo seminarista diocesano isoladamente. O ser humano não se compõe de diversas gavetas somadas, que podem ser abertas isoladamente sem movimentar umas às outras. O que alimenta a dimensão intelectual certamente influencia as virtudes, a espiritualidade, o relacionamento con- sigo e com os irmãos. São João Paulo II aborda isso chamando a atenção para o problema do racionalismo: "Apresenta-se ainda muito difundido o racionalismo que, em nome de uma concepção redutora da ciência', torna insensível a razão humana ao encontro com a Revelação e com a transcendência divina". 28

27 DECRETO Optatam Totius, n. 14.

28 JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 7.

3. DIMENSÃO ESPIRITUAL

Espinha dorsal da vida formativa, é capaz de dar sentido a toda experiência de deserto, de provação e de conversão pelas quais o candidato ao sacerdócio passa ao longo da vida de seminário. A própria exortação Pastores Dabo Vobis sublinha: "Sem a formação espiritual, a formação pastoral desenrolar-se-ia privada de qual- quer fundamento" e "a formação espiritual constitui como que o elemento de maior importância na formação sacerdotal".29 Eis o desafio e a beleza inigualável de viver intimamente unidos a Jesus Cristo. Cada seminário traz suas preferências nesse quesito, mas, se procuramos os meios práticos de nossa espiritualidade, não po- demos abrir mão da intensa vivência dos sacramentos, da Sagrada Escritura, da liturgia das horas, do rosário e de leituras espirituais, que são como luzeiros a nos orientar e incentivar.

Em tudo isso, saboreamos algo muito próprio do padre dio- cesano: a catolicidade dos carismas. A palavra católico, no sentido de universal (sem exclusão), é essencial na nossa vivência espiritual. Justamente por não sermos chamados ao seguimento do carisma de um fundador (que traz consigo a especificidade mais clara da forma de rezar e trabalhar), temos a missão de acolher a todos. É natural que o seminarista diocesano tenha suas preferências na vida de oração. Porém, como padres diocesanos, não podemos escolher um grupo em detrimento de outro - fator que diz respeito à maturidade espiritual.

1

O crescimento

"Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6) - essa é a chave de leitura para a vida espiritual. O próprio Jesus Cristo a quem queremos nos deixar configurar - se apresenta como Caminho, ou seja, permanente lugar a ser percorrido, retomado Pelo e redescoberto. Trata-se de uma jornada que não se esgota. contrário, é somente nele que podemos firmar os passos sem medo, correr como filhos que confiam na segurança dos braços do Pai e, ao mesmo tempo, encontrar abrigo seguro na jornada rumo à vida eterna. É ele a Verdade, e não teorias, bens materiais ou sentimentalismos efêmeros.

29 Ibidem, n. 45.

A Verdade é uma pessoa! É Deus! É a simplicidade do Menino Jesus em uma manjedoura, seu amor para com os que ninguém mais vê motivos para amar, sua total doação na cruz e sua
vitória
pascal sobre a morte. Como Igreja, não anunciamos a morte e a culpa (como muitos nos acusam); pelo contrário, falamos de liberdade e vida em abundância. Uma espiritualidade que não nos ajuda a nos perceber como filhos que se propõem à vida deve ser questionada quanto à sua autenticidade crista. A espiritualidade não consiste em perfeição idealizada. Os filhos erram, muitas vezes entram em desacordo com seus pais por ainda serem imaturos ou não compreenderem bem as consequências de alguns atos; afinal, "agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face" (1Cor 13,12). Ainda assim, o Pai acolhe, seca as lágrimas do filho, se necessário, e ensina. Ensina a usar da liberdade para chegarmos ao Amor, pois qualquer outro caminho que percorramos nos levará à incompletude.

Agora, se queremos reparar nas singulares flores desse caminho, no espléndido aroma de tal verdade e no suave sabor dessa vida, somos convidados a permanecer nele de mãos dadas com a San- tíssima Virgem Maria. Se a espiritualidade é espinha dorsal desse corpo formativo, podemos dizer sem medo que Nossa Senhora é aquela que, com ternura, está sempre a nos ajudar a corrigir nossa postura. Não bastasse Deus enviar o próprio Filho para nos redimir, presenteou-nos, ainda, no momento da santa cruz, com sua própria Mãe. A oração de São Bernardo de Claraval deveria estar sempre em nossos lábios e em nossos corações: "Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido à vossa proteção, implorado vossa assistência e reclamado vosso socorro, fosse por vós desamparado". Ela soube percorrer perfeitamente o Caminho, a Verdade e a Vida.

O seminarista e o padre diocesano que cultivam a devoção e o carinho à Mãe de Deus têm nela uma perfeita escola da fé, da esperança e da caridade. Se queremos ser configurados a Cristo, devemos seguir seus passos. E quem melhor do que aquela que en- sinou Jesus a caminhar para nos conduzir nessa tarefa? Retomemos as palavras de São João Paulo II sobre o tema:

O sacerdote é o homem de Deus, aquele que pertence a Deus e
faz pensar em Deus. Quando a carta aos Hebreus fala de Cristo, apresenta-o como um "sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas que dizem respeito a Deus" (Hb 2,17). Os cristãos esperam encontrar no sacerdote não só um homem que os acolhe, que os escuta com todo o gosto e lhes testemunha uma sincera simpatia, mas também, e sobretudo, um homem que os ajuda a ver Deus, a subir em direção a ele. É necessário, portanto, que o sacerdote seja formado para uma profunda intimidade com Deus. 30

Assim, o candidato ao sacerdócio deve enraizar a espiritua- lidade litúrgica, tendo a centralidade da Eucaristia como moti- vo da missão. Em nenhum outro momento do dia, os fiéis veem tão claramente a Cristo, por meio do padre, como na Eucaristia. O seminarista diocesano, então, percebe, pouco a pouco, que se vai tornando homem do sublime sacramento. Tendo o coração firme nesse amor, a ação pastoral será um transbordamento do altar.

4. DIMENSÃO PASTORAL

O crescimento

A Igreja é “sacramento universal da salvação”31 – sinal e ins- trumento para que todos conheçam a Deus. A ação pastoral está diretamente ligada ao, cada vez mais árduo, empenho de lembrar, perante a sociedade, que somos imagem e semelhança do Criador.

Em outras palavras, é a aplicação de alguns dos mais duros ensina- mentos de Jesus (no sentido daquilo que desacomoda). Fazemos o que fazemos porque Ele primeiro assim realizou. Não somos chamados a lavar os pés dos irmãos, alimentar os que têm fome e sede, auxiliar os enfermos e visitar os cativos meramente por assistencialismo, mas, sim, porque nosso coração, configurado ao do Bom Pastor, identifica o rosto de Cristo nos mais necessitados; por isso, a opção preferencial pelos pobres. E esta não pode ser negligenciada em vista de uma formação mais agradável.

30 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 47. 31 CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA Lumen Gentium sobre a Igreja, n. 48.

A caridade pastoral pode parecer desconcertante, justamente fazer perceber nossa miséria humana. Por vezes, o que mais nos interpela não é o irmão necessitado em si, mas o ser humano se deixou cegar a ponto de esquecer o próximo. Se a Igreja é sacramento, ou seja, sinal visível da graça invi- sível, a pastoral se dá justamente como edificação do que cremos. Ela naturalmente faz parte das atitudes daquele que se sente cha- mado a fazer de sua vida um constante apontar para a vida eterna. Temos consciência de que o pecado e nossas falhas humanas vão desfigurando o plano de Deus para nós. É nesse aspecto que o seminarista e o padre se sentem impelidos a mostrar o bem e a paz que vêm de Deus - não na tentativa de transformar este mundo já no Reino dos Céus, pois seria, no mínimo, soberba humana pensarmos que temos esse poder divino, mas, sim, para firmar as virtudes teologais no coração confuso de cada homem e de cada mulher, mantendo sempre uma atitude de humildade, de escuta e de discernimento: "Tenha cuidado, porém, em não aderir a falsas ideologias, nem esquecer, ao pretender promover a perfeição, que o mundo é redimido apenas pela cruz de Cristo".32 Fé, esperança e caridade: nisso se expressa nosso modus operandi pastoral. Sabemos que todos somos capax Dei e imago Dei; por isso, a justiça deve se instaurar como reconhecimento da inviolável dignidade da pessoa humana - redimida na cruz de Cristo.

O seminário diocesano, então, é tempo propício para o desenvolvimento da inquietação para com toda e qualquer ne- gligência para com os amados do Pai. Não escolhemos a quem devemos amar; se assim fosse, perderíamos mais tempo repetindo a pergunta: "Quem é meu próximo?".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a Igreja declara a opção preferencial pelos pobres, àqueles que se entregam ao discipulado e à configuração ao Bom Pastor cabe a compreensão de que, quanto maior a situação de fragilidade

32 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 48.

e miséria humanas, mais presentes devemos ser para apontar para a bondade, a misericórdia, a justiça e a paz. Mesmo que não con- sigamos um equilíbrio justo nesta terra, professamos a verdadeira paz, a paz de Jesus. Nas bem-aventuranças, lemos que felizes são os pobres de espírito, os aflitos, os que têm fome e sede de justiça. Talvez aqui

encontremos um ensinamento relacionado à alegria de não possuir, de morrer um pouco para si próprio.
A pergunta que podemos e devemos fazer frente à pós-moder- nidade é: quais as maiores pobrezas impostas ao ser humano hoje? Econômicas, psicológicas, religiosas, afetivas... Poderíamos falar sobre a pobreza de humanidade em que vivemos ou a pobreza do culto à verdade, talvez. Somos chamados a prestar auxílio frente a todas elas, procurando ser para todos, na vivência do ministério presbiteral diocesano, sinal das atitudes e dos sentimentos de Cristo.
Trata-se, efetivamente, de uma formação destinada não apenas a assegurar uma competência pastoral científica e uma habilitação operativa, mas, e sobretudo, garantir o crescimento do modo de ser em comunhão com os mesmos sentimentos e comportamentos de Cristo, Bom Pastor: "Tende entre vós os mesmos sentimentos que existiram em Jesus Cristo" (F1.2,5).33
O crescimento
Por fim, que saibamos nos entregar, em espírito e em ver- dade, à completude do que Deus nos chama. E, assim, num futuro breve, no qual, com a graça de Cristo, seremos presbíteros diocesanos segundo seu coração, possamos testemunhar com nosso ser a mesma convicção e doação de Paulo à comunidade de Corinto: "Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar, pelas vossas almas" (2Cor 12,15), sendo para a diocese onde se- remos incardinados, particularmente na comunidade paroquial, a presença visível do Cristo Bom Pastor, modelo da caridade pastoral que veio para servir (cf. Lc 22,27), configurando-se, assim, à diocesaneidade.3 34
33 Ibidem, n. 57.
34 CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020, p. 21.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BENTO XVI. Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor
cristão. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
Introdução ao cristianismo. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015. CARVALHO, Humberto R. de. Missa: celebração do mistério pascal de Jesus. São Paulo: Paulus, 2020.
CARVALHO, Humberto R. de; PEREIRA, Edson; COSTA, Eduardo da. Diocesaneidade, esponsalidade e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020.
COMPENDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.
CONCILIO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et Spes. 23. ed. In: Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2011.
Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. 23. ed. In: Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2011.
Decreto Optatam Totius sobre a formação sacerdotal. 23. ed. In: Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2011.
Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros. 23. ed. In: Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2011.
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017.
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
Homilia durante a adoração eucarística em Seul, em 7 de outubro de 1989, 2: Insegnamenti, XII/2 (1989), 785. MOHANA, João. A vida afetiva dos que não se casam. São Paulo: Loyola, 1995.
ORGANIZAÇÃO DOS SEMINÁRIOS E INSTITUTOS DO BRASIL (OSIB). FONTES, Douglas A.; MORAIS, Joaquim G.; FERREIRA, Nivaldo dos S. (org.). A formação sacerdotal hoje. Rio Bonito: Benedictus, 2018.
PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/ Loyola, 2013.
PAULO VI. Carta Encíclica Sacerdotalis Caelibatus sobre o celi- bato sacerdotal. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_fa- ther/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_24061967_sa- cerdotalis_po.html>. Acesso em: 27 mar. 2019.

SEXUALIDADE, AFETIVIDADE E CASTIDADE
Dener Evangelista Barbosa de Sales
INTRODUÇÃO
O tema da sexualidade, afetividade e castidade se encontra, entre as cinco dimensões da formação, na dimensão humano-afetiva. No entanto, o processo de amadurecimento afetivo-sexual não se dá desligado ou separado do restante das dimensões, mas integrado e simultâneo a elas.
Por sexualidade, entendemos o componente fundamental da pessoa humana que a configura em seus aspectos biológico, psicológico, sociocultural e espiritual. Mais do que apenas a defi- nição dos sexos e a estruturação dos corpos e das personalidades, a sexualidade é uma energia que perpassa todo o humano e o lança para fora de si. A característica principal da energia sexual é “a vontade de unir-se afetivamente a outro".2
A orientação afetivo-sexual, assim como a sexualidade, é dimensão constitutiva da pessoa. Além de fazer parte da personalidade, ela condiciona o modo de ser e de existir de uma pessoa, e, por isso, pode ser definida como "condição antropológica".3
A energia sexual não pode ser ignorada. Ela não é um apên- dice da existência. Os seminaristas diocesanos, que se colocam no caminho do seguimento a Jesus Cristo, enquanto amadurecem
Seminarista diocesano da diocese de São Mateus-ES.
Brasília: Edições CNBB, 2013, p. 215. 2 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas.
ZACHARIAS, R. Orientação afetivo-sexual: para além da cultura do "não pergunte, não diga". In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Formação: desafios morais. Paulus: 2018, p. 204.

seu caminho discipular, devem amadurecer também na

dimensão
da sexualidade, inerente a esse caminho. O horizonte é a vivência
do amor oblativo, a exemplo de Jesus, o amor maior
capaz de
se
doar integralmente aos irmãos (cf. Jo 15,13). Todo ser humano é chamado ao amor. Nós, que desejamos abraçar o sacerdócio, escolhemos responder a esse chamado por meio da castidade, do celibato e da continência pelo Reino de Deus. Este breve capítulo não pretende ser um manual fechado, mas uma conversa amiga entre irmãos, com o objetivo de lançar luzes para um caminho de amadurecimento afetivo, de autodomínio e de integração da energia sexual com o compromisso da castidade celibatária que se pretende assumir na futura consagração ao Senhor como presbítero diocesano.

1. CONHECE-TE A TI MESMO1

Antes de colocar os pés na missão, é preciso entrar em si mes- mo. Antes da renúncia de si e da tomada da cruz (cf. Mt 16,24), é preciso tomar posse do que se é. Não posso renunciar àquilo que não tenho, como também não posso dar aquilo que não possuo. Queremos oferecer "os nossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (cf. Rm 12,1) em favor dos irmãos e das irmás. Deste modo, em primeiro lugar, devemos ter consciência do que estamos oferecendo a ele.

Nossos seminários diocesanos não deixam de ser um espaço adequado para um sincero autoconhecimento, por meio de um acompanhamento personalizado: o diálogo com o formador, a psicoterapia, a orientação espiritual, o sacramento da penitência, a vida fraterna e o acompanhamento terapêutico. Nesse espaço, o livro de nossa vida é aberto, todavia, cada formando é o seu principal autor: "Se a pessoa não é senhora de si - por meio da virtude e, concretamente, da castidade - falta-lhe aquele auto- domínio que a torna capaz de se dar"." Visto que “a ordenação

4 Oráculo de Delfos.

5 CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. Sexualidade humana: verdade e significado. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 16.

presbiteral exige de quem a recebe o dom total de si a serviço do povo de Deus, à imagem de Cristo Esposo", o autoconhecimento é o principal instrumento por meio do qual tomamos posse de nós mesmos, e, empenhando-nos para nos livrarmos de qualquer condicionamento, poderemos nos oferecer ao Senhor e aos irmãos. Entendemos por castidade

a integração correta da sexualidade na pessoa e, com isso, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual. A sexualidade, na qual se exprime a pertença do homem ao mundo corporal e biológico, torna-se pessoal e verdadeiramente humana quando é integrada na relação de pessoa a pessoa, na doação mútua integral e temporalmente ilimitada do homem e da mulher. A virtude da castidade comporta, portanto, a integridade da pessoa e a inte- gralidade da doação."

Sexualidade, afetividade e castidade

No processo formativo, "as realidades pessoais precisam ser conhecidas e integradas, evitando-se ocultamentos e autojusti- ficações. Não se constitui uma estrutura humana saudável sem uma bem elaborada e clara identificação sexual". Cada formando chega ao seminário com aquilo que é - sua história, sua experiência de fé, seus sonhos, suas dificuldades, como um barro moldável (cf. Jr 18,6); por isso, é necessária uma atitude de abertura aos que vão ajudá-lo nesse processo, expressão da docilidade à ação do Espírito.

Com o barro que somos, isto é, potêncialidades, habilidades, fraquezas, vulnerabilidades, o Senhor fará a sua obra: moldará, segundo o seu coração (cf. Jr 3,15), o pastor que será colocado a serviço do seu povo.
6
8
O nosso horizonte é nos identificarmos com os sentimen- tos de Jesus, para que possamos fazer as opções que ele fez:
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 39.
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus; Petrópolis: Vozes, 1999, n. 2337.
CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil: Documento 93. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 255.
'CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 45.
71

72
Dener Evangelista Barbosa de Sales
"Humanamente, pode-se perceber, através dos relatos evangélicos, que Jesus teve um claro senso de identidade pessoal e maturidade afetiva, capaz de um amor oblativo em favor das pessoas". 10 Esse processo de identificação deve me tornar capaz de responder perguntas fundamentais: quem sou? O que, em minha história de vida, me fez ser o que sou hoje? Quais são os traços principais da minha identidade? Como posso me conformar aos sentimentos de Jesus? O que significa fazer as opções que ele fez?
A palavra de ordem deve ser: "Rasgai os vossos corações, e não as vossas roupas" (Jl 2,13). Muito mais ainda no âmbito da sexualidade e da afetividade. É mais fácil, com certeza, narrar as experiências religiosas que motivaram a própria vocação. Mas e a vivência sexual? Que educação sexual recebi até entrar no semi- nário? Quais experiências eu tive no âmbito da sexualidade? Tive uma vida sexual ativa? Como eu me identifico quanto à orientação sexual? Diante da proposta do celibato e da continência, quais são as minhas impressões, minhas dúvidas e medos? E, ainda, qual a minha maior dificuldade em relação ao celibato sacerdotal? Essas são perguntas que não podem ser omitidas. Não tenhamos medo nem preconceitos. O Senhor nos chamou como somos. Quanto mais cedo rompermos com a vergonha, quebrarmos o tabu de falar sobre tal assunto, mais rapidamente serão identificados os aspectos que precisam de conversão ou especial atenção, para que a eles sejam dirigidos os necessários cuidados, confiando no próprio Deus que nos alcança com sua graça e nos molda com sua mão.
Conscientes disso, cabe-nos reconhecer e aceitar a nossa identidade sexual masculinall como um dom de Deus, não só para nós, mas, especialmente, para os outros. O mandamento do amor ao próximo segue o paradigma do amor próprio: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19,18; Mt 22,39; Mc 12,31). A percepção de amar a si mesmo, tal como se é, e de se compreender eleito pelo Senhor impulsiona o seguro amadurecimento afetivo e o amor verdadeiro ao próximo, pois nada é maior que o amor de Deus, que é capaz de saciar uma vida. 12
10 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas, p. 34.
"CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2333.
12

CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 251.

2. ASSUMIR A PRÓPRIA HISTÓRIA E CURÁ-LA

O chamado divino interpela o ser humano concreto. Ninguém nasceu no dia que ingressou no seminário, mas cada um chega ao processo formativo com uma carga de vivências e experiências em sua história de vida. É preciso reconhecer nessas coisas os motivos pelos quais o Senhor nos chamou, fazendo da própria história de vida o alicerce sobre o qual se construirá a própria pessoa segundo o modelo e a fonte que é Jesus Cristo. 13

Não tenhamos reservas ao assumir nossa história. Toda ela construiu o vocacionado que ora se apresenta para a formação presbiteral. O que decisivamente determinará o nosso futuro na formação é a "docibilitas ao Espírito Santo",14 manifestada na disposição de se formar e, se preciso for, enfrentar traumas, vícios e costumes negativos. Ninguém procura a cura para a doença que ainda não sabe que tem. Este segundo passo avança na educação para o autodomínio. Enquanto vamos tomando consciência de certos aspectos pessoais, sejam eles positivos ou negativos, devemos assumi-los e trabalhá-los em nosso acompanhamento pessoal.

Sexualidade, afetividade e castidade

fa- É tentador não reconhecer certos aspectos negativos que zem parte da nossa história, sobretudo se relacionados à dimensão sexual. Não é raro os seminaristas diocesanos virem de contextos familiares em que não há uma verdadeira educação para o amor; muitos provêm de famílias desestruturadas e até mesmo de con- textos em que sexualidade e violência andavam juntas; outros vêm contaminados pela cultura neoliberal que reivindica absoluta liber- dade no campo sexual ou pela sociedade do consumo, que impõe sobre todos a tirania do prazer, isto é, "o prazer deixa de ser um componente, para ser a razão da vida".15 Tais fatores corrompem o amor-próprio e o transformam em individualismo egoísta. Causadas principalmente pela tirania do prazer, as desordens sexuais se caracterizam pela busca desregrada do prazer sexual como

13 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 93. 14 Ibidem, n. 45.

15 MOSER, A. O enigma da esfinge: a sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 169.

fim em si mesmo, completamente desvinculado das finalidades unitiva e procriativa da sexualidade; finalidades essas que devem realizar-se apenas no âmbito do matrimônio.

Algumas atitudes que podem denotar sinais de imaturidade afetiva são: fechamento ao outro no relacionamento, egoísmo, radicalismo, falta de perseverança, falta de concentração nos estudos, dispersão, superficialidade ao assumir os compromis- sos, inquietação exagerada, indisposição para qualquer tipo de silêncio e masturbação desordenada.

Detenhamo-nos no fenômeno da masturbação, que talvez seja o que mais gere inquietações, brincadeiras ou silêncios. Essa prática aparentemente pequena, diz Moser, é como uma pedra no sapato: pequena, mas incômoda, e até impede caminhadas mais longas. 16 Ela "é um capítulo da história sexual das pessoas":17 ini- cia-se como uma descoberta de si mesmo - a princípio de maneira lúdica e curiosa, mais do que em busca do prazer pelo prazer –, porém, aos poucos, ganha novas significações, desde alívio das tensões a sentimentos de fracasso vocacional. 18 "O magistério da Igreja - na linha da

tradição constante - e o senso moral dos fiéis afirmam, sem hesitação, que a masturbação é um ato intrínseca e gravemente desordenado", 19
Como tal, não cabem, para ela, soluções simplistas, como: "com o tempo isso passa"; "você está descobrindo o seu corpo"; ou, como escrito nas portas dos banheiros dos antigos seminários, "Deus vê tudo o que você faz". Falar de masturbação é falar "de algo que mexe profundamente com toda pessoa humana. A todo custo é preciso evitar os simplismos, pois estes ora esvaziam o fato, ora o transformam num monstro terrível".20
Por mais comum que seja, a masturbação não deve ser tratada da mesma forma. Em cada caso, "por trás de cada ato masturba- tório, encontra-se uma pessoa diferente, num diferente momento
16 Ibidem, p. 182.
17 Ibidem, P. 195.
18 Ibidem, P. 192.
19 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2352
20 MOSER, A. O enigma da esfinge: a sexualidade, p. 185.
de sua vida, com uma diferente compreensão da sexualidade".2 Além do aspecto biológico e de ser reduzida a um ato solitário, devemos reconhecer quais são as significações dadas à masturba- ção, pois ela "começa a tornar-se psicologicamente preocupante, como reveladora de desequilíbrios mais profundos, exatamente na medida em que invade a idade adulta"22 ou detém a pessoa numa determinada etapa do desenvolvimento afetivo-sexual. Ainda diz Moser: "Neste caso, ela pode ser comparada a um porão onde se esconde algo de deteriorado: é preciso localizar e remover o que se oculta nos porões da inconsciência".23 Nós, formandos, diante desta questão, precisamos nos confiar à ação do Espírito e, com ele, perscrutar nossa consciência, o conjunto de nossa história, ouvindo e nos aconselhando com nossos formado- Feito res, a fim de localizarmos onde se encontra essa incômoda pedri- nha. "Removê-la é muitas vezes só questão de jeito e tempo. um bom diagnóstico, o caminho da superação está traçado."24 3. SUBLIMAÇÃO: MODOS PARA CANALIZAR AS ENERGIAS
Sexualidade, afetividade e castidade
Quem nunca ouviu o formador ou terapeuta dizer que as ener- gias sexuais, em nosso caso, devem ser canalizadas para outros fins? Essa foi uma questão que sempre me intrigou. No caminho de edu- cação para o autodomínio, esse período de formação é o momento em que recolhemos o material bruto do nosso autoconhecimento e confrontamos com a identidade presbiteral que buscamos assumir. Sem nos anular, é claro, pois Deus nos chamou pelo nome, isto é, com nossa individualidade. Entretanto, há comportamentos e práticas que são coerentes com o exercício do ministério, e outras que não são. Devemos fazer crescer e aperfeiçoar o que for positivo para o futuro ministério, como os exercícios físicos, intelectuais, artísticos, culturais e espirituais, e procurar eliminar, ou pelo menos
21 Idem.
22 Ibidem, p. 191.
23 Ibidem, p. 192.
24 Ibidem, p. 195.

dominar, aquilo que não é de grande contributo, ou é até mesmo nocivo, a esse ministério, como os vícios da bebida, do tabagismo,

da ociosidade e da pornografia.
Em nossa caminhada de vida, já percebemos que a força sexual sempre esteve presente. A compreensão equivocada de celibato é aquela que prega que toda a energia sexual deve ser reprimida. Isso não pode ser feito sem que se gerem graves pro- blemas psicológicos. O caminho que se deve tomar é o do esforço para equilibrar e sublimar a sexualidade. "O termo 'sublimação é usado o para significar aquele tipo de prática diferente da repressão. Sublima-se a energia sexual quando ela vem aceita, reconhecida e canalizada para objetivos mais altos que ela".25 Sublimação requer ressignificação, orientação para novas metas.
Ao contrário de Freud, Viktor Frankl afirmou energia ainda mais forte que a sexual: a busca de sentido. Assim existe uma que sendo, o celibato só pode ser psicologicamente saudável "se esti- ver imbuído de um profundo sentido existencial que enriqueça, em vez de empobrecer, a vida da pessoa".26 Um presbítero que não interiorizou o verdadeiro sentido do celibato, mas se move apenas por razões superficiais - prestígio, garantia de vida, reco- nhecimento da comunidade, meio de ocultar problemas sexuais -, cedo ou tarde, "acaba por abandonar o ministério ou vivê-lo de forma ambígua, sem levar em consideração o risco de escândalo para a fé do povo".2
1
Em meio a uma cultura que favorece a vivência egoísta e des- cartável da afetividade, o desafio é que os seminaristas diocesanos se empenhem em interiorizar, no mais íntimo de sua subjetividade, as razões do celibato sacerdotal, fazendo delas suas razões, não apenas razões da Igreja. 28
25 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas, p. 215. 26 Ibidem, p. 55.
27 Ibidem, p. 216.
28 Ibidem, p. 217.

4. RELAÇÕES INTERPESSOAIS SAUDÁVEIS
O processo formativo é todo voltado para um horizonte relacional, pois nossa vocação é ministerial, isto é, formamo-nos para ser pastores do povo santo de Deus, ainda mais neste tempo em que a Igreja, por meio do papa Francisco, nos convida a ser pastores com cheiro das ovelhas." Não tem como sermos padres se tivermos medo da relação com as pessoas, pois nossa vocação é também relacional. A energia sexual nos leva a sair de nós mesmos e ir ao encontro do outro; ela nos abre à relação. “O alvo final da sexualidade humana é sempre o mesmo, tanto para casados quanto para os celibatários: o 'amor-ágape"",30 isto é, o amor em seu sentido ideal, o sentido evangélico.
Sexualidade, afetividade e castidade
Claro que o celibato tem suas especificidades e implica uma série de renúncias, tais como renúncia à posse, a renúncia ao exercício da genitalidade e a tudo aquilo que caracteriza o denominado amor conjugal. Entretanto, ninguém vive só de renúncias. Assim, quem abraça o celibato "por causa do Reino" não renuncia ao amor, não renuncia à amizade, não renuncia à sexualidade.31
Nosso amor, por excelência, deve ser Jesus. Por meio da intimidade com ele, caracterizada por uma relação pessoal e cons- tante, é que chegaremos a compartilhar os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2,5). O crescimento na intimidade com Cristo na caridade assegura a liberdade do coração e a saudável capacidade de relacionar-se e de amar o próximo.32

A amizade é essencial para quem vive o celibato. A intimidade com Cristo deve levar a autênticas experiências de amizade, que se realizam por meio da abertura e doação recíproca. Sua marca prin- cipal é a comunhão na diferença. Nela, "a pessoa do outro é aceita
29 FRANCISCO. Homilia do papa Francisco na missa crismal do dia 28 de março de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em: 23 mar. 2019.
30 MOSER, A. O enigma da esfinge: a sexualidade, p. 175.
31 Idem.
32 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 41.
77

na sua realidade cotidiana, com suas virtudes e com suas eventuais fraquezas".33
Entretanto, nem toda amizade contribui para o celibatário. É preciso evitar toda forma de possessividade e também qualquer tipo de dependência afetiva, atitudes que ferem outro princípio básico da amizade, a liberdade.
o ideal
A amizade, enquanto expressão do verdadeiro amor, sustenta ainda mais a liberdade e afasta o egoísmo. O primeiro âmbito de cultivo de boas amizades é o próprio seminário, com os irmãos que compartilham a caminhada. Em seguida, vêm outras pessoas, de ambos os sexos, e comunidades. Por meio das experiências de autênticas amizades, o seminarista diocesano deve crescer na aceitação e no acolhimento do outro.
5. A VIVÊNCIA DO CELIBATO NA FRAQUEZA DA CARNE
Por fim, dados esses passos, temos mais condições de nos entregar positiva e livremente à nossa castidade celibatária, cons- cientes de que não somos super-homens: "Trazemos este tesouro em vasos de barro, para que este poder extraordinário seja de Deus e não nosso" (2Cor 4,7).
"Vigiem e rezem" (Mt 26,41). Vigiando, focamos nosso coração e atenção em Cristo e nos empenhamos para não cair em situação que contradiz tanto o chamado de Deus quanto nossa resposta a ele. Rezando sempre, reconhecemos que somos necessitados da graça de Deus, pois, assim como a graça supõe a natureza e a aperfeiçoa, nenhuma vocação que nasceu do divino se sustenta sem ele.
A vida casta não é exatamente um ponto ao qual se chega, mas um horizonte para o qual se caminha, no esforço pessoal e na oração. Por isso, se o seminarista diocesano descuida da oração, ele facilmente se perderá em seu propósito. Enquanto não reza, ocupa-se com outras coisas e se enfraquece na amizade com o Senhor. Resulta, portanto, impossível cumprir outro compromisso básico: a fidelidade. Visto que o nosso compromisso se caracteriza por ser definitivo, o exercício de integração afetivo-sexual se torna um gesto profético para o mundo do imediatismo e da cultura da infidelidade. O amor tem sede de eternidade.35 A fidelidade é o exercício de permanência e também um dom de Deus.
A castidade celibatária não é nem inferior, nem superior ao ma- trimônio. Ambos são modos de realização específica da vocação cristá ao amor. Ela é um especial dom de Deus e, como dom, deve ser cons- tantemente pedida na oração. Não deixe de rezar pelo seu celibato.
33 MOSER, A. O enigma da esfinge: a sexualidade, p. 207.

34 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 41.
Sexualidade, afetividade e castidade
Só permanece nesse esforço aquele que reconhece nessa vocação o caminho para a sua realização pessoal. Quantos, no sofrimento, honestamente, se reconhecem incapazes de se rea- lizar no celibato. Isso não é sinal de fracasso, mas um passo de maturidade afetiva. "O celibatário, como qualquer outra pessoa, quer realizar-se e ser feliz".36 Esse sentido de realização pessoal se dá à medida do amadurecimento. Conforme o psicólogo Erik Erikson, a maturidade se reconhece a partir de três pontos. O primeiro é um sadio senso de identidade que, como já re- fletimos, se exprime na capacidade de responder seguramente à pergunta: quem sou eu? Esse senso é fundamental para fazer opções livres e compromissadas, como o celibato. Conhecendo bem a si mesmo, se reconhecerá melhor o que lhe dá sentido à vida. O segundo é o da intimidade, que se expressa no senso de pertença e fraternidade. A intimidade não se restringe à esfera sexual-genital, mas aponta para relacionamentos sinceros, pro- fundos e comprometidos, "que produzem na pessoa a sensação de plenitude, mesmo que possam exigir alta soma de entrega e sacrifício".37 E, por fim, a generatividade, ponto que não inclui a procriação, mas a fecundidade e a criatividade próprias do amor
35 MOSER, A. O enigma da esfinge: a sexualidade, p. 165.
36 Ibidem, p. 175.
37 MÉZERVILLE, G. Maturidade sacerdotal e religiosa: um enfoque integrado entre psico- logia e magistério. Vol. I. São Paulo: Paulus, 2000, p. 59.

e de quem ama. O amor é chamado a gerar vida e a acolher tudo
o que
faz parte da vida como lugar de santificação. 38
CONSIDERAÇÕES FINAIS
Chegamos ao fim desta breve conversa, porém não do caminho. Nossa meta é Jesus Cristo! Queremos nos configurar a ele! Por isso, empenhamos também a nossa energia sexual para que sejamos capazes do amor maior, aquele amor oblativo com que Cristo se entregou à sua Igreja, como um esposo à sua esposa.
Apesar das incontáveis críticas à disciplina do celibato sa cerdotal, dos que equivocadamente o compreendem como uma repressão da energia sexual, gostaríamos de afirmar o contrário: a castidade celibatária é um ideal verdadeiramente humanizador, porque edifica-nos como pessoas inteiras, amadurecidas e capazes do autodomínio, que não se permitem ser movidas pelas paixões do passado, mas pela liberdade de novas escolhas que deram sentido à própria vida. Seguimos aquele que é o sentido da nossa vida: Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.
O caminho não termina aqui. "O processo prolonga-se du- rante a existência, e o formando somente chegará ao ideal quando se lançar novamente para a frente, fazendo dessa chegada uma nova partida. Na realidade, não cabe, certamente, ao formando chegar, porém, caminhar". 39 Irmãos, "empenhemo-nos com perseverança no combate que nos é proposto, com os olhos fixos em Jesus" (Hb 12,1-2), o Bom Pastor por excelência, para amar e servir a Deus, a Igreja e o seu povo no carisma diocesano.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto original em latim. 9. ed. São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus; Petrópolis: Vozes, 1999.
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil: Documento 93. São Paulo: Paulinas, 2010.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbi- teral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.
CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. Sexualidade humana: verdade e significado. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. FRANCISCO. Homilia do santo padre Francisco: missa crismal, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em: 23 mar. 2019.
Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sinodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo: Paulus, 2019.
MÉZERVILLE, Gaston de. Maturidade sacerdotal e religiosa: um enfoque integrado entre psicologia e magistério. Vol. I. São Paulo: Paulus, 2000.
MOSER, Antônio. O enigma da esfinge: a sexualidade. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.-
Sexualidade, afetividade e castidade
TRASFERETTI, José A.; MILLEN, Maria Inês de C.; ZACHA- RIAS, Ronaldo (orgs.). Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018.
VIANA, Wellistony C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas. Brasília: Edições CNBB, 2013.
80
38 Ibidem, p. 60.
39 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas, p. 40.
81

5

A VIVテ劾CIA FRATERNA E COMUNITテヽIA NO SEMINテヽIO

Ailton Martins Evangelista'

INTRODUテ・グ

Ao pensar na vida de um seminarista diocesano, テウ necessテ。rio refletir sobre seu itinerテ。rio formativo, sobretudo no que se refere テs dimensテオes que implicam a eficテ。cia desse processo de formaテァテ」o inicial. Neste sentido, a Igreja propテオe dimensテオes que precisam ser trabalhadas ao longo do percurso formativo, como: humano- -afetiva, espiritual, intelectual e pastoral-missionテ。ria. A dimensテ」o comunitテ。ria, por sua vez, テウ parte integrante nas casas de formaテァテ」o. Disso resulta a necessidade de um olhar cada vez mais sincero e atento テ vida fraterna em comunidade: nela descobrimos nossas potencialidades e limitaテァテオes. テ・pelo outro que cada um se realiza enquanto pessoa.

O presente capテュtulo refletirテ。 sobre a dimensテ」o comunitテ。ria, a partir das Sagradas Escrituras e do magistテウrio da Igreja, de- monstrando a importテ「ncia da vivテエncia fraterna nos dias atuais, quando a cultura do egoテュsmo e da indiferenテァa exerce uma dita- dura sobre os indivテュduos. Ainda, a partir da revelaテァテ」o de Deus Trino, comunhテ」o de Pessoas, somos impelidos テ relaテァテ」o de amor que nos une e reテコne como irmテ」os e irmテ」s. Analisaremos fontes e meios para se viver uma vida fraterna mais saudテ。vel, autテエntica e testemunhal, na comunidade dos seminテ。rios, favorecendo a descoberta do tesouro que a vida fraterna tem para oferecer: "Vejam como テウ bom e agradテ。vel os irmテ」os unidos viverem juntos" (Sl 132,1).

Seminarista diocesano da diocese de Lorena-SP.
83
A vivŦɪncia fraterna e comunitŦ。ria

84
Ailton Martins Evangelista
1. "VÓS SOIS TODOS IRMÃOS" (Mt 23,8) -
O CHAMADO À COMUNHÃO
a co-
A relação comunitária perpassa toda a existência humana. Somos seres relacionais e dependentes por natureza. Logo, munidade está presente no ambiente religioso, mas também nas famílias, escolas, amigos, trabalhos e tantos outros lugares e mo mentos nos quais as pessoas se conectam e vivem um intercâmbio de experiências. Somos uma grande família dispersa pelos mais variados lugares de nossa casa comum, o planeta Terra. Não há dúvida de fomos reunidos em Cristo e, atraídos pelo seu amor, formamos uma grande comunidade de fé, baseada no mandamento "amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 15,12).
que
O Amor de Cristo reuniu, para se tornarem um só corpo, um grande número de discípulos, a fim de que, como ele e graças a ele, no Espírito, pudessem, através dos séculos, responder ao amor do Pai, amando-o "com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças" (Dt 6,5) e amando o próximo "como a si mesmos" (cf. Mt 22,39).2
A comunidade humana é constituída na sociabilidade, fra- ternidade e respeito. O Catecismo da Igreja Católica afirma:
A pessoa humana tem necessidade de vida social. Esta não constitui para ela algo acrescentado, mas é uma exigência de sua natureza. Mediante o intercâmbio com os outros, a reciprocidade dos servi- ços e o diálogo com seus irmãos, o homem desenvolve as próprias virtualidades; responde, assim, à sua vocação.3
Os relacionamentos na vida em comunidade são dados constitutivos da personalidade humana. Desde a origem da vida humana encontramos sinais de vivência comunitária. Os povos
2. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. A vida fraterna em comunidade. São Paulo: Paulinas, 2003, n. 1.
'CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993, n. 1879.
primitivos tinham práticas de solidariedade entre eles. Logo, a certeza que deve habitar no íntimo de cada sujeito é que "todos os homens são chamados ao mesmo fim, o próprio Deus. Existe certa semelhança entre a unidade das pessoas divinas e a frater- nidade que os homens devem estabelecer entre si, na verdade e no amor". Somos criados para amar. No cristianismo, desde as comunidades primitivas, essa rela- ção não é diferente. A vivência fraterna fazia parte do cotidiano das pessoas. Eles formavam "um só coração e uma só alma" (At 4,32); entre eles não havia necessitados, pois todos eram generosos diante dos sofrimentos do próximo (cf. At 4,32-37); viviam o Evangelho de Jesus Cristo na radicalidade do amor-doação.
A vivência fraterna e comunitária
Por essa motivação cristá, a Igreja tem exortado sobre a urgên- cia de voltarmos ao ideal das comunidades primitivas. Superar as divisões e fortalecer os laços de união é tarefa essencialmente evan- gélica. A Igreja no Brasil propõe uma comunidade de comunidades,

isto é, uma rede eclesial de solidariedade e de generosidade, mas, sobretudo, de evangelização: "A Igreja é comunidade! A comuni- dade torna visível a Igreja"." A vida comunitária é um dom para a Igreja, para a vida de seus filhos e para o mundo. Sua existência na humanidade marca um diferencial. A vida comunitária é um antídoto contra a doença do individualismo, egoísmo e narcisismo. O viver em comunidade vai além de uma simples "troca de favores". Na verdade, são relações vivenciadas na doação de si ao outro, sem reservas ou interesses. Ela se dá na gratuidade. Reconhecer que fazemos parte
de um projeto que transcende
corpo a nossa individualidade faz toda a diferença. Na carta aos Roma- nos, São Paulo é feliz ao afirmar que "assim como num só temos muitos membros, e os membros não têm todos a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros" (Rm 12,4-5). Essa metáfora do corpo nos revela o sentido profundo de pertença
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1878. 'CONFERÊNCIANACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Comunidade de comunidades uma nova paróquia. Documentos da CNBB, n. 100. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 7.

e de unidade que nos perpassa, a ponto de a Igreja afirmar a fé na "comunhão dos santos". A vida comunitária é fundante no projeto de Jesus Cristo. Em seu ministério, ele sempre caminhou junto das multidões, curou os enfermos, acolheu os pecadores e visitou mostra que ele viveu pelo outro, a ponto de doar-se na cruz para à divina. O testemunho de sua vida e missão a salvação de toda a humanidade. Ao invés da mesquinhez de uma vida centralizada no ego, ele apostou o sentido da sua vida
necessitados da
graça
no alter e, por isso, realizou-se plenamente.
OS
É de importante consideração a reflexão que Ronaldo Zacharias faz, afirmando que o amor é consequência de uma decisão pessoal, construída na liberdade:
a
É expressão da decisão pessoal de fazer-se significativo na vida de alguém. A vida toda de Jesus, no constante contato com publicanos e pecadores, deixa isso muito claro: se fosse por merecimento, maioria não seria amada por ele. O seu amor antecipa-se, é gratui- to, encontra a pessoa onde ela está, resgata o humano na situação na qual se encontra. O amor de Jesus e o jeito de amar de Jesus evidenciam que, quanto mais o outro for necessitado e vulnerável, mais será objeto de amor. É a necessidade e a vulnerabilidade do outro que me faz decidir colocar-me no seu caminho e tornar-me significativo na sua vida." Os seminários diocesanos, nesse sentido, são lugares onde a ex- periência do encontro é cotidiana e, por isso, exigente. A dinâmica do amor fraterno não pode ser abordada por um aspecto demasia- do simples, uma vez que ela exige desprendimento de si mesmo, humildade e abertura ao diferente. Nos seminários, encontram-se jovens e adultos de diferentes idades e com histórias distintas. Essa pluralidade ajuda a trazer cor e sabor para a vida comunitária, que é enriquecida com os dons e presença de cada um. Sem dúvida, a unidade na diversidade "[...] indica a união dos ânimos, o afeto recíproco como sentimento humano que nasce, renasce e se torna

"ZACHARIAS, R. O amor como projeto de vida? In: SILVA, A. W. C.; BARBOSA, L. F. S.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Antropologia teológica: pensar o humano na universidade. São Paulo: UNISAL, Ideias & Letras, 2017, p. 224.
sempre
A vivência fraterna e comunitária
mais puro e intenso pelo idêntico amor que se tem para com Deus". Para Cencini, a relação fraterna entre os irmãos está intimamente sintonizada à nossa relação com Deus, pois assim já nos ensina São João: "Se alguém disse: 'Amo a Deus', mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar" (1Jo 4,20). O mandamento maior, portanto, consiste no amor aos ir- mãos tal e qual amamos a Deus. Esse amor na vida comunitária se concretiza em pequenos gestos de zelo e cuidado para com os outros irmãos, já que "um dos sinais de que uma comunidade está viva é percebido na qualidade de meio ambiente: a limpeza, a arrumação, o modo como as flores estão colocadas, a refeição e tantas outras coisas que refletem a qualidade do coração das pessoas". Dessa maneira, um exterior em harmonia demonstra, em geral, que os membros contribuem no cuidado recíproco.
Ser comunidade é uma exigência do próprio Cristo. Ele não quis caminhar sozinho, mas soube criar comunidades, ao passo que podemos dizer que ele formou uma família a partir daqueles que se dispunham a fazer a vontade do Pai: "Aqui estão minha mãe e meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe" (Mt 12,49-50). Realmente,
em seu grande amor, o Pai mandou seu Filho para que, novo Adão, reconstituísse e levasse toda a criação à plena unidade. Ele, vindo entre nós, constituiu o início do novo povo de Deus, chamando, ao redor de si, apóstolos e discípulos, homens e mulheres, parábola viva da família humana reunida em unidade. A eles anunciou a fraternidade universal no Pai que nos fez seus familiares, filhos seus e irmãos entre nós. Assim, ensinou a igualdade na fraternidade e a reconciliação no perdão. Inverteu as relações de poder e de domínio, dando ele mesmo o exemplo de como servir e escolher o último lugar. Durante a última ceia, confiou-lhes o mandamento novo do amor mútuo: "Eu vos dou um novo mandamento: que vos
CENCINI, A. Vida fraterna: comunhão de santos e pecadores. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 26.
8 VANIER, J. Comunidade: lugar do perdão e da festa. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 345.
87

90
Ailton Martins Evangelista
(Jo 13.16: Le 22.27). Seu jeito de viver terテ。de ser pautado monolitico e autoritテ。rio. テ・ser servo da Palavra de Deus, irmテ」o no diテ。logo e na colegialidade, excluindo qualquer pensamento da humanidade, em particular, irmテ」o dos sofredores. Hテ。de ter um coraテ。テ」o imenso, generoso e acolhedor, e jamais um coraテ。テ」o mediocre e do estilo funcionテ。rio do templo, mas, ao contrテ。rio,
servidor de Deus e de todos os irmテ」os e irmテ。s.14
indテュcios de
O fechamento e isolamento na comunidade formativa sテ」o e que テウ preciso amadurecer a dimensテ」o humano-afetiva, sobretudo no que diz respeito テ liberdade e alteridade. Quando essa atitude se estende por todo o processo formativo, テウ certo que, no ministテウrio presbiteral, acontecerテ。o previsto: um presbテュtero enclausurado em sua parテウquia,

distante dos demais irmテ」os no presbitテゥrio e atテゥ mesmo das pessoas da comunidade paroquial. que isso nテ」o ocorra e para que se proporcione a todos uma autテェntica experiテェncia mistagテウgica da fraternidade, da vida em comunidade e do desenvolvimento da vida afetiva, a ponto de se atingir a desejada liberdade do coraテアテ」o, テゥ necessテ。rio pontuar alguns aspectos fundamentais:

Para

A vida fraterna em comum exige da parte de todos um bom equi- lテュbrio psicolテウgico, dentro do qual possa amadurecer a vida afetiva de cada um. Componente fundamental desse amadurecimento テゥ, como jテ。 lembramos, a liberdade afetiva, graテアas テ qual o consagrado ama sua vocaテアテ」o e ama de acordo com sua vocaテアテ」o."

15

Viver uma relaテアテ」o de amor na liberdade e sem perda da identidade テゥ o modelo que a Trindade transmite a cada um de nテウs. A vida em autテェntica comunhテ」o e intimidade encontra, no Pai e no Filho e no Espテュrito Santo, a sua plenitude. Deste modo. テゥ preciso retornarmos ao seio trinitテ。rio para bebermos dessa fonte inesgotテ。vel de vida, amor e doa テアテ」o.

14 Ibidem, p. 112.

15 CONGREGAテ・グ PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTテ鏑ICA. A vida fraterna em comunidade, n. 37.

2. A COMUNHテグ TRINITテヽIA: FONTE E MODELO PARA TODA A COMUNIDADE HUMANA

No livro do Gテェnesis, a partir do relato bテュblico da criaテアテ」o, テゥ descrito que "Deus disse: 'Faテアamos o homem テ nossa imagem, como nossa semelhanテアa" (Gn 1,26). A criaテアテ」o nテ」o acontece de forma solitテ。ria ou individualista, mas em comunidade. Isso fica evidente quando se percebe que o verbo fazer テゥ conjugado na primeira pessoa do plural: "faテア amos o homem テ nossa imagem e semelhanテアa". Deus age em comunidade: Pai e Filho e Espテュrito ele Santo. Essa verdade de fテェ revela que Deus, ao chamar a pessoa テ vida, chamou-a tambテゥm para a mesma comunhテ」o em que habita e テゥ, dando-lhe a vocaテアテ」o de participar dessa comunhテ」o e de estabelecer-se como ser inter-relacional.

A vivテェncia fraterna e comunitテ。ria

Criando o ser humano テ prテウpria imagem e semelhanテアa, Deus o criou para a comunhテ」o. O Deus criador que se revelou como Amor, Trindade, comunhテ」o, chamou o homem a entrar em テュntima relaテアテ」o com ele e テ comunhテ」o interpessoal, isto テゥ, テ fraternidade universal. 16 Retornar ao seio trinitテ。rio para uma vivテェncia autenticamente comunitテ。ria テゥ afirmar que devemos entender a relaテアテ」o com o outro "como sacramento ou sinal e instrumento da テュntima uniテ」o com Deus e da unidade de todo o gテェnero humano"." A relaテアテ」o na Trindade ensina que, na vida comunitテ。ria, todos tテェm o dever de se esforテアar para fazer do seminテ。rio um lugar mais fraterno e acolhedor, onde nテ」o haja espaテアo para disputas de poder, invejas, fofocas e interesses particulares. テ maneira dos discテュpulos, os seminaristas diocesanos devem se reconhecer como chamados por Deus para configurar suas vidas ao discipulado de Cristo: os discテュpulos de Jesus sテ」o chamados a viver em comunhテ」o com o Pai (cf. 1Jo 1,3) e com seu Filho morto e ressuscitado, na comunhテ」o no Espテュrito Santo (cf. 2Cor 13,13).

16 Ibidem, n. 8.

17 CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. 5. ed. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB; Sテ」o Paulo: Paulinas, Paulus, 2008, n. 155.

A vida comunitテ。ria requer que o coraテアテ」o de seus membros esteja em direテアテ」o a algo em comum. テ・importante que exista un projeto de vida comunitテ。ria para cada seminテ。rio, e todos devem
se esforテアar para alcanテアar os ideais propostos.
Se テゥ verdade que a comunhテ」o nテ」o existe sem a oblatividade de cada um, テゥ necessテ。rio que se afastem desde o inテュcio as ilusテオes de que tudo deve vir dos outros; テゥ necessテ。rio que se ajude a descobrir com gratidテ」o quanto jテ。 se recebeu e se estテ。, de fato, desde o inテュcio, para serem construtores, e nテ」o somente consumidores, da comu- nidade; para serem responsテ。veis um pelo crescimento do para estarem abertos e disponテュveis a receber um o dom do outro, capazes de ajudar e ser ajudados, de substituir e ser substituテュdos,
Portanto, a dinテ「mica do Reino テゥ uma proposta radical de vi- vテエncia da fraternidade e da unidade entre todos os irmテ」os e irmテ」s, de diferentes realidades, com diversas expectativas e experiテエncias, Decorre dessa dinテ「mica, originada na comunhテ」o trinitテ。ria, a co- munhテ」o eclesial, da qual o presbテュtero participa de forma inerente.
Na Igreja, que テゥ "a casa e a escola de comunhテ」o" e que unidade do Pai e do Filho e do Espテュrito Santo", o presbテュtero テゥ "tira a sua chamado a ser "o homem de comunhテ」o". Por isso, no seminテ。rio, os elos que se estabelecem entre formadores e seminaristas, e entre os prテウprios seminaristas, devem ser marcados pela paternidade e pela fraternidade.
19
Construir fraternidade, em um mundo que tem se tornado a cada dia mais desumano, parece ser um grande desafio. Ela テゥ extremamente necessテ。ria e tem um carテ。ter profテゥtico, que テゥ cen- tral para o testemunho cristテ」o, empenhando pessoalmente cada membro da Igreja, especialmente aqueles que serテ」o ou jテ。 sテ」o os seus pastores;
18 CONGREGAテ・グ PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTテ鏑ICA. A vida fraterna em comunidade, n. 24. 19 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 52.
テゥ construテュda atravテゥs de um crescimento espiritual, que exige empe- nho constante para superar as diversas formas de individualismo. Uma relaテアテ」o fraterna nテ」o pode ser somente algo deixado ao acaso, テs consequテエncias favorテ。veis, mas, antes, uma escolha consciente e um desafio permanente.20
A vivテエncia fraterna e comunitテ。ria
A vida comunitテ。ria tem em si, como pressuposto espiritual, os dons da oblaテアテ」o e do sacrifテュcio: "Aquele que dテ。 a prテウpria vida em sacrifテュcio apresenta-se como o Bom Pastor, vindo para reunir as ovelhas perdidas da casa de Israel e conduzi-las ao redil do Reino de Deus (Mt 9,36 e 15,24; Jo 10, 14-16)".21 テ・na vida comunitテ。ria do processo formativo que se aprende a ser pastor a exemplo do Cristo. As responsabilidades que sテ」o dadas aos seminaristas - como o cuidar do outro, a solicitude para com aquele que estテ。 doente e, inclusive, a partilha de sentimentos e a escuta das angテコstias dos irmテ」os de caminhada - sテ」o maneiras de romper a solidテ」o que isola e abrir-se テ amizade.
Certamente, a vida fraterna se constrテウi no serviテアo, no encontrar Cristo no outro e no santificar-se, colaborando para o crescimento e a santificaテアテ」o de quem estテ。 ao nosso lado, ajudando-o a viver e realizar o chamado de Deus em sua vida.
Vivendo generosamente a caridade teologal. Saindo de nテウs mesmos, nテ」o para dispersar-nos nas coisas e nos homens, mas para encontrar a Cristo nos demais. A

caridade supテオe austeridade e sacrificio. Su- pテオe doaテァテ」o de si mesmo. Se somos sacerdotes, somos uma "doaテァテ」o sagrada". Exige que nos entreguemos, primeiro, a nossos irmテ」os sacerdotes, elevテ。-los テ santidade, o que para テウ fundamentalmente uma heroica e generosa doaテァテ」o a Jesus Cristo Sacerdote.22
Deste modo, "o presbテュtero テウ entテ」o chamado a formar-se para que o seu coraテァテ」o e a sua vida sejam conformados ao Senhor Jesus, de modo a tornar-se um sinal do amor de Deus
20 Idem.
21 Ibidem, n. 37.
22 CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Itinerテ。rio formativo nos primeiros anos de ministテウrio, Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2018, p. 79.
93

por cada homem".23 Sem dúvida, ele é convidado a amar com o coração de Cristo, a exercer a diaconia do amor do Senhor
e do service,
chamado a assumir em si os sentimentos e as atitudes de Cristo em relação à Igreja, amada ternamente através do exercício do minis tério, portanto, dele se pede que seja "capaz de amar a gente com um coração novo, grande e puro, com um auténtico esquecimento de si mesmo, com dedicação plena, contínua e fiel, juntamente com uma espécie de ciúmes divino, com uma ternura que reveste inclusivamente os matizes do afeto materno".24
Olhar para esse grande chamado de ser alter Christus & um ato de fé cravado no barro frágil da própria humanidade, levando em consideração todo o caminho de convivência e de necessidade do outro na formação de cada sujeito histórico, criativo e espiritual.
Nesse longo e necessário caminho de amadurecimento, é preciso contar com o precioso auxílio da graça de Deus, que vem em socorro da nossa fraqueza. A cada formando cabe a missão de esforçar-se diariamente na vivência da experiência do encontro com o Senhor, no chão de sua vida, especialmente da caridade que inflama e transforma os corações. Reconhecer-se limitado e frágil é o primeiro passo para a integração da afetividade. Logo, "o seminarista é chamado a 'sair de si mesmo', para caminhar, em Cristo, em direção ao Pai e aos outros, abraçando o chamado ao sacerdócio, e empenhando-se em colaborar com o Espírito Santo para realizar uma síntese interior, serena e criativa, entre força e fraqueza".25 É na dinâ mica do Espírito que vamos amadurecendo nossa humanidade e configurando o nosso coração ao de Jesus, Bom Pastor, mestre e guia da humanidade.
25 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 40.
24 Ibidem, n. 39.
25 Ibidem, n. 29.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida fraterna é exigente e pode até parecer inconveniente no pensamento atual. No entanto, ela é fundante na história da humanidade. O ser humano não foi criado para viver sozinho. Desde a criação, existe um chamado à comunhão, que, ao longo da história da salvação, tornou-se evidente. O amor é, sem dú- vida, a atitude que permite a convivência entre todos, a fim de fazer com que sujeitos diferentes e diversos sejam um só coração e uma só alma.

Nesse sentido, a vida fraterna, nos seminários diocesa- nos, é um convite a superar a mera "exigência" formativa e a formalidade fria que mascaram as relações e interações, sem que haja autêntico envolvimento com a pessoa do outro. Tal atitude não favorecerá o amadurecimento humano-afetivo e contribuirá, certamente, para a frustração e a solidão futuras. É preciso passar da formalidade para a alteridade, do agru- pamento para a comunidade, na qual haja partilha de vida, sentimentos e dons. O ser humano não é uma ilha, mas sim um conjunto de dimensões que só se realiza plenamente no encontro com o outro.

Peçamos à Trindade, comunhão perfeita de Pessoas, que inspire o seminarista diocesano a internalizar o valor da relação e da doação em sua caminhada formativa enquanto preparação para o ministério presbiteral. Que o ajude a viver, desde o início da formação presbiteral, o sentido de pertença e de amor para com a sua diocese, experimentando a riqueza da vivência da dio- cesaneidade, a partir da vida fraterna entre os irmãos da própria comunidade educativa, isto é, o seminário diocesano.26 A Igreja sofre com o pecado da divisão, sendo este um dos maiores males que tornam seu testemunho incrédulo diante da sociedade. O Evangelho de Jesus é o do amor que deve ser levado até as últimas consequências, pois o amor é a plenitude da vida.

26 CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incar- dinação. São Paulo: Paulus, 2020, p. 17.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017.

CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade esponsalidade e incardinação. São Paulo, 2020.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, Paulus, 1993. CENCINI, A. Vida fraterna: comunhão de santos e pecadores. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Docu- mento de Aparecida. 5. ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas, Paulus, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documentos da CNBB, n. 100. São Paulo: Paulinas, 2014.

Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil 2019- 2023 (DGAE). Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documento 109). CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CON- SAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA A vida fraterna em comunidade. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Itinerário formativo nos primeiros anos de ministério. Brasília: Edições CNBB, 2018. (Coleção Ministérios).

FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Brasília: Edições CNBB, 2015. (Documentos Pontifícios, 17).

Discurso do papa Francisco à comunidade do pontifício seminário Pio XI da região da Apúlia. Disponível em: <http://
www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/
documents/papa-francesco_20161210_pont-seminario-pugliese.
html. Acesso em: 19 abr. 2020.
VANIER, J. Comunidade. lugar do perdão e da festa. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
ZACHARIAS, R. O amor como projeto de vida? In: SILVA, A. W. C.; BARBOSA, L. F. S.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Antropologia teológica: pensar o humano na universidade. São Paulo: UNISAL, Ideias & Letras, 2017.
97

ORAテ・グ PESSOAL E COMUNITテヘIA DO SEMINARISTA DIOCESANO
Jonny Walz
INTRODUテ・グ
O seminarista diocesano tem como figura principal a imagem do Cristo Bom Pastor. テ・a ele que busca se configurar mais inti- mamente durante o perテュodo formativo. O seminテ。rio se constitui em espaテアo privilegiado para a formaテアテ」o dos candidatos ao pres- biterato, pois oferece condiテアテオes para que o seminarista possa, em comunidade, orar, celebrar a liturgia que culmina na Eucaristia e receber, pela Palavra de Deus, os ensinamentos que vテ」o iluminan- do sua mente e modelando o seu coraテアテ」o para que alcance uma sテウlida espiritualidade de comunhテ」o com Cristo Pastor.
Tendo em vista a relevテ「ncia de uma vida espiritual profunda e sテウlida para aquele que futuramente serテ。 o condutor da fテゥ de um rebanho que lhe serテ。 confiado, torna-se evidente que o cultivo espiritual deve ser constante e テゥ de suma importテ「ncia na vida do seminarista, pois, assim como o alimento sustenta o corpo, a oraテアテ」o deve ser o alimento para o crescimento e sustento da vida espiritual. Acerca disso, discorrem os padres conciliares: 窶廣prendam a buscar a Cristo na meditaテアテ」o fiel da Palavra de Deus; numa ativa comunicaテアテ」o com os santテュssimos mistテゥrios da Igreja, sobretudo, por meio da Eucaristia e do Ofテュcio Divino".3
Seminarista diocesano da diocese de Joinville-SC.
CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferテェncia Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB; Sテ」o Paulo: Paulus, Paulinas, 2007, n. 316.
CONCILIO VATICANO II. Decreto Optatam Totius. In: COSTA, Laurenテアo (org.). n. 8, p. 305-306. Documento do Concilio Ecumテェnico Vaticano II (1962-1965). Sテ」o Paulo: Paulus, 1997,
99
Oraテアテ」o pessoal e comunitテ。ria

100
Jonny Walz
O cultivo da vida espiritual deve proporcionar
rista diocesano uma radical transformação de todas as dimensõe
ao semina
de sua vida, a partir do encontro com a pessoa de Jesus Cristo
encontro este que não se dá em momento único, mas que vai se descobrindo ao longo do caminho, como os discípulos de Emaú que afirmam: "Não ardia o nosso coração quando ele

nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32) É preciso que cada seminarista diocesano sinta o coração arder ao estar cada vez mais intimamente próximo ao coração do bom Mestre, que vai revelando seus mistérios, ao longo do caminho, e exige um seguimento carregado de renúncias e desprendimen to, o caminho da porta estreita, o próprio Cristo, que conduz à desejada vida em plenitude.
res-
Atender ao chamado de Jésus comporta, sem alternativa, a fielt posta ao caminho de cruz: "Se alguém quer vir após mim, renund a si mesmo, tome sua cruz, cada dia, e siga-me" (Lc 9,23). A cru de Cristo é o critério na identificação do verdadeiro discípulo [...]. A espiritualidade da cruz na formação específica para o pastoreio deve ser estruturada segundo aqueles significados e conotações que derivam da identidade da vida e do ministério do presbítero.
o Verbo feito homem - Jesus Cristo. A liturgia assume um papel primordial que possibilita essa comunicação. Para sua compreen- são cada vez mais profunda, "existe aí, de fato, um movimento interpretativo circular entre Cristo e a liturgia: conhecer Cristo através da liturgia, para que o próprio Cristo seja o princípio de conhecimento e de interpretação da liturgia"."
Abraçar a cruz requer atitudes de coragem e de confiança que estão intimamente ligadas com a oração, pois ela se torna o motor propulsor que nos anima e dá força ao longo do caminho, uma vez que o próprio Jesus, por meio da Eucaristia, se torna a fonte de verdadeiro alimento: "Eu sou o pão da vida. Quem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede" (Jo 6,35). Deste modo, afastar-se de Jesus - Palavra e Eucaristia -, deixando a oração de lado, é afastar-se da fonte que nos sustenta e nos revigora ao longo do caminho.
Oração pessoal e comunitária
Tantos são os meios e as ferramentas disponíveis para o aperfeiçoamento da dimensão espiritual e consequente relação com Deus. Discorreremos sobre alguns deles, que são conside- rados fundamentais para um efetivo amadurecimento espiritual do seminarista diocesano: a liturgia e a Palavra de Deus; a oração pessoal, enquanto momento de recolhimento e silêncio; e a liturgia das horas como santificação das horas do dia.
A busca pela vida espiritual deve estar direcionada para um caminho dialógico entre o seminarista diocesano e o próprio Deus, que se comunica conosco por meio de sua própria Palavra,
"CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010, n. 280.
1. A LITURGIA E A PALAVRA DE DEUS
A liturgia constitui-se um lugar privilegiado para o encontro com Deus e o aprofundamento da dimensão espiritual, pois é próprio Cristo que se comunica com o ser humano por meio daquilo que se realiza. Ao concebermos a compreensão de litur- gia como ação de Deus para com o seu povo, revela-se algo que transcende nossa compreensão limitada, chegando ao mistério da fé. Deste modo, "definir liturgia como opus Dei equivale a atri- buir ao agir de Deus, na liturgia, as prerrogativas que a Escritura reconhece à Palavra de Deus, uma palavra que é em si mesma ação, que realiza aquilo que significa"."
A liturgia nos traz elementos fundantes para a estruturação da dimensão espiritual, pois nos impulsiona a voltarmo-nos ao nosso interior por meio da Palavra, que ilumina as nossas profundezas e nos tira das trevas da escuridão às quais os nossos pecados nos introduzem. Por meio da leitura orante da Palavra de Deus (lectio divina), o seminarista diocesano faz a experiência da escuta atenta e humilde daquele que fala, ou seja, o próprio Deus. É pela luz e

5 BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 31. 6 Ibidem, p. 18.
101

pela força da Palavra divina que se pode descobrir, compreender,
comm
discernir, amar e seguir a própria vocação. Essa familiaridade a Palavra de Deus facilitará o processo de conversão, do qual todo cristão é convidado a participar, com a finalidade de afastar-se do mal e de aderir ao bem, respondendo com sinceridade ao chamado
que lhe foi confiado.
A oração litúrgica passa a ser assumida no coração de quem a celebra, por meio do poder transformador
que
ela
possui, di
rigindo-se para o coração de Deus. Pode-se dizer que a liturgia, enquanto ação, possui caráter de movimento duplo: louvor (dos homens para Deus) e santificação do povo de Deus (de Deus para os homens). Essa ação nos possibilita também atualizar sempre
sa-
o mistério de Cristo celebrado, que se faz presente no meio de celebra, já que pode ser definida como o exercício do quem cerdócio de Cristo, tornando-se indispensável para um efetivo amadurecimento espiritual.

2. A ORAÇÃO PESSOAL

A oração pessoal e profunda é de suma importância na vida por meio da daqueles que buscam se encontrar com o Senhor. É oração e, sobretudo, do silêncio que podemos ouvir a voz daquele que fala ao nosso coração. O próprio Jesus se dirigia ao Pai por meio da oração. Vale refletir sobre as atitudes de Jesus ao iniciar o seu ministério, logo após o batismo, quando foi levado para o deserto e, aí, foi tentado pelo demônio. Nesse episódio, o silêncio e recolhimento no deserto e a oração que os acompanha são ati- tudes que asseguram a idoneidade e autenticidade da missão, em conformidade com a vontade do Pai: "O recolhimento interior precede a ação e é necessariamente uma luta pela sua missão, uma luta contra as deturpações da missão que se oferecem como suas reais realizações". A própria Palavra de Deus é rica de expressões
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 47.
RATZINGER, J. Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016, p. 40.

que consignam a centralidade da oração pessoal como campo pri- vilegiado para se ouvir a voz do Senhor que fala a cada um de nós. Para melhor compreendermos quanto valem junto de Deus as nossas orações, basta ler nas Sagradas Escrituras as inumeráveis promessas que Deus faz a quem reza, quer no Antigo, quer no Novo Testamento, "Chama por mim, e eu te ouvirei" (Jr 33,3). "Invoca-me e eu te livrarei" (SI 49,15). "Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-&" (Mt 7,7). "Vosso Pai que está nos céus dará bens aos que lhe pedirem" (Mt 7,11). "Todo aquele que pede, recebe; todo aquele que busca, acha" (Lc 11,10). "Qualquer coisa que pedirem ser-lhes-á concedida por meu

Pai que está nos céus" (Mt 18,19). [...] Existem muitos outros textos semelhantes que deixamos de citar por brevidade."
Deste modo, percebe-se claramente a necessidade da oração em todos os momentos, sobretudo naqueles mais importantes da vida e da missão, a fim de vencer as tentações que possam se apresentar. Jesus subia ao monte e passava a noite em oração. Porém, cabe ressaltar um aspecto importante na oração de Jesus: ele despedia as multidões e os discípulos e, quando finalmente estava sozinho, se dirigia ao Pai em oração, sem qualquer interfe- réncia, inteiramente atento e disponível para perceber a vontade do Pai. Somente livres daquilo que nos prende, é que conseguiremos estar inteiros para, por meio da oração, discernir a sua vontade e ele aquilo que quer para nós.
Se a espiritualidade do seminarista diocesano deve ser desen- volvida ao redor da figura e da identidade do Mestre - Jesus Cristo -, isso implica realizar aquilo que ele realizou, seguir suas atitudes e ensinamentos com o auxílio do Espírito Santo, buscando cada vez mais configurar-se a ele.10
Nesse sentido, a formação seminarística deve assumir uma dimensão cristológica, favorecendo o encontro pessoal com aquele a quem se deseja seguir: "O caminho de formação do seguidor
'LIGÓRIO, S. A. M. de. A oração. 4. ed. São Paulo: Santuário, 1992, p. 43-44.
10 CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 277.
103

104
Jonny Walz
de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e
estes o seguem porque lhe conhecem a voz","1 oração é possível encontrar um Somente meio da por caminho de felicidade verdadeira. Deste modo, ressalta o papa
Francisco a
um grupo de seminaristas da comunidade do Venerável Colégio Inglês de Roma, recebidos em audiência no dia 22 de abril de
2018, na sala do Consistório, no Vaticano:
de
sua cela
Para superar esse desafio, e para ajudá-los a fazer uma autêntica promessa a Deus, é vital durante estes anos de seminário alimentar a vida interior de vocês, aprendendo a fechar a porta interior a partir de dentro. Desse modo, o serviço de vocês a Deus e à Igreja resultará reforçado e encontrarão aquela paz e felicidade que somente Jesus pode dar. 12
12
3. A LITURGIA DAS HORAS
para
A liturgia das horas, que está repleta da Palavra de Deus, cons- titui um meio privilegiado de oração para aqueles que se preparam assumir o ministério sacerdotal, uma vez que o próprio orante a assume e faz dela a sua oração a Deus, santificando os diversos momentos e horas do dia. Quem a reza faz com que a Palavra de Deus esteja presente, alimentando a fé, fortalecendo a dimensão espiritual, configurando cada vez mais o seminarista diocesano à imagem do Cristo - modelo perfeito de toda oração ao Pai. As expressões mais frequentes da espiritualidade cristã comunitária são a Eucaristia e a oração em comum, expressa, sobretudo, na liturgia das horas. A espiritualidade crista

abrange duas dimensões: individual e comunitária. Entre as expressões de oração comunitária, fora dos sete sacramentos, ocupa lugar especial a liturgia das horas. "Documento de Aparecida, n. 277.

12 FRANCISCO. Discurso do papa aos seminaristas da comunidade do Venerável Colégio Inglés de Roma. Roma: Vatican News, 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-04/papa-seminaristas-amor-fiel-deus-servico-humilde-irmaos.html>. Acesso em: 14 mar. 2019.

Os elementos da natureza da liturgia das horas têm suas raízes na experiência religiosa do povo de Israel, com forte expressão pascal, após a libertação do Egito, quando o israelita, duas vezes ao dia, pela manhã e pela tarde, suspendia suas atividades e elevava a Deus uma oração de ação de graças pelos benefícios operados por Deus na história do povo, por meio do shema matutino e do shemá vespertino.13

Por meio da liturgia das horas, a Igreja faz a experiência diária cada do mistério pascal com base no ritmo do dia. É o louvor da Igreja pelo mistério de Cristo, a partir da luz, para a santificação especial do tempo, sendo que as diversas horas estão contidas dentro do dia, que, em sentido amplo, está inserido na semana, em que dia corresponde simbolicamente a algum mistério específico da Igreja ligado ao mistério pascal de Cristo.

Oração pessoal e comunitária

Deste modo, a liturgia das horas assume um caráter de ofício divino, uma vez que expressa nossa comunicação com Deus, por meio de um motivo profundo em que o próprio Filho de Deus reza e se comunica com o Pai, no Espírito Santo, assumindo em si todo o seu corpo, a Igreja. A oração da liturgia das horas é divina porque é litúrgica.14

Sendo assim, fica evidente a importância do cultivo desta oração nos seminários, como parte da formação e aprofundamento da dimensão espiritual do seminarista diocesano, uma vez que se caracteriza (neste caso) por uma oração comunitária, não podendo jamais deixar de lado a importância de ser rezada também indivi- dualmente, fora dos horários estabelecidos dentro do seminário.

Deste modo, o seminarista diocesano, entendendo o ver- dadeiro sentido e a importância desta oração, procure rezá-la não somente nos horários canônicos, mas também nos fins de semana, nas férias e em outros momentos, a fim de que isso faça parte de sua vida espiritual, habituando-se para, depois, em meio

13 CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Manual de Liturgia IV. A cele- bração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007, p. 113.

14 Ibidem, p. 118.

aos serviços pastorais, conseguir se organizar, sem deixar de lado esses momentos, que se constituem como verdadeira fonte fortalece em meio às tribulações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, fica evidente a necessidade de uma espiritual do seminarista diocesano, sem o qual corre o risco de profunda busca da oração para um adequado amadurecimento afastar-se de Jesus, aquele a quem busca se configurar. Para tanto, o orientador espiritual e, também, o formador são essenciais, e isso já destacou o papa

Francisco, ao perdir, durante a audiência aos seminaristas da diocese italiana de Agrigento: "Por favor, dei- xem-se formar, Não é capricho aquilo que pedem os formadores. Se vocês não estão de acordo, falem sobre isso. Isso é importante, para dizerem o que vocês sentem. Assim se pode formar sua personalidade", 15

A oração deve atingir tal ponto que o seminarista diocesano tenha uma profunda relação de amizade e sintonia com Jesus Cristo. Mas isso requer esforço e não se consegue de uma hora para outra. Trata-se de exercício diário, busca constante, visita ao Santíssimo Sacramento, pois só é possível criar intimidade, estando próximo. "Para a vivência de uma espiritualidade pro- fundamente alicerçada em Cristo Eterno e Sumo Sacerdote e, ao mesmo tempo, em sintonia com a Igreja e o povo de Deus, o padre diocesano tem de encontrar as fontes de alimento espiritual",16

Somente deste modo, o futuro padre diocesano poderá orientar-se de forma equilibrada e frutuosa em seu ministério, pois a oração tende a fazer com que possamos olhar para dentro de nós mesmos, a fim de ordenar nossos pensamentos e atitudes

"FRANCISCO, Discurso do papa aos seminaristas da arquidiocese italiana de Agrigento, na sala do Consistorio, no dia 24 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www. acidigital.com/noticias/papa aos seminaristas-nao-se-pode-ser-um-bom-sacerdote-sem-dialogar com o bispo 31373>. Acesso em: 15 mar. 2019.

1. CARVALHO, H. R.; LORENZ, E Espiritualidade do padre diocesano, São Paulo; Paulus, 2017, p. 96.

de acordo com a vontade do próprio Cristo. São João Maria Vianney, modelo de oração para todos os sacerdotes, dizia: "Que vem a ser a oração? Uma orientação. Orientamos os pensamen- tos, as palavras, o espírito e o coração, mas também os atos e os gestos - os mais correntes e os mais vulgares - em direção à luz que lhes dá todo o seu valor". 17

Oração pessoal e comunitária

Por fim, torna-se indispensável salientar a presença da Vir- gem Maria na vida do seminarista. Ela, que é a Mãe de todas as vocações, assume um papel fundamental no caminho a ser seguido rumo ao seu próprio Filho, Jesus Cristo. Ninguém melhor que a Mãe para nos conduzir ao Filho. Maria, com suas virtudes, nos ensina o caminho a ser trilhado no seguimento de Jesus Cristo até a cruz. Logo, "da espiritualidade sacerdotal, trinitária, cristo- cêntrica e eclesial, brota também o amor do presbítero para com Maria, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja e modelo de participação decisiva na história da salvação, digna de imitação".18 É preciso que o seminarista diocesano encontre em Maria a figura materna e se aproxime dela com familiaridade espontânea por meio da recitação do santo terço, contemplando e meditando os mistérios de nossa redenção,

Só é possível encontrar a felicidade verdadeira em Cristo Nosso Senhor. Para encontrá-lo, é preciso buscá-lo; tendo-o encontrado, é preciso cultivar relação de proximidade, para que permaneça conosco e, assim, nos dê forças ao longo do caminho. "A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria"."

19

Essa deve ser a dinâmica daquele que atende ao chamado do Senhor: viver a alegria que o Senhor nos oferece. A oração se cons- tituí em um meio privilegiado de encontro íntimo com o Senhor,

"GHEON, H. O Cura d'Ars. 2. ed. São Paulo: Quadrante, 1998, p. 149. CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 282. FRANCISCO, Exortação

Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2015, n. 1.

a fim de que ele mesmo inflame nossos corações desta alegria Assim, teremos o vigor necessário para responder positivamente ao
seu chamado, servindo no discipulado e na missão que ele nos confiou, no contexto da diocesaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

mesmo
BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia. 2. ed. Brasília:
Edições CNBB, 2017.
CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017.
CONCILIO VATICANO II. Decreto Optatam Totius. In: COSTA Lourenço (org.). Documento do Concilio Ecumênico Vaticano II (1962 1965). São Paulo: Paulus, 1997.
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010.
CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Docu- mento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2008.
Manual de Liturgia IV. A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007.
FRANCISCO. Discurso do papa a seminaristas da comunidade do Venerável Colégio Inglês de Roma. Roma: Vatican News, 2018. Dis- ponível em:
<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-
04/papa-seminaristas-amor-fiel-deus-servico-humilde-irmaos. html>. Acesso em: 14 mar. 2019.
Discurso do papa a seminaristas da diocese italiana de Agrigento, na sala do Consistório, no dia 24 de novembro de 2018. ACI Digital, 2018. Disponível em:
<https://www.acidigital.com/
noticias/papa-aos-seminaristas-nao-se-pode-ser-um-bom-sacerdo-
te-sem-dialogar-com-o-bispo-31373>. Acesso em: 15 mar. 2019.
Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2015. GHÉON, H. O Cura d'Ars. 2. ed. São Paulo: Quadrante, 1998. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
LIGÓRIO, S. A. M. de. A oração. 4. ed. São Paulo: Santuário,
RATZINGER, J. Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à trans- figuração. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.
1992.

Juliélton de Melo Targino'

INTRODUÇÃO

Na caminhada vocacional do seminarista diocesano, a vida litúrgica e sacramental é um aspecto muito importante e que pre- cisa ser evidenciado, porque o ajudará a fortalecer o seu chamado. No decorrer deste capítulo, serão apresentados pontos importantes dos principais documentos sobre este tema, bem como elementos próprios da vivência nos seminários.

O capítulo primeiro da constituição Sacrosanctum Concilium (SC), sobre a Sagrada Liturgia, afirma que Cristo está sempre presente em sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Ressalta toda celebração da liturgia “é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau".2

que

3

Na vida espiritual, a liturgia desempenha um papel im- portante no itinerário formativo, pois é dela que emana toda a força. O seminarista diocesano, no exercício de uma espiritua- lidade concreta e profunda, é convidado a celebrar os mistérios do Senhor e da Igreja na liturgia e a viver momentos de oração silenciosa e prolongada.*

Seminarista diocesano da diocese de Coxim-MS.

1. CONSTITUIÇÃO Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia. In: COMPENDIO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 7. › Ibidem, n. 10.

* CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 101.

A vida litúrgica e sacramental

Juliélton de Melo Targino

Na vivência cotidiana da liturgia, o candidato ao sacerdócio
deve participar de maneira consciente, ativa e frutuosa;
gulhando na profundidade do mistério e impelido por ele,"
seminarista fortifica o próprio vínculo de união com
Deus, à luz
do exemplo de Cristo, o qual tinha como programa de vida faze
a vontade do seu Pai","

Aquele que é chamado ao sacerdócio, participando ativa mente da vida litúrgica, deve empenhar-se para construir u boa formação, usando todas as ferramentas disponíveis que a ação litúrgica ocorra da maneira mais adequada possível
para
enriquecendo seu aprendizado para viver do mistério de Cristo e
melhor servir o povo de Deus.

A Sacrosanctum Concilium, ao falar sobre a formação litúrgica, diz que, nos seminários, a sagrada liturgia deve ser considerada uma das disciplinas necessárias e mais importantes, tendo- como a principal disciplina nas faculdades de Teologia, e ensiná-la tanto sob a perspectiva teológica e histórica, como na deve-se perspectiva espiritual, pastoral e jurídica (cf. SC, 16).

As demais disciplinas devem, observando a singularidade da formação sacerdotal e as obrigações essenciais de cada área, evidenciar "o mistério de Cristo e a história da

salvação"? Com isso, o seminarista deve alcançar uma vida espiritual pela qual possa resplandecer o "amor generoso e de oblação que representa o início da caridade pastoral".
8
1. UMA ESPIRITUALIDADE PROFUNDA E EVANGÉLICA
Assim como o corpo precisa de alimentos, a vocação deve se alimentar constantemente na participação da Eucaristia, na oração pessoal, na lectio divina, na leitura espiritual, na récita do
terço;
se assim proceder, na sinceridade do seu coração e na fidelidade ao seu chamado, o seminarista diocesano estará sendo um verdadeiro discípulo que busca configurar-se a Cristo, o Bom Pastor. O papa Francisco, ao falar da celebração eucarística, ressalta que o silêncio não se reduz à ausência de palavras, mas consiste em predispor-se a ouvir outras vozes: a do nosso coração e, sobretudo, a voz do Espírito Santo."
'CONSTITUIÇÃO Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia, n. 11.
"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 102.
"Ibidem, n. 16.
A vida litúrgica e sacramental
Na perseverança ao chamado que busca responder, segundo a ação do Espírito, o seminarista diocesano encontra inúmeras situações concretas que o levam a pensar se está no caminho cor- reto ou se este caminho de fato é autêntico. Nesses momentos, o vocacionado deve estar atento e buscando cumprir os desígnios de Deus, para que, assim, não siga suas próprias vontades. O desâ- nimo é perigoso e pode levá-lo a tomar uma decisão equivocada, mas também é momentâneo e perde seu efeito diante da voz de Deus, que ressoa em seu coração, dizendo: "Avance para águas mais profundas" (Lc 5,4).
No processo formativo, existem também inúmeros momentos que ressaltam a beleza de seguir a Cristo, além de relembrar o en- tusiasmo primeiro que motivou alguém a deixar tudo para seguir Jesus. Esses ricos instantes, muitas vezes, são ofuscados diante da fraqueza humana, que impede de enxergar as grandes maravilhas realizadas por Deus, diariamente, na vida de quem ele chamou.
Certa vez, um seminarista pediu ao cardeal Van Thuan, em uma conferência na Universidade de Salford, que lhes deixasse um legado. Ele, em sua sabedoria e com profundidade, lhes disse:
Na minha vida, já bastante longa e movimentada, fiz a seguinte experiência: se sigo fielmente a Jesus, passo a passo, ele me conduz à meta. Vocês caminharão por vias imprevisíveis, por vezes tor- tuosas, escuras, dramáticas, mas tenham confiança: vocês estarão com Jesus! Lancem nele todas as ansiedades e preocupações.10
"FRANCISCO. Audiência geral, no dia 10 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-frances-co_20180110_udienza-generale.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.
10 VAN THUAN, F. X. N. Testemunhas da esperança. São Paulo: Cidade Nova, 2002, p. 62.
Ibidem, n. 101.
112
113

114
Juliélton de Melo Targino

Diante da presença compassiva e misericordiosa de Deus e das inúmeras provações, o futuro presbítero diocesano é convidado desse chamado tão belo, ao ouvirem as palavras de Jesus, s a confiar no Senhor, pois é ele quem o ajudará. Muitos, diante pesarosos, pois são possuidores de muitos bens (cf. Mt 19,22).
O apego e também a desconfiança e o cansaço os serem autênticos discípulos.
2. ANO LITÚRGICO
saem
impedem de
O ano litúrgico possui um papel fundamental na vivência da fé. O Catecismo da Igreja Católica afirma que o "ano é transfigurado pela liturgia"." No contexto formativo, ele "oferece a mistagogia pedagógica da Igreja, permitindo aprender a espiritualidade que The é própria, por meio da interiorização dos textos bíblicos e das orações da liturgia".12 Nessa perspectiva, desenvolve-se, a cada ano, um aprofundamento da experiência de fé, a qual se torna mais fortalecida.
Em um de seus artigos, dom Orani Tempesta, ao falar sobre o ano litúrgico, alerta para o caráter sempre novo do mistério de Cristo, atualizado no tempo, pela liturgia:
Não devemos ver o ciclo anual da liturgia como um círculo onde OS fatos tornam a acontecer a cada ano, se repetem continuamente, mas como uma espiral onde os fatos são únicos e irrepetíveis e que, sempre e cada vez mais, nos conduzem, a cada momento, com mais clareza, para a compreensão do mistério de Cristo. 13 Durante o ciclo litúrgico, a Igreja revela todo o mistério de Cristo, 14 partindo da encarnação e do nascimento de Nosso Senhor -tempo do Advento e do Natal -, quando se celebra o começo da salvação e se preanunciam as primícias do mistério pascal. 15
15
"CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1168. 12 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 102.
" TEMPESTA, O. O ano litúrgico. CNBB, 2010. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/o-ano-liturgico-1/>. Acesso em: 26 fev. 2020.
"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 102.
15 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1171.
Na primeira parte do Tempo Comum, o fiel vivencia o período em que o Senhor manifesta sua presença, anuncia o Reino e fortalece a esperança. O tempo da Quaresma, que é um forte apelo à conversão, antecede a celebração da Páscoa, que é a maior das solenidades. 16 No tempo pascal, celebra-se o júbilo incomparável - a ressur- reição de Nosso Senhor -, e espera-se, ao final, a vinda do Paráclito, "que é manifestado, dado e comunicado como Pessoa Divina".17 Por fim, com a segunda parte do Tempo Comum e a sole- nidade de Cristo Rei e Senhor do Universo, que se faz servo de todos1s e ensina que "reinar é servir", 19 conclui-se o ciclo anual.
A vida litúrgica e sacramental
Com seu mistério pascal, Cristo realizou a obra da salvação. 20 É nesse mistério que tem origem a Igreja." A Igreja proclama, testemunha e, constantemente, se reúne para celebrar esse mis- tério. Na Eucaristia, encontra-se o ponto culminante e a fonte dos sacramentos e da liturgia das horas. Sendo central para a vida da Igreja, acentua-se, no percurso formativo do seminarista, a importância da educação litúrgica, que propicia uma melhor vivência do sentido pascal.22

É neste caminho de vivência eucarística, da Palavra de Deus e do mistério da cruz e ressurreição, que o cardeal Van Thuan afirmava: “[...] a Igreja pode avançar com humildade e alegria em sua caminhada, sempre sustentada pela presença do Salvador".23 E ele continua: “Com os discípulos de Emaús, voltemos ao espírito genuíno do Evangelho, voltemos a fazer do mistério pascal a fonte de nossa esperança!".2
16 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 102.
17 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 731.
18 Ibidem, n. 786.
19 CONSTITUIÇÃO Lumen Gentium sobre a Igreja. In: COMPENDIO DO VATICA- NO II. Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 36.
20 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1168.
21 PAULO VI. Carta Apostólica sob Motu Proprio Mysterii Paschalis. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu--proprio_19690214_mysterii-paschalis.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.
22 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 48.
23 VAN THUAN, F. X. N. Testemunhas da esperança, p. 224.
24 Ibidem, p. 229.
115

116
Julテゥlton de Melo Targino
3. SENTIDO ESSENCIAL E CONSTITUTIVO DOS SACRAMENTOS
O perテュodo de formaテアテ」o proporciona conhecimento
e
apro-
fundamento a respeito dos sacramentos. Essa oportunidade nテ」o contribui apenas para o aspecto intelectual, mas tambテゥm para uma
vivテエncia espiritual mais verdadeira e concreta. O aprofundamento no テ「mbito da vida litテコrgica da Igreja gravita em torno do sacrificio eucarテュstico e dos sacramentos.25
que
Neste caminho テコnico de discipulado, o jovem formando chamado ao sacerdテウcio deve reconhecer o valor fundamental os sacramentos possuem no percurso formativo. テ・ convidado a identificar sua essテエncia e seu papel construtivo no itinerテ。rio de configuraテアテ」o a Cristo, que manifesta sua presenテアa no hoje da Igreja por meio da Palavra, dos gestos salvテュficos dos sacramentos e no culto litテコrgico.26
Iniciando sua caminhada na vida de fテゥ com o batismo e aper- feiテアoando-o com os demais sacramentos,27 o seminarista diocesano deve acolhテエ-los como o "centro da prテウpria vida"28 e interiorizテ。-los, permitindo que renovem a cada dia sua vida espiritual.
A exortaテアテ」o apostテウlica Pastores Dabo Vobis nos ensina que o presbテュtero atua na Igreja in persona Christi, na forテアa e no dom do Espテュrito Santo, que o consagra para o serviテアo da comunidade eclesial e para a salvaテアテ」o do mundo.29
Na formaテアテ」o espiritual do futuro presbテュtero diocesano, o tema da configuraテアテ」o a Cristo possui uma rica importテ「ncia. O Decreto Conciliar Optatam Totius apresenta claramente um conteテコdo fundamental que deve ser vivido em profundidade e proximidade com a Trindade, com o mistテゥrio pascal e com a busca
25 CONSTITUIテ・グ Sacrosanctum Concilium sobre a liturgia, n. 6.

26 CNBB. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB, n. 93 e 288. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2010.
27 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 4.
28 Idem.
29 JOテグ PAULO II. Exortaテアテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 12.
ativa de Jesus Cristo, centro da vida da Igreja e do presbテュtero, e que estテ。presente na sua Palavra, na liturgia da Igreja e naqueles a quem テゥ enviado em missテ」o:
Vivam o mistテゥrio pascal de Cristo, de modo a saberem, um dia, iniciar nele o povo que lhes serテ。confiado. Sejam ensinados a pro- curar Cristo por meio da fiel meditaテアテ」o da Palavra de Deus; pela participaテアテ」o ativa nos mistテゥrios sacrossantos da Igreja, sobretudo na Eucaristia e na liturgia das horas; por meio do bispo que os envia e dos homens a quem sテ」o enviados, especialmente os pobres, simples, doentes, pecadores e descrentes. Com confianテアa filial, amem e venerem a Santテュssima Virgem Maria, que foi entregue por Jesus moribundo na cruz, como Mテ」e, ao seu discテュpulo.30
A vida litテコrgica e sacramental
No processo formativo, o seminarista diocesano deve tomar o devido cuidado para nテ」o cair no comodismo espiritual, ou seja, perder a beleza, o encanto e o sentido de sua vocaテアテ」o. Para evitar esse risco, deve alimentar-se diariamente do amor de Deus, reno- vando a cada dia sua vocaテアテ」o. Com o auxテュlio do diretor espiritual, esforテアa-se para adquirir uma autテェntica e profunda participaテアテ」o na liturgia e na vida sacramental, pois, "mesmo que pareテアa テウbvio, lembremos que a santidade テゥ feita de abertura habitual テ trans- cend テェncia, que se expressa na oraテアテ」o e na adoraテアテ」o".31
No caminho de santidade, テゥ preciso recorrer sempre ao sacramento da reconciliaテアテ」o. O Documento de Aparecida acentua que, neste sacramento, o pecador se encontra particularmente com Cristo misericordioso, que se compadece e concede o seu perdテ」o, demonstrando que seu amor テゥ maior e mais forte que todo pecado (cf. DAP, 254).
O cardeal Sarah, tratando do zelo vocacional que o jovem deve almejar, diz: 窶廚ada um deve certamente programar e construir, todo dia, sua vida de oraテアテ」o".32 No mesmo sentido, as Diretrizes
30 DECRETO Optatam Totius. In: COMPENDIO DO VATICANO II. Constituiテアテオes, decretos e declaraテアテオes. Petrテウpolis: Vozes, 2000, n. 8.
31 FRANCISCO. Exortaテアテ」o Apostテウlica Gaudete et Exsultate sobre o chamado テ santidade no mundo atual. Sテ」o Paulo: Paulus, 2018, n. 147.
32 SARAH, R. Deus ou nada. Sテ」o Paulo: Fons Sapientiae, 2016, p. 152-153.

Juliテゥlton de Melo Targino
para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil ajudam a
der
o itinerテ。rio espiritual do presbテュtero deve se construir
que torno da fidelidade a Cristo, na docilidade ao
a enten-
em
e na prテ。tica da caridade pastoral, que テゥ o carisma diocesano.33 Os seminaristas diocesanos sテ」o convidados a ser verda- o Espテュrito de Deus deiros discテュpulos de Jesus,

estabelecendo com ele uma relaテアテ」o de amizade e amor, assimilando e internalizando, assim, a prテウpria identidade da vocaテアテ」o diocesana.34 Futuramente, no espテュrito missionテ。rio de seu ministテゥrio, o padre serテ。convidado a empenhar-se na funテアテ」o pastoral de guiar o povo santo de Deus como mestre da Palavra e ministro dos sacramentos. Ser um pai espiritual fecundo.3
35
Diante dos desafios do ministテゥrio episcopal, o cardeal Van Thuan afirmou que encontrara a essテェncia da oraテアテ」o e a 窶従eces- sidade de rezar sempre" (Lc 18,1), principalmente quando viu impossibilitado de fazテェ-lo nas terrテュveis condiテアテオes em que se encontrava na prisテ」o:36
se
Quando estou na impossibilidade de rezar, costumo recorrer a Nossa Senhora, dizendo: "M テ」e, tu vテェs que estou no limite extre- mo, nテ」o consigo recitar nenhuma oraテアテ」o. Entテ」o direi apenas Ave, Maria, com todo o meu afeto. Colocando tudo nas tuas mテ」os, repetirei: Ave, Maria. Peテアo-te que distribuas esta oraテアテ」o a todos aqueles que dela necessitam, na Igreja, na minha diocese...".37
A Pastores Dabo Vobis recorda que, no atual contexto, abalado por diversas contrariedades, se faz necessテ。rio educar-se para o verdadeiro sentido humano e para o valor da oraテアテ」o silenciosa. Esse ambiente espiritual serテ。propテュcio para reconhecer a presenテアa de Deus e deixar-se cativar por ela, 38
33 CNBB. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil, n. 277.
34 CELAM. Documento de Aparecida. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB; Sテ」o Paulo: Paulus, Paulinas,
2007, n. 319.
35 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 33.
36 VAN THUAN, F. X. N. Testemunhas da esperanテアa, p. 129.
57 Idem.
38 JOテグ PAULO II. Exortaテアテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 47.
CONSIDERAテ・髭S FINAIS
A vida litテコrgica e sacramental
No caminho da uniテ」o com Cristo, o seminarista diocesano, por meio da participaテアテ」o assテュdua na liturgia, deve ser sinal de uniテ」o com os irmテ」os e com a equipe formativa. Neste percurso, テゥ necessテ。rio esvaziar-se de si mesmo para se unir mais perfeitamente ao Pai. Partindo do mistテゥrio eucarテュstico, Chiara Lubich ajuda a entender a uniテ」o fraterna que deve existir em uma comunidade: Como basta uma hテウstia santa entre os bilhテオes de hテウstias na Terra para nos alimentarmos de Deus, basta um irmテ」o - aquele que a vontade de Deus nos pテオe ao lado 窶・para comungarmos com a humanidade que テゥ Jesus mテュstico.39
テ・pela uniテ」o fraterna que o seminarista diocesano deve re- fletir a harmonia e o carテ。ter evangテゥlico, alimentando-se da fonte litテコrgica e espiritual. Unido テ videira (cf. Jo 15,5), poderテ。dar frutos e vivenciarテ。a missテ」o para a qual o percurso formativo o conduz: o sacerdテウcio ministerial. Ser em Cristo e na Igreja um ramo vivo e produtivo テゥ a resposta fiel dada na perseveranテアa no amor (cf. Jo 15,9).
Nota-se, efetivamente, o progresso espiritual do jovem formando quando este manifesta o amor fraterno, generoso e misericordioso. 40 Assim, a comunidade do seminテ。rio serテ。uma テコnica famテュlia: a famテュlia de Deus.41 Essa famテュlia sテウ atinge a sua plenitude na terra quando テゥ transformada em oferta,42 ou seja, quando se coloca a serviテアo dos irmテ」

os. Impelido por esse espテュri- to de doaテァテ」o, cada seminarista diocesano テウ convidado a viver o ensinamento paulino: alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram (cf. Rm 12,15). A encテュclica Lumen Fidei, do papa Francisco, nos ensina:
39 LUBICH, C. A atraテァテ」o do tempo moderno. 2. ed. Sテ」o Paulo: Cidade Nova, 1998, p. 32.
40 FRANCISCO. Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Christus Vivit para os jovens e todo
o povo de Deus. Sテ」o Paulo: Paulus, 2019, n. 163.
41 SARAH, R. Deus ou nada, p. 158.
42 FRANCISCO. Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Christus Vivit, n. 254.
119

120
Juliélton de Melo Targino
A maior prova da fiabilidade do amor de Cristo encontra-se na sua morte pelo homem. Se dar a vida pelos amigos é a maior prova de amor (cf. Jo 15,13), Jesus ofereceu a sua vida por todos, mesmo por aqueles que eram inimigos, para transformar o coração. É por isso que os evangelistas situam, na hora da Cruz, o momento culminante do olhar de fé: naquela hora resplandece o amor divino
em toda a sua sublimidade e amplitude.13
O amor é a maior prova da fidelidade de Cristo pelos seus. O vocacionado, pertencente e unido ao corpo de Cristo, deve
exclamar como Santa Teresinha: "Minha vocação é o amor" 44
Buscando promover a harmonia entre os formadores e demais irmãos de caminhada, revelará uma vivência concreta da liturgia, sinal fraterno que revela a união da Igreja de Cristo, celebrada diariamente no seu trajeto formativo.
O seminarista diocesano que inicia sua união mais afetiva a Cristo na função de acólito deve participar das celebrações litúrgicas com mais fervor e piedade, empenhando-se em penetrar o sentido íntimo e espiritual das ações que realiza,45 sendo sinal e exemplo aos demais que futuramente exercerão tal função. O leitor, assim como os profetas, é convidado a reconhecer a dignidade da Palavra de Deus e zelar para que todos compreendam a Palavra proclamada. Busque vivê-la e dar testemunho com seu modo de vida.46
1
—
que
O alegre testemunho do candidato ao sacerdócio encontra na Palavra de Deus o sentido da sua vocação – deve expressar a beleza de uma vida entregue inteiramente ao Se- nhor e manifestar-se no seminário, na pastoral ou, ainda, no contato com as pessoas. Esse testemunho se encontra na vida de inúmeros santos, particularmente em São João Maria Vian- ney, que soube viver sua vocação no recolhimento da oração e no abandono pleno à vontade de Deus, exalando a santidade
43 FRANCISCO. Carta Encíclica Lumen Fidei. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 16.
"SANTA TERESA DO MENINO JESUS. História de uma alma. São Paulo: Paulus, 2016, n. 254.
SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Cerimoniário dos bispos cerimoniário da Igreja. São Paulo: Paulus, 2012, n. 29.
46 Ibidem, n. 32.

pelo pastoreio, sinal do desapego de si mesmo e das coisas do mundo. Desejando ardentemente as realidades celestes, obteve a completa doação ao povo de Deus.
No espírito de doação e santidade, a comunidade, alicerçada na fé e no amor fraterno, goza da presença de Jesus. 47 Assemelha-se à primeira comunidade cristá, vive, em oração e na fidelidade, a fração do pão, contando com a presença da Mãe de Jesus (cf. At 1,14). Ela, o modelo de perfeição cristã, é "a Mãe que vela pelos filhos: por nós, seus filhos, que muitas vezes caminhamos na vida cansados, carentes, mas desejosos que a luz da esperança não se apague". 48
49
A vida litúrgica e sacramental
Para realizar os desígnios de Deus, o vocacionado precisa pôr-se a caminho, enfrentar as exigências que proporcionam amadurecimento e a transformação em dom para os outros.4 Assíduos à participação nas celebrações litúrgicas, reconheçam nessa grandiosa obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens santificados, 50 que a sua vocação é uma verdadeira entrega de amor a Deus e à Igreja, no seu contexto diocesano.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000. COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB, n. 93. Brasília: Edições CNBB, 2010.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Documentos da Igreja, n. 32. Brasília: Edições CNBB, 2017.
47 CELAM. Documento de Aparecida, n. 256.
48 FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, n. 48. 49 Ibidem, n. 289.
50 CONSTITUIÇÃO Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia, n. 7.
121

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Do mento de Aparecida. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB; Sテ」o Paulo: Paul
Paulinas, 2007.
FRANCISCO. Exortaテァテ」o Apostテウlica Gaudete et Exsultate sobre chamado テ santidade no mundo atual. Sテ」o Paulo: Paulus, 2018 Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Christus Vivit p jovens e para todo o povo de Deus. Sテ」o Paulo: Paulus, 2019. Carta Encidica Lumen Fidei. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2013 Audiテェncia geral, no dia 10 de janeiro de 2018. Disponテュvel em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/
para o
documents/papa-francesco_20180110_udienza-generale.html
Acesso em: 26 fev. 2020.
LUBICH, C. A atraテァテ」o do tempo moderno. 2. ed. Sテ」o Paulo: Cidade Nova, 1998.
JOテグ PAULO II. Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2006.
PAULO VL Carta Apostテウlica sob Moru Proprio Mysterii Paschalis. Disponテュvel em: <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu_
proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19690214_mysterii- -paschalis.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.

SAGRADA CONGREGAテ・グ PARA O CULTO DIVINO. Ceri- monial dos bispos cerimoniテ。rio da Igreja. Sテ」o Paulo: Paulus, 2012 SANTA TERESA DO MENINO JESUS. Histテウria de uma alma. Sテ」o Paulo: Paulus, 2016.
SARAH, R. Deus ou nada. Sテ」o Paulo: Fons Sapientiae, 2016. TEMPESTA, O. O ano litテコrgico. CNBB, 2010. Disponテュvel <http://www.cnbb.org.br/o-ano-liturgico-1/>. Acesso em: 26. fev. 2020.
VAN THUAN, EX. N. Testemunhas da esperanテァa. Sテ」o Paulo: Cidade Nova, 2002.
ABERTURA E VERDADE NO RELACIONAMENTO COM OS FORMADORES
INTRODUテ・グ
Marcos Antテエnio de Lima Santos

Ultimamente, tem sido ainda mais percepttュvel a grande preocupaテァテ」o do papa Francisco e do episcopado catテウlico com a formaテァテ」o de seus futuros presbテュteros. Em se tratando da formaテァテ」o do presbテュtero diocesano, faz-se mister falar do individualismo. Este tem sido um grande mal que tem asso- lado e marcado a existテエncia humana na contemporaneidade. O padre テウ alguテウm tirado do meio do povo, テウ um ser humano com suas qualidades e fraquezas; nテ」o テウ, portanto, alguテウm que estテ。imune ao individualismo. テ・preciso que a formaテァテ」o nos seminテ。rios esteja atenta para nテ」o deixar que o ambiente formativo seja um ambiente acometido pela fragilidade no laテァo comunitテ。rio.
Um padre diocesano, influenciado pela hipervalorizaテァテ」o do ego, com certeza, terテ。problemas na vivテエncia da frater- nidade, テ qual o presbテュtero diocesano テウ chamado. O clero diocesano テウ a sua famテュlia. Ele pertence a um presbitテウrio, nテ」o テウ o presbitテウrio nem o forma sozinho. Um presbテュtero dioce- sano individualista nテ」o consegue viver autenticamente sua paternidade espiritual e a caridade pastoral, no presbitテウrio a que pertence e em sua comunidade paroquial, correndo sテウrios riscos de condenar-se テ profunda solidテ」o.
Seminarista diocesano da diocese de Paulo Afonso-BA.

Marcos Antônio de Lima Santos
O comportamento individualista nos seminários pode v alguns membros da formação também. Ademais, a carência de parresía, tema que também estará presente em um dos itens des capítulo, pode ser uma das barreiras dentro do processo formativo
uma tendência percebida não somente nos formandos,
gerada pelo individualismo.
1. INDIVIDUALISMO: ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS QUE ESSE COMPORTAMENTO PODE CAUSAR DENTRO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO PRESBITERAL
mas em

casamento, mas outros, pelo contrário, adiaram suas decisões vitais por um tempo demasiado grande. Estas e muitas outras situações tornam únicos e irrepetíveis os candidatos, pois Deus chama como quer e quando quer, e nem todas as vocações surgem do ventre da mãe, como as de Samuel ou de Jeremias, podendo, ao contrário, acontecer em meados da vida, como a de Amós ou a de Paulo, ou na hora undécima, como a de Abraão ou de Nicodemos. Seja qual for sua circunstância, o candidato que começa sua

busca pessoal deveria buscar ajuda em outra pessoa, pois todo discernimento cristão é, em alguma de suas etapas, um discernimento entre dois.2

Mas por que falar de individualismo, quando o capítulo é sobre abertura e verdade no relacionamento com os formadores? Devido a uma característica peculiar do individualismo: o fecha mento do indivíduo em seu próprio mundo, onde ele é o senhor de tudo, até mesmo a medida da verdade. Um seminarista diocesano de comportamento individualista impede o desenvolvimento e amadurecimento sadios de sua própria vocação e desestabiliza a convivência dentro da casa do seminário. O candidato individua- lista pode chegar e passar pelo seminário fechado em suas próprias verdades, prontas e irrefutáveis, em suas ideias incontestáveis. Essa atitude impossibilita o diálogo e não permite um discernimento vocacional sincero e maduro.

Percebe-se que toda e qualquer mentalidade individualista pode impedir um discernimento maduro, sereno e saudável da vocação, porque, por mais que cada candidato seja um ser singular, ele não pode discernir de maneira isolada, sozinho, consigo mesmo. Ao contrário, fazem-se necessários o acompa- nhamento e a orientação de pessoas maduras que já vivenciaram cada etapa formativa de tal processo, pessoas com experiência, formação e competências necessárias para tal tarefa. É mediante a ajuda de seus formadores e com a abertura do próprio cora- ção que o candidato deve ir colocando à luz a verdade própria que singulariza a si e sua vocação e ir deixando transparecer as motivações de sua investida vocacional.

Quando o candidato se deixa contaminar pelo individualis- mo, ele fere um princípio básico do processo formativo: o prin- cípio de que o discernimento vocacional deve ser acompanhado. Não deve ser feito individualmente, sem ajuda, direcionamento e orientações de outro.

Aludimos aqui ao processo antropológico do discernimento, no qual entram os candidatos com suas histórias passadas e em situações existenciais muito diferentes; pois alguns são jovens, mas outros já não o são tanto: uns têm certo percurso cristão, mas outros nunca pensaram sua vida como projeto evangélico; alguns já tinham iniciado um projeto de vida profissional ou de

Contudo, não é fácil se abrir a outrem, sobretudo quando este é responsável pelo futuro de sua vida. Entretanto, quem realmente deseja uma existência autêntica e a realização da plena felicidade de sua pessoa deve ter a coragem de entregar a outros os segredos que levam ao tesouro que permite ao próximo vislumbrar a beleza singular da pessoa do candidato. Se essa não fosse uma tarefa tão difícil, certamente muitos erros teriam sido evitados, não somente na história da Igreja, mas na história da humanidade também.

2. GARCÍA, D. L. M. Discernir o chamado: a avaliação vocacional. São Paulo: Paulus, 2010, p. 29.

2. A EQUIPE FORMADORA E ALGUMAS RELEVÂNCIAS DE SUA MISSÃO

a dificuldade do homem de confiar em outro homem, a ponto de Desde o princípio, nos diversos relatos históricos, percebe-se isso parecer ser natural. Não obstante, aquele que deseja config rar-se a Cristo, Bom Pastor, deve começar tendo em mente ser un bom cristão. Como alicerce para isso, parece-nos que não há outra virtude melhor que a verdade. Ser verdadeiro e buscar a verdade incansavelmente são requisitos básicos para um bom e autêntico cristão. Não somente os candidatos ao sacerdócio, mas todos

responsáveis pela formação devem agir sempre com a verdade porque é por meio dela que se permite um relacionamento sadio maduro, aberto, verdadeiro e fraterno. Com isto, por ora, vamos desfocar o olhar da reflexão acerca do candidato - se é que há como tirá-lo do foco - para centralizar na formação.

Abertura e verdade

Ressalvadas as distinções entre o foro interno e o externo, a opor- tuna liberdade de escolha dos confessores e a prudência e discrição convenientes ao ministério do diretor espiritual, a comunidade presbiteral dos educadores sinta-se solidária na responsabilidade de educar os candidatos ao sacerdócio. A ela, e sempre tendo como ponto de referência a autorizada avaliação conjunta do bispo e do reitor, compete, em primeiro ligar, a tarefa de promover e verificar a idoneidade dos candidatos quanto aos dotes humanos, espirituais e intelectuais, tendo como pontos fundamentais de referência o espírito de oração, a assimilação profunda da doutrina da fé, a capacidade para a autêntica fraternidade e o carisma do celibato.3 Além de reforçar o que já foi dito antes, isso implica dizer que cabe à formação ajudar o candidato a desenvolver suas habilidades e superar as imperícias, para que ele possa sentir-se inserido na comunidade e se esforce constantemente para ser um bem à co- munidade. A força do testemunho é muito importante como fator motivacional para os formandos. A comunidade de formadores deve ser esse fator. O exemplo de uma escolha vocacional acer- tada e geradora de uma vida feliz, uma existência realizada, deve partir daqueles que têm a missão de ajudar os novos candidatos, futuros presbíteros.

Apesar de o processo formativo ser protagonizado primei- ramente pelo Espírito Santo e, depois, pelo próprio formando, a comunidade de formadores é fundamental para o crescimento pessoal e avaliação vocacional do candidato. Por isso, essa missão não deve ser confiada a quaisquer pessoas. Tampouco deve ser confiado a qualquer presbítero o encargo de reitor, porque se presume que este, dentre todos que compõem a equipe formativa, é o que mais conviverá com os candidatos e mais os conhecerá, principalmente, a partir daquilo que lhe for revelado na simpli- cidade das ações diárias.

A missão primeira da equipe formativa é acompanhar e, nesta dinâmica, avaliar tudo aquilo que o candidato lhe permitir conhecer. É imprescindível que os integrantes da equipe forma- tiva, sobretudo o padre reitor, tenham certo grau de maturidade humana, afetiva, espiritual, pastoral, psicológica e intelectual. Não pode ser uma escolha aleatória, parcial, conveniente ou qualquer coisa desse gênero. Tal missão, como qualquer outra dentro da Igreja, mas sobretudo esta, deve ser desempenhada por pessoas de boa índole e verdadeiramente maduras, pois delas dependerá o futuro dos seminaristas. No tocante ao assunto, a Igreja diz:

É preciso que os bispos, primeiros responsáveis pela forma- ção, sejam muito perspicazes na escolha da equipe formativa, em especial do reitor do seminário. É fundamental que o reitor seja uma pessoa integrada e madura, aberta e verdadeira. Alguém que possa passar confiança e segurança aos formandos. O formador deve ser aquele que "luta contra o formando pelo formando, isto é, deve combater seu eu superficial' e egoísta para fazer brotar nele o'eu profundo' cheio de ideal e aberto aos apelos de Deus em sua vida". Isso implica dizer que a equipe formativa deve se esforçar em exercer verdadeiramente o papel de família doméstica na vida

3 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 66.

4 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas. Brasília: Edições CNBB, 2015, p. 49.

do formando, ou seja, deve dar ao formando a segurança de que ali estão pessoas realmente preocupadas com seu crescimento e amadurecimento humano e vocacional; pessoas que querem, de fato, o bem e a realização de uma vida feliz para o formando. De outro modo, será impossível abrir-se sinceramente e construir um autêntico relacionamento com os formadores.

3. O CANDIDATO E A IMPORTÂNCIA DA PARRESÍA

Trazendo agora o formando para o centro da discussão, julga-se que são imprescindíveis os elementos que foram citados acerca da equipe formadora, em especial do reitor de seminário diocesano, para que o candidato ao sacerdócio veja na equipe formativa pessoas que ali estão não para julgá-lo ou qualquer coisa do tipo, mas para ajudá-lo no longo e bonito percurso da formação presbiteral, ou melhor, do discernimento vocacional. Não obstante, como grande protagonista desse processo, o for- mando deve reconhecer-se necessitado dessa ajuda e precisa ter aquilo que o papa Francisco chama de parresía.

A parresía é selo do Espírito, testemunho da autenticidade do anúncio. É uma certeza feliz que nos leva a gloriar-nos do Evan- gelho que anunciamos, é confiança inquebrantável na fidelidade da testemunha fiel, que nos dá a certeza de que nada "será capaz de nos separar do amor de Deus" (Rm 8,32).5

Num contexto de formação presbiteral, a parresía seria a capacidade do candidato de abrir-se corajosamente à formação, mostrando-se verdadeiramente, sem medo de reconhecer as suas fraquezas, quedas e limitações; sem receio de ser quem é para poder deixar-se educar e formar.

No início deste capítulo, foi colocado à luz o problema do individualismo que compromete a abertura e a verdade no

› FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. Documentos pontificios, n. 33. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 132.

relacionamento com os formadores, com a comunidade de formandos e, futuramente, com o presbitério e a comunidade paroquial, causando o risco de não se viver a belíssima experiência da diocesaneidade. 6

Encerrar-se-á o capítulo com o tema da parresía, trazendo os benefícios da presença desta e os malefícios de sua ausência. Antes, é importante salientar que a nomenclatura "seminário" se refere a uma casa de formação, de discernimento, e não a uma casa de transição da posição laical à posição clerical.

A carência de parresía faz com que o formando passe pelo seminário sem que o seminário passe por ele, ou seja, vive em função do resultado, e não do processo, não permitindo que sejam diminuídas algumas arestas e fechadas outras. Isso acontece porque, sem a parresía, o formando cai na habituação e, deixando o tempo passar, vai vivendo como quem está "cumprindo tabela".7

Abertura e verdad

Tal comportamento pode gerar algo ainda mais compli- cado e sério, isto é, quando o formando passa a compreender o seminário não como casa de formação, e sim de competição - uma espécie de reality show. O formando vai desenvolvendo um comportamento calculista. Enxerga o irmão de caminhada como um adversário; a equipe de formação, como uma espécie de comissão julgadora que pretende mais dificultar do que aju- dar. Exerce uma falsa transparência, premeditando suas ações e falas conforme cada circunstância. Esses comportamentos desestabilizam, desarmonizam e impedem o

crescimento e o amadurecimento da comunidade nas dimensões da formação sacerdotal, conforme orienta a Exortação Apostólica Pós-Si- nodal Pastores Dabo Vobis: dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral.
"CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 8.
Expressão muito usada no mundo esportivo, quando uma equipe ou um atleta alcan- çam a conquista de determinado objetivo dentro de um campeonato, antes mesmo do seu término. Em muitos casos, quando isso acontece, é notável o desinteresse por alçar voos que levem a equipe, instituição ou atleta à evolução, às mudanças que permitam melhorias e o alcance de conquistas maiores, enquanto equipe, instituição ou atleta.
129

É
urgente que o candidato ao
E
da parresía consigo, com o outro e com o transcendente. o presbiterato tenha a coragem preciso e fundamental que a equipe de formação se esforce e colocar-se diante do formando não com o caráter da lei, de família, que não vislumbra outra coisa que não seja o bem e a felicidade plena do seu filho. Para tanto, é necessário que o formando seja humilde e se esforce em ser como filho que respeita, obedece, sente-se parte dessa família e também luta e
é responsável pelo bem dela.
CONSIDERAÇÕES FINAIS
mas
O importante é garantir uma formação integradora e rea- lizadora da pessoa e que ela se deixe formar. O que se almeja é um padre diocesano formado integralmente como pessoa membro vivo da Igreja, e não como mera função de um indivíduo dentro da Igreja e da sociedade. Esse processo ocorre na dinâmica do seminário, concebido como comunidade eclesial educativa, cujo princípio é instaurar em todas as suas iniciativas a configuração do seminarista ao mistério e à pessoa de Jesus Cristo Pastor.
A coragem da parresía ajuda o seminarista diocesano a encarar e reconhecer suas deficiências e limitações, tanto quanto, com uma boa dose de humildade, as suas qualidades e competências. Ajuda, também, a entender o período formativo e a formação como meios oportunos para sanar e/ou diminuir aquelas e alargar e fortalecer estas.
A equipe formativa é preciso também o esforço da parresía para fugir da parcialidade e de todo e qualquer tipo de políti- ca formativa pretensiosa e seletiva. É preciso dar testemunho autêntico da verdade parrésica para poder passar segurança aos formandos e permitir a construção de uma comunidade verda- deiramente edificada na verdade de Cristo, de sua Palavra e de seus ensinamentos. A parresía é necessária, também, para se ter uma comunidade fortalecida pelo amor, na vivência do respeito às diferenças, da ajuda mútua, do diálogo, da misericórdia e do perdão. A parresía é um exercício cotidiano de responsabilidade de ambas as partes. É preciso que haja a dialética do esforço em garantir confiança ao outro; em permitir que o outro possa ser autêntico dentro da relação formando-formação. Cada um deve sentir-se responsável pelo êxito desse processo, encarando-o como um processo contínuo de formação cristã, seja para quem já exerce o

ministério ordenado, seja para quem está nele e vai chegar lá ou, até mesmo, para quem, no decorrer processo, possa sentir-se chamado a outra vocação.
e como
Abertura e verdade
O seminário é, pois, uma comunidade eclesial educativa, mais, uma particular comunidade educadora. E é o fim específico a determi- nar-lhe a fisionomia, ou seja, o acompanhamento vocacional dos futuros sacerdotes e, portanto, o discernimento de sua vocação, a ajuda para lhe corresponder e a preparação para receber o sacra- mento da Ordem com as graças e as responsabilidades próprias pelas quais o sacerdote é configurado a Jesus Cristo, Cabeça e Pastor, e é habilitado e comprometido a partilhar a sua missão de salvação na Igreja e no mundo.
8
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre
diocesano. São Paulo: Paulus, 2017.
COMPENDIO DO CONCILIO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações.
Petrópolis: Vozes, 2000. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Docu- mentos da CNBB, n. 93. Brasília: Edições CNBB, 2010.
Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil: diretrizes básicas. Documentos da CNBB, n. 55. Brasília: Edições CNBB, 2008.
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 61.
131

132
Marcos Antテエnio de Lima Santos
FRANCISCO. Exortaテ・テ」o Apostテウlica Gaudete et Exsultate sobre o
chamado テ santidade no mundo atual. Documentos pontificios
n. 33. Brasテュlia: Ediテ・テオes CNBB, 2018.
GARCテ喉, D. L. M. Discernir o chamado: a avaliaテ・テ」o vocacional.
Sテ」o Paulo: Paulus, 2010.
JOテグ PAULO II. Exortaテ・テ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores
Dabo Vobis. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2015.
LORSCHEIDER, A. Identidade e espiritualidade do padre diocesano.
3. ed. Petrテウpolis: Vozes, 2007.
VAZ, H. C. L. Antropologia Filosテウfica I. Sテ」o Paulo: Loyola, 1991. VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerテ。rio formativo para seminaristas. Brasテュlia: Ediテ・テオes CNBB, 2015.
9
O SENTIDO DA OBEDIテ劾CIA CRISTテ・INTRODUテ・グ
Renato Petrocelli Moraes1
A obediテエncia apresenta-se como uma realidade presente em todas as experiテエncias sociais e religiosas da humanidade. O cris- tianismo apresentou ao mundo um novo conceito de obediテエncia, implicando uma nova vivテエncia dessa virtude por meio de um rompimento: obediテエncia nテ」o mais テゥ sinテエnimo de opressテ」o ou resignaテ・テ」o, mas fruto de uma liberdade autテエntica.

O sentido da obediテェncia cristテ」
Tanto mais o cristテ」o configura-se ao sentido da obediテェncia quanto mais se relaciona com a liberdade. Os testemunhos dos pri- meiros cristテ」os apresentam como fundamento da obediテェncia cristテ。 uma experiテェncia de liberdade que nテ」o テゥ algo prテウprio da natureza humana, mas テゥ reflexo da liberdade divina que se encarna em Jesus Cristo. O hino aos Filipenses apresenta uma sテェntese da liberdade divina de Cristo, que se faz obediテェncia por amor (cf. Fl 2,6-11).
Cada cristテ」o, chamado por Cristo para o seguimento e a con- figuraテァテ」o de sua vida segundo o Evangelho, precisa experimentar a libertaテァテ」o que o tornarテ。 sujeito de si, nテ」o mais submisso テ lei, mas sim aberto テ aテァテ」o da graテァa. O cristテ」o テゥ um sujeito livre, mas que transforma faz uma adesテ」o profunda e radical a um projeto que profundamente sua existテェncia. O projeto ao qual ele adere exigirテ。 uma resposta fiel durante toda a vida, a qual se configurarテ。 como caminho de obediテェncia テ vontade do Pai.
A adesテ」o ao projeto de Cristo テゥ um caminho que percorre toda a vida. O discipulado de Jesus テゥ iniciado por uma atitude livre do sujeito que responde ao chamado e adere a uma proposta de

'Especialista em Espiritualidade e bacharel em Filosofia.
D
133

134
Renato Petrocelli Moraes -

exige uma obediência no amor. O mesmo amor que impele liberdade, que se consolida por toda a vida, mas simultaneamente discípulo a seguir o Mestre e que liberta o sujeito de sua indi.
ferença diante do mundo é o amor que exigirá uma
obediência
radicalmente profunda, uma vez que a incondicionalidade do projeto de salvação do Pai é proporcional à incondicionalidade
da doação cristã.
O cristão obedece ao projeto do Pai na mesma medida da obediência de Cristo. A participação na morte e ressurreição de
Cristo, pelo batismo, implica uma participação vital do cristão no destino de Jesus. O caminhar do discípulo é simultâneo a caminhar de Cristo e, assim, os dois destinos tornam-se tão so- mente um. Apenas sob essa perspectiva se pode compreender obediência crista: nasce da liberdade e se consolida nela; participa da vida de Cristo livremente e partilha do destino obediente de Jesus ao projeto do Pai, até o testemunho final.
1. JESUS OBEDIENTE AO PAI
A inspiração da Sagrada Escritura constitui um profundo debate em toda a história da Igreja, de maneira especial no diá logo com as demais religiões monoteístas. Por séculos, o cristia- nismo interpretou os textos bíblicos a partir de sua literalidade. O Concílio Vaticano II e o desenvolvimento da ciência bíblica apresentaram ao mundo moderno uma perspectiva mais profunda acerca da inspiração da Sagrada Escritura.2
O cristianismo não se configura como uma religião do livro. Tanto o islamismo quanto o judaísmo apresentam o Livro Sagrado como a centralidade de sua fé. Para o cristianismo, a compreensão da sacralidade da Escritura está em apresentar a experiência radical de pessoas que se relacionaram profundamente com Deus. Dessa forma, os Evangelhos não

visam apresentar uma biografia de Jesus, mas sim fazer uma leitura de sua profunda experiência com o Pai,
2KÜNG, H. Ser cristão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 357-364.
que o levou a chamar Deus de Abbá. O vocativo Abbá expressa a participação e a identificação radical de Jesus com Deus e seu projeto de salvação. Por isso, os Evangelhos relatam a atividade e a pregação de Jesus como resultado de sua crença no Reino de Deus, que irrompe em Jesus como ação, palavra libertadora e presença transformadora, por meio do amor incondicional. No entanto, o Reino anunciado exige desapego. Jesus rompe primeiramente com a família, com as estruturas de poder, com a organização social, com a religião de seu tempo e com as classes religiosas dominantes. E o gesto maior de sua entrega está na doação radical da sua vida no mistério pascal."

O sentido da obediência cristã

No mistério da Páscoa de Jesus, toda a sua vida será lida e escrita pelos autores cristãos do início da Igreja. A partir da ressurreição, o ministério de Jesus será compreendido como sinal de salvação. Na obediência de Cristo ao Pai, o mistério salvífico realiza-se na humanidade. Ao Pai não é agradável o sofrimento do Filho, mas sim sua obediência filial e generosa, que é capaz de ressuscitar as forças do mundo e das pessoas, renovando tudo: A partir do momento que reconheceram que Jesus está vivo e res- suscitado, tudo se transformou. Eles vencem o medo, recuperam a fé, reencontram força e coragem para continuar o projeto que por pouco não tinham deixado de lado. No pensamento deles, não só o Cristo havia ressuscitado, mas eles também. Começam a ver as pessoas e o mundo com os olhos do ressuscitado."

Entre Deus e o homem há sempre a liberdade, pois toda a relação de revelação constitui-se como o encontro entre duas liberdades que se amam e se interpelam profundamente. Jesus era um homem livre e, por toda a sua vida, apresentou-se como um ser humano nessa condição, autêntico e profundamente identificado com uma causa. Nesse sentido, o Reino anunciado

'BOFF, L. Cristianismo: o mínimo do mínimo. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 108. Ibidem, p. 89-94.

"KÜNG, H. Ser cristão, p. 290.

"CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 30.

De fato, essa ação celebrativa se prolonga
no
o cotidiano do padre
diocesano, quando vive em profunda comunhão com o bispo e o
presbitério, assiste aos órfãos, preside a caridade, unge os enfer mos, perdoa pecados, mediante a administração do sacramento
da misericórdia, e levanta os caídos.10
O seminarista diocesano é colocado em um caminho de
que se Reino, que
seguimento que o configura a Cristo, numa liberdade consolida na entrega amorosa e obediente ao projeto do O ministério presbiteral não é fruto de uma escolha pessoal se

desenvolve sem objetivo e renúncias, mas identificação do sujeito com a pessoa e o destino de Jesus Cristo." A obediência
que
ao projeto de Deus e à missão da Igreja não pode ser verdadeira quando não é feita na liberdade. É necessária uma obediência se desenvolva na dinâmica da liberdade responsável em função do Reino de Deus. Por isso, esse processo requer amadurecimento para escolhas conscientes que sejam reflexo da opção fundamental de ser sacramento do amor de Cristo vivo no mundo: "A nossa opção primária reside no amor. Não se trata de fazer as coisas, mas de ser presença amorosa no meio das pessoas. As ações serão a apenas reflexos de quem somos, da opção fundamental de nossas vidas"

3. A VIVÊNCIA CRISTÃ DA OBEDIÊNCIA: O LIVRE CAMINHAR DA VIDA

Ser cristão é assumir o batismo numa comunidade de fé que atua a serviço de um mundo mais humano e fraterno. Pela graça salvadora de Deus, somos impelidos a promover a vida liberta de toda escravidão. O cristão está presente no mundo que como presença de uma pessoa: Jesus Cristo. 13 Sem jamais deixar de ser discípulo, ele se identifica de tal modo com o Mestre sua presença é também presença do Mestre. O discípulo jamais

10 CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano, p. 51.
11 Ibidem, p. 67.
12 Ibidem, p. 88.
13 KÜNG, H. Ser cristão, p. 352.

que
almeja o lugar do Mestre, mas é de tal modo identificado com ele que pode exclamar como o apóstolo Paulo: "Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20).
A vivência cristá implica um caminho espiritual. Os pri- chamados de seguidores do Caminho, pois
meiros cristãos eram
todos os que são batizados, que professam a fé em Jesus Cristo, são convidados a seguir um caminho permanente.14 O caminho cristão exige da pessoa uma adesão livre, total e incondicional a um projeto que lhe foi anunciado. É um trajeto marcado por um olhar altaneiro que chama, mas, ao mesmo tempo, guia e acompanha em um processo de radical transformação do sujeito. A dinâmica da morte e ressurreição batismal não se dá em um momento, mas na graça que atua em toda a vida do sujeito. No caminhar de cada cristão, peregrino junto com a comunidade dos seguidores de Jesus, molda-se, pouco a pouco, como a semente que cresce e se desenvolve, a mensagem central da liberdade e da vida nova.

O sentido c
obediência crista

O espírito cristão que imbui toda a vida de um seguidor de Jesus é vivido na prática da liberdade que se desdobra em caridade. O amor caritativo é sinônimo do amor incondicional. A permanência do amor frente a toda realidade é sinal da presença de Jesus e de seu Reino na história. A autêntica obediência cristá se traduz como espiritualidade e exercício quotidiano do amor: "Toma uma ação qualquer, mesmo a mais irrelevante, como quiseres, ou seja, como for: a verdadeira obediência torna-a mais nobre e melhor. A obediência realiza o melhor em todas as coisas e de forma perfeita e acabada". 15
A espiritualidade cristã da obediência se consolida à medida que, na vida de cada cristão, o projeto de Jesus é acolhido e testemunha- do. De modo especial, os líderes da comunidade precisam tornar concretas as exigências do amor cristão. O seminarista diocesano que se deixa moldar segundo o coração de Cristo Pastor é modelado pela ação da caridade em

vista do bem da Igreja. Nesse sentido, a caridade pastoral que imbui todo o processo formativo é em si um sinal de verdadeira obediência do sujeito à vontade do Pai.
14 BOFF, L. Cristianismo: o mínimo do mínimo, p. 150.
15 ECKHART, M. Conselhos espirituais. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 7.

para o padre diocesano, a obediência exprime a
total e alegre
A obediência é uma virtude de importância primordial e está es treitamente ligada à caridade. Como para Cristo, assim também, disponibilidade de cumprir a vontade de Deus. Mesmo não tendo o padre diocesano feito o voto de obediência, requerida intrinse camente pelo sacramento e pela estrutura hierárquica da Igreja. claramente prometida pelo padre, primeiro no rito da ordenação
diaconal e, depois, no da ordenação presbiteral.16
A obediência cristã, como um caminho de livre adesão trilha
do por toda a vida, se traduz de maneira mais excelsa na caridade, enquanto virtude exercitada cada dia no concreto da vida,
capaz
de identificar o verdadeiro discípulo de Jesus. Em cada cristão que torna concreto o amor do Pai pela humanidade, revela-se
mistério da obediência que se coloca livremente a lavar os pés e
a entregar-se totalmente aos irmãos.17
CONSIDERAÇÕES FINAIS
sem
O sentido da obediência cristã é sempre um desafio. Primeiro porque a obediência cristã, compreendida como a liberdade que adere ao Reino de Deus e à aceitação integral de suas consequên cias, tendo como modelo Jesus Cristo, configura-se como algo impensável para o mundo contemporâneo. Segundo, porque, por muitos anos, a obediência foi frisada como um aderir questionar, um aceitar submisso àquilo que é promulgado por um sistema, esvaziando de sentido a obediência cristã e anulando o sujeito em sua liberdade de se colocar integralmente à disposição de um projeto.
O sentido da obediência cristã reaparece, atualmente, como um verdadeiro sinal da presença do Reino que é proposto. Jesus, em sua relação com o Abbá-Pai, não desenvolve seu ministério a partir de imposições legais, mas sempre insere sua palavra e ação sob o signo de uma proposta. A liberdade do ser humano não é anulada em sua
"CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano, p. 103. Ibidem, p. 98.
participação
no projeto de Jesus, mas é ressaltada e valorizada, sendo
capaz de se concretizar em um amor oblativo.
Aceitar a vida co
o destino de Jesus é tornar concreta a obediência
ao desejo de Deus. Assim, a obediência cristã torna-se configurativa, ou seja, aproxima de tal modo o cristão e o Pai que os desejos se adequam. A adequação das vontades, que implica libertação, amor concreto e salvação, torna mais significativo o sentido exigido da obediência dos pastores da Igreja. O seminarista e o presbítero diocesanos são chamados

a viver a caridade pastoral como funda- mento de sua vida e ação. Somente na caridade, compreende-se a obediência cristã em sua concretude na vida da Igreja.18 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, L. Cristianismo: o mínimo do mínimo. 2. ed. Petrópolis:
Vozes, 2013.
CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre
diocesano. São Paulo: Paulus, 2017.
O sentido da obediência crista
COMBLIN, J. Vocação para a liberdade. São Paulo: Paulus, 1998 (Coleção Temas da Atualidade).
ECKHART, M. Conselhos espirituais. Tradução Fidélis Vering e Leonardo Boff. Petrópolis: Vozes, 2016.
FONTES, D. A. Padre: um perito em humanidade. Vida Pastoral. São Paulo, n. 328, p. 21-28, jun./ago. 2019. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992. KÜNG, H. Ser cristão. Tradução José Wisniewski Filho. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. Introdução à ética teológica. São Paulo: Paulus, 2015.
18 CARVALHO, H.R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano, p. 94.

10

A URGテ刻CIA DE UMA FORMAテ・グ INTELECTUAL DE QUALIDADE

Roberto Ademir Melgar Henriques Junior

3

INTRODUテ・グ

Sempre serテ。necessテ。rio preparar-se para o desempenho de determinada funテァテ」o, inclusive para o ministテゥrio presbiteral. テ・fundamental que os seminaristas diocesanos sejam formados adequadamente, no tempo de sua formaテァテ」o inicial, para depois continuar com disciplina a sua formaテァテ」o permanente. O processo formativo テゥ construテュ do gradualmente. Cada passo dado influencia o modo como serテ。 vivido o projeto de vida proposto. Os contextos social, histテウrico e econテエmico trazem elevadas exigテエncias acadテエmi- co-intelectuais e de profundidade espiritual aos candidatos テ vida presbiteral, para que estes, quando presbテュteros, possam consti- tuir-se como interlocutores da cultura, da fテゥ, do Evangelho e das grandes questテオes postas pelo povo de Deus, pelas experiテエncias de vida e pela razテ」o humanas.

Infelizmente, esses grandes ideais da formaテァテ」o muitas vezes sテ」o ofuscados por uma tendテエncia em procurar o ministテゥrio presbiteral por status, poder ou, inclusive, carreira. Nesse caminho, uma autテエn- tica e saudテ。vel formaテァテ」o intelectual nテ」o se faz importante. Alguns seminaristas recorrem o mテュnimo possテュvel aos estudos, cumprem unicamente as exigテエncias para serem aprovados, receber os respectivos diplomas e chegar ao tテ」o sonhado e desejado dia da ordenaテァテ」o.3

Seminarista diocesano da arquidiocese de Belテゥm do Parテ。-PA.

JOテグ PAULO II. Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formaテァテ」o dos sacerdotes. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1992, n. 2.

CARVALHO, H. R. Estilo profテゥtico de vida: de senhores da fテゥ a servidores da alegria. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Formaテァテ」o: desafios morais. Sテ」o Paulo: Paulus, 2018, p. 16.

A base intelectual e a solidez do empenho
na própria for
mação são abandonadas em troca da evanescência estética de celebrações vazias de significado, incapazes de estabelecer a relação entre o mistério de Deus presente entre seu povo e as situações de vida em que as pessoas de fé se encontram.
Infelizmente, por falta dessa compreensão, muitas ordenações sacerdo tais e profissões religiosas, por exemplo, são transformadas em palco onde, para que o "desfile" do "eu" brilhe, até Deus tem de liberar o espaço! E, quando os holofotes se apagam, perde-se rapidamente o
sentido de tudo, inclusive dos anos "dedicados" ao estudo,"
esque-
Durante as aulas, perdem-se nas redes digitais e se cem de que aquele conteúdo um dia será muito útil para a vida presbiteral que desempenharão junto ao povo. Há ainda os que preferem seguir os "gurus" de plantão, de visões fundamentalistas, unilaterais ou superficiais, e pouco se importam com os professores em sala de aula. A superação dessas posturas é possível pelo reco- nhecimento de que o sacerdócio, mesmo sendo fonte de realização e de sentido de vida pessoais, só pode alcançar real significado ao ser construído de acordo com a tradição e a proposta eclesial estabelecidas nos documentos da Igreja.
O papa Francisco, no encontro que teve com os seminaristas do pontifício seminário Pio XI, da região da Apúlia, em Roma, no dia 10 de dezembro de 2016, ao falar sobre alguns elementos fundamentais da formação, assim se expressou:
Vós, no seminário, tendes que estudar, aprender a crescer na oração, conhecer a vida espiritual. Depois, no seminário, sois tantos, e a vida comunitária é importante. E, depois, estudais. Quatro pilares: a vida espiritual, a oração, a vida comunitária com os companheiros, a vida de estudo, porque devemos estudar: o mundo não tolera a má figura de um sacerdote que não compreende as coisas, que não
'ZACHARIAS, R. Formação intelectual: a urgência de superar a douta ignorância. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Formação. desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018, p. 117.
'CARVALHO, H. R. Estilo profético de vida: de senhores da fé a servidores da alegria, p. 16.
tem um método para compreender as coisas e que não sabe dizer as coisas de Deus com fundamento, e quarto: a vida apostólica; vós, no fim de semana, ide à paróquia e fazei esta experiência. Estes quatro pilares, que estejam sempre presentes. Mas qual é o mais importante? Os quatro são importantes."
O seminarista diocesano é chamado a se empenhar com zelo e vontade no estudo das disciplinas, para poder colaborar nas discussões que exigem uma postura atenta e crítica diante das diversas realidades culturais, sociais, económicas e religiosas. Por isso, "a formação intelectual é parte da formação integral do presbítero". Em cada etapa de sua formação, o seminarista deve empenhar-se para colocar suas faculdades mentais naquilo que o preparará para compreender e acolher a realidade e a experiência
humanas e suas
relações com a fé e o Evangelho."

1. À LUZ DA FÉ, PERSCRUTAR OS SINAIS DOS TEMPOS

A urgência de uma formação

Na história da salvação, Deus se autocomunica progressiva- mente à humanidade. Desde o início dos tempos, o homem é chamado a uma resposta livre, gratuita e responsável àquele que por primeiro nos amou e, por isso, assumiu a linguagem humana para se revelar a cada um de nós. O homem é capacitas Dei, isto é, tem em si, mediante a graça divina, a capacidade para ir ao encontro íntimo de Deus através do conhecimento. Segundo o Catecismo da Igreja Católica:

Ao defender a capacidade da razão humana de conhecer a Deus, a Igreja exprime sua confiança na possibilidade de falar de Deus

"FRANCISCO. Discurso do papa Francisco à comunidade do pontificio seminário Pio XI, da região da Apúlia, em Roma, na sala Clementina, no dia 10 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161210_pont-seminario-pugliese.html>. Acesso em: 18 mai. 2010.

'CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 117. Ibidem, n. 3.

a todos os homens e com todos os homens. Esta convicção está na base de seu diálogo com as outras religiões, com a filosofia e com as ciências, como também com os não crentes e os atcus? Deste modo, o ser humano está em constante e inesgotável processo de discernimento e compreensão de sua fé plenificada na pessoa de Jesus Cristo. Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu próprio Filho (cf. Gl 4,4) e, por meio dele, revelou-nos todo o seu projeto salvífico. Segundo Clemente Romano, Jesus Cristo é caminho de salvação, logo:

Por meio dele, fixamos nosso olhar nas alturas dos céus; por meio dele, contemplamos, como em espelho, sua face imaculada e incomparável; por meio dele, abriram-se os olhos do nosso coração; mediante ele, nossa mente obtusa e obscura refloresce para a luz; mediante ele, o Senhor quis fazer-nos experimentar conhecimento imortal. 10

Por meio dos apóstolos e de toda a comunidade apostólica, perseverantes nos ensinamentos do Mestre, a Tradição foi trans- mitida e guardada fielmente. Desde então, homens e mulheres se empenham em zelar, interpretar e transmitir a Tradição apostólica a respeito de Jesus e da Igreja primitiva. Olhar com atenção e estudar todo o depositum fidei da Igreja é valorizar a nossa he- rança única e irrepetível. Enquanto homens da Palavra, somos interpelados ao conhecimento autêntico da Escritura, da Tradição e do magistério, a fim de oferecer um alimento sólido a todos que precisam fortalecer-se na vida cristã. Logo, não é suficiente uma fé imatura e subjetivista, mas é preciso dar razões da nossa fé (cf. 1Pd 3,15), a fim de que o ato de conhecer conduza ao crer, e este, por fim, à salvação. A fé consiste numa adesão livre da ra- zão aos dados revelados, assim, "na fé, a inteligência e a vontade humana cooperam com a graça divina"."1

OS

"CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus; Petrópolis: Vozes, 1999, n. 39.

10 CLEMENTE ROMANO. Clemente aos Coríntios. In: Padres apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995, p. 49.
"CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 155.
É importante
segundo
a Tradição
de fé a aceitação e o
ressaltar
eo
que essa fé possui conteúdos próprios, magistério da Igreja. São inerentes ao ato
conhecimento dos conteúdos da fé cristã ca tó- nas vicissitudes da história em que se está
lica. Assim será possível,
imerso, dar novas e compreensíveis expressões à fé que se professa, transmitindo-a e testemunhando-a com fidelidade e autenticidade.
Cada
etapa
da formação inicial conta com conteúdos próprios
que devem ser internalizados e desenvolvidos pelo seminarista diocesano. Espera-se dele disposição, enquanto protagonista de seu itinerário formativo, para superar o mero conhecimento teórico e integrar, em seu modo de vida, o conhecimento como valor existencial permanente, a fim de que não se restrinja ao período do seminário, mas colabore para sua caminhada presbiteral à luz da caridade pastoral.12 De acordo com a nova Ratio, somos
chamados a compreender que
A urgência de uma formação
a formação intelectual destina-se a levar os seminaristas a atingirem uma sólida competência no âmbito filosófico e teológico, mas também uma preparação cultural de caráter geral, de tal maneira que lhes permita anunciar, de modo credível e compreensível aos homens de hoje, a mensagem evangélica, estabelecer um diálogo proficuo com o mundo contemporâneo, e sustentar, à luz da razão, a verdade da fé, mostrando a sua beleza. 13
do
Para tanto, o seminarista diocesano deve entender a necessi- dade de um projeto de vida no qual seja contemplada a organiza- ção seu plano de estudos, em consonância com as dimensões espiritual, comunitária e apostólica de sua formação. Serve de inspiração uma das regras mais conhecidas do monaquismo: ora et labora, porque a vida de oração está em comunhão com os trabalhos necessários para cada pessoa. Em se tratando do seminarista diocesano, a oração deve estar conjugada com as demais dimensões da formação, por exemplo, a dimensão intelectual. Para Ronaldo Zacharias:
12 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 30.
13 Ibidem, n. 116.
147

148
Roberto Ademir Melgar
de
Estudar, portanto, não significa acumular conhecimentos a serem

aplicados amanhã ou, pior ainda, conseguir um
certificado
que
habilita para o exercício de uma profissão. Trata-se de viver, em primeira pessoa, uma relação tão íntima com Deus a ponto de Ele se tornar o centro da própria vida, o dom por excelência a ser oferecido, a razão de todas as opções pessoais e comunitárias. Quando os estudos são feitos de joelhos, a própria pessoa torna-se
a mais bela mensagem de Deus à comunidade.14
Nesse sentido, a oração e a convivência fraterna são essen- ciais na caminhada formativa, todavia sem descuidar do estudo, tendo em vista que o período inicial é particularmente dedicado à formação intelectual dos seminaristas diocesanos.
mais
Longe de ser relegada somente para o campo do conhecimento ou de ser entendida apenas como instrumento para receber informações sobre cada uma das disciplinas, a formação intelectual acompanha os presbíteros a fim de que os mesmos se disponham a escutar com profundidade a Palavra, mas também a própria comunidade eclesial, para assim aprenderem a perscrutar os sinais dos tempos. 15
É necessário equilibrar as atividades do cotidiano, no intento que o seminarista não se perca nos compromissos diários, ou torne-se expert em alguma dimensão, enquanto subestima as de- mais. Toda humana é chamada à integralidade, uma vez que somos seres pluridimensionais e, portanto, devemos integrar todas as dimensões em nossa humanidade.
pessoa
É sabido que alguns seminaristas diocesanos têm o pri-
meiro contato com um ritmo mais intenso de estudo apenas no período de seminário. Por isso, em razão desta necessidade, alguns seminários contam com a colaboração do coordenador de estudos - um presbítero que está no seminário para ajudar
"ZACHARIAS, R. Formação Intelectual: a urgência de superar a douta ignorância, p. 116-117.
15 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 17.
os seminaristas a desenvolver planos de estudo e métodos de aprendizado.16 Devemos considerar que:
Os vocacionados, salvaguardadas as diferenças dos contextos socio- culturais de onde provêm,
ou aos seminários com uma fraca formação intelectual e um baixo nível cultural. Por mais esforçados que sejam, carregam consigo as deficiências do ensino fundamental e do ensino médio, sobretudo se estudaram em escolas públicas. Some-se a isso o fato de serem provenientes de famílias cujos membros nem sempre foram além do ensino médio e, portanto, não vislumbraram um nível maior
em geral, chegam às casas de formação
de conhecimento
e um apreço maior pela cultura."
A urgência de uma formação
Entretanto, o seminarista diocesano é o protagonista de sua própria formação. Compete também a ele um esforço diligente na busca pelo conhecimento que enriquece, amadurece e enobrece toda a vida humana. Mais do que aguardar agentes externos, que, sem dúvida, são necessários, o seminarista deve mover-se com autono- mia ao encontro de descobrir suas potencialidades e desenvolvê-las. Há em nós um desejo inato pelo conhecimento, pela

busca, pelo sentido das coisas. Auxiliados pela graça divina, somos capazes de desbravar novos desafios que contribuem eficazmente para o nosso desenvolvimento humano, favorecendo que cresçamos em “sabe- doria, estatura e graça diante de Deus e dos homens" (Lc 2,52).

A formação intelectual dos seminaristas diocesanos deve oferecer uma autêntica compreensão da realidade, a partir de uma análise histórico-crítica, fundamentada nas Ciências Hu- manas e Sociais, especialmente na Filosofia, na Sociologia e na História, bem como na Teologia, a fim de fetas do Evangelho. Todas as disciplinas pretendem ajudar no que eles sejam pro- exercício do ministério pastoral do presbítero. De acordo com o decreto Optatam Totius, "toda a educação dos estudantes seja tal que neles se formem verdadeiros pastores de almas, a exemplo

16 Ibidem, n. 58.

17 ZACHARIAS, R. Formação intelectual: a urgência de superar a douta ignorância. p. 97-98.

de Nosso Senhor Jesus Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor" e o disciplinar, em ação conjunta, devem ordenar-se a este fim E, ainda, "todos os aspectos da formação, o espiritual, o intelectual já que formam um contexto único de ampliação de horizontes e pastoral". 19 Por isso, nenhum conteúdo tem menor importância,
fortalecimento do discernimento crítico diante dos novos s desafios contemporâneos. Destarte,
nenhum seminarista olhe para seus estudos, independente da etapa
na qual se encontre, julgando ser inútil aquilo que é chamado a estudar em cada instituição de ensino, pois é necessário olhar sempre em conjunto, chegando à conclusão de que tudo aquilo vai poder ajudar no futuro, quando chegar ao sacerdócio, para que seja um sacerdote preparado para dialogar com a sociedade atual e com os problemas próprios de cada época.20

Como afirmou Bento XVI, a formação acadêmica é de grande importância na missão de evangelizar. O ministério pastoral está ligado à formação intelectual e vice-versa. Não há sobreposição, mas integração. Integrar as dimensões formativas é essencial para o bom exercício do ministério presbiteral. A função da ciência, no ambiente formativo, é, justamente, oferecer um caminho de preparação aos diversos saberes. O Código de Direito Canônico aconselha os presbíteros que "continuem também o estudo de outras ciências, principalmente das que se relacionam com as ciências sagradas, de modo todo especial enquanto podem ser úteis ao exercício do ministério pastoral".21 Integrar as diversas ciências e disciplinas acadêmicas favorece um olhar mais apurado dos fatos e do mundo. A interdisciplinaridade possibilita um julgamento menos parcial e tendencioso, ao passo que é fundamentada no diálogo e na relação.

18 DECRETO Optatam Totius. In: COMPENDIO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 4.

19 Ibidem, n. 4.

20 BENTO XVI. Carta aos seminaristas (18 de outubro de 2010), n. 5. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2010/documents/hf_benxvi_let_20101018_seminaristi.html>. Acesso em 15 set. 2019.

21 CÓDIGO DE DIREITO CANONICO. São Paulo: Loyola, 1983, cân. 279, § 3.

2. UM NOVO DIÁLOGO
A PARTIR DO EVANGELHO
sapelos do Espírito que nos
Na intenção de melhor servir ao povo de Deus, o semina- rista diocesano deve estar aberto aos a sonda, permitindo-nos discernir os caminhos que precisam ser percorridos pela Igreja. É tarefa do presbítero uma constante atualização à luz das novas realidades sociais, culturais, econô- micas, eclesiais. A dinamicidade da vida humana exige abertura ao novo. Deste modo,
animada pelo Espírito, a Igreja deve projetar-se para fora de si mesma cotidianamente se quiser andar no Espírito. Isso implica que, por mais guardiá que ela seja do depósito da fé, o espírito que a deve mover é o espírito de quem sabe ter um precioso dom a oferecer ao mundo e, por isso, além de se projetar fora de si mesma, supera-se a si mesma nas formas criativas de pôr-se a serviço do humano. A ética do Espírito é o coração da ética eclesial.22
A urgência de uma formação
Nessa perspectiva, o seminarista diocesano vive o apelo de ser um profeta com os pés no chão da história, que dialoga com o concreto da vida humana, sobretudo com as angústias e esperanças do ser humano. Aqueles que são chamados ao presbiterato devem configurar-se ao Cristo, Bom Pastor, por meio de um coração com- passivo, para ver o mundo com olhar de misericórdia e acolhida, jamais de condenação e desprezo. Sem dúvida, a misericórdia é uma virtude que o seminarista diocesano vai exercitando durante o seminário. Atento aos sinais dos tempos, o presbítero, solícito, dialoga com eficácia e autenticidade diante dos novos conflitos e oportunidades culturais.23 Vale afirmar que o estudo aprofundado e orgânico da filosofia e da teologia é o instrumento mais adequado para se fazer própria aquela forma
22 ZACHARIAS, R. Por uma ética do Espírito. In: PESSINI, L.; ZACHARIAS, R. Ética teológica e transformações sociais. Aparecida: Santuário, UNISAL, Centro Universitário São Camilo, SBTM (Sociedade Brasileira de Teologia Moral), 2014, p. 327.
23 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes, n. 5.

se apresentam no exercício do ministério, interpretando-os em mentis que permite fazer face às perguntas e aos desafios
uma ótica de fé.24
que
Em tempos idos, a palavra do presbítero era aceita sem controvérsia e oposição; todavia, essa realidade tornou-se ultra- fundamentalista e fechado em si, mas devemos nos posicionar a passada, e, por isso, já não há espaço para o discurso apologético partir do diálogo e da partilha de perpectivas, fundamentados com
critério na realidade social, política, econômica, cultural,
pastoral
e teológica. O presbítero, imerso nessa mudança de época, tem diante de si diferentes cenários, cada um com pessoas e histórias diferentes. Nesse sentido, o papa Francisco nos alerta sobre o risco
de um gnosticismo atual, onde relegamos todo o conhecimento adquirido à abstração, produzindo uma mente sem Deus, sem

carne e sem o outro.
que
Graças a Deus, ao longo da história da Igreja, ficou bem claro aquilo que mede a perfeição das pessoas é seu grau de caridade, e não a quantidade de dados e conhecimentos que elas possam acumular Os "gnósticos", baralhados neste ponto, julgam os outros segundo conseguem, ou não, compreender a profundidade de certas doutrinas. Concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, em última análise preferem "um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo", 25
São perigosas as abordagens ideológicas que tendem a desviar o candidato ao presbiterato do caráter salvífico-libertador do Evangelho, sobretudo quando alguns insistem em permanecer seguidores dos "gurus" manipuladores e massificadores, tendências simplesmente arrogantes e desprovidas da verdade cristã. Vale ainda considerar que somente os estudos acadêmicos da faculdade
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 118
"FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2018, n. 37.
não são suficientes para situar-se no chão da vida humana, por isso, o tempo do seminário deve fomentar no candidato ao pres- biterato o interesse de se dedicar à leitura de jornais, periódicos,
artigos atuais etc.
Para Ronaldo Zacharias, o esforço na formação intelectual tem como referência a realidade concreta sobre a qual cada semi- narista e presbítero é chamado a atuar, capacitado pelos estudos, pela verdade e pela força perene da Palavra de Deus, devendo-se evitar o perigo que consiste em se distanciar
da formação intelectual da realidade concreta dos demais estudan- tes e do povo de Deus. Os estudos de filosofia e teologia deveriam partir da realidade concreta em que as pessoas vivem e retornar realidade para transformá-la à luz da verdade, que
a essa mesma
adquire pleno significado
na Palavra de Deus.26
A urgência de uma formação
Não se exige do seminarista diocesano uma eximia capacidade acadêmica, mas sim que haja esforço e abertura de sua parte na busca pelo aprendizado e ampliação da reflexão crítica, que con- tribuirão para o seu profetismo na vida da Igreja. Neste contexto, o estudo da filosofia é um contributo valioso para a formação da consciência. O papa João Paulo II afirma:
Variados são os recursos que o homem possui para progredir no conhecimento da verdade, tornando assim cada vez mais humana a sua existência. Dentre eles sobressai a filosofia, cujo contributo específico é colocar a questão do sentido da vida e esboçar a resposta: constitui, pois, uma das tarefas mais nobres da huma- nidade. O termo filosofia significa, segundo a etimologia grega, "amor à sabedoria". Efetivamente a filosofia nasceu e começou a desenvolver-se quando o homem principiou a interrogar-se sobre o porquê das coisas e o seu fim. Ela demonstra, de diferentes modos e formas, que o desejo da verdade pertence à própria natureza do homem. Interrogar-se sobre o porqué das coisas é uma propriedade natural da sua razão, embora as respostas,

16 ZACHARIAS, R. Formação Intelectual: a urgência de superar a douta ignorância, p. 99-100.
153

55
155
154
Roberto Ademir Melgar
que esta aos poucos vai dando, se integrem num horizonte que evidencia a complementaridade das diferentes culturas c
homem vive.27
onde o
Do mesmo modo, a Igreja, muito sabiamente, por meio de seus documentos, propõe uma trajetória dos estudos teológicos. Primeiramente, orienta o conhecimento das Sagradas Escrituras, o ensinamento dos Santos Padres, bem como a contribuição do ma- gistério eclesiástico. É certo que a Escritura, a Tradição e o magistério constituem os pilares de toda a fé cristã e, por conseguinte, da reflexão
teológica. O papa Bento XVI recordava aos seminaristas:
É importante conhecer a fundo e integralmente a Sagrada Escri tura, na sua unidade de Antigo e Novo Testamento: a formação dos textos, a sua peculiaridade literária, a gradual composição dos mesmos até se formar o cânon dos livros sagrados, a unidade dina mica interior que não se nota à superfície, mas é a única que dá a todos e cada um dos textos o seu pleno significado. É importante conhecer os Padres e os grandes Concílios, onde a Igreja assimilou, refletindo e acreditando, as afirmações essenciais da Escritura,28
Na atual sociedade, precisamos estar dispostos a ajudar na compreensão de todo dilema existencial da vida humana, ofere- cendo a mensagem sempre nova do Evangelho, capaz de fortalecer e incentivar o ser humano na busca pelo sentido do seu existir. Hoje, nos deparamos com a crise provocada pelo relativismo, pelo fundamentalismo e pelos preconceitos. O diálogo tornou-se quase utópico. Cada grupo quer fazer prevalecer a sua verdade, independentemente de estudos e partilhas. Por isso, o papa Francisco insiste, em continuidade com o Concílio Vaticano II, na interdisciplinaridade em todas as faculdades. As diversas ciências, inclusive a ciência teológica, devem dialogar juntas pelo mesmo ideal: o bem comum. Afirma Francisco que, em diversos ambientes acadêmicos,
"JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Fides et Ratio sobre as relações entre fé e razão. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html>. Acesso em: 20 abr. 2020, n. 3.
28 BENTO XVI. Carta aos seminaristas (18 de outubro de 2010).
estão sendo projetados polos interdisciplinares de excelência e iniciativas tendentes a acompanhar a evolução das tecnologias avançadas, a qualificação dos recursos humanos e os programas de integração. Também os estudos eclesiásticos, no espírito de uma Igreja "em saída", são chamados a dotar-se de centros espe- cializados que aprofundem o diálogo com os diferentes campos científicos. Concretamente, a investigação partilhada e convergente entre especialistas de diferentes disciplinas constitui um serviço o ao povo de Deus e, em particular, ao magistério, bem qualificado
como um apoio à missão que a Igreja tem de anunciar a Boa-nova de Cristo a todos, dialogando
com as várias ciências a serviço de
uma penetração cada vez mais profunda e aplicação da verdade

na vida pessoal e social,29
é uma proposta crível
A urgência de uma formação
Deste modo, uma das preocupações pastorais é estabelecer formas de dialogar com aqueles que não creem, mas que apresen- tam uma sede de amar e ser amados e de contribuir para o bem da humanidade. A interdisciplinaridade é e qualificada, oferecendo novas e verdadeiras expressões da fé, inteligíveis às pessoas do tempo presente, capazes de mobilizá- -las em torno dos ideais do Evangelho. É preciso lembrar que o ministério deve estar a serviço de todos. Não se pauta o trabalho missionário em proselitismo, mas no serviço à vida plena para todo ser humano (cf. Jo 10,10). Não podemos defender uma formação que proteja e incentive a criação de guetos, muitas vezes marcados por um pretenso puritanismo, mas, ao contrário, devem-se privilegiar os espaços onde todos são reconhecidos, em meio à diversidade, com dignidade, respeito e espírito de colaboração. É sabido
que:
A situação atual, profundamente marcada pela indiferença religiosa e, ao mesmo tempo, por uma difusa desconfiança relativamente às reais capacidades da razão para atingir a ver- dade objetiva e universal, e pelos problemas e questões inéditos provocados pelas descobertas científicas e tecnológicas, exige
29 FRANCISCO. Constituição Apostólica Veritatis Gaudium sobre as universidades e as faculdades eclesiásticas. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 5.

tal contexto, o imutável Evangelho de Cristo, e torná-lo digno que torne os sacerdotes capazes de anunciar, exatamente num prementemente um nível excelente de formação intelectual, de credibilidade diante das legítimas exigências da razão huma bem acentuado não só no âmbito da sociedade humana, mas na. Acrescente-se ainda que o atual fenômeno do pluralismo, também no da própria comunidade eclesial, requer uma par. ticular atitude de discernimento crítico: é um ulterior motivo que demonstra a necessidade de uma formação intelectual, a
mais séria possível.30
eclesioló
A crise das grandes teorias e discursos da razão universal, que põem em xeque as grandes narrativas de sentido, inclusive a cristá, a sociedade tecnocientífica, o pluralismo social e gico requerem constantes reflexões, pesquisas, debates e diálogo para atualizar o anúncio e o testemunho de Cristo ressuscitado Sem a devida preparação, nosso discurso será vazio de sentido, seu alcance, mínimo. Por isso, o esforço é constante para que a Boa-nova de Jesus seja sempre anunciada a partir das interpelações que a realidade nos provoca. Diante da realidade sempre dinâmica e exigente, o presbí tero será sempre provocado a dialogar com novos interlocutores e novos questionamentos. Ainda mais, o presbítero diocesano deverá empenhar-se nas causas sociais gritantes que clamam por justiça e que, muitas vezes, são aquietadas por indivíduos arbitrários e prepotentes. É preciso coragem para profetizar; sobretudo, é preciso envolver-se na causa para profetizar. Sem uma formação crítica de qualidade, seremos engolidos pela experiência massificadora da pós-modernidade. O pensamento líquido escapa da consciência, deixando-a no vazio da existência, da dúvida e do desespero. Apenas por um conhecimento com- prometido e profundo, o ser humano é capaz de posicionar-se diante dos desafios contemporâneos.

com segurança
30 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes, n. 51.
CONSIDERAÇÕES
FINAIS
A verdade do Evangelho é sempre o luzeiro que guia toda a Igreja rumo ao encontro definitivo com o Pai. Na pessoa de seu Filho, o seminarista diocesano é conduzido à vida plena, pois Cristo "é o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). A missão de todo presbítero é deixar-se conduzir pelo Espírito que reúne e fortalece todos aqueles que formam a comunidade do Senhor. Todo presbítero é ponte entre o homem e Deus. Ele jamais deve ser o centro da evangelização, mas tem a tarefa de conduzir ao mistério divino.
Para tanto, este tempo favorável na comunidade formativa do seminário quer ser uma oportunidade para o crescimento hu- mano, na formação da consciência à luz do Evangelho que impele ao diferente. Numa abordagem sociológica, somos parte de uma relação entre um eu e um tu, já que somos essencialmente seres inter-relacionais. Em tempos de exclusão e descarte, os seminaris- tas diocesanos são convocados a visitar a pessoa de Jesus na carne dos fracos e oprimidos. Neste sentido, os estudos favorecem um engajamento cada vez maior na causa dos injustiçados, na luta e
defesa dos direitos humanos.
A urgência de uma formação
É necessário descer da abstração para que, a exemplo do mistério da encarnação, o seminarista diocesano possa assumir os sofrimentos e fragilidades de tantos irmãos e irmãs descartados pela sociedade. Ousemos aprofundar, pesquisar e questionar. Não
nos contentemos com respostas prontas, insuficientes, carentes de criticidade. Sejamos reflexos da luz capaz de guiar em meio às trevas e, desde o período da formação, sinais e portadores do amor misericordioso de Deus para todos os colegas. Assim, va- mos experimentando o que é peculiar da vida diocesana, isto é, a diocesaneidade, que consiste no amor pela diocese, no respeito e carinho pelo bispo diocesano, na fraternidade presbiteral e no amor incondicional ao povo de Deus, particularmente os que vivem na comunidade paroquial.31
31 CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incar- dinação. São Paulo: Paulus, 2020, p. 17.
157

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pu
html>. Acesso em 15 set. 2019.
BENTO XVI. Carta aos seminaristas (18 de outubro de 2010).
letters/2010/documents/hf_ben-xvi_let_20101018_seminaristi. CARVALHO, H. R. Estilo profético de vida: de senhores da fé a servidores da alegria. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M.1. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018.
CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade,
esponsalidade e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020.
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9a edição. São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus; Petrópolis: Vozes, 1999 (Edição revisada de acordo com o texto original em latim).

CLEMENTE ROMANO. Clemente aos Coríntios. In: Padres apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.
CÓDIGO DE DIREITO CANONICO. São Paulo: Loyola, 1983. se declarações.
COMPENDIO VATICANO II. Constituições, decretos e Petrópolis: Vozes, 2000.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017.
FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2018.
Constituição Apostólica Veritatis Gaudium sobre as univer- sidades e as faculdades eclesiásticas. Brasília: Edições CNBB, 2018.
Discurso do papa Francisco à comunidade do pontificio seminário Pio XI, da região da Apúlia, em Roma, na sala Clemen- tina, no dia 10 de dezembro de 2016. Disponível em: <https:// w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/ documents/papa-francesco_20161210_pont-seminario-pugliese. html>. Acesso em: 18 mai. 2010.
JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Fides et Ratio sobre as relações john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_ entre fé e razão. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/ fides-et-ratio.html>. Acesso em: 20 abr. 2020, n. 3.
Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992. ZACHARIAS, R. Formação intelectual: a urgência de superar a douta ignorância. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018, p. 97-121 (Coleção Ministérios).
Por uma ética do Espírito. In: PESSINI, L.; ZACHARIAS,
R. Etica teológica e transformações sociais. Aparecida: Santuário, UNISAL, Centro Universitário São Camilo, SBTM (Sociedade Brasileira de Teologia Moral), 2014.
1559
A urgência de uma formação

as
11
A INTEGRAテ・グ DE SI MESMO PARA TORNAR-SE DISCIPULO E MISSIONテヽIO: O DIテ´OGO ENTRE O PROCESSO FORMATIVO DO SEMINARISTA DIOCESANO E O ACOMPANHAMENTO PSICOLテ敵ICO
Edson Pereira1
INTRODUテ・グ
A sociedade pテウs-moderna vive uma constante transformaテァテ」o de paradigmas, podendo-se afirmar a novidade de um perテュodo histテウrico, no qual ocorre uma mudanテァa de テウpoca. As certezas garantidas pela modernidade sテ」o colocadas em questionamento frente aos pressupostos relativistas que, por vezes, descartam a ciテェncia. Assumiu-se uma nova corrente intitulada 窶徘テウs-verdade窶・ na qual as percepテァテオes e experiテェncias pessoais ganham validade universal. Disso, resulta um difテュcil diテ。logo pautado em escolhas justas, equilibradas e coerentes.2
Diante dos inテコmeros desafios, a Igreja precisa se preocupar com o acompanhamento na formaテァテ」o dos futuros presbテュteros diocesanos. O contexto sociocultural vem desempenhando in- fluテェncias de grande escala no desenvolvimento e construテァテ」o da prテウpria identidade. Tais fatores alteram o processo de maturidade humana. Toda vocaテァテ」o テウ acolhida e assumida por um ser humano, inserido numa realidade dinテ「mica.

Pertence ao clero da diocese de Cachoeira do Sul (pテ。roco da parテウquia Sテ」o Josテゥ, em Ca- choeira do Sul-RS). テ・mestre em Teologia, especialista em Formaテァテ」o Humana, graduado em Filosofia, Teologia e Administraテァテ」o de Empresas. Psicテウlogo clテュnico e organizacional, coordenador diocesano de pastoral e assessor eclesiテ。stico da Pastoral Familiar do Regio- nal Sul 3/RS, foi reitor do seminテ。rio maior Maria Mテ」e do Redentor.
2 RAMテ抗EZ, J. R. P. Psicologia e formaテァテ」o: princテュpios psicolテウgicos utilizados na formaテァテ」o para o sacerdテウcio e a vida consagrada. Aparecida: Santuテ。rio, 2013, p. 19-22.

Quando Deus chama homens para serem
à continuadores do seu
de determinados contextos históricos, humanos e eclesiais. Histó projeto de salvação, através do sacerdócio, Ele os escolhe a partir
rico, porque o homem está inserido numa determinada d
época da
história da humanidade. Humano, porque Deus se serve de pessoas
humanas para serem portadoras deste projeto. E eclesial, p
porque
a vocação recebida de Deus só terá sentido devido à comunidade
eclesial, que anseia em continuar o projeto de Cristo.3
O presente capítulo pretende resgatar documentos do ma
gistério e estudos recentes no campo da psicologia que colaboram para a realização integral do ser humano, a partir do chamado
pessoal que Deus comunica, sustenta e motiva.

1. A CIÊNCIA PSICOLÓGICA E O PROCESSO FORMATIVO: DESENVOLVIMENTO E PERSPECTIVAS

O diálogo entre Igreja e psicologia é recente. Vale lembrar que o desenvolvimento dessa interação foi difícil, com desconfiança conflitos entre ambos. A partir do Concílio Vaticano II, entretan to, o magistério posiciona-se de maneira mais sensível em reco- nhecer a necessidade desta ciência junto do processo formativo. O decreto Optatam Totius valoriza e motiva o diálogo eclesial com as diversas ciências, na intenção de promover um conhecimento mais abrangente e eficaz; reconhece a importância e necessidade das ciências humanas no processo de amadurecimento humano e vocacional. O papa Paulo VI, na encíclica Sacerdotalis Caelibatus, recorda "o Concílio Vaticano II indicou, já, a este respeito, critérios e normas sapientíssimas, de harmonia com o progresso da psicologia e da pedagogia".
que
ANJOS, M. G. Relações entre psicologia analítica e o processo formativo do sacerdote católico. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 73, n. 290, 2013, p. 412. CONCILIO VATICANO II. Optatam Totius. In: COMPENDIO DO CONCILIO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968, n. 16. $ Ibidem, n. 2.
PAULO VI. Sacerdotalis Caelibatus. Sobre o celibato sacerdotal. São Paulo: Paulinas 1976, n. 61.
Dirigindo-se

e ao processo formativo nos seminários, o papa João
Paulo II apresenta o acompanhamento psicológico como importante contributo à direção espiritual, embora jamais a substitua. É preciso sensibilidade aos apelos humanos, muitas vezes c colaboração de profissionais específicos. Disso, resulta a necessidade de colaboradores que possam desenvolver um trabalho vocacional
s despercebidos sem a
a partir dos elementos psíquicos, tendo sempre o Espírito Santo
como
motivador primeiro. A Igreja no Brasil, atenta e zelosa
pela formação dos candidatos ao ministério presbiteral, orienta os formadores, diretores espirituais e demais responsáveis no cuidado humano-afetivo dos seminaristas diocesanos, para realizar a missão primordial do acompanhamento:
Devem acompanhar com atenção, naturalidade e segurança a evolução de cada uma dessas características, atentos à maneira individual com que cada um se desenvolve, numa experiência pessoal que é irrepetível. É tarefa da equipe de formadores ajudar cada um a discernir não só se é chamado por Deus, mas se tem condições psicológicas para assumir o que o presbiterado supõe como base humana.'
mento
A integração de si mesmo
Vale considerar que, à luz da nova Ratio, o acompanha- o psicológico é um importante auxílio em dois momentos da formação humano-afetiva: “na avaliação da personalidade, exprimindo um parecer sobre a saúde psíquica do candidato, e no acompanhamento terapêutico, para trazer à luz eventuais proble- máticas e ajudar no crescimento da maturidade humana".10 Este segundo momento é de grande valia para uma formação autêntica
7JOÃO PAULO II. Pastores Dabo Vobis. Sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 40.
CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens Sacras, 2005; Idem. Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio, 2008. Brasília: Edições CNBB, 2010, n. 6.
"CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010, n. 264.
10 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 147.

da antropologia que envolve toda pessoa humana. O homem traz em si elementos conscientes e inconscientes que precisam ser desvelados, assumidos e integrados dentro de sua base estrutural, nível de desenvolvimento psicoafetivo em que se realizou a própria uma vez que "o amadurecimento psicológico corresponde àquele identidade psicológica; isto é, tomou-se consciência da própria individualidade e identidade"." O conhecimento interior supõe crise, desconstrução, quebra de conceitos, para um novo por vir

que surgirá da forma interior que pulsa dentro de toda humana. O amadurecimento saudável da personalidade
pessoa
se dá
por meio da iluminação de sombras que habitam no interior da pessoa humana, podendo ser medos, compulsões, inseguranças, traumas, complexos e outras que, quando não afrontadas e ilu minadas, tendem a atormentar o sujeito e gerar patologias ainda mais graves. 12

A formação humano-afetiva deve levar em consideração esses mecanismos de integração, o que não pode ser substituído por qualquer outra estratégia. Foi-se o tempo em que se pensava que rezar muito levaria, automaticamente, à superação de traumas neuroses psicológicas. Isso não acontece dessa forma, embora. claro, a oração contemplativa seja essencial para o processo de amadurecimento da personalidade. Pois, se os problemas na área humano-afetiva não são trabalhados com as ferramentas corretas, por meio de ajuda psicológica e conversas claras e diretas sobre o problema, pouco se progredirá na superação das sombras. Mesmo que alguém chegue a ser um "santo" presbítero, poderá ainda carregar consigo certas imaturidades na personalidade, se não se dedicar a superá-las corretamente. Não é raro encontrar santos homens que levavam consigo certas inconsistências psicológicas, mesmo que bastante sutis e que não causassem danos nem a si,
nem aos outros.
13
"DACQUINO, G. Viver o prazer. São Paulo: Paulinas, 1992,
p. 22.
12 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas. Brasília: Edições CNBB, 2013, p. 112.
13 Ibidem, p. 115.
mas
O ser reconstrói-se constantemente em busca da afirmação de sua identidade e individualidade. Esse processo implica algu- s exigências e dificuldades, sendo salutar a ajuda terapêutica para evitar a perda de oportunidades, de tempo precioso de vida, de talentos pessoais, de qualidade de vida e também para evitar sofrimentos e doenças. Para os
s homens, é muito mais comum a busca da psicoterapia somente quando o sofrimento está muito dolorido, as feridas muito abertas, de modo que, quando um homem procura a terapia, é comum, como já disse, que ele esteja bastante ferido, a exigir e merecer sensível e cuidadosa acolhida." Sofrimento psíquico por negação de ajuda competente é um modo de atentar contra a própria vida, tendo em vista que
não há separação entre as
uma unidade.
dimensões humanas, pois a pessoa é
procu-
A integração de si mesmo

O acompanhamento psicológico visa percorrer esse caminho de integração do humano em nós. Busca sustentar a base antro- pológica para o saudável e necessário amadurecimento do sujeito. É inegável que todo “ser humano tem uma exigência fundamental de verdade. Em nível geral, isso significa a necessidade de rar e dar sentido veraz à vida e a si mesmo".15 O sentido de toda existência está na realização de sua vocação. A partir da

verdade sobre si mesmo, o indivíduo pode empenhar-se na busca por aquilo que o realiza plenamente. “A maior alegria, bem como a maior dor do viver, não vem apenas do que vivemos, mas ainda de
como pensamos e sentimos o que estamos vivendo".16 O conteúdo melhor
das experiências de vida, por que seja, só colabora para a realização pessoal se traz consigo o sentimento de plenitude e de satisfação, de sentido.
14 PINTO, E. B. Os padres em psicoterapia: esclarecendo singularidades. Aparecida: Ideias & Letras, 2012, p. 57.
15 CENCINI, A. A hora de Deus: a crise na vida cristã. São Paulo: Paulus, 2011, p. 148. 16 NOUWEN, H. J. M. Podeis beber o cálice? São Paulo: Loyola, 2015, p. 26.
165

166
Edson Pereira
A busca do indivテュduo por um sentido テゥ a motivaテアテ」o primテ。ria instintivos. Esse sentido テゥ exclusivo e especテュfico, uma vez que em sua vida, e nテ」o uma "racionalizaテアテ」o secundテ。ria" de impulsos pessoa. Somente entテ」o esse sentido assume uma importテ「ncia que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada
satisfarテ。 sua prテウpria vontade de sentido. 17
O sentido, no entanto, nテ」o consiste numa mera autorrea- lizaテアテ」o egoテュsta, individualista e narcisista, mas numa forテアa que impulsiona a pessoa humana ao outro, na interaテアテ」o e relaテアテ」o de individualidades. O eu pessoal apenas se realiza no contato com
um outro que o completa, interpela e integra, sobretudo
a partir
das diferenテアas, que sテ」o prテウprias de cada um. A pessoa de Cristo テゥ o protテウtipo humano para toda pessoa. Ele reテコne em si todas as condiテアテオes de um sujeito histテウrico que integrou as dimensテオes de sua
humanidade, dinamizando-as a serviテアo do prテウximo como forma referテェncia de realizaテアテ」o de sua existテェncia. Ele permanece como para todo aquele que deseja pテエr a sua humanidade a serviテアo da Igreja e do prテウximo.
exercテュcio
O chamado divino interpela e envolve o ser humano "concreto". テ・necessテ。rio que a forma テアテ」o ao sacerdテウcio ofereテアa os meios adequa- dos para facilitar o seu amadurecimento, com vista a um autテェntico do ministテゥrio presbiteral. Para este fim, o seminarista テゥ chamado a desenvolver a prテウpria personalidade, tendo por modelo e fonte Cristo, o Homem perfeito. 18
Deste modo, assumir os sentimentos do Filho テゥ condiテアテ」o in- dispensテ。vel para a vivテェncia da vocaテアテ」o presbiteral. O ser presbテュtero implica um modo de vida tal que se configure a alter Christus, uma vez que o presbテュtero age in persona Christi. テ・necessテ。rio que todo seminarista diocesano deixe-se moldar por Deus, assim como o barro nas mテ」os do oleiro (cf. Is 64,7). Isso implica relacionamento
17 FRANKL, V. E. Em busca de sentido. Sテ」o Leopoldo: Sinodal; Petrテウpolis: Vozes, 2008, p. 124-125.
18 CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 93.
amadurecido e verdadeiro com Deus e consigo mesmo. Conhecer barro que constitui a humanidade de cada um faz parte do diテ。logo entre os diversos saberes que colaboram

0
processo de configuraテアテ」o
integraテアテ」o
Co
ao Cristo Pastor. Nisso, valoriza-se a
para a construテアテ」o e fortalecimento da identidade, da personalidade autoaceitaテアテ」o da pessoa enquanto portadora de potencialidades e e da vocaテアテ」o. Por isso, elencamos alguns processos necessテ。rios na
fragilidades, que se
relacionam e caminham juntas.
2. ASSUMIR OS SENTIMENTOS DE CRISTO: A INTEGRAテ・グ DO HUMANO
sua
NA FORMAテ・グ PRESBITERAL
A integraテアテ」o de si mesmo
A instテ「ncia da honestidade テゥ a essテエncia de todo amadureci- mento humano. Uma existテエncia alicerテアada na mentira certamente trarテ。 frustraテアテ」o. A verdade sempre serテ。o melhor caminho para relaテアテオes saudテ。veis. Jesus テゥ a verdade que ilumina toda vida humana e nos aponta ao mistテゥrio salvテュfico, no qual toda existテエncia encontra テ plenitude de sentido (cf. Jo 14,6). Conhecer-se a si mesmo テゥ uma テ。rdua missテ」o que permanece a vida inteira. Nenhum ser humano estテ。 finalizado, acabado, concluテュdo. Tudo segue a dinテ「- mica da vida que se transforma constantemente. No entanto, as raテュzes de toda antropologia, isto テゥ, de toda pessoa, interferem na construテアテ」o de uma identidade consciente de si. Caso contrテ。rio, a identidade se fundamentarテ。 numa falsa ideia de si, na construテアテ」o de estereテウtipos figurativos, que nテ」o correspondem ao prテウprio sujeito, mas sテ」o imagens criadas na relaテアテ」o com o outro.
O conhecimento de si テゥ uma atividade global de tomada e integra- テアテ」o da prテウpria vida, do passado, com seus componentes positivos e negativos, para reconhecer e apreciar os primeiros e colher o sentido dos segundos. Finalidade, portanto, dessa leitura da vida nテ」o テゥ simplesmente registrar dados テコteis para conhecer raテュzes e precedentes do presente ou para procurar uma reconciliaテアテ」o com certos acontecimentos ou fantasmas do passado, mas tentar descobrir o significado テコnico e irrepetテュvel da prテウpria histテウria ou chegar a um conhecimento histテウrico de si. No inテュcio do caminho
167

as
168
Edson Pereira
educativo, de forma global e genérica, mais adiante, de forma
sempre mais detalhada e ligada à vida passada,
A Ratio orienta justamente sobre a necessidade de conhece bem como as influências familiares, pois estes são elementos de sua própria história, suas raízes, desde a infância, adolescência, fundamental importância na construção de relações interpessoais maduras e equilibradas. Quando a história pessoal é vista como "morada do mistério"," é possível realizar-se no presente, a partir da graça generosa de Deus. Reconhecer a verdade da existência
C
partilhá-la honestamente com os formadores, diretores
espiri

tuais e psicólogos é um modo de interiorizar e aceitar o caminho percorrido, na busca por discernir o chamado e integrá-lo num projeto de vida que plenifique o humano. O desafio real e atual pode ter suas raízes concretas na história construída pelo indivíduo, e, possivelmente, desafiará suas escolhas para o futuro.22

O jovem deve entender que há na sua vida uma presença de Deus que ele ainda não conhece, e que essa presença se faz sentir todos os dias de sua existência, porque "cada dia foi feito pelo Senhor" cada dia tem uma teofania diferente. Esta é uma verdade precios que deve ser entendida e sempre lembrada, como se fosse uma palavra que Deus dirigiu à pessoa e na qual se resume o sentido de sua vida. É algo de extremamente precioso, que o indivíduo não pode perder de modo nenhum, ou correr o risco de se esquecer,"

O acompanhamento psicológico, por sua vez, quer ser ins- trumento de apoio nesse processo de discernimento e formação do seminarista diocesano. Porém, não pode tornar-se uma fuga de assumir por si seus conflitos, escolhas e projeto de vida. Pode-se comparar esse processo integrativo da vida do seminarista diocesano

19 CENCINI, A. Os sentimentos do Filho: caminho formativo da vida consagrada. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 119.

20 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis n. 94.

"CENCINI, A. A história pessoal, morada do mistério. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 7.

"Ibidem, p. 8.

25 Ibidem, p.

9-10.

ao início do ato de dirigir um veículo. Em princípio, é necessário ter alguém que auxilie seguramente, um instrutor. Com o passar do tempo, o instruído é capaz de lidar sozinho com o desafiante ato de dirigir. Isto é, torna-se autónomo. A autêntica educação oferece liberdade àquele que se escravizou pelo desejo de aprender, de conhecer." No processo psicoterapéutico, o conhecimento de si gera autonomia e integração pessoal que conduzem o sujeito a um relacionamento melhor com o outro. Um maior nivel de amadure- cimento não anula a necessidade do outro. Não existe "autoterapia"." É imprescindível o diálogo, o processo de escuta, a interpelação.

Não obstante, a autonomia constitui um processo essencial na vida de todo ser humano, sobretudo do presbítero. Desde a formação inicial, o seminarista diocesano deve educar-se para a autonomia da solidão." O prazer da solidão, que habita no hu- mano como fonte de energia, é um fator existencial predominante

que não deve ser

compreendido como ausência de relação, mas

sim, ao contrário, como plenitude de relacionamento interior.

A integração de si mesmo

A solidão serve para questionar-nos, dado que o principal pro- blema do homem é ele mesmo, o seu mistério. Qual é o sentido de nossa vida? Procurar responder a essa pergunta pode fazer-nos entrar em crise, uma crise benéfica; crise não em sentido negativo, mas positivo, ou seja, um período crítico, indispensável para o crescimento psicológico, para a fuga do tempo real para o tempo espiritual, do tempo dos outros ao tempo pessoal, do tempo das contingências ao da percepção do fantástico.

A autêntica solidão é um momento sagrado na vida da pessoa humana, pois permite a ausência de ruídos externos para ouvir a voz interior da própria consciência. É Deus quem fala ao coração humano, perscruta a intimidade da pessoa e faz germinar o seu plano de amor. O mistério pascal de Cristo apresenta um horizonte de

24 CEREZER, C.; OUTEIRAL, J. Autoridade e mal-estar do educador. São Paulo: Zagodoni, 2011, p. 54
25 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 94.
26 DACQUINO, G. Viver o prazer. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 81.
169
669

170
Edson Pereira
crise dos discípulos revelam a força transformadora capaz de surgir silêncio, solidão e crise. O silêncio da cruz, a solidão do sepulcro ca no aparente fracasso. Há sempre a busca pelo eu ideal, mas que deve sujeito; por vezes, são conflitantes entre si, todavia é justamente na ser considerada a partir de um eu real que existe, pulsante,
síntese desse drama humano que há amadurecimento.27
, em cada
ao
O imperativo da configuração do seminarista diocesano a Cristo Pastor sempre será a disposição interior (docibilitas). A cons
ciência da fraqueza e a confiança na graça
divina devem
permear
toda existência concreta que anseia por um coração novo e um não pode tornar-se um momento definido na história pessoal sem espírito novo (cf. Ez 18,31). O processo de conhecimento interior
e valo-
em
introduzir o sujeito num contexto novo de significações res. 28 Não eliminar, mas dar sentido à sua história construída razão de um projeto de vida abraçado. Vale purificar e enriquecer o presente, a partir do passado, na perspectiva do futuro. "Uma história pessoal não integrada não abre, não pode abrir formação permanente".29
para a
Na pessoa de Jesus, encontramos o ser humano assumido e integrado. O mistério da encarnação abre as portas da trans. cendência, a partir da condição frágil da carne. O caminho do encontro com Deus passa necessariamente pela humanidade. Por isso, a encarnação é mistério de amor que faz do pleno gozo de nossa humanidade o caminho para a revelação da glória de Deus.
Deus se funde e se confunde com o humano, a ponto de já não ser possível nem entender, nem ter acesso a Deus prescindindo do humano e, menos ainda, entrando em conflito com o humano, com tudo o que é verdadeiramente humano e, portanto, com tudo o que nos torna felizes, a nós, humanos, com tudo o que nos realiza, nos aperfeiçoa e nos faz gozar e desfrutar da vida humana em toda a sua amplitude e formosura.30
27 CENCINI, A. A hora de Deus: a crise na vida cristá, p. 297.
28 CENCINI, A. Os sentimentos do Filho: caminho formativo na vida consagrada, p. 277.
29 CENCINI, A. A árvore da vida: proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 167.
30 CASTILLO, J. M. A ética de Cristo. São Paulo: Loyola, 2010, p. 28-29.

Por meio dos sentimentos de Cristo, contemplamos a doação da vida pelo próximo. Uma existência a serviço da necessidade do outro. Em Jesus, se personifica c Amar deixa de ser recompensa, mas torna-se i todo cristão (cf. Mt 5,38-48). A maturidade afetiva somente pode ser alcançada a partir da experiência do amor. Uma humanidade fechada em torno de si, sem abertura ao diverso, esgota-se em apropriações e desejos egoístas que esfacelam o divino
o amor pleno, gratuito, abrangente. imperativo ético para
que habita
no humano. Por isso, o acompanhamento psicológico, durante o processo formativo do seminarista diocesano, quer ser um incentivo
ao encontro consigo mesmo, com o
e, inclusive, uma provocação: outro e, por sua vez, com Deus, pois "ninguém consegue amar o outro se não preencher as próprias lacunas de amor em sua vida pessoal".31 É certo que assumimos como projeto de vida um ideal, o força motivadora que deve ser conjugada com o real da his- tória, não para que este se torne justificativa de mediocridade, mas para evitar o desperdício de forças, se não parte dos limites do real, para avançar no caminho de amadurecimento humano-afetivo.32
como
Numa linguagem literária, Henri Nouwen afirma que toda
pessoa
A integração de si mesmo
a humana é chamada a beber do cálice de Jesus. De maneira específica, o presbítero é um homem que assume para si o projeto de vida de Cristo. Assim, é partícipe do cálice preenchido pelo
sangue
da cruz e, por isso, deve ter em si os mesmos sentimentos do Filho. O homem-presbítero deve segurar o cálice de sua história e ser capaz de bebê-lo na sua integridade.
Beber o cálice que Jesus bebeu é viver uma vida no e com o espírito de Jesus, espírito do amor incondicional. A íntima relação entre Jesus e Abbá, seu Pai, é uma relação de total confiança, na qual não há jogos de poder, acordos previamente estabelecidos, garantias antecipadas. É apenas amor - puro, irrestrito e ilimitado amor. Completamente aberto, completamente livre. Essa mesma intimi- dade Jesus quer nos dar para que possamos beber nosso cálice."
31 VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas. Brasília: Edições CNBB, 2013, p. 117.
32 Ibidem, p. 21.
33 NOUWEN, H. J. M. Podeis beber o cálice?, p. 90-91.

as

Porventura, surgirão novos conflitos, frustrações e angústias deve, desde sua formação, estar preparado para lidar com renún que provocarão sofrimento psíquico. O seminarista diocesano cias, perdas e fracassos. A maturidade afetiva exige capacidade de resolver conflitos e propor soluções positivas, até mesmo tendo consciência de que o ser humano é limitado. O acompanhamento psicológico na formação inicial não pretende ser uma "armadilha que comprometa o seminarista diante dos formadores. Do mesmo modo, não se

aplica somente aos casos extremos. Toda pessoa humana possui dimensões que precisam ser desveladas. abordadas e integradas. A formação é permanente e, por isso, formativa"
o presbítero também precisa ser sensível à necessidade de um possível acompanhamento psicológico. A meta da vida humana é assemelhar-se ao Cristo, plenamente humano.

3. ORIENTAÇÕES E DEFINIÇÕES REFERENTES AO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO NA FORMAÇÃO DO SEMINARISTA DIOCESANO

Tendo em vista o diálogo e a abertura crescentes entre a Igreja e a psicologia, é importante discutir elementos contemplados para a contribuir pelos documentos do magistério, servindo deles no conhecimento dos seminaristas e formadores, sobretudo no que tange ao discernimento vocacional. São eles:

a) Definição do profissional em psicologia: a preocupação da Igreja na escolha dos profissionais que acompanharão os candidatos ao ministério presbiteral é de suma importância. Algumas qualidades são elencadas para os referidos profissionais, como a disposição interior e a abertura ao Espírito, que suscita o dom de seu discernimento." Da mesma forma, é preciso prudência para que o seminarista não se torne dependente ou confunda os papéis, numa possível amizade com o profissional
"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 192
cm
como
podem gerar incômodo nos seminaristas, quando pertencem ao mesmo presbitério.

b) Conhecimento da abordagem terapéutica: é necessário conhecer a abordagem teórica do terapeuta, s
jugá-la
com a necessidade. Todas as correntes teóricas oferecem em razão de con-
contribuições pertinentes, todavia, cada sujeito tem em si elementos que podem ser melhor ajudados de acordo com uma linha. Ainda, algumas c
scorrentes específicas contribuem mais para o processo formativo. Por isso, é fundamental que o formador tenha conhecimento amplo sobre tal assunto, podendo dialogar
com os
ao
diversos profissionais.

c) Direção espiritual e psicoterapia: o discernimento, quanto o acompanhamento psicológico e à direção espiritual, é impres cindível para o seminarista diocesano. Ambos são importantes,
uma missão específica. Para Barry e
mas cada qual desempenha Connolly, a direção espiritual consiste na "ajuda dada por um cristão ao outro, que capacita esse outro a prestar atenção à co- municação pessoal de

Deus com ele, a aumentar sua intimidade com Deus e a viver as consequências desse relacionamento. A psicoterapia é definida como nos seguintes termos:
A integração de si mesmo
Prática do psicólogo por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidas pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e propiciando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos.%
"BARRY, W.; CONNOLLY, W. A prática da direção espiritual. São Paulo: Loyola, 1999, p. 22.
CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP n. 10/00, de 20 de dezembro de 2000. Especifica e qualifica a Psicoterapia como prática do psicólogo. Bra- silia, DF, 2000. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2000/12/ resolucao2000_10.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.
173

as
174
Edson Pereira
O
que
processo terapêutico considera a subjetividade humana a partir de seus sentimentos, personalidade e outras variantes c interferem na construção da identidade e na vivência comporta e acompanhamento psicológico, ressaltando que as duas práticas mental. A integração é o melhor caminho entre direção espiritual
supõem o sigilo daquele que acompanha o seminarista.
CONSIDERAÇÕES FINAIS
Avanços foram efetivados na colaboração da psicologia no pro- cesso formativo dos candidatos ao ministério presbiteral. A Igreja, prudentemente, soube acolher e interpretar os desafios contemporâ neos e a necessidade de profissionais competentes que pudessem lidar de modo saudável com as consequências dos novos paradigmas. In clusive, porque a base desse acompanhamento é uma pessoa humana portadora de sentimentos, comportamentos, projetos e, sobretudo, de uma vocação. Por isso, cada vez mais se faz mister compreender o seminarista como uma unidade relacional. Nenhum ser humano é reduzido a alguma dimensão específica, mas é um composto inte- gral, no qual todas as dimensões são essenciais e contribuem para a maturidade humana. Deste modo, o acompanhamento psicológico não se restringe, por exemplo, aos distúrbios sexuais ou patologias comportamentais, mas deve envolver toda a história já percorrida ali se encontra. Ressalta-se, novamente, a pela pessoa humana que necessidade de retomar a história de vida.
O seminarista diocesano, no seu processo formativo, precisa conformar seu projeto de vida ao de Cristo Pastor. Na vivência cotidiana do discipulado do Mestre, ele será capaz de assumir os valores e comportamentos daquele que fez da sua vida um pleno serviço ao outro. A ética de Cristo interpela, questiona e desinstala todo coração egoísta e mediocre. O acompanhamento psicológico, quando internalizado, quer desinstalar o sujeito para que descubra em si o sublime valor da vida humana, a fim de assumir plenamente a sua vocação, em especial no autêntico amor ao próximo. É no cotidiano da história que o seminarista diocesano vai internalizando os sentimentos do Filho, para que,
quando presbítero, possa viver a sua humanidade de forma

madura, coerente e
isto é, na
integrada no espírito da diocesaneidade,
à relação amorosa e carinhosa com a diocese, o bispo, se o povo de Deus da comunidade paroquial onde
os presbíteros
está inserido. 37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, M. G. Relações entre psicologia analítica e o processo formativo do sacerdote católico. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 73, n. 290. Petrópolis: Vozes, 2013.
BARRY, W.; CONNOLLY, W. A prática da direção espiritual. São
Paulo: Loyola, 1999.
CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade,
esponsalidade
e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020.
CASTILLO, J. M. A ética de Cristo. São Paulo: Loyola, 2010,
p. 28-29.
CENCINI, A. A árvore da vida: proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007.
1999.
2011.
A história pessoal, morada do mistério. São Paulo: Paulinas,
A hora de Deus: a crise na vida cristã. São Paulo: Paulus,
A integração de si mesmo
Os sentimentos do Filho: caminho formativo da vida consa- grada. São Paulo: Paulinas, 2009.
CEREZER, C.; OUTEIRAL, J. Autoridade e mal-estar do educador. São Paulo: Zagodoni, 2011.
CONCILIO VATICANO II. Optatam Totius. In: COMPÊN- DIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.
37 CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020, p. 17.

CONFERテ刻CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Diretrizes para a formaテァテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil. Brasテュlia: taテァテオes para a utilizaテァテ」o das competテェncias psicolテウgicas na admissテ」o e na CONGREGAテ・グ PARA A EDUCAテ・グ CATテ鏑ICA. Orien formaテァテ」o dos candidatos ao sacerdテウcio. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2010.
Instruテァテ」o sobre os critテゥrios de discernimento vocacional
Ediテァテオes CNBB, 2010 (Documentos da CNBB, 93).
acerca das pessoas com tendテェncias homossexuais e da sua ao seminテ。rio e テs Ordens Sacras, 2005.
admissテ」o
CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. Ratio Fundamentalis
Institutionis Sacerdotalis. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resoluテァテ」o CFP n. 10/00, de 20 de dezembro de 2000. Especifica e qualifica Psicoterapia como prテ。tica do psicテウlogo. Brasテュlia, DF, 2000. Dis-
a
ponテュvel em: <http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2000/12/ resolucao2000_10.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.
DACQUINO, G. Viver o prazer. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1992. FRANKL, V. E. Em busca de sentido. Sテ」o Leopoldo: Sinodal; Petrテウpolis: Vozes, 2008.
JOテグ PAULO II. Pastores dabo vobis. Sobre a formaテァテ」o dos sacerdotes nas circunstテ「ncias atuais. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1992, NOUWEN, H. J. M. Podeis beber o cテ。lice?. Sテ」o Paulo: Loyola, 2015. PAULO VI. Sacerdotalis Caelibatus. Sobre o celibato sacerdotal. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1976.
PINTO, E. B. Os padres em psicoterapia: esclarecendo singularidades. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.
RAMテ抗EZ, J. R. P. Psicologia e formaテァテ」o: princテュpios psicolテウgicos utilizados na formaテァテ」o para o sacerdテウcio e a vida consagrada. Aparecida: Santuテ。rio, 2013.
VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerテ。rio formativo para seminaristas. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2013.
12
PRESTAテ・グ DE CONTAS, UM CAMINHO
DE TRANSPARテ劾CIA
INTRODUテ・グ
E FIDELIDADE
Vinicius Martins Cestari1
Prestaテァテ」o de contas
A nova Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis da Congregaテァテ」o para o Clero estabelece as dimensテオes da formaテァテ」o presbiteral. De acordo com esse documento, as dimensテオes da formaテァテ」o consistem nos seguintes aspectos: humano, espiritual, intelectual e pastoral. Em vista da transparテエncia e da fidelidade na administraテァテ」o, desde a formaテァテ」o inicial, devemos ser capacitados para uma gestテ」o de finanテァas, de patrimテエnio, de pessoas, da ativi- dade pastoral e espiritual, para obter um desempenho satisfatテウrio, contribuindo para a Igreja como um todo, sobretudo no que se refere ao seu fim テコltimo, que テウ a evangelizaテァテ」o.2
A dinテ「mica da transparテエncia e da fidelidade, no exercテュcio cotidiano da vocaテァテ」o, requer de nテウs uma atitude de verdadeira entrega, no sentido de que "o formando deve ser necessariamente corresponsテ。vel, vivendo jテ。 os primeiros aprendizados de admi- nistraテァテ」o dos bens da Igreja",3 no que diz respeito aos bens do seminテ。rio e aos prテウprios bens. Para que esses aprendizados sejam

Seminarista diocesano da arquidiocese de Ribeirテ」o Preto-SP.
2 Cテ泥IGO DE DIREITO CANONICO. Promulgado por Joテ」o Paulo II, papa. Traduテァテ」o da Conferテエncia Nacional dos Bispos do Brasil. Sテ」o Paulo: Loyola, 1987, cテ「none 781.
3 CONFERテ劾CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a for- maテァテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB, n. 93, 2. ed. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2011, n. 273.
177

178

assimilados, devem-se evitar os riscos, como
"paternalismo,
amadu-
acomodação, aburguesamento, bem como todo desperdício" A capacitação para a gestão está relacionada com o a recimento para o exercício do ministério presbiteral volvimento da própria personalidade no interior do
e O
desen-
processo
diocesano deve ser para que esse processo seja saudável e possa, de formação. O esforço da formação e de cada seminarista paulatinamente, ser desenvolvido, assimilado e abraçado, de
forma consciente, com espírito de pobreza e solidariedade sobretudo com os mais pobres. Nesse sentido, a formação deve fomentar a disponibilidade, em que cada seminarista diocesano faça de seus gestos e ações o oferecer tudo (cf. Lc 21,3-4). Isso também aos pais que o educam nos valores basilares da fé e significa ser transparente e fiel ao chamado, à consciência
da existência.
C
a com-
Olhar para a sensibilidade da oferta da viúva pobre (cf. Le 21,3-4) talvez nos auxilie nesse percurso, ajudando-nos preender a importância de prestar contas, de forma honesta, daquilo que administramos e que não pertence só a nós, mas a toda a comunidade, pois é produzido pelos calos e rugas de
tantos homens e mulheres.
São mãos que trabalham incansavelmente, debaixo de sol e chuva, para prover a vida comunitária, espiritual, pastoral, financeira, administrativa de uma porção do povo de Deus, na intenção de que a evangelização seja diligentemente cumprida. Dessa forma, é preciso atentar-se para a captação de recursos que ajudarão na manutenção de toda a vida pastoral da Igreja. Esse processo em que nos engendramos deve estar clarificado em nossa mente, para que o exercício da transparência e da fidelidade faça sentido e seja uma realidade.
Idem
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. 13. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 83, p. 76.
1. SEMINARISTA: CHAMADO A SER GERENCIADOR DO SAGRADO
O seminarista diocesano deve ser orientado para assumir a
conduzido, formado e
função de gerenciador do sagrado,"
e materiais.
que administra os bens simbólicos (espirituais) (dinheiro, patrimônio etc.), como defensor do bem comum." Essa função de gerir requer do seminarista uma predisposição
para
administrar
aquilo que lhe
compete e consta no caminho

de seu processo formativo vocacional. Isso porque "administrar bem a paróquia que lhe for confiada é tarefa primordial, uma vez que os bens materiais são necessários para o aprimoramento
dos bens simbólicos"."
O seminarista diocesano, chamado a ser gestor, deve per- mitir que a formação o ajude a ser trabalhado conforme suas capacidades, à luz do que temos na parábola dos talentos (cf. Mt 25,14-30). Independentemente "da capacidade de cada um, todos receberam talentos para administrar".10 Acolhendo as orientações do processo formativo, o seminarista fará uma boa experiência e será chamado de administrador bom e fiel (cf. Mt 25,21).
Prestação de contas
O evangelista Lucas (cf. Lc 16,1-8) ajuda-nos a iluminar a tarefa de gerir que o seminarista diocesano assume quando aden- Ira no processo inicial de sua formação, uma vez que, caso aja uma injusta, desonesta, desorganizada e má gestão, gerência ou administração, e não haja abertura para o lapidar da formação, corre-se o risco de perder a função por justa causa. A parábola do administrador infiel narra a realidade de quem age com infideli- dade, com falta de transparência, prejudicando os que estão à sua
Título utilizado, em referência aos padres, pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997). 7 BOURDIEU, P. Razões práticas sobre a teoria da ação. Campinas: Papiros, 1997.
DECRETO Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Documentos, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.
"PEREIRA, J. C. Guia de gerenciamento e administração paroquial. São Paulo: Paulus, 2008, p. 14.
10 PEREIRA, J. C. Captação de recursos na estrutura paroquial: sugestões e possibilidades. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 27.

as

administrador acaba ferindo os irmãos, a comunidade. A parábola volta. O seminarista que age com as mesmas características desse
aponta para o que convém ao administrador cristão:
Quer ensinar como usar bem as riquezas, as
oportunidades, o
dons, os talentos que Deus nos confiou para prover o bem para todos. Ou seja, o homem tinha uma vida estável, tinha posses, oportunidade: tome
porém, a ameaça de demissão lhe deu uma
suas riquezas e distribua-as, para fazer amigos entre os pobres. São
eles que lhe acolherão no Reino de Deus."
Essas iluminações bíblicas podem nos ajudar a compreen- der que, no itinerário formativo, o seminarista diocesano, como gestor de finanças, de patrimônio, de pessoas, da pastoral e da do Espírito Santo, deixe-se formar, tornando-se criativo, fiel e espiritualidade, deve agir com total disponibilidade. Sob a ação
competência transparente para solucionar problemas e gerir com o que lhe é posto, assumindo, dia após dia, um estilo de vida só. brio e simples, capaz de testemunhar a

pobreza evangélica e evitar ministério "qualquer motivo de escândalo, a fim de que o nosso não seja sujeito a censura" (2Cor 6,3).

2. SEMINARISTA: GESTOR DE FINANÇAS

Para o seminarista diocesano compreender a dinâmica das finanças e o seu gerir deve aprender a trabalhar a partir de sua realidade e de suas capacidades. Deve fomentar, desde os primeiros passos, na formação inicial, a sobriedade, o espírito da partilha, de austeridade, de pobreza evangélica, de desprendimento e de desapego no uso dos recursos que sustentam o seminário. Caso contribuir no seu processo atividade remunerada, possa vocacional, optando sempre pelo simples, evitando uma vida de aburguesamento e cultivando atitudes que permitam, no caminho de discipulado, configurar-se cada vez mais a Cristo.

exerça

"PEREIRA, J. C. Captação de recursos na estrutura paroquial: sugestões e possibilidades, p. 32.

Conforme destacam as Diretrizes para a formação dos presbi- teros da Igreja no Brasil, "se houver algum trabalho remunerado, não deve de modo algum impedir a dedicação a cultar a convivência com a comunidade e prejudicar o processo

formativo". 12

uma

que ajudará

na

aos estudos, difi-

Na paróquia, o padre diocesano contará com a ajuda de a equipe administrativa (Conselho de Assuntos Econômicos), necessária para a execução das ações e no controle das finanças. O seminarista diocesano, no seu período formativo, deve contar com o auxílio da formação para que sua administração financeira seja transparente e para que consiga galgar cada etapa da formação, tendo cada vez mais uma vida que corresponda ao elaboração de planejamentos, na organização

ministério que receberá.

O seminarista diocesano gestor, no engendrar das finanças, deve ter em mente sempre a economia: "Economizar é uma forma de gerir bem os recursos financeiros".14 Essa gestão nos conduz sempre à consciência de que os recursos que custeiam, financiam e são investidos em cada formando é fruto do trabalho humano dos que, na maioria das vezes, fazem a experiência da pobre viúva: "na penúria, ofereceu tudo o que possuía para viver" (Lc 21,4b).

sua

Prestação de contas

São esperadas do seminarista diocesano uma postura e uma maturidade financeira no seu crescimento: deve ser capaz de prover suas receitas e despesas pessoais; contribuir com as despesas da casa formativa, sobretudo evitando desperdícios; e assumir para si a doação do dízimo e de outras eventuais contribuições no se- minário. Esses aprendizados são fundamentais para que, quando estiver frente a uma paróquia, assuma com responsabilidade e competência a gestão dos recursos, desde sua captação e aplicação até a prestação de conta e a transparência, para atingir a finalidade é a evangelização.

que

12 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 273.

13 PEREIRA, J. C. Gestão eclesial: tarefas, responsabilidades e práticas. São Paulo: Ave-
-Maria, 2012, p. 15.
14 Ibidem, p. 29.
181

182
Vinicius Martins Cestari
3. SEMINARISTA: GESTOR DE PATRIMÔNIO
No seminário, o seminarista diocesano deve participar da administração de patrimônio, que são os "bens móveis e imóveis adquiridos com recursos [...], ou a ela doados e que devem estar
devidamente registrados". 15
É importante essa participação, pois, como pároco, irá gerir o patrimônio paroquial, em consonância com as normas e estatutos próprios da Igreja, especialmente o Código de Direito Canônico, zelando pela boa organização da documentação patrimonial, conservando-a nos arquivos da paróquia e da cúria. 16
No seminário, conforme a disposição formativa, poderá c seminarista diocesano acompanhar reformas e construções, para
ter
assimilar nesse processo todo o cuidado e zelo. É necessário contato com tal atividade para, futuramente, geri-la com consciên- seminarista cia, de forma tranquila e madura. É importante que o diocesano tenha acesso ao custo-benefício de patrimônio, para vislumbrar a viabilidade dos custos no seminário.
seminaris-
Os formadores devem preocupar-se em inserir os. tas diocesanos no processo de conservação do patrimônio, para aprenderem a mantê-lo com responsabilidade, pois isso viabiliza a evangelização.
e com o
A manutenção revela zelo, cuidado com o espaço sagrado que ele contém. Pequenos gestos, quando somados a outros tantos, transformam-se em grandes ações que fazem a diferença. Assim, vale pensar nos procedimentos de reparo, limpeza, conservação,17 O conhecimento da gestão patrimonial enriquece a forma- ção do seminarista diocesano e agrega valor à vocação pautada na transparência e no cuidado com o que é da Igreja, lembrando olhar para os detalhes e que o administrador bom e fiel tem um age está preparado atenção para as pequenas coisas. Quem assim cuidar das coisas grandes. 18
para
15 Ibidem, p. 69-70.
16 Ibidem, p. 72.
"Ibidem, p. 89-90. Ibidem, p. 90.
inspirado pelas palavras de
O seminarista diocesano deve ser i Jesus: "Aquele que é fiel nas coisas pequenas será também fiel nas pelo patrimônio, fará devidos reparos e ajudará na preservação dos coisas grandes" (Lc 16.10-11). Pois é dessa forma que, no zelo bens da comunidade. Um zelo que revela o amor. A manutenção patrimonial "deve ser encarada como uma função estratégica para a obtenção de beneficios [...]. como investimento, como algo que deve fazer parte da gestão eclesial, no sentido de preservar e
oferecer qualidade", 19

No contexto do seminário, todos devem preocupar-se. portanto, com a referida gestão, tendo em mente a funciona- lidade do seminário, preocupando-se com a redução de custos da manutenção, desperdícios, economia, conforme as atividades cotidianas: pintura, equipamentos (excesso de gastos de energia, produtos ligados indevidamente e sem necessidade), questão do lixo (reciclagem, utilização consciente de produtos diversos etc.). reaproveitamento, cuidado e zelo com equipamentos e materiais. Nessas situações, o seminarista diocesano deve ser conduzido a zelar pelo patrimônio pertencente a todos, cuidando da comunidade e gerando reciprocidade. 20

4. SEMINARISTA: GESTOR DE PESSOAS E DE PASTORAL

Prestação de contas

O seminarista diocesano é chamado também ao desafio da gestão de pessoas e de pastoral, tanto no seminário quanto em suas atividades pastorais fora dele. É preciso que a formação de suporte, atenção e orientação, para que ele aprenda a lidar com tal desafio e seja competente em "supervisionar, coordenar, planejar, acom- panhar as atividades desenvolvidas", e habitue-se ao cenário de uma paróquia, no tocante ao quadro de funcionários, voluntários, de pastoral, movimentos e grupos e de todos os leigos. É preciso que o seminarista diocesano desenvolva conheci- mentos, habilidades e atitudes que correspondam às necessidades

agentes

19 Idem.

20 Ibidem, p. 100-101.

Ibidem, p.109.

locais, no primeiro momento, nas equipes de trabalho

dentro

do seminário, nas paróquias em que faz pastoral ou nas próprias pastorais, movimentos e/ou grupos da Igreja particular, conforme

a situação e as exigências formativas de cada realidade.

No contexto da gestão de pessoas, é importante que o semi- narista tenha contato com o processo de gestão de funcionários, voluntários e/ou outros seminaristas no seminário, para que esse acesso possibilite, na prática, ampliar seu horizonte de compreen-

são e diálogo. Por isso, ele deve estar inserido na

elaboração do

planejamento semestral/anual do seminário, para que assimile e aprenda ações planejadas, desenvolva, mobilize e incentive a

participação de todos, oferecendo recursos e meios, aprenda a realizar o que foi programado e avalie as ações executadas. 22

No que se refere à gestão de pastoral, a ação do seminarista diocesano é limitada, mas deve ser desenvolvida conforme suas ati- vidades, seu acesso/contato com as pastorais de forma geral ou ainda com o Conselho Diocesano de Pastoral ou Conselho Paroquial de Pastoral.23 Esses contatos são importantes para que consiga apren- der, compreender, aceitar, acompanhar e auxiliar no desenvolver das atividades. Mediante experiências, deve ser capaz de mediar conflitos, solucioná-los, formar comunidades, conscientizar leigos e

leigas de seu papel na atividade pastoral, fomentar a articulação pastoral e sua funcionalidade na paróquia e/ou diocese.24

O seminarista diocesano, atento ao que propõe a V Con- ferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em 2007, deve suscitar nas suas ações, ainda que modes- tas, a renovação pastoral, "favorecendo um Cristo vivo, mediante diversos métodos de nova evangelização, que se transformam em comunidade de comunidades evangelizadas e missionárias". 25 Para isso, é importante empreender ações ou mecanismos de coorde nação pastoral; estabelecer estratégias que possam desempenhar

Ibidem, p. 147-149.

23 CÓDIGO DE DIREITO CANONICO, cân. 511, cân. 536.

PEREIRA, J. C. Gestão eclesial: tarefas, responsabilidades e práticas, p.157-184. CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Epis copado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2007, n. 99e.

melhor suas
ações pastorais; identificar instrumentos de gestão
mais eficazes e práticos; visualizar, criar e formar o perfil de gestor pastoral e desenvolver, no processo formativo vocacional, o espírito
de animador pastoral,
com
paciência
com suas responsabilidades e habilidades,
e humildade, entusiasmo e autenticidade."
26

É de suma importância que os formadores estejam atentos
a essa
à realidade, uma vez que
a formação pastoral-missionária, princípio unificador de todo o processo formativo, consiste na necessária qualificação específica
para o
missionário pastoral, sempre impregnado pela ação e
condução do Espírito de Deus. Nessa qualificação, integram-se necessariamente estudos pastorais com programas orgânicos de realização de práticas e experiências pastorais. A devida e bem programada combinação entre os aspectos teóricos e vivenciais da formação pastoral missionária contribui para evitar um aprendi-
zado apenas operativo.27

5. SEMINARISTA: GESTOR ESPIRITUAL

As Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil
apontam:

Prestação de contas

A formação espiritual consiste na comunhão íntima e profunda com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, atingindo a perfeição na caridade (Jo 20,22), visa a santidade da vida (Mt 5,1-12.48) e prepara o formando para desempenhar o seu serviço ao Povo de Deus (Jo 7,9). [...] procede por etapas, incluindo iniciação, amadurecimento, aperfeiçoamento, aprofundamento e necessária perseverança. [...] o processo de crescimento espiritual somente é possível pelo sincero e permanente esforço de conversão que implica estar disponível aos novos apelos do Senhor, empenhar- -se na correção das falhas e esforçar-se para viver como homem novo em Cristo.28

26 PEREIRA, J. C. Gestão eclesial: tarefas, responsabilidades e práticas, p. 192-199.
"CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação
dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 299.
28 Ibidem, n. 277, 285 e 286.
185

186
Vinicius Martins Cestari
Nesse sentido, a espiritualidade テゥ o que interliga todas as outras categorias de gestテ」o, dando sentido e vida a cada uma delas A gestテ」o espiritual dテ。 suporte para que a formaテァテ」o espiritual do
seminarista seja "orientada para alimentar e sustentar a
comunhテ」o
com Deus e com os irmテ」os, na amizade com Jesus Bom Pastor e
em uma atitude de docilidade ao Espテュrito".29
O seminarista diocesano deve atentar-se para que, no gerir da sua espiritualidade, alimente sua oraテァテ」o prolongada, fortalec o vテュnculo de uniテ」o com Deus, por meio da "oraテァテ」o, da escuta da
Palavra, da participaテァテ」o assテュdua nos sacramentos, na vida comunitテ。ria".30
liturgia
ena
O percurso formativo deve conduzir o seminarista diocesano O seminarista precisa:
conhecer gradualmente a Palavra de Deus por para que o crescimento espiritual seja uma realidade sempre presente.
meio da lectio divina; formar uma fテゥ viva na Eucaristia; :
rezar a
liturgia
das horas; celebrar regularmente o sacramento da penitテェncia; realizar direテァテ」o espiritual para seu crescimento integral; realizar exercテュcios
e
dos
espirituais anuais; exercitar a obediテェncia ao serviテァo de Deus irmテ」os; exercitar a castidade e o celibato como dom total a Deus ao prテウximo, desenvolvendo a maturidade pessoal; cultivar o espテュrito de pobreza de forma concreta, imitando o coraテァテ」o de Cristo, pela simplicidade e austeridade; fortalecer a devoテァテ」o テ Virgem Maria por meio da piedade popular, recitaテァテ」o do santo rosテ。rio e do Angelus devoテァテオes, de Domini; fortalecer a devoテァテ」o aos santos, entre outras forma especial a Sテ」o Josテゥ; meditar os Padres da Igreja.31
O seminarista diocesano deve desenvolver virtudes especテュficas que o conduzam テ maturidade humana, para uma intimidade com Cristo que o leve テ unidade com toda a Igreja, como fiel cooperador, colaborando com os irmテ」os para uma vida comum no seminテ。rio. 32
CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテァテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 101.
30 Ibidem, n. 102.
31 Ibidem, n. 103-115.
32 Cテ泥IGO DE DIREITO CANONICO, cテ「n. 244-245, ツァ1.
CONSIDERAテ・髭S FINAIS

Em vista de todo o processo formativo, das exigテェncias e de- safios dos tempos atuais e da preocupaテアテ」o das equipes formativas, conforme destaca o Documento final da XV Assembleia Geral Ordinテ。ria do Sテュnodo dos Bispos, テウ preciso que a formaテアテ」o tenha "como objetivo o desenvolvimento dos futuros pastores e pessoas consagradas, da capacidade de desempenhar seu papel de lideranテアa
com autoridade,
candidatos
modo
O
mas nテ」o de forma autoritテ。ria, educando jovens
a se entregarem テ comunidade"," pois apenas desse I seminarista diocesano poderテ。 trilhar um itinerテ。rio de
comprometimento
quando
neste
com a transparテェncia e a fidelidade, sobretudo
o tratamos da gestテ」o, em todas as suas categorias discutidas capテュtulo, jテ。 que "gerir vai alテウm de administrar relaテアテオes de elas utilizados. テ・algo mais profundo, que
pessoas e de bens
cio e a
contas:
por
Prestaテアテ」o de contas
envolve sentimentos e sensibilidades, amor e caridade" 34 テ・preciso, nesse horizonte do perfil do seminarista diocesano, atentar-se aos aspectos formativos que contribuam para o exercテュ- a dinテ「mica da transparテェncia e da fidelidade na prestaテアテ」o de 窶ゥeraテアテ」o de tendテェncias ao clericalismo, a capacidade de trabalhar em equipe, a sensibilidade pelos pobres, a transparテェncia da vida, a disponibilidade a deixar-se acompanhar"," aspectos esses que estimulem virtudes como sinceridade, o sentido da justiテアa, a fidelidade テs promessas e a caridade. Conduzam, nesse
processo
formativo, a adquirir domテュnio prテウprio, chegando a uma sテウlida maturidade, para que se habituem ao uso da liberdade, a tomar iniciativas, cumprir suas responsabilidades e colaborar
com os outros.36
O seminarista diocesano deve, em todo o seu itinerテ。rio, to- mar conscitテェncia da importテ「ncia e do cuidado que se deve ter no zelo para com aquilo que estarテ。 sob sua responsabilidade, quando

33 CONFERテ劾CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Os jovens, a fテウ e o discernimento vocacional. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2019, n. 163.
34 PEREIRA, J. C. Gestテ」o eclesial: tarefas, responsabilidades e prテ。ticas, p. 143-144.
35 CONFERテ劾CIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil, n. 163.
36 DECRETO Optatam Totius sobre a formaテアテ」o sacerdotal. In: CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Documentos, decretos e declaraテアテオes. Sテ」o Paulo: Petrテウpolis: Vozes, 2000, n. 11.

as
Prestação de contas
188
Vinicius Martins Cestari
competirá a ele, no ministério, "fazer progredir
r os homens na vida
divina"." Consciente de sua futura missão e com os pés
firmes no
hoje de sua história, o seminarista diocesano terá condição de pere grinar nesse processo. Aprenderá como gerenciar, administrando o bens eclesiásticos, abraçando a pobreza voluntária, configurando-se
a Cristo, para tornar-se apto aos sagrados mistérios.38
Para que haja comprometimento com a evangelização
sea mis
são pastoral da Igreja, por meio de uma administração financeira
transparente e fiel, o seminarista diocesano, futuro
gerenciador
20
do sagrado, deve, como destaca o papa Francisco, dedicar-se a anúncio e a "servir com grande fidelidade, muitas vezes arriscando a vida e, sem dúvida, à custa da sua comodidade. [...] A Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missio nários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a
verdadeira vida".39

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da Campinas: Papiros, 1997.
ação.
CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferen cia Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo; Paulus, Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2007.
CÓDIGO DE DIREITO CANONICO. Promulgado por João Paulo II, papa. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987.
CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Documentos, decretos e declarações. 29a edição. Petrópolis: Vozes, 2000.
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Os jo- vens, a fé e o discernimento vocacional. Brasília: Edições CNBB, 2019.
"DECRETO Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros, n. 2. 38 Ibidem, n. 17.
"FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 138.
Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.
Edições CNBB, 2017.
Documentos da CNBB, n. 93, 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018. PEREIRA, J. C. Gestão eclesial: tarefas, responsabilidades e prá- ticas. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
Captação de recursos na estrutura paroquial: sugestões e
possibilidades. Petrópolis: Vozes, 2010.

Guia de gerenciamento e administração paroquial. São
Paulo: Paulus, 2008.
189

13
O IMPACTO DOS FUNDAMENTALISMOS
NA FORMAÇÃO
João Gabriel da Cruz Andrade
INTRODUÇÃO
O período de formação do seminarista diocesano, futuro presbítero, é um período de discernimento e um processo de a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil (DFPIB): formação da pessoa humana, como apresentam as Diretrizes para
e a
Na formação presbiteral, conjugam-se a ação de graça divina to atento do processo resposta humana, o que requer constante empenho e discernimen- formativo nas circunstâncias atuais, sempre conhecimento da à luz da Palavra de Deus e do magistério da Igreja e de
pessoa
humana.2
um sadio
O processo formativo deve considerar que toda a pessoa hu- mana está inserida em uma sociedade cujas características exercem influência no seminarista. Nenhum processo formativo pode ser alheio ao caráter social presente na pessoa do seminarista, pois " caráter comunitário, ou social, se encontra impresso na própria natureza humana".3 Antes de o seminarista estar inserido em um processo formativo, já sofre influência das tendências ideológicas que o cercam enquanto ser comunitário.
Como apresentam as DFPIB, entre os desafios para a for- mação, nessa mudança de época em que nos encontramos, urge e se destaca o perigo das práticas fundamentalistas, muitas vezes
Seminarista diocesano da diocese de São João da Boa Vista-SP.
2 CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil (Documentos da CNBB, 110). Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 6.
WOJTYLA, K. Persona y acción. Tradução de Rafael Mora. Madrid: Palabra, 2017, p. 388.
191
as
O impacto dos fundamentalismos

192
João Gabriel da Cruz Andrade
"marcadas por rigidez e busca de segurança em um estilo de vida próprio do passado". É natural que a reflexão sobre o impacto do fundamentalismos na formação seja uma temática contemporânea, pois "só foi possível falar e pensar fundamentalismos e enquadrar certa postura como fundamentalista na era da consciência moderna É a razão crítica que descobre, tira o véu do fundamentalismo": Vale lembrar também que, "hoje, o termo fundamentalismo tem um significado bem mais extenso, apontando movimento elou atitudes, na teologia e em outros campos, que se atêm, irremovi velmente, a determinadas posições, vazadas em fórmulas preten
samente subtraídas a qualquer tipo de interpretação".

Para se refletir sobre o impacto do fundamentalismo formação, é necessário, primeiramente, refletir sobre
na
o que se
entende por atitudes e posturas fundamentalistas, dentro do
processo formativo e do próprio catolicismo - essa é a primeira
etapa por onde pretendemos iniciar a presente reflexão. Em uma segunda etapa, buscaremos apontar os danos das posturas fundamentalistas para o seminarista, que deve ser protagonista
diálogo.
de sua própria formação, estando sempre aberto ao E, por fim, se buscará suscitar o diálogo como chave de leitura para as realidades pastorais, culturais e sociais, impulsionadas pelo
dinamismo e pelo ardor evangélico.

1. FUNDAMENTALISMO E CATOLICISMO

O fundamentalismo, enquanto fenômeno contemporâneo, pode apresentar-se em diversos campos da sociedade, podendo-se, então, falar da existência de fundamentalismos, que se caracterizam

CNBB. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil, n. 12. SUSIN, L. C. O ato de religião como virtude e seus vícios. In: MILLEN, M. I. de C: ZACHARIAS, R. (orgs). Fundamentalismo: desafios à ética teológica. Aparecida: Santuário São Paulo: Sociedade Brasileira de Teologia Moral, 2017, p. 198.

KONINGS, J. Fundamentalismo bíblico-teológico-religioso. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs). Fundamentalismo: desafios à ética teológica, p. 174. RUIZ, M. G. Fundamentalismo. In: VILLA, Mariano Moreno (org.). Dicionário de pensamento contemporâneo. São Paulo: Paulus, 2000, p. 363.

sempre por uma marcante rigidez hermenêutica. Sejam fundamen- talismos socioculturais, bíblico-teológico-religiosos ou ético-morais, em todos os aspectos, a postura fundamentalista carrega algo em comum: "O fundamentalista está convencido de que a sua verdade é a única, e que todos os demais ou são desviantes ou fora da verdade"," O fundamentalismo religioso transparece nos movimentos fundamentalistas das religiões do livro: cristianismo, islamismo e judaísmo.10 O próprio termo "fundamentalismo" se populari- zou, a partir do início deste século, com os ataques terroristas. O fundamentalismo islâmico, responsável por inúmeros aten- tados, se tornou, para muitos, a única face do fundamentalismo religioso." Entretanto, não se pode esquecer que um "nicho do fundamentalismo se encontra no protestantismo norte-americano, surgido nos meados do século XIX".12 Não se pode desconsiderar a existência de posturas fundamentalistas dentro do cristianismo.13 O fundamentalismo é uma atitude que se encontra em setores de todas as religiões e em diversas espiritualidades.

O impacto dos fundamentalismos

Dentro do catolicismo, também se constatam certas cor- s fundamentalistas. O fundamentalismo católico moderno
rentes

KONINGS, J. Fundamentalismo bíblico-teológico-religioso. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs). Fundamentalismo: desafios à ética teológica, p. 174. "BOFF, L. Como enfrentar o fundamentalismo. Disponível em: <https://www.brasildefa- to.com.br/2016/08/24/leonardo-boff-como-enfrentar-o-fundamentalismo>. Acesso em: 17 abr. 2020.

10 RUIZ, M. G. Fundamentalismo. In: VILLA, Mariano Moreno (org.). Dicionário de pensamento contemporáneo, p. 363.
BOFF, L. Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 10.
12 Ibidem, p. 12.
13 "Aplicado ao cristianismo, o termo tem a sua origem mais conhecida no campo protestante, em uma série de folhetos publicados no começo do século (entre 1910 e 1915) nos Estados Unidos. Nesses folhetos, dentre os quais se destaca The fundamentals, se propõe o que os seus fomentadores consideravam doutrinas irredutiveis da fé, crenças sem as quais o cristianismo já não poderia ser considerado como tal. Estes escritos dariam lugar ao aparecimento da World's Christian Fundamentals Association (1919). Pois bem, as suas origens mais remotas devem ser buscadas no puritanismo inglés, na influência do metodismo wesleyano e nas correntes restauracionistas e premilenaristas." RUIZ, M. G. Fundamentalismo. In: VILLA, Mariano Moreno (org.). Dicionário de pensamento contemporâneo, p. 363.
"BOFF, L. Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade, p. 26.
193

abertura da Igreja para a pesquisa histórica e exegética. O mo é acentuado após o Concílio Vaticano II, que marca uma maior
provoca
vimento de aproximação da Igreja ao mundo moderno posturas fundamentalistas que são reações contra o aggiornamento ou a abertura proposta pelo Vaticano II.16 Entre as figuras do
fundamentalismo católico pós-conciliar, há um movimento res.
tauracionista contra movimentos do Vaticano II.17
O fundamentalismo de que falamos dentro do catolicismo não deve ser confundido com o conservadorismo. Este pode apresentar suas posições e preocupações com os valores tradicionais de mancira dialogal. Vale sempre lembrar que o problema do fundamentalismo católico é a sua recusa ao diálogo e a interpretações.18
Da mesma forma, não se pode confundir o fundamentalismo com qualquer outra prática de religião saudável. Uma religião saudável é aquela que ajuda a confirmar e solidificar a confiança, ajudando a combater as angústias próprias de uma existência ameaçada, de forma que a vida se torne suportável e amável 19 Já o fundamentalismo se refere a aspectos cognitivos da religião, ou seja, forma uma consciência religiosa sem hermenêutica, de maneira anula a consciência e manipula o conhecimento, que, afetado pela ausência de uma boa interpretação, pode levar a efeitos mais desastrosos e violentos.20
que
5 RUIZ, M. G. Fundamentalismo. In: VILLA, Mariano Moreno (org.). Dicionário de pensamento contemporáneo, p. 363.
16 "O objetivo da renovação era tornar mais compreensível ao homem moderno a mensagem da salvação revelada em Cristo. Tratava-se duma exigência que a Igreja sentia, visto ter recebido a missão de anunciar a Boa-Nova aos homens de todas as épocas. Portanto, a in- tenção de São João XXIII não era definir novas doutrinas nem condenar novos erros. Além disso, era claro que a renovação recebia a sua força da fermentação teológica das décadas an- teriores à assembleia conciliar, que tinha ajudado a compreender melhor a

dimensão histó- rica da Igreja." AMARAL, M. Hermenêutica da reforma. In: AMARAL, M.; HACKMAN, G. (orgs.). As constituições do Vaticano II ontem e hoje. Brasília: Edições CNBB, p. 33. "RUIZ, M. G. Fundamentalismo. In: VILLA, M. M. (org.). Dicionário de contemporâneo, p. 365.
pensamento
18 KONINGS, J. Fundamentalismo bíblico-teológico-religioso. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs). Fundamentalismo: desafios à ética teológica, p. 174. 19 SUSIN, L. C. O ato de religião como virtude e seus vícios. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs). Fundamentalismo: desafios à ética teológica, p. 201. 20 Ibidem, p. 203-205.
O fundamentalismo
em si não seria uma doutrina, mas
uma forma de viver e interpretar uma determinada doutrina. O ponto principal do fundamentalismo é a sua inflexibilidade de pensamento, que confere um caráter absoluto ao seu ponto de vista.21 Na perspectiva fundamentalista, a sociedade deve ser e composta por fiéis que professam os mesmos valores.
pensada
Os demais são demonizados. E a verdade absoluta em que se crê há de ser defendida por intérpretes que devem ter o controle de toda a sociedade.22 No catolicismo, há quem apele para posturas fundamentalistas tendo como pretexto a evangelização e a con-
versão dos homens e da sociedade.
No entanto, qualquer tipo de fundamentalismo religioso vai contra a própria missão e o testemunho da Igreja, pois, como nos diz o Catecismo da Igreja Católica, "a Igreja exprime sua
confiança
na
possibilidade de falar de Deus a todos os homens
O impacto dos fundamentalismos
e com todos os homens. Esta convicção está na base de seu diá- logo com as outras religiões, com a filosofia e com as ciências, como também com os não crentes e ateus" 23 A missão da Igreja é evangelizar, levar a Boa-nova a todos os homens, para, a partir de dentro desses homens, transformá-los e transformar a própria humanidade.24 Para tal fim, a Igreja anuncia o Evangelho por meio do diálogo com aqueles que não conhecem a Boa-nova, não pela imposição de ideais.25
Qualquer forma de fundamentalismo, especialmente o fundamentalismo religioso, é, portanto, incompatível com a fé católica, cujo mandato apostólico é anunciar a Boa-nova meio do diálogo, não por imposições de pensamentos e ideologias.
por
21 BOFF, L. Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade, p. 25.
22 ZACHARIAS, R. Fundamentalismo ético-moral: Amoris Laetitia, um "não" radical à pretensão fundamentalista. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs). Funda-mentalismo: desafios à ética teológica, p. 231.
23 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus; Petrópolis: Vozes, 1999, n. 39.
24 ARNS, P. E. O que é Igreja. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 27.
25 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 856.

2. FUNDAMENTALISMO E O PROCESSO FORMATIVO

O fundamentalismo causa um profundo dano ao processo listas na formação refletem alguns riscos que devem ser evitados, formativo do seminarista diocesano. As tendências fundamenta tais como fragmentação da pessoa, de processos e de perspectiva cristã da doutrina e da Tradição, desintegração e polarizações de todos os tipos. As orientações da Igreja previnem essas propensões e indicam os caminhos saudáveis do amadurecimento, do prota gonismo do formando e da integração de todos os sua pessoa em um projeto de fé e vida harmonioso:

elementos de

C

O candidato ao sacerdócio deve ser considerado protagonista necessário e insubstituível de sua formação, integrando dons valores, limites e fragilidades. O compromisso formativo consis te em ajudar a pessoa a integrar esses aspectos, sob o influxo do Espírito Santo, em um caminho de fé e de progressivo e harmo nioso amadurecimento dos mesmos, evitando a fragmentação, as parcialidade. polarizações, os excessos, a superficialidade ou a

A formação do futuro presbítero diocesano é responsabilidade tanto do seminarista, que é protagonista de sua formação, quanto do próprio seminário. As DFPIB apresentam que “o seminário tem realidade a missão de formar presbíteros capazes de dialogar com a plural e atuar pastoralmente no meio do povo, valorizando os leigos e leigas em seus diversos carismas, serviços e ministérios", 27 O diálogo é essencial em todo o processo formativo. Não deve ser somente ensinado, mas vivido.

Uma tendência fundamentalista pode impactar no processo formativo ao pensar o seminário diocesano como um local isola- do do restante da sociedade. Um seminário isolado ou que não valoriza o contato com a sociedade; que não reflete os problemas sociais e da Igreja; que tenta camuflar a realidade com o véu de

CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 68. Ibidem, n. 7.

uma

e

a espiritualidade desencarnada é contrário a um dos objetivos específicos do processo formativo dos presbíteros, que é "preparar comunhão com Jesus Cristo e com o povo". A comunhão com

o candidato

animar o presbítero para viverem em profunda

Jesus Cristo ocorre e se

desenvolve por meio da oração e dos

sacramentos. A comunhão com o povo acontece por meio do serviço, já que o povo de Deus sente necessidade de "presbíteros

servidores da vida

à que estejam atentos às necessidades dos mais

pobres, comprometidos

na defesa dos direitos dos mais fracos,

e promotores da cultura e da solidariedade"." A formação deve ser também um espaço de diálogo com o mundo, de forma que os seminaristas, também missionários,

considerem-se a si mesmos como membros dos agrupamentos hu- manos em que vivem, e participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana; familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas; façam assomar à luz, com alegria e respeito, as sementes do Verbo neles adormecidas,

O impacto dos fundamentalismos

Outro ponto a se levar em consideração é que, como diz padre Libânio, "a formação trata de seres humanos, e não de objetos","1 Os responsáveis pelo processo formativo devem reconhecer que cada seminarista diocesano é uma pessoa com aptidão e dificul- dades próprias, sendo que, como indicam as DFPIB, "o processo formativo há de ser personalizante, favorecendo abertura aos dotes e às inclinações pessoais e à justa manifestação da originalidade de cada um, levando também em conta o que é próprio de cada tradição e cultura".32 Portanto, a formação não deve ser vista como uma técnica, mas como uma arte que percebe e forma a pluralidade de um ser humano.33

25 Ibidem, n. 73.

29 Idem.

30 CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto Ad Gentes sobre a atividade mis- sionária da Igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_ council/documents/vat-ii_decree 19651207_ad-gentes_po.html>. Acesso em: 18 abr. 2020.

31 LIBANIO, J. B. A arte de formar-se. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 16.

32 CNBB. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil, n. 69. LIBANIO, J. B. A arte de formar-se, p. 19.

As tendências fundamentalistas podem rondar os forma dores e as instituições formativas do seminário, de maneira que a formação se torne uma ação de tentar moldar o seminarista formá-lo e configurá-lo de maneira "plena a Jesus Cristo, que é a meta de todo o itinerário formativo"." A formação não deve

segundo modelos parciais, fragmentados ou

ser determinada pelo olhar somente de um

polarizados,

, e não

formador, come

também não deve se dar de forma autoritária. Vale ressaltar que a arbitrariedade também se constitui uma faceta do fun- damentalismo. O seminarista diocesano deve sempre se sentir

para

em um ambiente de diálogo sincero com os formadores, assim poder dialogar livremente com suas próprias potencia lidades e fraquezas.

3. O SEMINARISTA FORMANDO-SE SEMPRE ABERTO AO DIÁLOGO

O cenário contemporáneo se mostra complexo. O então

na missa

cardeal Joseph Ratzinger, na homilia que pronunciou Pro Eligendo Pontifice, celebrada no dia 18 de abril de 2005, pouco antes de sua eleição como papa, definia em nossos tempos a existência de uma ditadura do relativismo, que é fruto das inú meras doutrinas e correntes ideológicas que surgiram nas últimas décadas: "Enquanto que o relativismo, ou seja, o deixar-se levar quiados por qualquer vento de doutrina, parece ser a única atitude que está

na moda. Vai-se construindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que só deixa como última medida o próprio cu e suas vontades". Ao mesmo tempo, percebe-se que "o capitalismo vai eliminando por toda alteridade, a fim de submeter tudo ao consumo",
parte a
CNBB. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil, n. 63. RATZINGER J. Homilia do cardeal decano do colejo cardinalicio na missa "Pro diges do romano pontic, em 18 de abril de 2005. Disponivel em: <http://www.vatican.alg documents/homily pro digendo pontifice 20050418 po.html>. Acesso em: 18 abr 2029 HAN, Byung Chul. A agonia do eros. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 35.
Existe um conflito entre a alteridade, que desaparece em meio às tendências consumistas globalizadas, e o relativismo, que parece legalizar todo tipo de postura ideológica. Atualmente, vive-se sob o império de vários fundamentalismos, que não possuem, como já afirmado, somente uma vertente religiosa, mas percorrem todos os sistemas, sejam culturais, económicos, científicos, artísticos políticos. A negação da alteridade faz com que o indivíduo forma de viver e que o afirmem como um ser único, o que lhe recorra a possíveis seguranças que lhe garantam estabilidade na é negado pela visão ideal consumista do mundo. O relativismo,
Ou
fortalecido na
última década, oferece ao homem, de forma ilusória,
essa segurança e essa
afirmação. Com o tempo, as várias posturas
relativistas tendem a se transformar em posturas fundamentalistas,
constituindo-se
em mecanismo de defesa diante da necessidade de
construção de sentido e de identidade em um mundo complexo e fragmentário,
especialmente no campo da fé: "O fundamen- talismo é um distúrbio de uma fé que tenta entrincheirar-se no meio das sombras do passado, defendendo-se da perturbadora complexidade da vida"
O impacto dos fundamentalismos
O seminarista diocesano não foge da complexidade da vida, criando um mundo imaginário ou se apegando a modelos de uma vida vivida do passado. Como presbítero, será um perito em humanidade, que deixando-se atingir pelas grandes questões que envolvem a humanidade, ele manifesta amizade, companheirismo e solidariedade com todos, assumindo, em seu modo de ser, o estilo de Jesus Cristo, que assumiu a condição de servo","
"é homem de relações dentro e fora da Igreja
O diálogo deve sempre ser vivido integralmente pelo semina- rista em seu processo formativo, seja consigo mesmo, seja com os formadores e com sua comunidade formativa, já que "do seminarista se requer que se conheça e se deixe conhecer, relacionando-se de modo sincero e transparente com os formadores". Deve lembrar-se
BOFF, L. Fundamentalisme, a globalização e o futuro da humanidade, p. 38. HALIK, T. A noite do confessor, a fé cristánum mundo de incenera. Petbol Vores 2016, p. 35.
"CNBB. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil, n. 41.
Ibidem, n. 56.

de que a própria vocação nasce de um chamado de Deus, a quem desse diálogo de amor com Deus. Um seminarista diocesano que responde, sendo que a vivência da vocação é um constante renovar se fecha em suas próprias verdades e certezas, que não dialoga com também dialogar verdadeiramente com Deus, que é a Verdade en outras realidades e pensamentos, com o tempo não conseguirá carnada em Cristo, e perderá toda a razão primeira de sua vocação
e não dialogará nem consigo mesmo.
ao
Nas palavras de papa Francisco: "Quem é chamado ministério não é senhor de sua própria vocação, mas adminis trador de um dom que Deus lhe confiou, para o bem de todo o povo"." Todo seminarista diocesano tem um dom precioso sobre qual deve zelar: a sua vocação. O vocacionado ao diocesano deve zelar por sua capacidade de dialogar realidades, pois "ser presbítero diocesano implica no meio do povo", ou seja, ser um homem que não se
O
42
presbiterio
com diversas de viver
gostar
fecha em
si, mas é "capaz de dar a vida com disponibilidade, missionário da esperança, portador contagioso da presença do Ressuscitado, corajoso na criatividade". 43

4. O DIÁLOGO COMO CHAVE DE LEITURA DA REALIDADE E PRINCÍPIO FORMATIVO

O contrário de uma postura fundamentalista é a abertura ao diálogo. O diálogo autêntico é um modo de agir aberto, não dogmático." Na abordagem personalista" do diálogo, a partir da
Clero, 3 de outubro de
"FRANCISCO. Discurso à Plenária da Congregação para o 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141003_plenaria-congregazione-clero.html>. Acesso em: 18 abr. 2020.
CNBB. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil, n. 51. Ibidem, n. 53.
MORATALLA, T. D. Diálogo. In: VILLA, Mariano Moreno (org.). Dicionário de pensamento contemporâneo, p. 199.
O termo "personalismo", dentro do âmbito filosófico, remete a toda filosofia que afirma o primado da pessoa sobre qualquer tipo de realidade, seja material, sejam abstrações idealistas, e afirma, assim, de forma ontológica, moral e social, o valor superior da pessoa humana. VEGAS, J. M. Personalismo. In: VILLA, M. M. (org.). Dicionário de pensamento contemporâneo, p. 566.
filosofia do diálogo de M. Buber, o diálogo é a condição na qual
o homem deve se
ção.
dirigir ao outro, estabelecendo uma relação
forma que a relação entre o eu e o tu, mantida no diálogo, é de de pessoa a pessoa. O diálogo é sempre um encontro pessoal, de reciprocidade, responsabilidade, tolerância, igualdade e aceita- 46 A própria existência do homem é dialógica. O diálogo é a experiência

precoce e constitutiva da própria realidade pessoal.47 O homem é essencialmente um ser inclinado ao diálogo, a estar em comunhão com Deus, com o outro e com a criação de Deus como um todo. Não se sabe o que seria do homem se lhe fosse tirada a capacidade de dialogar, pois este não conseguiria perceber nem mesmo o seu ser pessoal. A própria criação é manifestação do amor de Deus, que a todos chama à sua comunhão: "A criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal".48

O impacto dos fundamentalismos

As tendências fundamentalistas que se espalham por todos os sistemas e expressões geram a impressão de que, para se combater o relativismo, é preciso optar por uma ideologia que defina a con- duta e o pensamento nos mais diversos campos da sociedade. É uma atitude comum entre os fundamentalistas usar rótulos para se referir a determinados pensamentos ou grupo de pessoas, pois assim se identificam os aliados e os inimigos a serem combatidos. fundamentalistas, não existem neutros nem possibilidade de diálogo, somente imposições de ideais.

Para os

Em nossas comunidades cristas, também se percebe essa tendência. E comum ouvir acusações de que aquele pertence a tal movimento, este é seguidor de tal padre, ele é conservador, ele é libertador, e, assim, parece que a Igreja é fragmentada em vários grupinhos que não se relacionam e até competem entre si. É certo que a Igreja tem vários carismas, mas ela é una, é um

46 MORATALLA, T. D. Diálogo. In: VILLA, M. M. (org.). Dicionário de pensamento contemporâneo, p. 201-202.

47 Idem.

48 FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015, n. 76.

cm

só corpo, é comunhão no amor. Diante da rica diversidade de carismas da Igreja, o seminarista diocesano deve se colocar a somente um movimento ou grupo, com a intenção de desva- diálogo aberto e nunca se determinar e se denominar pertencente lorizar outros carismas, pois toda vocação nasce de um encontro gratuito e transformador gera fraternidade que se concretiza em pessoal e amoroso com Jesus Cristo, e "a experiência desse amor comunidades de fé, nas quais a vida, com suas alegrias e dores, é partilhada". 50 Como nos diz o Documento de Aparecida, "a fé nos

liberta do isolamento do eu, porque nos conduz à comunhão" O seminarista diocesano se forma para estar em contato e anunciar a Boa-nova a uma sociedade. É preciso considerar se vive "uma mudança de época que afeta paradigmas estabele cidos e valores culturais e morais. Essa mudança de época

que

clama

por pessoas integradas, capazes de ler e interpretar os sinais dos tempos', no horizonte da fé","2 onde "é preciso conhecer bem a realidade para assumi-la e transformá-la à luz do Evangelho" A chave para se dialogar com a sociedade é a saída: assim como "Deus Pai sai de si para nos chamar a participar da vida e de sua glória", "a conversão pastoral requer

atitude constante de saída, favorecendo a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade e a passagem de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária" 55

Uma tendência do fundamentalista é se sentir superior. O seminarista diocesano, ao contrário, em seu processo formativo, deve se provocar a sair de sua zona de conforto, ousar dialogar realidades da sociedade que necessitam receber a mensagem de Cristo.

com

"CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. Tex- to conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13- 31 de maio de 2007. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas, Paulus, 2008, n. 161. 50 CNBB. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 (Documentos da CNBB, 109). Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 17.

51 Documento de Aparecida, n. 156.

CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 9. 53 Ibidem, n. 7. Documento de Aparecida, n. 129.

"CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, n. 19.

à período de espera estagnada

O período de formação não deve ser um p

em

pela ordenação, mas um período de ação evangelizadora que prepara para o ministério sacerdotal. O chamado a evangelizar consiste no Também no processo formativo deve ressoar o desejo que

anúncio de Cristo

diálogo com a sociedade.

à Francisco manifestou na Exortação Apostólica Evangelii

o papa Gaudium: Prefiro uma

Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído

pelas estradas, a uma

Igreja enferma pelo fechamento e a como-

didade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja

preocupada

com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado

de obsessões e procedimentos.

O seminarista diocesano, como protagonista de sua for- mação, deve dialogar constantemente com sua própria vocação.

O seminarista é o

primeiro que deve questionar a si mesmo

O impacto dos fundamentalismos

sobre sua vocação. As tendências fundamentalistas dentro do catolicismo, normalmente, são apegadas a atitudes e preceitos superficiais, secundários e não essenciais, como: o que e onde se rezar, como se vestir, a que programas assistir ou que músicas ouvir, entre outros. Os verdadeiros valores evangélicos, como a

caridade e a

misericórdia, são descartados de suas preocupações

e prioridades. Um seminarista diocesano que se fundamentar em atitudes e vivências superficiais do Evangelho não conseguirá dialogar com sua própria vocação. Com o tempo, esta perderá o sentido, por não ter se firmado em Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fundamentalismo é uma tendência que permeia toda a sociedade contemporânea. É um perigo que ameaça também a formação do seminarista diocesano. Pode se tornar uma realidade no processo formativo, seja por parte dos seminaristas, que podem
56 FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013, n. 49.
203

ingressar no seminário com ideais não abertos à formação e
diálogo, seja por parte dos formadores, que podem
se tornar ver.
dadeiros fundamentalistas ao impor suas vontades, sem nenhuma comunhão com a Igreja ou diálogo aberto com os seminaristas
Todo o processo formativo é um grande diálogo.
Os fundamentalistas não dialogam porque, na verdade,
temem o diálogo, pois este desmascara as mentiras e os
enganos
Nenhum cristão deve temer o diálogo. Todo diálogo sincero con duz à verdade, e a verdade encarnada é Cristo. Se o seminarista diocesano acredita na Verdade, que é o próprio Cristo, durante todo o processo formativo, ele não fugirá de nenhuma realidade
de diálogo. Ao contrário, configurando-se ao manso e humilde
coração do Senhor, buscará escutar as dores e angústias da so ciedade, sendo a presença compassiva de Deus em meio a tantas
violências, agressões e desrespeitos à vida humana.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
AMARAL, M.; HACKMAN, G. (orgs.). As constituições do Vaticano ll ontem e hoje. Brasília: Edições CNBB, 2015.
ARNS, P. E. O que é Igreja. São Paulo: Brasiliense, 1981. BOFF, L. Como enfrentar o fundamentalismo. Disponível <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/24/leonardo-boff-
cm:
- como-enfrentar-o-fundamentalismo>. Acesso em: 17 abr. 2020,
Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade.
Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus; Petrópolis: Vozes, 1999.
CNBB. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Bra- sil 2019-2023 (Documentos da CNBB, 109). Brasília: Edições CNBB, 2019.
Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil
em: <https://
(Documentos da CNBB, 110). Brasília: Edições CNBB, 2019. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja. Disponível e www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/do- cuments/vat-ii_decree 19651207_ad-gentes_po.html>. Acesso CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Docu- mento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do
em: 18. abr. 2020.
Episcopado
Latino-Americano

e do Caribe, 13-31 de maio de
2007. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas, Paulus, 2008. FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015.
Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio
do Evangelho
no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.
Discurso à Plenária da Congregação para o Clero, 3
O impacto dos fundamentalismos
de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/
content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/pa-
pa-francesco_20141003_plenaria-congregazione-clero.html>.
Acesso em: 18 abr. 2020.
HALÍK, T. A noite do confessor. a fé cristá num mundo de incerteza. Petrópolis: Vozes, 2016.
HAN, Byung-Chul. A agonia do eros. Petrópolis: Vozes, 2017. LIBANIO, J. B. A arte de formar-se. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012. MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. Fundamentalismo: desa- fios à ética teológica. Aparecida: Santuário; São Paulo: Sociedade Brasileira de Teologia Moral, 2017.
RATZINGER, J. Homilia do cardeal decano do colégio car- dinalício na missa "Pro eligendo romano pontifice", do dia 18 de abril de 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/gpII/
documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html>.
Acesso em: 18 abr. 2020.

São Paulo: Paulus, 2000.
VILLA, M. M. (org.). Dicionário de pensamento contemporáneo. WOJTYLA, K. Persona y acción. Tradução de Rafael Mora.
Madrid: Palabra, 2017.

O SEMINARISTA SERVIDOR, PASTOR E MISSIONÁRIO

O seminarista servidor

INTRODUÇÃO

a sua
José Vinicius Bonfante

O objetivo esperado da formação do seminarista diocesano é
identificação
que eu
com Jesus Cristo, o Bom Pastor. Por isso, con-
vém nos perguntarmos: qual a finalidade de minha vocação? Para desejo ser padre? Temos em Jesus Cristo o modelo perfeito de obediência ao Pai e de serviço aos irmãos. Nele, aprendemos a finalidade do sacerdócio. Por isso, refletiremos sobre o discipulado como pressuposto necessário ao seminarista diocesano; sobre a com- paixão que se manifesta no serviço aos irmãos; e sobre o anúncio do
Evangelho
como

exigência do encontro com o Senhor.
O seminarista diocesano, desde o início de sua formação, há de espelhar-se no Cristo Bom Pastor, fonte inesgotável de bondade e ternura, para se tornar servidor, evangelizador e pastor para todos
os que
dele se
aproximarem. O seminarista precisa fazer de sua
vida a expressão da caridade pastoral inspirada em Jesus Cristo, modelo de serviço, pastoreio e caridade. O processo formativo de cada seminarista deve ser motivado e espelhado no coração tipicamente acolhedor e amável de Cristo, fonte inesgotável de bondade, ternura e misericórdia. Nessa perspectiva, o seminarista irá moldando o seu jeito de ser e de viver, tornando-se para os outros, a começar com os próprios colegas, sinal e portador do amor misericordioso de Deus.2
Seminarista diocesano da diocese de Jaboticabal-SP.
CARVALHO, H. R. A urgência de formar o coração. In: VEIGA, A. C. da.; ZACHA- RIAS, R. (orgs.). Igreja e escândalos sexuais. por uma nova cultura formativa. São Paulo: Paulus, 2019, p. 144-145.
207

208
José Vinicius Bonfante
1. O SEMINARISTA, DISCIPULO DE JESUS DE NAZARÉ
Pensar o seminarista diocesano como servidor, evangelizador e pastor nos conduz ao principal modelo que possuímos: o próprio Cristo Bom Pastor. Frequentemente, ouvimos, lemos, falamos sobre Jesus, mas devemos seriamente nos perguntar: quem é Jesus Cristo Esse é um questionamento semelhante ao que Jesus dirige: e aos disci
pulos, após ouvir as diversas opiniões sobre ele: "E vós, quem dizéis que eu sou?" (Mt 16,15). Responder a essa pergunta é essencial para todo discipulo e missionário, no processo de formação permanente. Não existe uma resposta pronta para essa pergunta. Somos ten-
tados a responder colocando nosso conhecimento sobre
OS
dogmas
e doutrinas sobre Jesus, porém, trata-se de uma pergunta pessoal e portanto, exige uma resposta individual, ou seja: quem é Jesus p
mim? Para respondê-la é necessário o encontro pessoal
spara
com ele.
Antes de sermos pastores, devemos seguir um caminho de
próprio Senhor
quem
ele é, para me-
discipulado, aprendendo do Ihor anunciá-lo. Só poderá ser pastor aquele que primeiro soube ser discipulo. Este chamado é feito durante toda a nossa vida, mas, especialmente no tempo de seminário, somos convidados a fazer como os primeiros discípulos do Evangelho de João, que, prepa- rados pelo Batista, são levados a Jesus e, por ele, indagados: "Que procurais? Disseram-lhe: Rabí, onde moras?' Disse-lhes: 'Vinde e vede. Então eles foram e viram onde morava e permaneceram com ele aquele dia" (Jo 1,38-39).

O tempo da formação inicial é essencialmente dedicado a estar com Jesus, a aprender com ele, para posteriormente sermos enviados em missão como pastores.
Como discípulos, devemos permanecer com o Mestre, ter familiaridade com ele, compartilhar da mesma vida e ser amigos seus (cf. Jo 15,15) ou, até mesmo, irmãos (cf. Mt 12,46-50).* Essa é a resposta ao convite feito pelo Mestre a cada um de nós.
PAGOLA J. A. Jesus aproximação histórica. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 565.
CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasiliz Edições CNBB: São Paulo: Paulinas, Paulus, 2008, n. 132-133.
Convite que se renova a cada dia, tendo na c
oração a oportunidade
o Mestre, de ouvir sua vontade e de responder a ele
de estar com o que com atitudes
demostram
nosso
comprometimento com o
seu projeto. E necessário, uma vez chamados, responder como discipulos encontrados e amados por ele. Resposta que se dá na vida comunitária, pois, mesmo sendo fundamental o encontro este não se fecha no individualismo, mas abre-se à fé da Igreja. professada por todos os irmãos e irmás.
pessoal,
Os
Evangelhos
nos mostram como foi o início do cristianis-
mo: um encontro de fé com a pessoa de Jesus Cristo. Encontro com uma pessoa que saciava a sede de vida que havia em seus corações." Jesus é alguém fascinante que ainda hoje chama pessoas verdade mais essencial e profunda de nossa vida. Ele é o "caminho, para permanecerem com ele como discipulos, porque traz em si a
verdade e vida" (Jo 14,6).
sua forma de viver, é ter os seus
O seminarista servidor
Esse encontro não se refere apenas ao ámbito espiritual ou intelectual; encontrar-se com Jesus significa conversão e ação. Seguir Jesus é compartilhars mesmos sentimentos e atitudes. Existe uma clara diferença entre simples conhecimento que é assimilado e a fé que nos leva à convicção, pois muda nossa forma de pensar e de viver. Quem cre busca configurar a sua vida com a de Jesus, imitando suas no cotidiano.
um
atitudes
Jamais podemos ocultar ou esquecer que é Deus quem nos encontra por primeiro. A iniciativa vem dele, que nos chama a estar em sua presença, como nos atestam os Evangelhos, quando relatam o chamado dos primeiros discípulos (cf. Mt 4,19.21; Mc 1,16-17.19-20; Lc 5,1-11; Jo 1,38-39.42-43). Antes de nos encontrarmos com Jesus, é ele quem nos olha, nos encontra e nos chama a permanecer com ele, a sermos discípulos seus. Porém, esse encontro não é imposição, mas convite.
Ibidem, n. 243-244.
PAGOLA, J. A. Jesus: aproximação histórica, p. 22.
CASTILLO, J. A humanidade de Jesus. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 120. *CASTILLO, J. Jesus: a humanização de Deus. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 23-62.

209

as
210
José Vinicius Bonfante
Diante da necessidade de encontrar Jesus, o Documento de Aparecida nos apresenta alguns lugares de encontro para nossos dias o primeiro deles é a fé que recebemos e vivemos na Igreja; a Sagrada Escritura; a participação na sagrada liturgia, tendo a Eucaristia como lugar privilegiado; o sacramento da reconciliação; a oração pessoal e comunitária; a participação em uma comunidade viva e a prática do amor fraterno; os pobres, aflitos e enfermos (cf. Mt 25,37-40). É importante para o discípulo o conhecimento do Mestre, pois o seminário é tempo de discipulado e configuração a Jesus Cristo. 10 Somente fazendo esse caminho, poderemos responder quem é Jesus, como no final do Evangelho de João, em que Pedro, após todo o caminho de discipulado, é indagado sobre seu amor a Jesus. Somente após a confirmação desse amor lhe são confiadas as mesma
suas ovelhas (cf. Jo 21,15-17). Pedro nos mostra a necessidade de sermos discípulos, conhecer nosso Mestre, compartilhar da vida, amar, ainda que imperfeitamente, antes de sermos pastores. O Documento de Aparecida recorda que o processo de for- mação dos discípulos missionários possui cinco aspectos funda- mentais: 1) encontro com Jesus: sendo chamado e iniciado em
seu caminho; 2) conversão: como resposta inicial de
quem ouviu
amadurecendo no conhecimento, amor e seguimento de Jesus o Senhor e muda sua forma de pensar e viver; 3) discipulado: Mestre; 4) comunhão: a vida em comunidade, vivendo o amor
transborda e é de Cristo na vida fraterna; 5) missão: o amor que compartilhado com os irmãos." Assim, se desejamos nos confi- gurar a Jesus Cristo, Bom Pastor, temos que antes percorrer este caminho de discipulado que nunca se encerra, mas renova-se no constante chamado e resposta. O tempo de seminário se caracteriza justamente por ser tempo de buscar ativamente o Senhor; tempo de conhecê-lo, de se encantar por ele, de ouvir sua voz e de descobrir sua vontade para a nossa vida.
CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida,
n. 246-257.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação sacerdotal: Ratio Fundamentalis Sacerdotalis (Documentos da Igreja, 32). Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 35. "CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, n. 278.
O seminário é tempo de caminho, de busca, mas, sobretudo, de descoberta de Cristo. De fato, somente na medida em que faz experiência pessoal de Cristo, o jovem pode compreender verdadeiramente a sua vontade e, em
uma
consequência, a própria vo-
cação. Quanto mais conheceis Jesus, tanto mais o seu mistério vos atrai; quanto mais O encontrais, tanto mais estais impulsionados a procurá-Lo. E um movimento do espírito que dura toda a vida, e que encontra no seminário uma estação repleta de promessas,
a sua
"primavera” 12
O seminarista servidor

Temos em Jesus de Nazaré o modelo perfeito para nosso seguimento. Por isso, o encontro pessoal e o conhecimento sobre quem ele é mostram-se importantes para nos prevenir de imagens equivocadas sobre ele que deturpam a concepção do ministério presbiteral. Assim, a imagem de um Jesus triunfal, a partir do poder e do prestígio, pode levar a um sacerdócio distante do povo, em que se sente superior aos demais, longe da fraternidade, distante de Deus e próximo da idolatria do eu. Corremos o risco de pregar um Jesus de acordo com nossos interesses, legitimando, por exemplo, o carreirismo eclesiástico. Podemos fazer de Jesus uma imagem remota, gerando uma relação de temor que legitima a obediência idolátrica à autoridade religiosa e uma pastoral do error e da culpabilidade. Muitas vezes, utiliza-se uma imagem deformada de Jesus para satisfazer necessidades humanas.13 Quando Deus é concebido de acordo com nossas necessida- des humanas, especialmente como poder absoluto que se impõe pela força de sua lei, surge a religião do rigor, dos méritos e dos 14 assumindo o representante desta religião essa imagem castigos,' desfigurada de Deus. Corremos também o risco de ver Jesus como objeto de culto exclusivo, um ícone venerável e majestoso, qual ficaram apagados os traços do profeta da compaixão
um
mas no
12 BENTO XVI. Discurso aos seminaristas durante o encontro na igreja de São Panta- leão. Colônia, 19 de agosto de 2005. Disponível em: <vatican.va/contente/Benedict-X-VI/pt/speacher/2005/august/documents/hf_ben-XVI_spe20050819_seminarians-ht-ml>. Acesso em: 5 mar. 2020.
15 ESTRADA, J. A. Da salvação a um projeto de sentido. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 77-85.
14 PAGOLA, J. A. Jesus: aproximação histórica, p. 387.
211

as
212
José Vinicius Bonfante
e defensor dos últimos. Se nossa imagem de Jesus Cristo é pobre e parcial, nossa fé e, consequentemente, nosso sacerdócio serão pobres e parciais, distorcidos e distantes do Evangelho. Devemos nos questionar: em que precisamos purificar nossa imagem de biteros da Igreja no Brasil, "há candidatos que buscam, de início, Jesus?15 Como nos atestam as Diretrizes para a formação dos pres um mundo de certezas a partir da idealização do 'ser padre, como expressão do eu idealizado".16 Não podemos contar exclusivamente
com nossas certezas na busca por benefícios no o sacerdócio, mas
confiar nele. Purificar nossa imagem de Jesus nos leva a purificar devemos nos colocar nas mãos de Deus como instrumentos
nossa imagem ou o nosso ideal do ser padre.
e
O seminário é momento de estreitar os laços com Jesus, ou seja, de ser discípulo, pois "qual é a razão última, o sentido primei ro e primordial, o vital, a essência da formação? A compreensão
da essência da formação é o seguimento de Jesus Cristo", 17
Mostra-se como primeiro passo para pensar em ser pastor: ser discípulo de Jesus de Nazaré. Tudo partindo do encontro, cha- mado, conversão, discipulado e missão, para termos claro a quem
estamos seguindo e anunciando. Só poderemos nos

configurar a
Jesus Cristo, se soubermos antes quem ele é, como viveu e como
podemos, hoje, assumir suas atitudes em nossa vida.
2. CORAÇÕES CONFIGURADOS
AO CORAÇÃO DE JESUS, O BOM PASTOR
O seminário é tempo de configurar o coração do discípulo ao de Jesus, Bom Pastor. O presbítero é chamado a desenvolver esse discipulado como pastor no meio do povo." Esse é um elemento
Ibidem, p. 566-567.
CONFERENCIA DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil (Documento 110). Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 22.
STEINER, L. A formação do pastor do povo de Deus. Revista Eclesiástica Brasileira, 71, n. 282, 2011, p. 278.
"JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2012, n. 57.
"VIANA, W. C. Um belo e longo caminho: um itinerário formativo para seminaristas. Brasilia: Edições CNBB, 2013, p. 173.
que constitui aquilo que deverá ser assumido sacramentalmente relacionado ao amor incondicional do sacerdote pelo seu povo, na ordenação, pois o ministério presbiteral está intrinsecamente a Igreja, a exemplo de Cristo.
por sua
O presbítero é chamado a assumir em si os sentimentos e as ati- rudes de Cristo em relação à Igreja, amada eternamente mediante o exercício do ministério; portanto, dele se pede que seja capaz de amar o povo com o coração novo, grande e puro, com um autén-tico esquecimento de si mesmo, com dedicação plena, contínua e fiel, juntamente com uma espécie de "ciúme divino, com uma ternura que reveste inclusive os matizes do afeto materno."
O presbítero diocesano deve ser a imagem de Jesus Cristo, Bom Pastor, em meio ao mundo. Mas de que maneira Jesus foi pastor? Dentre tantos elementos que poderíamos elencar, cha-
ma-nos a
atenção quando,
no Evangelho de Mateus, Jesus, ao
olhar a multidão, "teve compaixão dela, porque estava cansada abatida como ovelhas sem pastor" (Mt 9,36). Um primeiro elemento essencial do pastor se apresenta a nós: a compaixão.
E esta se
desenvolve de maneira prática no serviço.
O seminarista servidor
Pela ordenação sacerdotal o presbítero é configurado a Jesus Cristo, Pastor e Cabeça da Igreja, e recebe o dom da participação
na autoridade
Dessa
uma
como servo.
com a qual ele, pelo Espírito, conduz a Igreja.
forma, podemos pensar o pastor como aquele que possui autoridade sobre as ovelhas que lhe são confiadas. Porém, Jesus dá um sentido novo à imagem de autoridade: ele a exerce

É a partir desse tipo de autoridade que a existên- cia espiritual dos sacerdotes é animada, desligada de qualquer presunção de assenhorar-se do rebanho a ele confiado (cf. 1Pd 5,2-3), 22 pois "aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor" (Mc 10,43).
20 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes, n. 22.
CONCILIO VATICANO II. Decreto Presbyterorum Ordinis. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 2.
22 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação
dos sacerdotes, n. 21.
213

as
214
José Vinicius Bonfante
Jesus nos ensina a ser pastores a partir de sua vida,
dando, curando, amando, perdoando, a ponto de sacrificada
por
que foi
ter uma vida
plenamente doada pelas ovelhas: "Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá sua vida pelas suas ovelhas" (Jo 10,10). Vemos que, em toda a vida de Jesus, ele esteve próximo de suas ovelhas, cui- - elas.23 Nos Evangelhos, podemos ver como ele movido pelo sentimento de compaixão, ou seja, partilhava com anunciava o Reino de Deus com total doação e disponibilidade, caridade salvífica: "Sua vida é uma ininterrupta manifestação,
o outro sua dor, doença e miséria, exprimindo no serviço com
e
melhor, uma cotidiana realização da sua 'caridade pastoral': compaixão pelas multidões, porque estão cansadas como ovelhas sem pastor".25
O Bom Pastor exerce seu pastoreio se aproximando
: sente
esgotadas
especial
mente dos últimos, daqueles considerados abandonados, excluí- dos, marginalizados. Ele dedica-se a eles mais do que a quaisquer
outros. Estes são os primeiros a experimentar a
misericórdia e a
compaixão do Pai, dirigidas a todos os seus filhos, mas, especial- mente, aos que mais delas necessitam. O presbítero diocesano é
chamado a participar da compaixão e misericórdia de Deus e a
comunicá-las. 26
A compaixão é o modo de ser de Deus, sua primeira reação diante do ser humano, a primeira coisa que brota de suas en tranhas de Pai. Deus é compaixão e amor entranhado a todos. também aos impuros, aos privados de honra, aos excluídos de seu templo. Por isso, a compaixão é, para Jesus, a maneira de imitar a Deus e ser santo como ele. Olhar as pessoas com amor compassivo é parecer-se com Deus; ajudar os que sofrem é agir como ele. 27
23 HUMMES, C. Sempre discípulos de Cristo. São Paulo: Paulus, 2002, p. 82.
VIANA, W. C. Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas, p. 175.

≫ JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação
dos sacerdotes, n. 21.
26 PAGOLA, J. A. Jesus: aproximação histórica, p. 195-196.
"Ibidem, p. 239.
continua em sua
O amor compassivo é a principal característica de Jesus, Bom Pastor, e, por isso, deve ser também a nossa.28 A missão de Jesus sucessores e através dos presbíteros. Portanto, somos chamados experienciar a própria caridade pastoral de Cristo em nosso cotidiano, compadecendo-nos, especialmente, dos pequenos e fracos, imitando Cristo na entrega de si mesmo ao serviço.29 A configuração a Jesus é consequência do seguimento pelo qual ajudamos a edificar o Reino de Deus, compartilhando a mesma vida do Mestre, em "seu amor e sua obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos
Igreja, especialmente através dos apóstolos e seus
pobres
s e aos pequenos, sua fidelidade à missão confiada, seu amor serviçal até a doação de sua vida".30 É o que nos atesta o Documento de Aparecida, quando afirma que "o presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, o a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que
próximo
sofrem grandes necessidades",31
O seminarista servidor
O papa Francisco afirma que ser misericordioso com o irmão ne- cessitado é uma forma de santidade e identificação com Jesus Cristo:
Desse modo, ser santo não significa revirar os olhos em um suposto êxtase. Dizia São João Paulo II que, "se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-lo, sobretudo, no rosto daqueles com quem ele mesmo se quis identificar". [...] Neste apelo a reconhecê-lo nos pobres e atribulados, revela-se o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e suas opções mais profundas, com os quais se procura configurar todo santo." O Reino de Deus anunciado e praticado por Jesus é o amor vi- vido em toda e qualquer situação, que temos o dever de perpetuar,
28 HUMMES, C. Sempre discípulos de Cristo, p. 83.
JOÃO PAULO II. Exortação apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes, n. 22.
30 CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, n. 139. 31 Ibidem, n. 198.
32 FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 96.

chamados a não nos esconder das feridas das pessoas, mas a estar ouvindo seu apelo escondido em cada irmão necessitado. Somos ao seu lado, a ser "pastores com o cheiro das ovelhas"." No Reino tem direito a experimentar o amor de Deus por meio de nossas de Deus, cada ser humano, por mais que nos pareça desprezivel, ações. O sacerdote é

chamado a agir na pessoa de Jesus Cristo necessitado. Como pastores, devemos continuar a missão de Jesus não apenas na sagrada liturgia," mas também diante do próximo neste mundo, o que significa, entre outras coisas, que
é preciso "retornar à Galileia" para seguir seus passos: é preciso
viver curando os que sofrem, acolhendo os
excluídos, perdoando
os pecadores, defendendo as mulheres e abençoando
as crianças,
é preciso fazer refeições abertas a todos e entrar nas casas anun- ciando a paz; é preciso contar parábolas sobre a bondade de Deus e denunciar toda religião que vá contra a felicidade das pessoas; é preciso continuar anunciando que o Reino de Deus está próximo. Com Jesus é possível um mundo diferente, mais amável, mais digno e justo. Há esperança para todos: "Retornai à Galileia. Ele
irá à vossa frente. Ali o vereis".
36
Esta é a nossa missão como pastores: compadecer-nos diante da dor de nossas ovelhas e dar-lhes o alívio, mesmo que isso nos traga a perseguição e a cruz. Reconhecemos que não haveria me- lhor fonte inspiradora para nossa ação pastoral que a de Cristo, Bom Pastor, em sua inteira doação e serviço à Igreja. Todo sacer- dote é chamado a ser a presença sacramental de Jesus Cristo, que continua em nossos dias a cuidar de suas ovelhas e apascentá-las. Toda ação, gesto e palavra do sacerdote deve ser uma manifesta- ção da caridade de Cristo." Jesus deu sua vida por suas ovelhas,
"FRANCISCO. Homilia na santa missa crismal de 28 de março de 2013. Disponível em: <vatican.va/contente/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328 messa-crismale.htm>. Acesso em: 20 mar. 2020.
"PAGOLA, J. A. Jesus: aproximação histórica, p. 309-310.
"CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 7.
J. A. Jesus: aproximação histórica, p. 515.
"CARVALHO, R; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 95.
não quer perdê-las, nem quer que sejam maltratadas por nós." Não sejamos mercenários (cf. Jo 10,12) nem nos sintamos donos delas (cf. 1Pd 5,2), pois é o próprio Cristo, Bom Pastor, quem alimenta e nutre.39 Por nosso serviço, o amor compassivo de Deus continue sendo anunciado e concretizado.
as
3. O ANUNCIO DO EVANGELHO COMO EXIGÊNCIA MISSIONÁRIA
Outro elemento essencial do pastoreio de Jesus, estreitamente
ligado
com o amor ao
próximo, é o anúncio da Boa-nova. Esse
a chegada do Reino de Deus.
aos seus
O seminarista servidor -
anúncio também deve se espelhar em Jesus, tendo em vista que, ao mesmo tempo que ele aliviava a dor das pessoas, anunciava-lhes No final do Evangelho de Mateus, Jesus ressuscitado disse s discípulos: "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se à discípulos,

batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei (Mt 28,19-20). E com esse mandato que os cristãos batizados assumem o dever de anunciar a todos a mensagem do Evangelho,
tornem
convidando-os
sa fazer parte da comunidade eclesial.
A Igreja, no
decorrer da história, cumpre esse mandato,
facilitando a todos, independentemente da idade, cultura, meio em que se vive, o encontro pessoal com Jesus, a partir do Evan-
gelho, gerando
uma autêntica vivência cristã, que não se encerra
em si mesma, mas tem o anúncio em sua essência, como afirma » Documento de Aparecida: "Cumprir essa missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade crista" 40
Juntamente com o amor compassivo pelos irmãos necessita- dos, é parte essencial do pastoreio o anúncio de nossa fé. Corremos o risco dos extremos: por um lado, se somente fazemos a caridade, sem anunciar nossa fé, nos tornamos assistencialistas; por outro
HUMMES, C. Sempre discipulos de Cristo, p. 83.
"CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 6.
CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, n. 144.
217

218
José Vinicius Bonfante
lado, se somente anunciamos a Boa-nova, sem nos comprometer
com os necessitados, essa palavra torna-se vazia.
A missão da Igreja é evangelizar, como Jesus mesmo fez anunciando a Boa-nova do Reino aos pobres e pecadores. Nós, seus discípulos missionários, devemos proclamar o Evangelho que é o próprio Cristo.41 A Igreja é enviada a todas as nações com a missão de anunciar o Evangelho a todos, perenizando a obra de Cristo confiada aos apóstolos, que hoje chega a nós.42 A Igreja é O encontro com Cristo, como vimos, muda nossa vida, nos acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que
missionária por sua natureza.43
faz encontrar o sentido da nossa existência, "porque,
pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?".44
se
alguém
A mensagem que devemos anunciar não é outra senão o pró-
prio Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, que
veio ao mundo
para nos fazer participantes da natureza divina (cf. 2Pd 1,4)." Em Jesus Cristo, temos a plena revelação de Deus16 e, também, a plena revelação de quem é o homem. 47 Essa verdade plena que recebe-
mos em Jesus Cristo não pode, uma vez recebida, ser maneira egoísta, mas deve ser anunciada a todos os povos. guardada de
Esse anúncio necessita ser constantemente atualizado

nas
novas realidades que, cotidianamente, surgem como desafios para que a evangelização aconteça. O Documento de Aparecida já nos impelia a uma conversão pastoral, propondo-nos uma "pastoral decididamente missionária". 48 O papa Francisco, em sua exortação apostólica Evangelii Gaudium, nos apresenta, logo
41 Ibidem, n. 30.
42 CONCILIO VATICANO II. Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 1.
43 Ibidem, n. 2.
"FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 8.
" CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, n. 348. 46 CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 4.
CONCILIO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 22.
S CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, n. 370.
no primeiro capítulo,
, a necessidade de uma transformação mis-
sionária, a partir de uma Igreja em saída, enviada pelo Senhor
para ser luz e sal da terra:
Naquele "ide" de Jesus, estão presentes os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas a esta nova "saída" missionária. Cada cristão e cada comunidade todos somos convidados a aceitar essa chamada: sair da própria
comodidade
e ter a coragem de alcançar todas as periferias que
precisam da luz do Evangelho."
O papa reforça o pedido de Aparecida, desejando uma Igreja
que saia de sua
apoie
comodidade, supere a mera conservação, não se
em mecanismos que não mais favorecem a transmissão da
fé, mas que promova o encontro de tantos que ainda hoje não tiveram seu autêntico encontro com Jesus Cristo.
O papa Francisco nos ensina que devemos nos primeirear, ou seja, ter a ousadia de ir ao encontro, procurar os afastados,
convidar
os excluídos.50 Precisamos ter a iniciativa de sair, não
esperando que as pessoas venham até nós, mas despertando nelas
fé e convidando-as a
sao encontro com o Senhor.
O seminarista servidor
Na força do Espírito, Jesus é o missionário do Pai, co sacerdote é enviado por Cristo. Cumprir essa missão requer a
coragem
de ir além do cumprimento de funções rotineiras, isto saída, rumo às periferias geográficas e existenciais.

é, estar em
Tornar-se pastor missionário é urgente e difícil, pois exige abandonar-se para ir ao encontro do outro, desinstalar-se na insegurança da missão, sendo um sinal de contradição em um o que prega o individualismo.52 Ser missionário exige sair
mundo
49 FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, n. 20.
50 Ibidem, n. 24.
51 CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil, n. 40.
52 VIANA, W. C. Um belo e longo caminho: um itinerário formativo para os seminaristas, p. 177.

do eu, em um amor exclusivo, para um nós fraterno, movido
pelo amor inclusivo de Jesus. 53
de Jesus
não o guardar para nós mesmos: sendo o próprio Deus amor (cf Dessa forma, é parte fundamental do seguimento. Jo 4,8), ele não pode ser contido em si mesmo, mas deve ser partilhado com todos.
CONSIDERAÇÕES FINAIS
A missão dos pastores e daqueles que estão a caminho desse discipulado consiste em perpetuar a missão de Jesus Cristo no
mundo, pela palavra e pelo testemunho. Seguindo
0
modelo
de Jesus Mestre e Senhor, o seminarista deve ter consciência de que é chamado a estar em sua presença e assumir os seus senti- e viver samaritanamente entre os preferidos de Deus, isto é, os do Reino de Deus, especialmente àqueles que mais necessitam, mentos e ações, para ser enviado em missão, como anunciador
mais necessitados.
O seminarista diocesano, discípulo missionário, imerso no mundo hodierno, profundamente mergulhado no amor advindo do coração bondoso e misericordioso de Jesus, o Bom Pastor, será capaz de tornar-se, para seus colegas, seus familiares e o povo de Deus, com quem se encontra nos fins de semana para o seu exercício pastoral, um irmão servidor, evangelizador e pastor.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BENTO XVI. Carta Encíclica Deus Caritas Est. 11. ed. São Paulo:
Paulinas, 2011.
Discurso aos seminaristas durante o encontro na igreja de São Pantaleão. Colônia, 19 de agosto de 2005. Disponível em:
<vatican.va/contente/Benedict-XVI/pt/speacher/2005/august/
documents/hf_ben-XVI_spe20050819_seminarians-html>.
Acesso em: 5 mar. 2020.
53 Ibidem, p. 179.

CARVALHO. H. R. A urgència de formar o coração. In: VEIGA. A. C. da.: ZACHARIAS, R. (orgs.). Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa. Sao Paulo: Paulus, 2019. CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017. CASTILLO, J. Jesus: a humanização de Deus. Petrópolis: Vozes. A humanidade de Jesus. Petrópolis: Vozes, 2017. CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. .
Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
2015.
. Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
O seminarista servidor
Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja.
29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
2000.
Decreto Presbyterorum Ordinis. 29. ed. Petrópolis: Vozes,
CONFERÊNCIA
DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para
a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil (Documento 110).
Brasília: Edições CNBB, 2019.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação sacerdotal: Ratio Fundamentalis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017. CONSELHO EPISCOPAL
LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Epis- copado Latino-Americano e do Caribe. 12. ed. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2008.
ESTRADA, J. A. Da salvação a um projeto de sentido. Petrópolis: Vozes, 2016.
221

222
180
as
José Vinicius Bonfante
FRANCISCO. Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições .Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado
CNBB, 2013.
à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018. Homilia na santa missa crismal de 28 de março de lies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale. 2013. Disponível em: <vatican.va/contente/francesco/pt/homi HUMMES, C. Sempre discípulos de Cristo. São Paulo: Paulus,
htlm>. Acesso em: 20 mar. 2020.
2002.
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. 8. ed. São Paulo:
Paulinas, 2012.
PAGOLA, J. A. Jesus: aproximação histórica. 7. ed. Petrópolis:
Vozes, 2014.
STEINER, L. A formação do pastor do povo de Deus. Revista

Eclesiástica Brasileira, v. 71, n. 282, 2011.
VIANA, W. C. Um belo e longo caminho: um itinerário formativo
para seminaristas. Brasília: Edições CNBB, 2013.
15
A RESPONSABILIDADE EO COMPROMISSO NO PROCESSO FORMATIVO
INTRODUÇÃO
Guilherme Aparecido de Lima'
O seminário se faz necessário para o processo formativo de homens, visando ao ministério presbiteral. Dentro de uma casa
formativa, os
terem
s seminaristas diocesanos devem tender para a autênti-
ca formação de verdadeiros pastores das almas, a exemplo daquele que os chamou, Cristo Jesus. Serão eles preparados ao ministério da Palavra, aprofundando o estudo das Sagradas Escrituras, para melhor conhecimento da revelação de Deus aos homens. Serão preparados para o ministério do culto e da santificação, com a reta intenção da realização da obra de salvação a cada oração e celebração litúrgica. E preciso que cada candidato se comprometa
com sua
formação, seja transparente, genuíno, fiel, responsável,
que viva a santidade e que, preparando-se para o ministério de
pastor, servical
saiba
A responsabilidade e o compromisso
apresentar Cristo aos homens por meio de sua doação
em favor das vidas aflitas e perdidas.
1. PASTORES SEGUNDO O CORAÇÃO DE JESUS
Aquele que deseja servir a Deus na vocação presbiteral deve primeiro olhar para o seu próprio coração para ver se existe amor suficiente nele ou, pelo menos, se há o anseio de amor e, até mesmo, a autêntica disposição de aprender a amar.3
Seminarista diocesano da diocese de São João da Boa Vista-SP.
DECRETO Optatam Totius sobre a formação sacerdotal. In: CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Documentos, decretos e declarações. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 4.
HALÍK, T. Quero que sejas: podemos acreditar no Deus do amor? Rio de Janeiro: Vozes, 2018, p. 50.
223

80
as
224
Guilherme Aparecido de Lima
Muitos seminaristas diocesanos, atualmente, possuem o em sua ordenação. Essa atitude, aos poucos, vai matando o ver. desejo ardente de seguir a Cristo, mas pensam apenas e somente dadeiro sentido desta belíssima e preciosa vocação à qual foram chamados pelo próprio Mestre: "Estabelecerei pastores para elas [minhas ovelhas], que as apascentarão, elas não terão mais medo, cultivada. Não se deve esquecer que existe um processo. Não é não terão pavor e não se perderão" (Jr 23,4). A vocação deve ser com a realização de seu objetivo? Porém, antes de tudo, é preciso crime sonhar com o dia da ordenação. Afinal,

quem nunca sonhou abraçar o processo formativo que conduz cada seminarista ser discípulo configurado ao coração do Bom Pastor.
heterossexualidade, faz-se necessário
que os candidatos
para
recordem
estão inseridos, de corrupções, sexualidades afloradas, homo e Diante da realidade em que os seminaristas diocesanos sempre o seu compromisso e sua responsabilidade com o proces- so formativo, frente às situações que os desviam do celibato e de o descompromisso formativo e os extraviam da assimilação do tudo aquilo que a formação pede. Realidades estas que facilitam coração de Jesus. Talvez ninguém saiba quais são as atitudes de irresponsabilidade com a formação, ou muito menos descu-
bram, mas cabe aqui um questionamento: estou sendo
do
que
coerente
e transparente com aquilo que me é pedido? Estou sendo um discípulo fiel? Afirma o Pontifical Romano: "Toma consciência fazes e põe em prática o que celebras, de modo que, ao celebrar o mistério da morte e ressurreição do Senhor, te esfor ces por mortificar o teu corpo, fugindo dos vícios, para viver uma vida nova". A coerência é fundamental para que o nosso testemunho seja credível e se fundamenta no amadurecimento humano, na integração dos diversos elementos que compõem
* SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Pontifical romano. Tradução portuguesa para o Brasil das edições típicas. São Paulo: Paulus, 2000, p. 108.
FRANCISCO. Discurso aos seminaristas, aos noviços e às noviças provenientes de várias partes do mundo por ocasião do ano da fe (6 de julho 2013). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130706_incontro-seminaristi.html>. Acesso em: 2 jun. 2021.
crescimento da fé, alcançados
a personalidade de cada um e no c pela vivência responsável do processo formativo. Durante o percurso formativo rumo ao sacerdócio ministerial, o seminarista se apresenta como um "mistério para si mesmo", no qual se entrelaçam e coexistem dois aspectos da sua humanidade, a serem integrados reciprocamente: por um lado, ela é caracterizada por dons e riquezas, plasmada pela graça; por outro lado, é marcada por limites e fragilidades. O compromisso formativo consiste em procurar ajudar a pessoa a integrar estes aspectos, sob o influxo do Espírito Santo, num caminho de fé e de progressivo e harmo- nioso amadurecimento dos mesmos, evitando a fragmentação,
as
polarizações,
os excessos, a superficialidade ou a parcialidade.
O tempo de formação para o sacerdócio ministerial é um tempo de prova, de amadurecimento e de discernimento por parte do seminarista e da instituição formativa."
com a
A responsabilidade e o compromisso
O compromisso já vivido e experimentado com os estudos, a comunidade formativa e no estágio pastoral precisa ser um caminho que leve o futuro presbítero a se comprometer com a comunidade eclesial, com a pastoral paroquial e diocesana e com a atualização permanente, entre outros. O total compromisso com a própria formação no seminário terá

reflexos positivos em cada neossacerdote. A responsabilidade com a formação fará com que cada seminarista reflita sobre a realidade atual, na qual a Igreja tem sido alvo de inúmeros ataques e decepções, causando grandes feridas na fé do povo e no coração de Jesus. E preciso curar as e não mais causá-las. Um seminarista diocesano compro- feridas metido com tudo que o forma entenderá a responsabilidade e a missão do futuro ministério sacerdotal.

O seminarista diocesano que, autenticamente, deseja res- ponder com fidelidade ao chamado de Deus coloca-se também o jovem Samuel, que, inseguro diante daquilo que o Senhor comunicava, abriu o seu coração para escutá-lo: "Fala, Senhor,
como

"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 28.

o teu servo escuta" (1Sm 3,9-10)7 e deixou-se ser configurado pelo te aquilo que é formativo, o candidato deixa o homem velho e coração e docilidade do Senhor. Quando assume intrinsecamen- reveste-se do novo homem (cf. CI 3,9-10), por deixar-se plasmar pelo conteúdo formativo em sua vida, visando assemelhar-se ao
Bom Pastor.

missão. Viver intensamente o compromisso com a
formação im

As ações simples da vida de Jesus servem de inspiração a todo seminarista diocesano que cresce e se prepara para cumprir a sua plica amadurecer na dimensão humana, na fé, nas relações com a Santíssima Trindade, que age em unidade para a salvação de todos, e, por fim, no desejo de uma vocação realizada, alegre e serviçal triste perceber que, por conta de pensar muitos anos à frente e não Quando não se tem o devido compromisso com a formação, é viver o agora, no presente formativo, o candidato, ao realizar s estágio pastoral e ao ser incumbido de algumas atividades junto do povo, tende a cair no clericalismo. Cada seminarista diocesano, ao se encarregar de quaisquer atividades pastorais, nunca se esqueça de que deve ser também ali sinal visível do Cristo que acolhe, a conduz e serve. E cuidando do povo de Deus que será possível perceber se, de fato, somos pastores segundo o coração de Jesus.

seu
ama,

Nunca foi simples e fácil responder ao chamado. É exigente e complexo! Porém, cabe a cada seminarista diocesano, formando-se aos pés do Santíssimo Sacramento, sempre se deixar ser resgatado pela misericórdia do Senhor, quando se sentir fraco, pecador e, muitas vezes, sem alegria e disponibilidade de servir.

Fixa os braços abertos de Cristo crucificado, deixa-te salvar sempre de novo. E quando te aproximares para confessar os teus pecados, crê firmemente na sua misericórdia que te liberta de toda a culpa. Contempla o seu sangue derramado pelo grande amor e deixa-te purificar por ele. Assim, poderás renascer sempre de novo.'

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit aos jovens e a todo o de Deus. São Paulo: Paulus: 2019, n. 8.

povo

Ibidem, n. 30.
"Ibidem, n. 123.
O compromisso
e:
a responsabilidade para com o processo
formativo são sempre renovados quando se busca descanso e forças nas chagas e no coração misericordioso de Cristo, Mestre e Senhor.
2.
FORMAÇÃO
pela Igreja
E AÇÃO
A formação dos futuros presbíteros diocesanos é considerada à uma tarefa de imensa delicadeza e importância para o futuro da evangelização da humanidade. O trabalho formativo da a continua sendo uma continuação da mesma obra de Cristo:10
Igreja
"Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles enviá-los a pregar" (Mc 3,13-14). O acompanhamento formativo foram até ele. E constituiu doze, para que ficassem com ele, para Igreja, uma forma de exercer a sua função materna de
é, para
gerar
a
filhos de Deus,11
Deus Pai sai de si para chamar todos os homens a participar de sua vida e de sua glória. O chamado implica uma grande no-
vidade
que
resulta num compromisso fecundo com o processo
formativo: o Pai convida a se encontrar e se vincular estreitamente a ele. Durante o processo formativo, vivido no comprometimento da aliança com o Pai, por Jesus Cristo, no Espírito Santo, o can-
didato
ao
ministério sacerdotal vive um encontro com o próprio
Deus que faz o chamado,12
A responsabilidade e o compromisso
O formador, pessoa equilibrada, de escuta, fé e oração, deve estar atento aos candidatos jovens, pois possuem determi-
sempre
nada inquietude que deve ser acolhida, respeitada e acompanhada, assegurada convictamente em sua liberdade e responsabilidade. A contribuição de jovens candidatos ao sacerdócio é de fundamental
10 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 2001, n. 2.
CNBB. XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 91.
12 CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2014, n. 129ss.

13 CNBB. XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 102.
227

180
as
228
Guilherme Aparecido de Lima
venil é uma energia renovadora para a Igreja que contribui para o relevância para a renovação da própria Igreja. O dinamismo ju
encontro com o Ressuscitado.14
A formação nunca foi pensada e
transmitida
para
ficar
pastor,
restrita ao candidato ao sacerdócio; ela é uma via de serviço aos irmãos. Gregório Magno, 15 com o coração de verdadeiro p configurado ao Cristo Pastor, muito contribui para este rico mo a formação deve produzir no agora, enquanto seminaristas. Isso mento de reflexão sobre as ações que o comprometimento com do pastoreio e, ainda mais, a ações concretas de misericórdia e porque é tempo de aderir a esta incomensurável responsabilidade serviço, quando ordenado.
Em sua Regra pastoral, Gregório Magno ressalta a
importância
e a necessidade de uma excelente formação, que o futuro pastor pois, se os pastores carecem da luz do conhecimento por sua pró- precisará receber. Salienta ainda que ele deve ser comprometido,
pria culpa, acontece, em consequência de um rigoroso julgamento. que a sua ignorância se transforma em ocasião de tropeço para aqueles que os seguem. 16 Afinal, poderá um cego conduzir outro
cego (cf. Mt 15,14)?
Uma formação bem vivida, com profunda relação
entre se-
minarista e formadores, faz descobrir candidatos com autênticos
14 Ibidem, n. 66.
ilustres e veneráveis, como o papa Félix III (483-492), o presbítero Gordiano e o papa 15 Nasceu em Roma, por volta de 540, de família senatorial e cristã, com personagens Agapito (535-536). Jovem de manifesta capacidade intelectual, recebeu excelente educa ção, conforme os moldes do impulso cultural de Justiniano, que sublinhava a legislação romana; daí, a possibilidade de Gregório ter estudado Direito. Em 574/575, deixou cargo de prefeito da cidade para tornar-se monge. Como monge, fundou sete mosteiros Com a morte do papa, em 590, Gregório foi logo aclamado pontifice. Seu pontificado de 14 anos não foi marcado por notáveis controvérsias teológicas, como o de alguns de seus predecessores ou sucessores, mas pela dilaceração causada pelas guerras de então e pela decadência do Império. O grande pontífice empenhou-se na reestruturação das ins- tituições religiosas, promovendo intensa atividade pastoral, que ressentia da dilaceração e decadência, e estendeu essa reestruturação ao cenário sociopolítico. Conhecedor das necessidades materiais e espirituais de sua grei, mostrou-se verdadeiro pastor. Com acu- rado e perspicaz

zelo para com a cura das almas, elaborou a "Regra Pastoral". MAGNO, Gregório. Regra pastoral. São Paulo: Paulus, 2010, p. 15.
MAGNO, G. Regra pastoral, 2010, p. 36.
e extraordinários dons e virtudes, que se destacam pela transparên-
cia de uma castidade r
sossego e
por amor; pelo vigor, fruto da abstinência;
pela humildade, que sabe acolher; pelo fascínio da bondade e pelo ardor pela justiça.
Existem outros que, pensando em seu próprio interesse, rejeitam viver seus valiosos dons. Optam por viver aquilo que é contrário ao que transmite o processo formativo. Em vez de amar o próximo, isolam-se; em vez de servir, amam o mas preferem não ocupar o tempo com o povo." Isso é resultado de quem passou pela formação e não viveu autenticamente todo o transforma o coração e a vida do seminarista diocesano. Gregório Magno ressalta a importância do encontro com Deus, assim como fez Moisés (cf. Ex 33,7-11).
desejam o isolamento. Deveriam ensinar sobre Deus,
processo
formativo como um encontro luminoso com Cristo, que
O jovem seminarista diocesano, ao estar inserido no pro- cesso formativo, pode ter olhos fixos nessa passagem da Sagrada
Escritura,
para
para
se
entendendo
a tenda como o seminário, onde se entra
formar, a fim de servir ao povo de Deus. Moisés entrava
A responsabilidade e o compromisso
falar com Deus, se preparava para cuidar daquele povo. Dentro da tenda, ele era arrebatado pela contemplação e, fora, era pressionado pelas necessidades das pessoas que sofriam. Dentro, meditava os segredos de Deus; fora, carregava o fardo dos pobres homens. Em suas
Arca
s dúvidas, sempre retornava à tenda e, diante da
a da Aliança, consultava o Senhor.18 Na formação dos novos presbíteros, é preciso sempre entrar na tenda, bebendo do conteú- do formativo, encontrando-se com Deus para saciar a necessidade sendo para as pessoas um lugar seguro, onde podem confiar seus segredos, angústias, incertezas e alegrias."
do
povo,
Dentre as inúmeras riquezas que o processo formativo contem- pla em cada candidato ao ministério sacerdotal, uma dessas, que já deve ser virtude própria do verdadeiro cristão, discípulo configurado 10 Mestre, é a humildade. Esta não pode ser esquecida por quem
Ibidem, p. 45.
15 Ibidem, p. 73. 19 Idem.
229

180
as

deseja ser sacerdote. A atitude humilde fará dele um companheiro e o aproximará ainda mais de Deus e de todo o rebanho a ele confiado. Fará que se alegre não por comandar um povo, mas por servi-lo.
Para que o pastor não deixe que os encantos do poder arrastem "Nomearam-te como guia? Não fiques envaidecido, mas se entre o seu coração ao orgulho, foi dito, corretamente, por um sábio: os outros como um deles" (Eclo 32, 1). Também Pedro diz: "Não como patrões das pessoas a vós confiadas, mas como modelos do rebanho" (1Pd 5,3). A Verdade em pessoa, nos convidando a um mais alto grau de meritória virtude: "Vós sabeis que os chefes das nações as dominam e os grandes exercem o poder sobre elas. Não será assim entre vós, mas quem quiser ser o maior entre vós, seja O vosso servo, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja o vosso
escravo" (Mt 20,25).20
OS
s olhos
Passados os longinquos anos formativos, aquele jovem semi- narista diocesano, já presbítero, não mais terá consigo formativos. Amadurecido e formado, terá que se comprometer com sua formação permanente. A atual conjuntura é caracterizada por uma crescente complexidade nos fenômenos sociais e na expe- influenciam mutuamente na vida do sacerdote.21 A formação per- riência individual. Na concretude da vida, as constantes mudanças manente ajuda o presbítero diocesano a amadurecer a consciência de que seu ministério é para conduzir todos os filhos a Deus,22
É
È preciso que cada seminarista diocesano tenha consigo a consciência plena da importância da comunhão. Ninguém é ordenado para ter uma vida isolada. Alguém é ordenado para continuar a comunhão de Cristo com seu povo. É membro de um grande corpo (cf. 1Cor 12,27). Forma uma verdadeira família com outros presbíteros, cujos laços não são os de carne, mas os da sacramental da ordem: uma graça que assume e eleva graça
Ibidem, p. 80.
CNNB. XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Os jovens, a fé e o dis- cernimento vocacional. Documento final. Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 157. "JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes, n. 74.
as
sacerdotes. É preciso ter sempre a consciência de que formar uma s relações humanas, psicológicas, afetivas e espirituais entre os fraternidade presbiteral é não excluir ninguém. É estar atento às necessidades dos presbíteros. Como cuidar de um rebanho, se não a fraternidade, o cuidado no presbitério?23 O compromisso dispensado à formação refletirá em muitas outras atitudes do futuro sacerdote. O zelo e a dedicação pela oração são as forças que contribuirão para o discernimento e ações
se tem a
de acordo
o com o querer do Altíssimo. A Igreja vive atualmente
a necessidade de uma ação missionária. A resposta ao chamado de Deus deve ser um "sim" ao apelo da Igreja também em outras realidades. O compromisso com a formação e a autêntica for- mação permanente devem despertar o desejo de servir em terras desconhecidas, onde ainda Cristo é desconhecido e desejado.

A responsabilidade
mativo prepararão
0
e o compromisso com o processo for- candidato ao sacerdócio para sua missão.
Pelos longos anos de seu ministério, é preciso que tenha o mes-
mo
o comprometimento com sua formação permanente, visando para com os filhos de Deus, sendo presença
sempre ao
viva e
cuidado
A responsabilidade e o compromisso
e verdadeira, fraterna e misericordiosa do coração de Jesus. Que o único desejo, durante e depois do processo formativo, seja mesmo dos discípulos de Emaús: “Permanecei conosco, pois cai a tarde e o dia já declina" (Lc 24,29). Permanecei comigo, Senhor, sempre quando não mais sei reconhecer-vos. Permanecei, quando surgem névoas de dúvida, do cansaço ou da dificuldade. Permanecei também quando surgir no coração a desesperança. Permanecei comigo e ensinai-me a ser discípulo missionário.24

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo formativo, além de enriquecer cada candidato ao ministério ordenado, conduz o seminarista diocesano a viver san- tamente. Esse processo, que permite um encontro com o Senhor,

23 Idem.
24 CELAM. Documento de Aparecida, p. 265.
230
231

232
as
Guilherme Aparecido de Lima
que o transforma para sua missão, auxilia ainda mais o jovem para ser luz diante de uma realidade que, por vezes, se apresenta candidato nos caminhos de busca pela santidade, esforçando-se escura. Nunca o seminarista diocesano segue sozinho nessa cami- nhada. Além do suporte formativo, pode contar com quem viveu santamente e pode auxiliá-lo ainda mais com carinho materno. No coração da Igreja, resplandece Maria. É o grande modelo para uma Igreja que deseja seguir Cristo com a docilidade de um autêntico "sim"; que deseja também viver a santidade. Maria era ainda muito jovem quando recebeu o anúncio do anjo, não se coi- e disse com prontidão: "Eis a serva do Senhor" (Lc 1,38).25 Foi bindo de fazer perguntas (cf. Lc 1,34). Tinha uma alma disponível o "sim" de quem quer comprometer-se e arriscar, de quem quer apostar tudo, sem ter outra garantia para além da certeza de saber
que é portadora de uma promessa. Foi o "sim" de viver a santidade dentro da missão a ela confiada.26
quem desejou
Como bem sabemos, Maria Santíssima, a discípula fiel de
Nazaré, não ficou questionando o anjo Gabriel sobre
0 porque

daquela missão, sobre o que aconteceria depois (cf. Lc 1,37); ela a abraçou verdadeiramente, mesmo sabendo que nada seria fácil perante aquela realidade. Porém, algo brotou ainda mais fortemente no coração daquela serva do Senhor. Ainda que tudo parecesse complicado, seu desejo era viver com mais ardor a santidade. Ela acabara de experimentar a presença de Deus e seu desejo era estar mais próxima dele.

Ao responder "sim", convicta, Maria ensina a cada semi- narista diocesano, a quem Deus visitou e chamou, a desejar estar mais próximo do Altíssimo, a abraçar a santidade ser sinal de claridade e presença sagrada. O jovem seminarista diocesano, comprometido com a formação, deve almejar a santidade para ser vocacionado e sacerdote santo, para estar íntimo do Senhor. Enquanto cada filho de Deus peregrinar nesta terra, Maria sempre será a Mãe e educadora da fé. Ela

"FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, n. 43. Ibidem, n. 44.

cuida para que o Evangelho penetre intimamente cada um, plasme a vida cotidiana e produza frutos de santidade.27 Além do auxílio da Mãe de Deus, os seminaristas atingirão a santidade pela própria razão exercendo seus deveres sincera e infatigavelmente no Espírito de Cristo. Sendo ministros da Palavra de Deus, todos os dias leem e ouvem a Palavra de Deus que devem ensinar aos outros; se, ao mesmo tempo, se esforçam para recebê-la em si mesmos, tornar-se-áo cada dia mais perfeitos discípulos do Senhor, segundo a palavra de Paulo a Timóteo: "Reflete bem nisto, ocupa-te destas coisas, para que o teu pro- gresso seja manifesto a todos. Presta atenção quanto a ti e o que ensinas. Persevera nessas disposições e nessas práticas. Agindo assim, salvarás a ti mesmo e aos que te ouvem" (1Tm 4,15-16). Eis um segredo que soube bem viver a Mãe do Salvador: ouvir a Palavra de Deus e colocá-la em prática em favor dos irmãos. Maria ensina que a oração, a escuta da Palavra e também o serviço ao próximo são os caminhos mais perfeitos para viver a santidade. Segredo

A responsabilidade e o compromisso

este que ela revela a cada seminarista diocesano por meio do silêncio e da ação. A jovem de Nazaré continua a ensinar que a santidade é vivida de modo discreto, a partir da intimidade com o Senhor, em meio aos compromissos e responsabilidades da vida cotidiana.

Inseridos no processo formativo oferecido pelos seminários e na formação permanente, cada seminarista e sacerdote diocesano deve pedir morada no coração Imaculado da Virgem Santissima, pois, além de refúgio, ele é para todos uma escola, na qual se aprende a ser discípulo fiel do Senhor. Portanto, recorrer a Maria, deixar que seu coração seja abrigo durante todo o processo formativo, lugar do descanso e amparo, é a via para aprender a buscar a santidade, a fim de que o seminarista diocesano seja sinal e portador do amor misericordioso do Bom Pastor e viva autenticamente a sua diocesaneidade.

27 PANAZZOLO, J. Missão para todos: introdução à missiologia. São Paulo: Paulus, 2019, p. 75.
28 PAULO VI. Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Documentos, decretos e declarações. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 13.
233

180
as
Guilherme Aparecido de Lima
REFERテ劾CIAS BIBLIOGRテ:ICAS
CATECISMO DA IGREJA CATテ鏑ICA. Ediテアテ」o tテュpica vaticana.
Sテ」o Paulo: Loyola, 2000.
CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Confe rテエncia Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Sテ」o
Paulo: Paulus, Paulinas; Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2014.
CNBB. XV Assembleia Geral Ordinテ。ria do Sテュnodo dos Bispos. O jovens, a fテゥ e o discernimento vocacional. Documento final. Brasテュlia: CONCテ広IO ECUMENICO VATICANO II: Documentos, decretos
Ediテアテオes CNBB, 2019.
e declaraテアテオes. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2018.
CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbi- teral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasテュlia: Ediテアテオes
CNBB, 2017.
FRANCISCO. Exortaテアテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Christus Vivit aos jovens e a todo o povo de Deus. Sテ」o Paulo: Paulus, 2019.
- Discurso aos seminaristas, aos noviテアos e テs noviテアas provenientes de vテ。rias partes do mundo por ocasiテ」o do ano da fテゥ (6 de julho 2013). Disponテュvel em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/
speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130706_in- contro-seminaristi.html>. Acesso em: 2 jun. 2021.
HALテ幸, T. Quero que sejas: podemos acreditar no Deus amor? Petrテウpolis: Vozes, 2018.
JOテグ PAULO II. Exortaテアテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formaテアテ」o dos sacerdotes. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2001, MAGNO, G. Regra pastoral. Patrテュstica. Sテ」o Paulo: Paulus, 2010. PANAZZOLO, J. Missテ」o para todos: introduテアテ」o テ missiologia. Sテ」o Paulo: Paulus, 2019.
SAGRADA CONGREGAテ・グ PARA O CULTO DIVINO. Pontifical romano. Traduテアテ」o portuguesa para o Brasil das ediテアテオes tテュpicas. Sテ」o Paulo: Paulus, 2000.
16
A CATEQUESE E O SEMINARISTA DIOCESANO: SERVIテ⑯ DA PALAVRA DE DEUS REVELADA EM JESUS CRISTO
INTRODUテ・グ
Apテウs cinquenta
Antonio Wardison C. Silva'
anos do Concilio Vaticano II, dois questiona-
mentos, entre tantos, apresentam-se relevantes, seja do ponto de vista teolテウgico, seja do pastoral, a saber: como se encontra, hoje, a
catequese,

fruto do movimento catequテゥtico e dos esforテァos e refle-
xテオes pテウs-conciliares? Quais seus principais dilemas e perspectivas? Embora o Concテュ
lio Vaticano II nテ」o tenha tratado diretamente da
catequese, suas reflexテオes,
o que nテ」o seria diferente, tiveram um
salutar impacto sobre a compreensテ」o e a aテァテ」o catequテゥtica. Pois
tratou-se, no
quese:
Concテュlio, da realidade base da identidade da cate-
A catequese e o seminarista
o seu conteテコdo, a Palavra de Deus; o seu sujeito, a pessoa humana crente e o seu polo institucional, a Igreja.2
A revoluテァテ」o instaurada na Igreja trouxe consigo um modo novo de compreender a catequese. Ela deixa de sustentar-se na memorizaテァテ」o do uso predominante do Catecismo e de suas fテウr- mulas para residir na Palavra de Deus, redescoberta na Sagrada Escritura; assume a educaテァテ」o da fテゥ como atitude existencial, de de Cristo com a pessoa do iniciado; e isso
da
encontro pessoa em um projeto de Igreja diaconal, servidora. A catequese parece despertar para uma nova fase de vivテェncia da sua realidade mais
Doutor e mestre em Filosofia pela PUC-SP; especialista em Filosofia e Existテェncia e em Catequese; graduado em Filosofia e em Teologia. Prテウ-reitor de Extensテ」o, Aテァテ」o Comuni- tテ。ria e Pastoral do Centro Universitテ。rio Salesiano de Sテ」o Paulo (Unisal).
ALBERICH, E. Catequese evangelizadora: manual de catequテゥtica fundamental. Traduテァテ」o Luciano Vieira Machado. Sテ」o Paulo: Salesiana, 2004, p. 35-36.
234
235

as
236
Antonio Wardison C. Silva
sensibilidade sociopolítica, a valorização da comunidade eclesial, originária: o primado da evangelização, a meditação da Bíblia, a Nesse período pós-conciliar, novos instrumentos e diretrizes da catequese eclesial. Destacam-se, no âmbito da Igreja universal, foram apresentados pelo magistério, para uma renovação metódica adultorum (1972), as Exortações Apostólicas Evangelii Nuntiandi o Diretório catequético geral (1971), o Ordo initiationis christianae Missio (1990), o Catecismo da Igreja Católica (1992) e o Diretório (1975) e Catechesi Tradendae (1979), a encíclica Redemptoris geral para a catequese (1997), já substituído pelo Diretório p Catequese (2020).^
a prioridade dos adultos, entre outros elementos.
para a
Em todo esse movimento, o clero, dentre seus principais agentes (sujeitos), passa a ter papel determinante na renovação e compreensão da catequese. Como verdadeiros educadores da fé, assim compreen-
didos pela Exortação Apostólica Catechesi Tradendae, os
s presbíteros
têm o dever de zelar pelo amadurecimento da fé da sua comunidade eclesial e, com isso, da Igreja particular à qual pertencem. Esse munus talmente, uma identidade a ser

absorvida, que só pode nutrir-se e implica não somente uma ação a ser executada, mas, fundamen- consolidar-se em um itinerário formativo, a partir dos primeiros passos do seminarista diocesano em vista do presbiterato.

Nesse ponto, chegamos ao objeto de reflexão do presente capítulo: a catequese como serviço da Palavra de Deus, ministé- rio peculiar do presbítero, a ser aspirado, veementemente, pelo
seminarista diocesano.

1. A PALAVRA DE DEUS REVELADA EM JESUS

Com o Concílio Vaticano II, há uma nova compreensão teo- lógica da revelação e da Palavra de Deus no seio da Igreja: de uma consciência intelectual da revelação do magistério, predominante,
Ibidem, p. 36.
Ibidem, p. 87-88.
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Catechesi Tradendae sobre a catequese hoje. São Paulo: Paulinas, 1982, n. 64.
em grande parte, ao longo da história, buscou-se acentuar e valorizar uma perspectiva existencial e pessoal e, com isso, mais cristológica e aberta à história. Considera a Constituição Dogmática Dei Verbum, bondade e sabedoria, buscou revelar-se a si mesmo e o mistério
ao falar sobre a natureza e o c
da sua vontade,
objeto da revelação, que Deus, em sua
na qual os homens, por Cristo, no Espírito, têm
acesso ao Pai, tornando-se participantes de sua natureza divina. vida-os à comunhão com ele. Em seu projeto de salvação, revela-se Deus, diretamente, aproxima-se dos homens, como amigo, e con- em ações e palavras, intimamente relacionadas entre si: suas obras manifestam
0
à as suas palavras e estas declaram as obras e esclarecem
o mistério nelas contido. A verdade profunda sobre si mesmo e seu mistério de salvação manifesta-se em Cristo, o mediador e a
plenitude de toda a
revelação.?

O documento conciliar apresenta a iniciativa gratuita de Deus, seu projeto salvador para a humanidade e a sua natureza trinitária; expressa que a comunicação de Deus é feita ao homem, em um encontro pessoal, de aliança entre amigos; introduz, ain- da, a dimensão histórica da revelação divina, em atos e palavras;
e
afirma que
projeto
A catequese e o seminarista
Cristo está no centro da revelação divina, em seu
de salvação
para
todas as pessoas. Essas breves verdades
de fé, tão bem sintetizadas no documento conciliar, manifestam a significatividade do mistério da Palavra de Deus na história humana; pois a Palavra, além de transmitir a verdade sobre Deus, é apresentada como intervenção divina, potente e misericordiosa, na

qual Deus comunica a si mesmo e o seu projeto de amor e comunhão com a humanidade. Nesse projeto, que tem Cristo no centro, a catequese eclesial apresenta-se como anunciadora e me- diadora da graça divina. Por isso, refletir sobre algumas dimensões fundamentais da Palavra de Deus permite aprofundar a natureza e o alcance da ação catequética.
ALBERICH, E. Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental, p. 107.
CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Palavra de Deus. In: VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 2.
ALBERICH, E. Catequese evangelizadora: manual de catequese fundamental, p. 108ss.
237

as
238
Antonio Wardison C. Silva
mas a Palavra por excelência, manifestação plena de Deus aos ho Na economia da revelação, Cristo não é apenas uma palavra, De acordo com a Constituição Pastoral Gaudium et Spes, "Cristo, mens e, assim, a suprema revelação do homem ao próprio homem. novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime"? o homem perfeito; nele, a natureza humana foi assumida; como Ele, assim prossegue o documento, é a imagem do Deus invisível,
afirma João, Ele é o logos, o Deus revelado (cf. Jo 1,1).
A Sagrada Escritura, por meio de títulos messiânicos como Filho de Deus, Senhor, Salvador, anuncia que em Jesus se mani- festa um novo tempo, de vida plena para a humanidade e garantia, por conseguinte, de um projeto salvador para todos. Ele é o Filho amado, prometido desde sempre, aquele que irá implantar o Reino de Deus e restaurar o homem por inteiro. Em sua condição hu- mana, particularmente sua morte e ressurreição, dá-se o sentido total da vida - de alegria e sofrimento, de amor e de esperança, de vida e de morte, de cumprimento, na história, da misericórdia e em condição humana e histórica, o que permite o encontro e a onipotência divina. Nele, ainda, a Palavra de Deus se personifica, comunhão com as pessoas. O homem, ao encontrá-lo, poderá experienciar Deus, porque é o próprio Deus encarnado. Esse
encontro se torna, então, sacramento por excelência, 10
O anúncio de Cristo, que é a plena revelação de Deus, cons- titui o centro de toda ação eclesial e, portanto, da catequese, que tem essa missão peculiar. A catequese é a comunicação pessoal e a ação de um encontro pessoal que se dá entre Cristo e aquele que almeja conhecê-lo. Ora, a Palavra de Deus é, antes de tudo, Alguém, pessoa anunciada desde sempre. Uma vez que a catequese está a serviço da Palavra, ela só poderá promover o encontro da pessoa com este Alguém, Cristo."
* CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 22.
10 ALBERICH, E. Catequese evangelizadora: manual de catequese fundamental, p. 108-109. "Ibidem, p. 109.
Afirma a Catechesi Tradendae que, no centro da ação catequé- tica, está uma pessoa, Jesus Cristo, aquele que morreu e ressuscitou para a glória do Pai, a verdade proclamada como Palavra autêntica de Deus. A vida cristã não será outra coisa senão a sequela Christi, isto é, o seguimento de Cristo." Acentua ainda o documento que o conteúdo primordial da

catequese é o mistério de Cristo. A catequese consistirá, então, na ação de conduzir a pessoa a mergulhar neste
mistério, desvendar
em
todas
as suas dimensões, isto quer dizer: "É procurar
na pessoa de Cristo todo o designio eterno de Deus que
nela se realiza". Assim, a finalidade última da catequese, como ainda expõe o documento, "é fazer que alguém se ponha, não apenas somente ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos parti- em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: cipar na vida da Santíssima Trindade".14 E assim afirma o Catecismo da Igreja Católica: "Catequizar [...] é desvendar na Pessoa de Cristo
todo o desígnio
eterno de Deus que nela se realiza".15
A perspectiva personalista da catequese- de anunciar a pessoa de Cristo, que se faz pessoa e deseja fazer uma comunhão com 5- permite libertar o iniciado de toda amarra que impede profunda experiência com Cristo. Compreende
pessoas dificulta sua
ou
A catequese e o seminarista
a catequese que o encontro com Cristo está acima de qualquer cumprimento doutrinário ou rigidez experiencial, pois o encontro com a pessoa de Cristo será sempre dinâmico, livre e espontâneo. Por isso, a perspectiva personalista da catequese deve permear todo o conteúdo catequético com ações e metodologias que poderão levar a pessoa a um encontro pessoal com Cristo.16 Com isso, não que a sistematização do conteúdo da fé, como estrutu- rada na ação catequética, não seja relevante, mas que ela não pode sobrepor-se à relação pessoal e vivencial do iniciado com Cristo.
se quer
dizer
Vê-se, portanto, que a catequese é propriamente o anúncio de Cristo. Ele está no centro de toda comunicação catequética e,
12 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Catechesi Tradendae sobre a catequese hoje, n. 5.
15 Idem.
14 Idem.
15 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 426.
16 ALBERICH, E. Catequese evangelizadora: manual de catequese fundamental, p. 110.

é o cristocentrismo presente e reafirmado no seio da consciência por isso, é ponto de referência de toda a sua ação e conteúdo. Eta gira em torno dele, todos os demais elementos nele se articulam acordo com Diretório geral para a catequese: a) que no centro Pode-se assim entender o cristocentrismo na catequese, de
eclesial contemporânea. Cristo, Palavra revelada, é o centro e tudo

e se iluminam. 17
da catequese está a pessoa de Jesus, o
Filho unigênito do Pai,
cheio do Espírito. A ele, na catequese, tudo está referido; b) que Cristo está no centro da história da salvação, e tal é o conteúdo
fundamental da catequese. Para ele, toda a história
converge,
que
pois é a chave, o centro e o fim da história. A catequese tem a missão de situar e inserir a pessoa na história e proclamar ela só encontra pleno sentido na pessoa de Jesus Cristo; c) que a mensagem evangélica não procede do homem, mas é, de fato, Palavra de Deus. A Igreja e todo catequista têm a consciência de que: "Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou (Jo 7,16). Todo o ensinamento da catequese vem, portanto, do próprio Cristo, da verdade que ele comunica e da verdade que ele é; d) que os Evangelhos estão no centro da mensagem catequética. , narram os ensinamentos
Dotados de uma "estrutura catequética",
propostos às primeiras comunidades cristãs, o plano salvador de Deus em Cristo, pela ação do Espírito. Na catequese, os quatro Evangelhos ocupam lugar central, pelo fato de transmitirem a
própria vida de Cristo Jesus. 18
Ainda, deve-se observar, segundo o Diretório geral para a catequese, a dimensão trinitária do cristocentrismo: a Palavra de Deus, revelada em Jesus Cristo, é Palavra do Pai, que se comunica ao mundo pela ação do Espírito. Cristo, constantemente, refere-se ao Pai, ao saber que dele é Filho único, e ao Espírito, de quem é ungido. Ele, o Deus encarnado, é o mediador perfeito, aquele que conduz a pessoa ao mistério de Deus. A catequese, sabedora
Ibidem, p. 110-111.
18 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese. São Paulo: Paulinas, 2003, n. 98.
da natureza e da ação trinitária, insere a pessoa no mistério de Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Ensina que, pelo batismo, Deus, pela ação do Espírito.19 a pessoa é configurada a Cristo, participando, assim, da vida de O cristocentrismo trinitário exige da catequese, ainda de
acordo
com o
Diretório geral para a catequese, atenção aos se-
guintes aspectos: a) em sua estrutura interna, conceber que todo o ensinamento deverá ser cristocêntrico e trinitário: por Cristo,
ao Pai,
no
Espírito; b) em sua ação pedagógica, como a de Jesus,
apresentar a vida íntima de Deus, de que Cristo, revelação do Pai e de si mesmo como Filho, no Espírito, comunica a ação salvadora de Deus; c) na vida íntima de Deus, mostrar as implicações para a vida da pessoa, que a confissão no Deus único não poderá permitir idolatrias, pois ela, como imagem de Deus, só poderá cultuar aquele Ser verdadeiro, Criador de todas as coisas. Em síntese, "a Igreja, ao professar a fé na Trindade e ao anunciá-la ao mundo, se autocompreende como um povo agregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo"" 20

2. A CATEQUESE: AÇÃO ECLESIAL

A catequese e o seminarista

A Igreja, que vem dos apóstolos, estes, de Cristo, e Cristo, de Deus, tem a missão de anunciar a Palavra de Deus a toda hu- manidade e, com isso, restaurar o Reino. A catequese, enquanto serviço da Palavra de Deus, incorpora-se nessa realidade com o propósito de educar a pessoa na fé e introduzi-la no mistério da Palavra, que é a própria vida de Deus, em Cristo, no Espírito. Há, sentido, uma estreita ligação entre a Igreja de tal forma que cada concepção eclesiológica reflete um aspecto da catequese; e toda ação e perspectiva catequética implica uma eclesiologia. Portanto, é possível dizer que a Igreja faz a catequese, assim como a catequese faz a Igreja.21

nesse

19 Ibidem, n. 99.

20 Ibidem, n. 100.

e a catequese,

21 ALBERICH, E. Catequese evangelizadora: manual de catequese fundamental, p. 203.

241

as

sua ação ou qualquer perspectiva não estejam referidas à Igreja. catequética, pois não é possível conceber a catequese sem que A Igreja faz a catequese pelo fato de ela ser sujeito da ação De acordo com o Diretório geral para a catequese, a catequese é E essa concepção constitui a identidade própria da catequese essencialmente eclesial. A Igreja, como anunciadora da Palavra e Espírito, foi enviada para ser educadora da fé; assim, conserva o continuadora da missão de Cristo, é o seu sujeito; ela, a Igreja, no Evangelho e, da mesma forma, celebra-o e vive-o no seu coração e anuncia-o, particularmente, na catequese. O anúncio do Evan- gelho é um ato vivo da tradição eclesial. De fato, a Igreja transmite aquilo que ela acredita e vive: a compreensão do mistério de Deus e sua ação salvadora na história, para toda a humanidade; a sua compreensão, a partir de Deus, da vocação do homem; a vida evangélica, que comunica o Reino; a esperança que a mantém seu anúncio da Palavra. De modo ativo, a Igreja semeia a fé no convicta de sua missão; e o amor ao homem, que potencializa o

coração dos iniciados e neles fecunda as suas

enriquecida

experiências mais

profundas. A profissão de fé recebida da Igreja é, na catequese, 2 com os valores das diferentes culturas; a catequese, da catolicidade, potencializa a renovação eclesial. A Igreja, ao nesse sentido, enquanto centro fundamental de incremento transmitir a fé e a vida em Cristo, age como mãe dos homens ao gerar filhos pela ação do Espírito e, por isso, é educadora da fé. Ela, pela catequese, alimenta a fé dos seus filhos e os na família eclesial.

23

incorpora

A catequese referida à eclesialidade, em sua fé e ação,

como a estru-

poderá sempre renovar suas ações peculiares, turação do seu conteúdo de fé e metodologia, a vivência e participação das pessoas nos sacramentos e o testemunho de

vida.24 A Igreja, por sua vez - de acordo com a Catechesi Tradendae -, ao dar prioridade à catequese, encontrará nela o
fortalecimento de sua vida interna, comunitária, bem como situdes culturais, a Igreja é convidada a renovar sua confiança externa, missionária. Mais do que nunca, em razão das vicis- na ação catequética, como tarefa fundamental de sua missão. Por isso, deve proporcionar todos os recursos necessários, de pessoal e meios materiais, para que ela desenvolva sua tarefa central de comunicar e inserir a pessoa no mistério de Deus.25 A catequese faz a Igreja à medida que a Igreja é compreendida
como
e
objeto e
meta da catequese. Pois, em seu serviço à Palavra, a
catequese não aponta apenas para a inserção e o desenvolvimento
do iniciado
na
fé, mas também para o horizonte eclesial. Assim,
constrói a Igreja. Pode-se entender essa perspectiva nos seguintes
aspectos:
a) ela é educação para o sentido de Igreja. Essa tarefa
particular, de sensus ecclesiae, deverá inserir-se na vida do iniciado à fé. A pessoa poderá convencer-se de que ela pertente a uma comunidade de crentes, onde deverá, constantemente, celebrar e revigorar sua fé. Essa tarefa não se apresenta fácil, dada a perda, o atual contexto sociocultural, de identidade e pertença às ins- tituições; b) ela é um lugar de experiência de Igreja. A catequese
no
não se
desenvolve
ela proporciona
cipar
apenas na Igreja ou dela fala. Mais do que isso,
A catequese e o seminarista-
uma experiência de Igreja. Por isso, a necessidade
da catequese de criar um ambiente e uma metodologia capazes de demonstrar o sentido próprio de Igreja, de forma positiva e real; c) ela deve ser um fator de renovação da Igreja. Ao parti- do serviço da Palavra, renova o espírito e a ação da Igreja, constituindo-se estímulo para sua contínua purificação e reforma. A catequese edifica a comunidade eclesial e sua missão de anunciar o Reino; d) ela deve promover um projeto convincente de Igreja. Por meio de suas ações, com crianças, jovens e adultos, assegura um projeto estimulante de Igreja renovada, sempre em busca de cumprir a sua missão, promovendo, com isso, fidelidade e com- promisso pela Igreja de Cristo.26

242

Idem.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese, n. 78. ALBERICH, E. Catequese evangelizadora: manual de catequese fundamental, p. 204.

25 JOÃO PAULO II. Exortação apostólica Catechesi Tradendae sobre a catequese hoje, n. 15. 26 ALBERICH, E. Catequese evangelizadora: manual de catequese fundamental, p. 204-205.

as

3. O MINISTÉRIO DA CATEQUESE NA IGREJA PARTICULAR E OS SEUS AGENTES
apresentar o ministério da catequese na
à Igreja particular e seus
Buscaremos, agora, com base no Diretório Geral para a Catequese, acrescido de alguns outros documentos da Igreja, agentes. Antecipadamente, podemos afirmar - até mesmo em razão do título desta parte- que a missão de comunicar Deus ao iniciado, na sua mais íntima natureza e relação trinitária, é única; para o todo, isto é, para o cumprimento da missão da Igreja, de porém, o serviço é diferenciado, cabendo a cada agente contribuir anunciar Cristo e, com isso, o seu Reino.
A real experiência de fé, de anúncio e construção do Reino se faz na Igreja particular ou diocese, considerada como comunidade
dos discípulos de Jesus, que vive em um
determinado contexto
sociocultural. Nessa Igreja, faz-se presente a Igreja universal, com todos os seus elementos essenciais; assim, a Igreja universal se
exprime nas Igrejas particulares, em uma
perfeita comunhão de
espírito e serviço. Afirma o Documento de Aparecida: "Reunida e alimentada pela Palavra e pela Eucaristia, a Igreja Católica existe e se manifesta em cada Igreja particular, em comunhão com o bispo de Roma"." Na Igreja particular, a catequese se exprime um itinerário formativo que proporcione aos fiéis conhecer, cele- como ação fundamental; permite que a Igreja particular estruture brar, viver e anunciar o Evangelho. Dos ministérios presentes na Igreja particular - pois a Igreja é toda ministerial28 ocupa um posto relevante, que se justifica por tais aspectos: ela é um serviço único que envolve presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, em unidade com o bispo diocesano. Cada um, de modo diferenciado, contribui para o anúncio da Palavra, de tal forma
que
-, a catequese
todos são responsáveis pela ação catequética; ela constitui uma ação eclesial fundamental, indispensável para o crescimento da
CELAM. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007, n. 165.
CARVALHO, H. R. et al. Catequista: vocação ministério e missão. São Paulo: Paulus, 2019, p. 69.
Igreja; dela compreende-se o ministério catequético em caráter próprio, como educação da fé; nela, vários outros agentes con- catequético, a fim de que a sua ação seja frutuosa.29 tribuem para o
desenvolvimento do seu ministério, do serviço
A catequese, então, é uma responsabilidade de toda a comuni- dade cristã; todos, de certa forma, estão implicados neste ministério de educação da fé. Essa corresponsabilidade permitirá que o iniciado se incorpore, afetiva e efetivamente, na comunidade eclesial, viven- do profundamente o mistério de Deus, pois é a própria comunidade que, no término do processo catequético, acolherá os catecúmenos
em um

à ambiente fraterno, repleto do Espírito de Deus. Com os na fé, mesmo em uma nova fase - pós-catequética -, a ao doar seu laborioso trabalho, recebe, também, dos
iniciados
comunidade,
novos em Cristo, uma nova riqueza humana e religiosa. A catequese, portanto, não apenas proporciona a maturidade de fé dos inicia- dos, mas também da própria comunidade eclesial. Destacam-se nesse processo os catequistas, aqueles vocacionados para anunciar e conduzir o iniciado ao mistério de Deus,30

A catequese e o seminarista

À medida que o seminarista diocesano compreende o valor da catequese na Igreja, amadurece o próprio sentido de Igreja e, com isso, a consciência dos desafios e alcance da missão eclesial de ser anunciadora da Palavra de Deus. Deverá convencer-se de que o êxito na ação sacramental e pastoral, bem como estritamente espiritual, dependerá, de algum modo, da formação cristã da comunidade. Como sacerdote, "chamado a ser homem de mi- sericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, que sofrem grandes necessidades"31 - como
particularmente dos exprime o Documento de Aparecida –, poderá prover a sua comu- nidade de todos os meios que a levem ao amadurecimento da fé, o que implica compreensão e vivência dos mistérios de Deus.

Na perspectiva do Concílio Vaticano II, o anúncio do Evange- lho destaca-se como uma peculiar tarefa dos epíscopos. Eles, antes

29 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese, n. 217-219. 30 Ibidem, n. 220-221.

3 CELAM. Documento de Aparecida, n. 198.

245

as

de tudo, são arautos do Evangelho, vigilantes na missão de buscat novos discípulos para Cristo; por isso, devem transmitir a fé a ser professada e vivida. Em seu ministério profético, e

,

ao povo a

o anúncio

missionário e a catequese constituem dois aspectos em perfeita Como verdadeiros catequistas, são os primeiros responsáveis pela união. Para realizar esta missão, recebem o carisma da verdade. catequese. Na história da Igreja, muitos foram os santos bispos que, com seus escritos, marcaram a teologia catecumenal, pois compreendiam a catequese como uma das tarefas fundamentais
do seu ministério. 32

Dada a responsabilidade assumida, o bispo deve administrar
todo o processo de educação da fé em sua diocese, levando consideração os seguintes aspectos: a) assegurar em sua

em

Igreja a

efetiva prioridade de uma catequese ativa e eficaz. Por isso, deve empenhar nas atividades pessoas, ambientes e recursos, entre direta na transmissão do Evangelho à comunidade, e, com isso, outros; b) suscitar a ação catequética mediante uma intervenção testificar a autenticidade da confissão de fé e da qualidade dos textos e instrumentos; c) promover uma verdadeira paixão pela catequese, o que exigirá um trabalho ordenado e eficaz. O bispo deverá agir com profunda convicção da importância da cate catequistas, iniciados nas disciplinas teológicas e pedagógicas, e quese para a vida da comunidade cristã; d) formar competentes assim, prepará-los para o anúncio da Palavra; d) estruturar um projeto global de catequese, articulado e coerente, a fim de que
atenda às necessidades dos fiéis.33
,
Onde se encontram os seminaristas diocesanos, futuros sacerdotes, nesta missão episcopal? Entre tantas compreensões e ações que podem resultar desta realidade, algumas apresentam-se extremamente significativas: os seminaristas diocesanos deverão crescer, ao longo da formação presbiteral, no sentido de pertença, o que lhes proporcionará a paixão e o conhecimento da Igreja particular onde estão inseridos e na qual almejam trabalhar;
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese, n. 222. Ibidem, n. 223.
com o
obispo diocesano, já na condição de presbíteros, deverão evangelização do povo, pois, como afirma o
contribuir para a
decreto Presbyterorum Ordinis, os bispos os têm "como necessários
cooperadores e conselheiros
no ministério e múnus de ensinar,
santificar e apascentar o povo de Deus"; o desejo pelo trabalho uniforme, em sintonia, assim, com o seu superior imediato, os
fará solidários
se corresponsáveis pelo amadurecimento da fé do
povo. Sustenta
O
Catecismo da Igreja Católica que os presbíteros
"são chamados a ser atentos cooperadores dos bispos; formam em torno de seu bispo o 'presbitério', que com ele é responsável
pela Igreja particular" 35
A tarefa catequética dos presbíteros está impressa no próprio sacramento da ordem. Nele, pela ação do Espírito, são configu- rados com Cristo cabeça, com a missão de edificar todo o seu corpo, que é a Igreja. Dada essa configuração, os presbíteros, como verdadeiros educadores da fé, desenvolvem um serviço
que
a
· modela a comunidade e coordena e anima os vários servi-
A catequese e o seminarista
ços e carismas. Como sublinha o Presbyterorum Ordinis, devem cuidar "que cada fiel seja levado, no Espírito Santo, a cultivar própria vocação segundo o Evangelho, à caridade sincera e operosa e à liberdade que.Cristo nos libertou" .36 Em suas comunidades, devem esforçar-se para que os fiéis sejam bem instruídos e alcancem a maturidade cristá. Têm a

tarefa parti- cular de estimular a vocação e o trabalho dos catequistas, para que se tornem anunciadores e testemunhas do Reino de Deus, em resposta ao batismo recebido. Na perspectiva do Concílio Vaticano II, devem reconhecer e promover a dignidade dos leigos e seu trabalho específico, de acordo com os dons recebidos pela ação do Espírito, para o serviço na Igreja.37

CONCILIO VATICANO II. Decreto Presbyterorum ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 6.

35 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1595.

6 CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Presbyterorum ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros, n. 6.

" CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese, n. 224.

as

presbíteros, particularmente dos párocos, no âmbito da catequese: De forma mais concreta e efetiva, são tarefas próprias dos a) promover, na comunidade, o senso de responsabilidade comum em sua missão na Igreja; b) cuidar da impostação de fundo da pela catequese e, com isso, o reconhecimento aos catequistas catequese, oportunizando a participação ativa do catequista, e estruturar o processo catequético na comunidade paroquial; promover a formação adequada dos catequistas; d) situar a ação c) suscitar e distinguir vocações para o serviço catequético catequética no projeto evangelizador da comunidade, de tal forma união; e) assegurar a ação catequética da comunidade com os planos pastorais diocesanos, para que os catequistas façam parte de um projeto diocesano comum. Não há dúvida de que a qualidade da catequese, em seu projeto, desenvolvimento e ação, depende

que a catequese, os sacramentos e a liturgia estejam

do estímulo e ação dos presbíteros. 38

em

C

perfeita

como a ação evangelizadora da Igreja, que vai além, e muito, de Como explicitado, a catequese, em síntese, compreende-se

encontros ou formações específicas, seja para o

39

iniciado na fé,

"40

seja para aqueles já convictos de sua crença. Na comunidade, ela adquire um itinerário permanente, como afirma o Documento de Aparecida. Se bem estruturada e articulada com outras pastorais - e assim concebe o Catecismo da Igreja Católica: "A catequese anda intimamente ligada com toda a vida da Igreja -, provoca uma verdadeira mudança de mentalidade e compromisso da comunidade eclesial. Essa visão, perspectiva de Igreja, deverá ser constantemente meditada pelo seminarista, a fim de que com- preenda que toda ação de amadurecimento da fé é, de fato, uma ação catequética, de modos diferentes. Isso lhe permitirá traçar, em sua futura comunidade eclesial, um itinerário formativo di- nâmico e

crescente e, por isso, de profunda imersão das pessoas no mistério pascal de Cristo. De maneira particular, o futuro
38 Ibidem, 225.
"CELAM. Documento de Aparecida, n. 138. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 7.
sacerdote deverá promover, com toda a comunidade, a iniciação à vida cristã de forma dinâmica, em um processo lento, complexo o Documento de Aparecida, "de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no
e progressivo. 41
Esse processo é a maneira prática, como afirma
discipulado". Esse processo deverá
consistir em uma verdadeira mistagogia, de imersão do iniciado no mistério de Cristo, ou melhor, como compreende o Diretório Nacional de Catequese, em uma pedagogia litúrgica," quer dizer, de celebração da Palavra anunciada. O testemunho de vida cristã dos genitores, no seio da família, levará os filhos à experiência de fé eclesial. Assim, poderão cres-
cer fortalecidos
na fé transmitida e assumida, com considerável
compromisso, na Igreja. Na educação dos filhos, desde cedo, essa
experiência religiosa
tem um caráter insubstituível, base para o
desenvolvimento de fé das pessoas. A primeira iniciação consoli-
da-se quando a família,
em ocasiões de festas e eventos familiares,
explica o real significado cristão de tais acontecimentos; a fé será
aprofundada quando
A catequese e o seminarista
os genitores observarem o valor da cate- ajudarem os filhos a perceber quão necessária ela é para
quese e a educação
a
da fé. A catequese familiar, nesse sentido, antecede,
acompanha e enriquece a experiência de fé dos filhos.44 No sacramento do matrimônio, os genitores comprometem- educar os filhos na fé. Devem testemunhar e transmitir a
- se em
eles os valores humanos e religiosos. Essa ação configura-se como verdadeiro mistério, no qual se irradia a beleza do Evangelho de a família inserir-se em um itinerário de fé e escola de
um
a ponto
vida cristã. À medida que os filhos crescem na fé, também toda a família se enriquece da graça de Deus. Essa perspectiva é reforçada pelo Diretório Nacional de Catequese, ao afirmar que “a própria vida familiar deve tornar-se num itinerário de educação de fé e numa
CARVALHO, H. R.; GIL, P. C. Iniciação à vida cristã e pedagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2019, p. 44.
CELAM. Documento de Aparecida, n. 288.
CNBB. Diretório nacional de catequese. Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 274.
"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese, n. 226.

180
as
250
Antonio Wardison C. Silva
mais importante e necessária, 16
familiar expressiva e comprometida
à com a ação eclesial. E isso
participação da família no seio da Igreja, por meio de encontro escola de vida crista". 45 A comunidade eclesial deverá promover formação, catequese de adultos, entre outras ações, oferecend gislação civil dificulta a livre adesão de fé, essa tarefa se faz ainda cristão da família de educar os filhos na fé. Em locais onde a le todos os meios necessários para que fortifiquem o compromi Não há êxito na catequese caso não haja uma pastoral dependerá de uma comunidade ativa e consciente de todas as implicações da ação catequética. O seminarista diocesano, nesse sentido, deverá atentar-se que, como sacerdote, deverá criar um plano de pastoral orgânico que envolva as famílias em todo o processo de amadurecimento de fé dos seus filhos. Poisa família, com a comunidade eclesial, tem papel indispensável no de um mero plano, mas de conscientização dessa realidade no processo de iniciação à vida cristã.17 E isso não depende apenas
próprio seio da Igreja.
A Igreja, constantemente, convida os
religiosos
a exercer o
se os
ministério da catequese e atribuir a ele total empenho. Na Igreja particular onde estão instalados, poderão enriquecer, com seus dons e carismas, a ação catequética, certos de que estão contribuin- do com a comunidade cristã. Claro que as ordens religiosas e institutos de vida consagrada contribuirão para a ação catequética de acordo com o trabalho pastoral especifico que promovem na Igreja. E esse trabalho não substitui a ação dos demais agentes da Igreja particular, mas, ao contrário, engradece o trabalho conjun- to, de responsabilidade de todos. Por isso, com a profissão dos conselhos evangélicos, os religiosos darão testemunho público da vida em Deus, que requer plena adesão ao seu projeto de amore
construção do Reino.48
CNBB. Diretório nacional de catequese, n. 238.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese, n. 227. CNBB. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja do Brasil. Documentos da CNBB, 102. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 90.
"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese, n. 228.
No curso da história da Igreja, constata-se a decisiva e qualifi- cada contribuição dos religiosos para a educação cristã de crianças e jovens, particularmente dos mais vulneráveis. Nos dias de hoje, dado
o secularismo ea
a relativização dos valores religiosos,
esse trabalho
se mostra ainda mais necessário. Por isso, os religiosos carregam também a missão de contribuir para a evangelização na Igreja onde estão instalados. Não há, nesse sentido, marginalização do carisma de cada comunidade de vida consagrada; há, pelo contrário, enri- quecimento da ação catequética na Igreja particular.19

A catequese e o seminarista

O sentido de pertença e o espírito de comunhão devem fortalecer o seminarista diocesano em todo o seu itinerário for- mativo, o que exigirá reconhecimento e abertura aos diversos carismas da Igreja. Convicto da própria espiritualidade - refle- tida no Cristo Bom Pastorso, o seminarista diocesano, logo neossacerdote, compreenderá e possibilitará a presença fraterna e cordial dos institutos e ordens de vida religiosa em sua comu- nidade eclesial, bem como em sua diocese. Sem dúvida, com a contribuição dos religiosos - consonante às suas especificidades e atribuições, poderá potencializar sua ação pastoral, particu-
->
larmente o seu serviço catequético.

Os leigos também desenvolvem um serviço peculiar na catequese, em razão da sua própria condição na Igreja secular.

Em sua inserção Cristá, na certeza de contribuírem com a Igreja particular e a restauração do Reino de Deus. Pelo fato de os leigos partilharem
no mundo, anunciam e testemunham a fé
a mesma
condição de vida com os iniciados na fé, demonstram
precisa sensibilidade em encarnar o Evangelho, tornando-o mais contextualizado às pessoas. Neles, os catequizandos poderão encontrar um testemunho particular de vida cristá; e, neles, poderão projetar seu futuro de crentes na Igreja.”1 Afirma a Carta Encíclica Redemptoris Missio que os “catequistas são

49 Ibidem, n. 229.

50 CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 94.

SI CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a catequese, n. 230.

251

as

cristas, particularmente nas jovens Igrejas", 52
insubstituíveis, que representam a força basilar das comunidade agentes especializados, testemunhas diretas, evangelizadores No batismo, o leigo encontra a origem da sua vocação ao serviço da catequese; logo após, testifica-o com a confirmação, participando do ministério sacerdotal, profético e real de Cristo. tra, então, receber um chamado particular de Deus, que o faz Ao assumir, de fato, o compromisso com a catequese, demons anunciador da Palavra, pela ação do Espírito. Assim, os leigos, de acordo com a sua condição e tempo hábil, contribuem para a número de religiosos e leigos dedicados à catequese, com tempo ação catequética. Por sua vez, deverá a diocese contar com certo estável; eles, em comunhão com os presbíteros eo dar à catequese o valor que lhe é próprio.

O seminarista diocesano, futuro sacerdote,
bispo, poderão
em seu processo
de formação, deverá perceber que a Igreja, mais do que nunca, se fortifica pelo trabalho conjunto - na mesma missão - de pastores e leigos. Cada um, em seu ministério próprio, vivifica a Igreja do leigo, nesse contexto - "como educador da fé, que se serve da Senhor, chamada a ser sal e luz para a humanidade. O catequista pedagogia de Jesus, Mestre e

Senhor"53, revigora a comuni- dade eclesial com a sua vocação e serviço. Deverá o presbítero apoiá-lo e sustentá-lo em suas convicções cristãs mais profundas, afirma a exortação apostólica Evangelii Nuntiandi, deve a Igreja o que o faz ministro da Palavra, em sua vocação laical. Como preparar aqueles catequistas "que se demonstrem cuidadosos em se aperfeiçoar constantemente nesta arte superior".54 Em suma, os candidatos ao presbiterato, bem como ao acentua o Diretório nacional de catequese, devem preparar-se diaconato, como

52 JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Redemptoris Missio sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulus, 1991, n. 73.

"CARVALHO, H. R. Ministério do catequista: elementos básicos para a formação. São Paulo: Paulus, 2015, p. 69.

PAULO VI. Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi ao episcopado, ao clero, aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1985, n. 44.

"para acolher o trabalho dos leigos, reconhecendo competência e talentos, numa relação adulta, onde todos crescem juntos na

e cooperação", 55 partilha

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A catequese compreende-se

como o anúncio da Palavra

de Deus, revelada em Jesus Cristo, pela ação do Espírito. Pois Deus, em sua benevolência, comunicou a si mesmo aos homens, a fim de que eles conhecessem o seu mistério e com ele estabelecesse uma aliança. Em Cristo, seu Filho amado, à seu projeto salvador. A Igreja, agraciada pelo Espí-

depositou

rito, toma consciência da sua missão de propagar a Boa-nova

à humanidade

e restaurar o Reino.

A catequese e o seminarista-

A Igreja é toda ministerial; e toda a sua ação, diversa porque diversos são os dons e carismas, visa à íntima comunhão com Deus. A catequese revigora a vocação da Igreja de conhecer profundamente o mistério da páscoa de Cristo e nele habitar suas esperanças. O presbiterato, nesse horizonte, deve não so- mente sustentar a ação catequética no interior da comunidade, s reconhecê-la e impulsioná-la como ministério peculiar da Igreja, promotor da renovação eclesial e da imersão do iniciado na vida de Cristo, que é Deus, no Espírito.

mas

O seminarista diocesano, em seu itinerário formativo, deverá refletir sobre as mais profundas motivações que alicer- çam sua aspiração pastoral; poderá compreender, não apenas cognitiva, mas espiritualmente, que a catequese constitui o cerne da missão evangelizadora da Igreja, pois ela – como sustenta o Diretório nacional de catequese-, "ao transmitir a filhos pela ação do Espírito Santo e os educa mater- nalmente".56 Como sacerdote, poderá então potencializar ou revigorar a comunidade eclesial com a mais bela e nobre arte de educar na fé, a catequese.

fé,

gera

55 CNBB. Diretório nacional de catequese, n. 286.

56 Ibidem, n. 39.

as
A catequese e o seminarista

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
fundamental Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo ALBERICH, E. Catequese evangelizadoras manual de catequênc CARVALHO, H. R. Ministério do catequista; elementos básicos
Salesiana, 2004.
para a formação. São Paulo: Paulus, 2015.
CARVALHO, H. R., GIL, PC, Iniciação à vida crista e pedagogia
catecumenal. São Paulo: Paulus, 2019.
CARVALHO, H. R.; LORENZ, E. Espiritualidade do padre
diocesano. São Paulo: Paulus, 2017.
CARVALHO, H. R. et al. Catequista: vocação ministério e missão,
São Paulo: Paulus, 2019,
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, São Paulo: Loyola, 2000. CELAM, Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus: 2007. CNBB, Diretório Nacional de Catequese. Brasília: Edições CNBB,
2006.
Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja do Brasil. Documentos da CNBB (102). São Paulo: Paulinas, 2015. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório geral para a quee Documentos do Magistério (73). São Paulo: Paulinas, 2003. JOAO PAULO II. Exortação Apostólica Catechesi Tradendae sobre
a catequese hoje. São Paulo: Paulinas, 1982.
.
à a cate-
Carta Enciclica Redemptoris Missio sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulus, 1991. PAULOVI, Dei Verbum. In: DOCUMENTOS do Concilio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). Tradução Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.
Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi ao episcopado, ao clero, aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1985.
Gaudium et Spes, In: DOCUMENTOS do Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), São Paulo: Paulus, 1997. , Presbyterorum Ordinis, In: DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997. VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos. São Paulo:
Paulinas, 2007.

as
17
A BONDADE E A MISERICÓRDIA
COMO ATITUDES TRANSFORMADORAS
INTRODUÇÃO
Thales Martins dos Santos

Sabe ser próximo todo aquele que é bondoso, compassivo, terno e misericordioso (cf. Lc 10,29-37). No itinerário de toda co- munidade humana, existem momentos de forças e fraquezas, pois nos somente existimos a partir de nossa humanidade preenchida
por
r talentos e potenciais, mas também por limitações e misérias. A beleza de uma comunidade formativa está no saber coletar as variadas experiências pessoais e comunitárias e transformá-las num caminho comum, que todos trilham juntos, de mãos unidas, em direção ao mesmo destino: a configuração ao Cristo, Bom Pastor.
Neste percurso, Deus vem ao nosso encontro, derramando sobre nós o seu amor inefável, a sua misericórdia infinita e a sua bondade, que acalenta e renova. Todos são chamados a assumir um agir alicerçado no agir do Pai, que se revelou a nós em seu Filho. Por isso, configurar-se ao coração do Pai é assumir para si o agir de Jesus de Nazaré, manso e humilde de coração. É missão pessoal acolher e integrar nossa humanidade, para que possamos ser instrumentos de transformação na vida do próximo.

1. DEUS É MISERICÓRDIA

Configurar-se ao coração de Deus e ser reflexo do seu amor e misericórdia, eis a missão de todo discípulo! Somos preenchidos
A bondade e a misericórdia
É mestrando em Ciências da Religião (Umesp). Especialista em Espiritualidade (Unisal-SP). Licenciado em Filosofia (Faerpi-PI). Bacharel em Teologia (Pio XI-SP). Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM).

cotidianamente pela misericórdia do Pai, que jamais se cansa de
e
restituir a
acusados e
nos perdoar e de nos chamar ao seu convívio. O amor de Deus abarca toda a condição humana a fim de curá-la dignidade àqueles que estão à margem da sociedade, a julgados pelo crivo farisaico de diversas pessoas que se autoconsti tuíram justas e cumpridoras da lei. Inúmeras vezes somos movidos pelo legalismo estéril e intransigente, incapaz de gerar vida nova, mudança de caminho, reconstrução da própria história. Ainda mais, presos no julgamento externo, somos acometidos pelo nosso próprio discurso agressivo e hipócrita: "Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que deixar de anunciar o dom da graça de Deus, capaz de superar a
está no teu?" (Mt 7,3). Esvaziamos nosso
o profetismo batismal ao
queda do pecado e restaurar os corações desorientados.
Deus misericordioso: "Deus de ternura e de piedade, lento para Na Sagrada Escritura, o Senhor é apresentado como um a cólera, rico em graça e em fidelidade" (Ex 34,6). A presença de Deus é sinal de perdão e proteção. Realmente, essa imagem evoca a atitude de ternura tal qual de uma mãe pelo seu filho-um amor de sentimentos) por nós. A certeza desse amor nos conclama a visceral, capaz de se comover e sentir compaixão (comunhão cantar com o salmista: "Eterna é a sua misericórdia" (SI 136). Por meio da misericórdia divina, toda a história humana é preenchida
amor deseja salvar a

pela salvação. Deus é amor, e por amor e pelo todos aqueles a quem criou. "Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor" (1Jo 4,8).
O papa Francisco, motivando toda a Igreja ao grande Jubileu
da Misericórdia, nos exortava:
E
Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Miseri córdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que
une Deus e
por Francisco
para
homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado." A imagem do hospital de campo, utilizada p referir-se à Igreja, faz referência à experiência de cura que a mi- sericórdia divina é capaz de causar em todos nós. A bondade ea misericórdia divinas são remédios eficazes para nossas e humano-afetivas, cegueiras espirituais e tantas outras experiências
que afetam
experiências
nosso relacionamento com Deus, com os outros e com
o cosmos. Somos marcados com o selo da reconciliação divina, fonte inesgotável de compaixão. Em toda comunidade humana, sobretudo a comunidade formativa, é necessário transparecer esse amor fraterno que aproxima, integra e preenche:
A formação do coração proporciona aos seminaristas e presbíteros
o conhecimento
e a experiência de suas próprias contingências,
A bondade e a misericórdia
necessidades, desejos, fragilidades e feridas. Essa experiência é a
graça de ser barro envolvido pelo amor do Senhor.'
Na parábola do Pai misericordioso (cf. Lc 15,11-32), en- contramos o valor supremo que o ser humano possui para)
e,
Deus
, sobretudo, a lógica do amor divino em contraposição à lei da retribuição. Sem dúvida, "a parábola que revela o rosto mais hu- mano de Deus representa-o em excesso e não por defeito: a Deus não falta humanidade, mas tem-na em excesso!".
O Pai misericordioso, modelo ao qual todo vocacionado deve se configurar, acolhe e ama: "Ele ainda estava longe, quando seu pai o viu, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos" (Lc 15,20b). Eis a missão de todo seminarista e presbítero: ir ao encontro de todos aqueles que se encontram distantes de Deus e da Igreja. Contudo, que o encontro
FRANCISCO. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia Misericordiae Vultus. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015, n. 2. 'CARVALHO, H. R. A urgência de formar o coração, In: VEIGA, A. C. da.; ZACHARIAS, R. (orgs). Igreja e escândalos sexuais. por uma nova cultura formativa. São Paulo: Paulus, 2019, p. 135-156.

CONSELHO PONTIFICIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. As parábolas da misericórdia. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2016, p. 61.
259

260
Thales Martins dos Santos
não seja marcado por julgamentos e acusações, mas pelo caloros irmão "que estava morto e tornou a viver; estava perdido e fo abraço que é capaz de proporcionar um novo sabor à vida daquel reencontrado" (Lc 15,32). Nossas relações jamais deveriam se promotoras de impiedade, humilhação e apedrejamento. Mas assim como Deus vem ao encontro de nossas fraquezas e e miséria humanas; assume a nossa humanidade; faz-se carne; sente e sot as deficiências humanas para nos salvar, também nos deveriamos reconhecer nossas próprias limitações e saber acolher as dos ir mãos. Não há nada mais nocivo numa comunidade formativa do quer que nenhum de seus filhos se perca! Ora, "eu vos digo que do que a divisão, a inveja, a disputa, o ódio e o egoísmo, Deus não mesmo modo haverá mais alegria no ceu por um so pecados que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento" (Lc 15,7), Os seminários precisam tornar-s hospital de campo, haja vista que todos precisam de cuidado, acolhimento, ternura e perdão. Não há dúvida; mas a excessiva compaixão do pai pelo filho, que dele fez uma O que volta a dar vida a quem está morto não é o arrependimento criatura nova e com uma vida nova. A compaixão do pai não se fez somente de comoção, mas transformou-se em paixão capaz de fazer nascer a vida onde existia a morte."
misericordioso
Deus é misericórdia e, por amor, enviou-nos seu Filho para "procurar e salvar o que estava perdido" (Lc 19,10). Nós, neste ca minho de configuração ao coração manso, lumilde en de Deus, somos impelidos a ser sinais da presença transformadora do Senhor na vida de tantos irmãos e irmás que estão abandonados pelo caminho, sem esperança, desanimados, abatidos e esmagados pela culpa do pecado. Em muitas realidades, a falta de humani dade, acolhimento, compreensão, ternura e perdão tem destruído projetos, sonhos, metas e esperanças. Todo o caminho é ofuscado pelo sentimento de derrota e solidão. É importante, enquan
CONSELHO PONTIFICIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZA As parábolas da Misericordia, p. 68.
P
Igreja, repensarmos o motivo propulsor da escassez de sentido em tantas vocações presbiterais. A liquidez das relações deixou-nos indiferentes diante do sofrimento do outro. Não somos próximos e, ainda mais, na maioria das vezes, não queremos nos fazer próximos da dor do outro (cf. Le 10.29-36). Por isso, toda a comunidade humana precisa tornar-se "ilha de misericórdia no meio do mar da indiferença!" E interessante nos perguntarmos se temos sido suns dos outros. Para aqueles que vivem nos seminários, próximos esta

a reflexão é sempre oportuna. A comunidade formativa precisa ser um ambiente de amor e perdão. Urge a necessidade de sermos espaço para acolhida, diálogo, compreensão e misericórdia.

A bondade e a misericórdia

As atitudes de Jesus caminham na contramão da indiferença. da exclusão, da marginalização e do descaso social, político-eco- nómico e religioso. A vida e ministério de Jesus são dom total a serviço dos outros, especialmente os pequenos e humildes. Ele é o Bom Pastor, capaz de doar-se e dar a vida por suas ovelhas (cf. Jo 10,11). Nossa vocação cristá precisa configurar-se às atitudes do Mestre, a fim de que também nossa vida seja um reflexo do agir de Jesus Cristo. Todo seminarista diocesano, no processo formativo, desejoso de abraçar o ministério ordenado a serviço do povo, é extensão do agir de Cristo salva. Disso resulta a necessidade constante de voltarmos nosso que transforma, integra e olhar ao seu modo de ser, viver e existir.

2. APRENDENDO COM O MESTRE

A vida e o ministério de Jesus nos impulsionam ao encontro com Deus pelo contato afetivo e efetivo com o próximo, com o pequeno, com os humildes: "Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizes tes (Mt 25,40). Em Jesus, a bondade e a misericórdia se integram. A nossa humanidade frágil e limitada precisa sentir o sabor da

FRANCISCO. Mensagem do papa Francisco para a Quaresma de 2015. Disponivel em: Allw2.vatican.valcontent/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-frances 20141004_messaggio-quaresima 2015.html>. Acesso em: 12 mar. 2019.

261

63

Thales Martins dos Santos

I bondade e da misericórdia. Precisamos experimentar essa certeza manizarmos, para podermos também humanizar uns aos outros. do amor de Deus e dos irmãos em nossa vida, a fim de nos hu- Na atividade missionária de Jesus, ele não hesitou em entrar na miséria humana, sentir o fracasso humano, conversar com os pecadores, acolher os marginalizados. Imbuído de compaixão, penetrou no íntimo da consciência de cada pessoa e enxergou o amor do Pai presente em todas as suas criaturas. Em vez de julgar, propunha um novo caminho, uma nova

à direção. Curou nossas

cegueiras espirituais, paralisias da fé e tantos outros modos de enfermidades, pois "não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não o sacrifício. Com efeito, eu não vim

chamar os justos, mas pecadores" (Mt 9,12-13).

Não há distinção e restrição de pessoas no agir de Jesus. Ele

"mostra aos pecadores que não tem em

consideração

o passado

deles, nem a sua condição social, nem sequer as convenções exte- riores, mas, ao contrário, abre-lhes novo futuro". Não há santo sem passado nem pecador sem futuro. O caminho do discípulo passa pela humildade em reconhecer-se frágil e, por isso, necessi- tado da graça e perdão de Deus. Assim, na realidade formativa, é

compreen-

clamavam:

preciso reconhecer-se frágil, limitado e necessitado de são, ajuda e perdão. Somos como os dez leprosos que "Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!" (cf. Lc 17,11-19). Nossas lepras são diversas em quantidade e qualidade. Não há comuni- dade perfeita! Todavia, a comunidade é o lugar por excelência da presença de Deus em minha vida, pois sou capaz de reconhecê-lo no irmão. É pela vida em comunidade, no seminário, que o se- minarista diocesano já exercita a bondade e a misericórdia como atitudes transformadoras da realidade. Nessa experiência inicial, o seminarista diocesano configura o seu coração para que um dia ele também seja sinal transformador na comunidade presbiteral e paroquial de sua diocese. Ele é chamado a transformar, por meio

262

FRANCISCO. A misericórdia. São Paulo: Paulus, 2018, p. 59.

mente as

da caridade evangélica, toda realidade onde se encontra, especial-- s periferias geográficas e existenciais. Assim nos ajuda o papa Francisco: "Tu podes tornar-te próximo de quem quer que se à necessidade e o serás se no teu coração sentires com-

encontre em

paixão,

, ou seja, se tiveres a capacidade de padecer com o outro". Em Jesus, o tempo da salvação é o hoje! O kairós se concretiza no encontro com uma pessoa: Jesus Cristo! A salvação é para todos, e Jesus foi ao encontro daqueles que já não possuíam esperança de uma nova vida. Com Zaqueu (cf. Lc 19,1-10), o cobrador de impostos, Jesus toma a iniciativa e vai ao seu encontro, não se

importando

com a multidão que murmura: Zaqueu é um pecador!

Em Jesus sempre há esperança! O hoje é sempre possibilidade de conversão. "Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido" (Lc 19,9-10). Este é chamado da Igreja: ser "o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados segundo a vida boa do Evangelho"? Ir ao encontro do

0

a viverem

outro é enxergar no outro a própria humanidade machucada, humilhada ou esquecida, para, junto dele, buscar a luminosidade da dignidade e da vida perdidas.

A bondade e a misericórdia

Encontrar-se con outro é misericordiar, é ter compaixão pelas fragilidades e misérias humanas; é sentir-se parte do sofrimento, da angústia e da desesperança do outro. Nas situações em que o julga- mento cruel e frio se apresenta violentamente, devemos anunciar e testemunhar um Deus-Misericórdia, que ama e perdoa; que acolhe e abraça. Um Deus que é Amor (1Jo 4,8.16) e jamais se alegra por um filho que está em situação de miséria humana, espiritual ou social. Por isso, urge a necessidade de propor caminhos e meios para que este encontro possa gerar frutos de conversão, a exemplo do encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4,5-42).10

"Ibidem, p. 69.

"FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013, n. 114.

10 SANTOS, T. M. Sair, encontrar, acolher e promover: a Igreja e a defesa dos direitos humanos. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Ética teológica e direitos humanos. Aparecida: Santuário, 2018, p. 201.

263

as
264
Thales Martins dos Santos
o seu projeto dignidade
Entrar na dinâmica de Jesus significa abraçar humana. Consiste em superar a mediocridade do mero cumpri- de amor; significa ir ao encontro, acolher e promover a c mento de preceitos para abrir-se à experiência transformadora
da compaixão e do misericordiar. Resulta em abandonar r
práticas
funestas de inveja, competição e ciúme clericais, infelizmente tão presentes nos seminários, a fim de promover um convívio fraterno, no qual todos colaboram para a construção de um cristianismo autêntico, comprometido com o anúncio e teste- munho do Evangelho por meio da proximidade, da abertura e
do serviço da caridade.
A resposta a seu chamado exige entrar na
dinâmica do bom sa-
maritano (cf. Lc 10,29-37), que nos dá o imperativo de nos fazer próximos, especialmente de quem sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos, seguindo a prática de Jesus que come com publicanos e pecadores (cf. Lc 5,29-32), que acolhe os pequenos e as crianças (cf. Mc 10,13-16), que cura os leprosos (cf. Mc 1,40-45), que perdoa e liberta a mulher pecadora (cf. Lc 7,36-49; Jo 8,1-11),
que fala com a samaritana (cf. Jo 4,1-25)."
Aprender com Jesus de Nazaré implica assumir com au- tenticidade e sinceridade o processo formativo. Para responder ao chamado vocacional com fidelidade, precisamos revisitar nosso caminho de discipulado. Nesse processo, podemos contar com o auxílio essencial dos formadores, diretor espiritual e do acompanhamento psicológico nos seminários. Refletir sobre o caminho de discipulado e sobre a configuração a Jesus Cristo nos fortalece e nos aproxima da vontade do Pai, contribuindo para que nossa resposta seja verdadeira, concreta, sincera e autêntica. Assim, nosso ministério será fecundo e produzirá abundantes frutos na vida do de Deus. Afirmam os bispos em Aparecida:
povo
"CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). Documento de Aparecida. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (13-31 de maio de 2007). 2. ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007, n. 135.
O povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbí-
teros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão
pregando
com seu bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de presbíteros-servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação,

A bondade e a misericordia
teros-missionários, presbíteros-servidores da vida e presbíteros Eis o caminho formativo: presbíteros-discípulos, presbí- cheios de misericórdia. O ser humano carece de humanidade. A sociedade necessita ser humanizada. Infelizmente, a falta de contato humano tem assolado inúmeras realidades. E, diante da globalização da indiferença, a alternativa é humana. É sabido
que
muitas esferas da sociedade estão cansadas de um discurso
religioso e social pobre de testemunho; a falta de coerência entre
o discurso e a
prática tem colocado em xeque a credibilidade de muitos pastores da Igreja. Jesus indica um caminho diverso, pois fala com autoridade nascida do testemunho de seu amor coerente, que por nós se entregou nos amando até o fim:
Jesus estava convencido de que não pode haver dissociação, e menos ainda contradição, entre o que se diz e o que se faz. Essa convicção, levada fielmente à prática, foi uma das chaves da éti- ca de Cristo. Assim sendo, não resta dúvida de que Jesus tinha ciência de que, para transmitir um projeto de vida que incluía a humildade, a simplicidade, a humanidade para com os mais pobres
12 Ibidem, n. 199
13 FRANCISCO. Discurso do papa Francisco aos participantes no 3o Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html>. Acesso em: 12 mar. 2019.

as

e a proximidade com os que sofrem, tudo isso pode
e convincente. Se assim não for, o pregador
ser ensinado
não passa de mero
aquilo que se diz é explicação do que se vive, a palavra é eficaz unicamente se for vivido pela própria pessoa. Somente quand charlatão ou, no máximo, um personagem de teatro, do grande teatro do mundo. A ética não se ensina só com palavras. Ensina-se
acima de tudo, com a vida. 14
os seminaristas para serem pastores à imagem de Cristo. E Afirma a Ratio que "a finalidade do seminário é preparar percorrendo o processo formativo que, a partir de uma aber- tura e docilidade, o Espírito pode agir na história humana e possibilitar o amadurecimento e o crescimento necessários para o ministério ordenado, a fim de formar verdadeiros pastores à imagem de Cristo, apascentando o rebanho de Deus, "cuidando
dele não por coação, mas de livre vontade, como Deus
So
nem por torpe ganância, mas por devoção, nem como senhuer, daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos
do rebanho" (1Pd 5,2-3).
3. O AGIR FECUNDO QUE HUMANIZA
O agir de cada pessoa precisa sempre estar orientado

para a
promoção da dignidade humana. O ser humano foi criado à ima-
que
gem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,27) para alcançar realização. Entretanto, é sabido vivemos imersos em inúmeras sua plena desigualdades, alimentadas por uma cultura egoísta, um selvagem e por um sistema sociopolítico corrompido. capitalismo
Diante desse sofrimento que oprime a sociedade, de maneira especial os mais pobres, somos chamados a promover a justiça, colaborando para a construção do Reino de Deus, inspirados no agir misericordioso de Jesus e impelidos pela sua caridade pastoral, como afirma a Ratio:

CASTILLO, J. A ética de Cristo. São Paulo: Loyola, 2010, p. 42.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 119.

A formação sacerdotal deverá estar pastoral que os torne capazes de ter aquela mesma compaixão, permeada por um espírito generosidade, amor por todos, especialmente pelos mais pobres,
e pronta solicitude pela causa do Reino, que caracterizaram o ninistério público do Filho de Deus, e que se podem resumir na caridade pastoral.
A caridade pastoral é essencial no ministério do presbítero diocesano. Todavia, ela é fruto da experiência cotidiana da comu- nidade formativa. Desde o seminário, o cuidado misericordioso e a presença compassiva precisam ser atitudes elementares no agir de todo seminarista diocesano, promovendo laços de comunhão
que
o sustentam no agir pastoral.
A bondade e a misericórdia
A vida de comunhão, experimentada e exercitada no cotidiano da casa de formação, favorecida e fomentada pela presença do formador, torna-se a fonte de alegria para toda a vida. Esta expe- riência deve ser aprofundada no presbitério para reavivar sempre no coração do presbítero a razão de sua consagração e lhe oferecer para o árduo, e muitas vezes solitário,
suporte afetivo
o necessário serviço pastoral.17
Pela experiência de comunhão, todo conflito pode ser trans- formado em diálogo, respeito e fraternidade. Esse é o caminho proposto pelo Evangelho!18 No agir de Jesus, deparamo-nos com situações que provocaram um encontro capaz de gerar fecundidade em pessoas nas quais a humanidade estava perdida, esgotada, con- sumida. O encontro com o outro é fonte de vida nova. Quando comungo com meu irmão, em atitude de escuta e misericórdia, posso ajudá-lo a reassumir o seu projeto de vida. Do mesmo modo, quando me deixo encontrar pelo meu irmão, sou capaz de alcançar a potencialidade do meu ser relacional, assumindo atitudes de aber- tura e comunhão, bem como de interiorização. A vida na grande comunidade humana é o berço do diálogo e respeito.

16 Idem.

17 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil (Documento 93). 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 266. 18 FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, n. 88.

estabelecemos um vínculo mais intimo, e renunciar ao
realismo
nossa confortável situação, principalmente junto àqueles com quem E forte a tentação de
escapar dos outros, fechando-nos en da dimensão social do Evangelho." Nos seminários,
por sua vez, frequente a formação de redutos onde se convive na exclusividade irmãos!
Nega-se o Evangelho! "Portanto, se tiveres para trazer a tua coisa contra ti, deixa a tua
oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão" (Mt 5,23-24a). Com
excelência,
com alguns. Há uma fuga da autenticidade do ser
Igreja, casa de
oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem
nossas
alguma
experiências de
o papa Francisco nos convida a ampliar encontro, comunhão e fraternidade, misturando-nos
redescobrindo a mística de conviver unidos:
aos outros e
nicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o Neste tempo em que as
redes e demais instrumentos da comu- desafio de descobrir e transmitir a "mística" de viver
juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar desta maré um pouco
caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa
caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de
comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro esperançoso, se
pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo e solidariedade entre todos. Como seria
bom, salutar, libertador, para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o
veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá opção egoísta que fizermos.20
com cada
A opção pela bondade e pela misericórdia precisa perscrutar toda a nossa caminhada
formativa, começando pelo primeiro chamado e percorrendo toda a vida. O modelo de todo
discipu- lado é Jesus de Nazaré. Logo, não há outra decisão! O seminarista diocesano é
impelido pelo amor refletido em atitudes de bondade e de misericórdia, capazes de curar os
conflitos, religar as inimizades
C
sem fonte de vida nova pelo perdão, pois,
transformar os pecados e
como afirma Anselm Grün, "a nossa contribuição para a constru-
cão de uma
comunidade consiste em também estarmos sempre
perdoar dispostos a
uns aos outros,
CONSIDERAÇÕES
FINAIS
O imperativo de Jesus é misericordiar. A misericórdia e a bondade precisam integrar o
nosso edificio humano-afetivo. Caso contrário, nos tornaremos pessoas frustradas,
amarguradas
Ĉ

desencantadas
com nossa própria história e com todo ser hu-
mano. Em busca de uma pseudoperfeição, transformamos toda
criatividade
e pessoalidade
em uniformidade e anacronismo.
A ética de Jesus rejeita toda e qualquer exigência baseada em preceitos travestidos de rigidez, fundamentalismo e hipocrisia, nos quais não há espaço para o diálogo, para o diferente, para a
misericórdia
e,
sobretudo,
para o encontro com a realidade do
próximo. Sua prática é a justiça do Reino, onde todos são acolhidos
e chamados a uma vida nova.
cesso
A bondade e a misericórdia
O seminarista diocesano é convidado a assumir, desde o pro- inicial de formação, o caminho da bondade e da misericórdia
como
possibilidade de cura de tantas enfermidades enfrentadas pela humanidade. São João XXIII já afirmava que a Igreja deve utilizar o remédio da misericórdia, ao invés da severidade.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CARVALHO, H. R. A urgência de formar o coração. In: VEIGA, A. C. da.; ZACHARIAS, R. (orgs). Igreja e escándalos sexuais: por uma nova cultura formativa. São Paulo: Paulus, 2019. CASTILLO, J. A ética de Cristo. São Paulo: Loyola, 2010. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbiteros da Igreja no Brasil (Documento 93). 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
Idem
Ibidem, n. 87.
GRÜN, A. Perdoa a ti mesmo. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 20.

Ediテアテオes CNBB, 2017.
(CELAM). Documento de Aparecida. Texto
da V
biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasilia CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o pres CONSELHO EPISCOPAL LATINICANO Conferテェncia Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (13-31 de maio de 2007). 2. ed. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB; Sテ」o CONSELHO PONTIFテ垢IO PARA A PROMOテ・グ DA NOVA EVANGELIZAテ・グ. As parテ。bolas da misericテウrdia. Sテ」o FRANCISCO. Exortaテアテ」o Apostテウlica Evangelii Gaudium sobre o anテコncio do Evangelho no mundo atual. Sテ」o Paulo: Paulus,
Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.
Paulo: Paulinas, Paulus, 2016.

Loyola, 2013.
Bula de Proclamaテアテ」o do Jubileu Extraordinテ。rio da Mi- sericテウrdia Misericordiae Vultus. Sテ」o Paulo: Paulus, Loyola, 2015.
A misericテウrdia. Sテ」o Paulo: Paulus, 2018.
Discurso do papa. Francisco aos s participantes no 3o Encon tro Mundial dos Movimentos Populares. Disponテュvel
em:
<http://
w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/
documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.
html>. Acesso em: 12 mar. 2019.
Mensagem do papa Francisco para a Quaresma de 2015. Disponテュvel em:
<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/
messages/lent/documents/papa-francesco_20141004_messaggio-
- quaresima2015.html>. Acesso em: 12 mar. 2019.
GRテ廸, A. Perdoa a ti mesmo. Petrテウpolis: Vozes, 2005. SANTOS, T. M. Sair, encontrar, acolher e promover: a Igreja e a defesa dos direitos humanos. In: MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R (orgs.). テ液ica teolテウgica e direitos humanos. Aparecida: Santuテ。rio, 2018.
18
A POBREZA EVANGテ鵜ICA COMO ESTILO
DE VIDA DO
SEMINARISTA DIOCESANO
INTRODUテ・グ
Leonardo Silva Pereira Fテ。varo'
A vocaテアテ」o presbiteral テウ um dom de Deus テ humanidade. テ・bonito ver jovens que se preparam para assumir um compro- misso estテ。vel com o Senhor que dure para a vida inteira, disse o
papa
A pobreza evangelica
Francisco aos seminaristas. A beleza desse estado de vida,
no qual o seminarista diocesano tem a oportunidade de cons- truir-se segundo a pessoa de Jesus Cristo e a serviテアo da Igreja,
com todo
de Deus, estテ。no compromisso de se esforテアar para abraテアar, povo o coraテアテ」o, com toda a alma, todo entendimento e com toda a forテアa (cf. Mc 12,30), uma caminhada formativa que o conduzirテ。a ter os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (cf. Fl 2,5). Assim, compreenderテ。de quais valores jamais deverテ。abrir mテ」o, e, portanto, irテ。cultivテ。-los diariamente, e quais renテヨncias precisarテ。constantemente fazer, para que, configurado ao Bom Pastor, seu testemunho seja consistente, e o anテヨncio feito por ele das maravilhas do Senhor dテエ frutos de evangelizaテアテ」o e santidade na Igreja e na sociedade.

Seminarista diocesano da diocese de Erexim-RS.

2 FRANCISCO. Discurso do papa Francisco aos seminaristas do Venerテ。vel Colテウgio Inglテエs de Roma, na sala do Consistテウrio, no dia 30 de abril de 2019. Disponテュvel em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-04/papa-seminaristas-amor-fiel-deus-servico--humilde-irmaos.html>. Acesso em: 30 abr. 2019.

Leonardo Silva Pereira Fávaro

1. A VOCAÇÃO É DOM DE DEUS À HUMANIDADE

A vocação é relação entre chamado
e resposta.
mado, acontece o verdadeiro diálogo que se realiza
liberdades - Deus e o ser humano. O
papa
Francisco
Nesse
cha- entre duas insiste
que
reconheçamos que "o primado é sempre de Deus, que quis cha
mar-nos para cooperar com ele e impelir-nos Espírito". A iniciativa sempre é dele.3
com a
força do seu

As diversas experiências vocacionais, do chamado de Deus às pessoas, estão presentes na Sagrada Escritura. Nela, se encon tra, sob a ótica da fé, a experiência resultante do acolhimento da Palavra de Deus, que quer se comunicar, se manifestar, libertar e constituir povo e habitar junto dele pelos caminhos da história. Nesse sentido, a humanidade inteira é vocacionada, porque, pela vontade e iniciativa do próprio Deus, foi chamada à existência (cf. Gn 1,27). É dentro desse chamado universal à vida que acontece o convite a cada pessoa que, de modo pessoal e único, faz sua própria experiência da misericórdia de Deus e aceita colocar a sua
própria vida a serviço dele e do povo ao qual é enviado.

Os relatos bíblicos do chamado de Deus estão sempre atre- lados a um local geográfico, a um momento histórico e a pessoas específicas. Isso significa que Deus escolhe, por sua vontade, às pessoas em necessidade. Moisés, por exemplo, teve sua voca- sujeitos históricos e espaciais que estão ligados profundamente ção nascida no contexto concreto da miséria e da opressão dos hebreus que estavam no Egito; Deus ouviu seu clamor, viu sua aflição, reconheceu seu sofrimento e desceu para libertá-los (cf. Ex 3,7). O vocacionado, animado pelo Espírito, torna-se sujeito responsável pela comunicação entre a humanidade sofredora e o projeto de amor e de libertação de Deus. Ainda assim, o centro não é a pessoa chamada - ainda que ela seja importante -, mas o povo ao qual ela é enviada. Ela é instrumento de Deus para

FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013, n. 12.

auxiliar na
para
as
I caminhada do povo que quer passar da escravidão
a liberdade (cf. Ex 3,8).

No Novo Testamento, a prática de Jesus demonstra sua preocu-
pação com as pessoas feridas (cf. Mt 11,4-6; Lc 7,22-23). E próprio da missão preocupar-se com os doentes, acolher os marginalizados e excluídos. Afinal, Jesus, recordando o profeta Isaías, revelou ter vindo ao mundo com esta missão: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar s pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos

OS
e para proclamar
um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18).
Carlos Mesters, biblista, afirma que é diante da incompati-
A pobreza evangélica
bilidade entre a situação social, política, econômica e religiosa da Palestina sob o domínio romano e o ideal do Reino de Deus que Jesus apresenta ao povo da comunidade o seu programa de ação, com cinco propostas bem concretas:
(1) ser uma Boa-nova para muitos pobres e empobrecidos; (2) trazer a libertação para as pessoas aprisionadas na injusta prisão dos romanos e na falsa prisão da letra da Bíblia; (3) eliminar a cegueira tanto dos olhos do corpo, provocada pela doença, como dos olhos do espírito, provocada pelo "fermento dos fariseus e dos herodianos"; (4) conseguir a liberdade para os que viviam oprimidos pela dureza tanto da lei religiosa como da lei tirânica de Herodes e dos romanos; (5) recomeçar a história por meio da proclamação de um novo ano jubileu.
Os apóstolos são enviados por Jesus com igual poder: "Como o Pai me enviou, também eu vos envio" (Jo 20,21); "curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios" (Mt 10,8). Ao chamar para a missão, Deus concede os dons necessários para realizá-la. Nem sempre escolhe pessoas, digamos, capacitadas: os vocacionados na Escritura eram homens simples, pastores, pescadores. Ressoa, portanto, a palavra do
'MESTERS, C. Jesus formando e formador. aprender e ensinar. São Leopoldo: CEBI, 2012, p. 41-42.
273

274
Leonardo Silva Pereira Favaro
Senhor a São Paulo: "Basta-te a minha graça, pois é na fra dois aspectos se fazem importantes para a vivência da vocação, que a força manifesta todo o seu poder" (2Cor 12.9). Am ministério presbiteral: a confiança em Deus e a preparação pa
o exercício do ministério.
A confiança em Deus se manifesta na
adesão
e na entrega d
vocacionado. Ele, pela fé, vé sua vida e o rumo de sua história se transformarem profunda e radicalmente. Por exemplo, Abra deixou a sua terra e seguiu para aquela que lhe mostrara o Senhor (cf. Gn 12,1); Moisés retornou para o Egito a fim de libertar o seu o convite de Jesus e, "deixando as redes, o seguiram" (Mc 1,18). povo da opressão do faraó (cf. Ex 3,10); Simão e André ouviram o chamado. A caminhada exodal expressa, de certo modo, essa A preparação para o ministério exige disposição para seguir realidade: não bastam sonhos; é preciso um percurso formativo para concretizá-los. De igual modo, Jesus buscou formar seus discípulos: conviveu com eles a fim de prepará-los para a missão
de aprendizado que os esperava; foi uma caminhada nova
o na vida
deles. O escritor Segundo Galilea, sobre o processo de formação
ficar
com
discípulos

causa do
chamado de Jesus é para dos discípulos, identifica que o ele, a fim de aprender com o Mestre. É preciso que os estejam unidos a Jesus, imitando-o e trabalhando pela Reino. Atenta ao modo de ser de Jesus, a Igreja propõe aos vo- cacionados ao ministério presbiteral diocesano um processo de
ao Bom
formação que possa fazer deles discípulos configurados Pastor, disponíveis à missão de testemunhar o Evangelho O com um estilo de vida sóbrio e concreto: a pobreza evangélica.
2. A FORMAÇÃO AO MINISTÉRIO PRESBITERAL A vocação é um tesouro precioso à Igreja e faz parte da sua missão incentivá-la e assisti-la no discernimento, no desenvol vimento e no compromisso missionário dela decorre. Para iluminar essa caminhada, foi publicada recentemente pela Santa
que
GALILEA, S. Discipulos de Cristo. São Paulo: Paulus, 1996, p. 33-34.
as
Sé a Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis (RFIS), que traz orientações sobre a identidade, a formação e a missão dos vocacionados ao ministério presbiteral. Essas orientações estão em sintonia com o Concilio Vaticano II e, em certa medida, atualizam a reflexão da Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis, de São João Paulo II. publicada em 1992, e integram o magistério recente do Francisco. Além disso, fundamentam as diretrizes nacionais da formação, como é o caso das Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A formação para o seguimento de Cristo é um processo que implicará toda a sua história de vida e, por isso, papa
deve ser permanente.
etapas
A pobreza evangélica
A RFIS apresenta dois tempos de formação: a inicial - que compreende o acompanhamento vocacional ao longo das e do propedêutico, dos estudos filosóficos (ou chamado de discipu- lado) e teológicos (ou chamado de configuração) e da pastoral ou síntese; e a permanente - que abarca a constante formação pessoal do presbítero, durante o exercício do seu ministério, conforme os diversos ofícios eclesiásticos que lhe serão confiados ao longo da É importante considerar que o discipulado e a configuração não se resumem ao período dos estudos da filosofia e da teologia,
vida.
mas são desenvolvimentos
percurso
devem acontecer durante todo o que
da vida do seminarista diocesano.
O discípulo "é aquele que é chamado pelo Senhor a ficar com Ele (Mc 3,14), segui-lo e tornar-se missionário do Evangelho". Ele realiza uma experiência que lhe permite adentrar no mistério do Reino de Deus, desde a vivência de uma relação profunda com nesse período da formação que o seminarista, aberto à Jesus. ação do Espírito Santo, começa a compreender o que significa para a sua vida e projeto tornar-se discípulo de Jesus, “ouvindo a sua Palavra, guardando-a no coração e colocando-a em prática [...] ajudando o seminarista a amadurecer a decisão definitiva de seguir o Senhor no sacerdócio ministerial e no acolhimento dos

"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 61.
275

Leonardo Silva Pereira Favaro
conselhos evangélicos"." Trata-se de deixar
que todas
as descober.
tas dos estudos filosóficos sejam orientadas para uma direção: o
seguimento do Mestre."
Sem descuidar da espiritualidade,
essa etapa
do
processo
formativo educa a pessoa, com suas motivações, ao autoconheci mento, à vivência de sua liberdade e do domínio de si. Tudo isso é imprescindível para superar as mais diversas formas de indivi dualismo e de egoísmo, de autossuficiência e de indiferença, de e de fechamento aos irmãos e à graça de Deus. Todos esses são apego material, de soberba e de aburguesamento, de prepotencia obstáculos que impedem a vivência da pobreza evangélica em
sua vida. E essa caminhada tem início desde os
primeiros
passos
do discernimento e do amadurecimento vocacionais. Para que se possa, um dia, exclamar como João Batista: "É necessário que ele
cresça e eu diminua" (Jo 3.30).
sinceridade, a promessas,
Com o cultivo das virtudes humanas, como a preocupação constante da justiça, a fidelidade às
a gen-
tileza nas relações, a modéstia, a humildade e a caridade ao falar e no agir, o seminarista será reflexo vivo da humanidade de Jesus e sinal
a relação
de comunhão entre os homens e Deus. Isso provém de uma r consolida nele, pela graça, a identidade de pessoal com Cristo,
que
discipulo, para, ao longo desta etapa, o seminarista diocesano alcançar
uma liberdade e maturidade configuradas a Cristo Pastor'
A configuração possibilita um mergulho profundo na contemplação da pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus e en-
viado como Pastor do povo de Deus. Durante esse processo, o seminarista diocesano desenvolve uma íntima e pessoal relação e favorece o conhecimento dos mistérios da fé e com Cristo, que da identidade sacerdotal. A abertura à ação do Espírito permite fazer, das experiências diversas de oração, de estudo e de contato pastoral, experiências que suscitem na vida dos discípulos os "sentimentos e comportamentos do Filho de Deus".
Essas mesmas
as
experiências dispõem o seminarista à capacidade de oferecer a si

mesmo no
cuidado pastoral do povo de Deus.10
Esta é uma etapa intensa e exigente, porque demanda ativa- mente os frutos do discipulado e disposição
constante em viver
as virtudes cardeais e teologais e os conselhos evangélicos. Assim, convém ao seminarista fazer uma releitura da própria história pessoal, atento aos sinais da graça de Deus que o anima, forma e motiva a assumir a vida de presbitero." A configuração é o pe- ríodo do cultivo da oração pessoal e litúrgica, da vivência regular dos sacramentos e da realização dos atos de piedade e caridade,
orientando
sua vida pelos valores do Evangelho.
A vida orientada pelos valores do Evangelho ocupará lugar, de no serviço a uma Igreja particular, de modo que o
modo especial,
seminarista é chamado a cultivar a espiritualidade do presbitero dio- Cesano para "configurar o próprio sentir e trabalhar, em comunhão bispo diocesano e os irmãos no presbitério, para o bem de uma
com o
A pobreza evangélica
porção do povo de Deus".12 A formação vivida pelo seminarista dioce- desperta para isso: a comunhão com o bispo e com o presbiterio na diocese, porção do povo de Deus confiada aos cuidados pastorais do bispo e de seu presbitério e congregada por ele no Espírito Santo,
sano
por meio do Evangelho e da Eucaristia.13
seminarista,
O processo formativo gera condições que permitem ao a partir das diversas experiências de crescimento espiritual, intelectual e pastoral, colher os frutos do discipulado e da configuração a Jesus Cristo e ao seu Evangelho. A vivência dos valores evangélicos e o testemunho da pessoa de Jesus fará com que assuma, com autenticidade, a pobreza evangélica em sua vida e no seu modo de agir. Toda vocação verdadeira nasce, vive e persevera por meio de uma espiritualidade que sustenta a pessoa com simplicidade e generosidade, com confiança e amizade com o Senhor. Afinal, esta é a promessa que ele estende a todas as

10 Ibidem, n. 69.
11 Idem.
12 Ibidem, n. 71.
13 CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto Christus Dominus. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 11.
276
Ibidem, n. 61 e 62.
Ibidem, n. 63.
Ibidem, n. 63e66.
277

278
Leonardo Silva Pereira Fávaro

pessoas: "Felizes os pobres no espirito, porque deles é o Reino dos Céus" (Mt 5,3). Por isso, o papa Francisco, sabiamente, afirma
"O Evangelho nos convida a reconhecer a
verdade do nosso
coração, para ver onde colocamos a segurança de nossa vida a optar por uma vida cuja segurança é o Senhor, e não as riquezas Realmente, o processo formativo conduz o seminarista diocesano que sufocam a pessoa a ponto de não mais haver espaço nela para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para reconhecer as
coisas mais significativas na vida. 'S
3. A POBREZA EVANGÉLICA
Ao longo das etapas do discipulado e da configuração,
, o semina-
rista diocesano se torna capaz de escutar a voz de Deus que diz: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que
te mostrarei" (Gn 12,1). "Vai, pois, e eu te enviarei [...] contigo" (Ex 3,10.12). O
desprendimento
e a
eu estarei
disposição à missão,
à qual o presbítero é enviado para colaborar, são gestados desde o período da formação inicial. Por isso, o papa Bento XVI afirma que, "para responder ao chamamento de Deus e pôr-se a caminho, não o que sejamos já perfeitos [...]. As fragilidades e os limites humanos não são um obstáculo, mas contribuem para reconhecermos
é necessário
a necessidade da graça redentora de Cristo". 16
Consciente tanto da própria fragilidade quanto da graça que redime, a resposta vocacional brota espontânea, motivada p
E,
por um
para viver
profundo amor a Cristo, à sua Igreja e ao seu povo. esse profundo amor, pela pobreza, desde o seminário, o seminarista tem diante de si opções concretas que o conduzem nesse ama durecimento. Na raiz de cada vocação estão o desprendimento, o desapego e uma profunda experiência de fé. O Francisco papa
14 FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018, n. 67.
15 Ibidem, n. 68.
16 BENTO XVI. Mensagem do papa Bento XVI para o 43° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20060305 xliii-vocations.html>. Acesso em: 15 jan. 2020.

as
afirma que crer exige desapego de si mesmo, do comodismo e rigidez paralisantes para colocar-se no êxodo do projeto de Deus. O seguimento de Cristo não anula a vida do discípulo, mas, ao contrário, o faz ter a vida em abundância. Como diz Jesus, "todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmás, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá - herança a vida eterna" (Mt 19,29).17 Ninguém segue a

um estranho e ninguém oferece a sua vida para um desconhecido.18 Assim, os seminaristas diocesanos sentem em seu coração jovem a vontade de doar-se, com alegria, Ses responsabilidades de serem "servidores de Cristo e administra- dores dos mistérios de Deus" (1Cor 4.1). Trata-se de consagrar a vida toda a serviço de Deus e da Igreja, com uma fé firme, com
por
madura convicção,
com livre decisão e com generosidade, sem
A pobreza evangélica
arrependimentos.19 A generosidade, o serviço, a simplicidade e a entrega da própria vida no amor são expressões da pobreza que, a exemplo de Cristo, enriquece e salva o povo de Deus, como afirma o papa Francisco:

Lucas não fala de uma pobreza "em espírito", mas simplesmente de ser "pobre" (Lc 6,20), nos convidando, assim, a uma vida tam- bém austera e essencial. Dessa forma nos chama a compartilhar a vida dos mais necessitados, a vida que levaram os apóstolos e. em última análise, a nos configurar a Jesus, que, "de rico que era, tornou-se pobre" (2Cor 8,9).20

FRANCISCO. Mensagem do papa Francisco para do 52° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20150329_52-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em: 15 jan. 2020.

18 PAULO VI. Mensagem do papa Paulo VI para o 14° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/messages/vocations/documents/hf_p-vi_mes_19761230_xiv-word-day-for-vocations.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.

19 JOÃO PAULO II. Mensagem do papa João Paulo II para o 17° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_02031980_world-day-for-vocations.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.

20 FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual, n. 70.

têm sua dignidade ferida, os pobres e
marginalizados,
e tornar credível seu anúncio com as diversas formas de caridade e Trata-se, portanto, de oferecer a vida a serviço do Evangelho de vida sóbrio, simples, humilde e pobre. Implica a renúncia a com o testemunho da santidade cristã,21 manifestadas num modo tudo o que afasta das misérias humanas e a optar por aqueles c e os que fazem da rua seu lar, os humildes, os doentes e idosos, A vivência da pobreza faz renunciar à arrogância, à indiferença, ao desprezo e à intolerância, às tentações do carreirismo, do poder, Assim como os dons de Deus se multiplicam justamente onde há
da mídia, da vida fútil e vazia.
fé, oração e caridade,22 a pobreza evangélica, vivida
que
, OS D s migrantes

desde o
tempo de
como amigos íntimos, pois "quem abre o seu coração a Cristo não seminário, se torna vínculo que une o seminarista diocesano a Cristo, só compreende o mistério da sua própria existência, mas também o da sua própria vocação, e amadurece excelentes frutos de graça Portanto, não pode haver amadurecimento vocacional nem pobreza
evangélica fora de um caminho espiritual vigoroso.24
quando
O estilo de vida de um presbítero, construído desde c seminarista, exige um constante cuidado da vida divina recebida
no batismo, com todos os meios que favoreçam seu desenvolvi meio de uma espiritualidade alicerçada na mento, sobretudo por Palavra de Deus.25
21 PAULO VI. Mensagem do papa Paulo VI para o 13o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/messages/vocations/documents/
22 JOÃO PAULO II. Mensagem do papa João Paulo II para o 20° Dia Mundial de Oração hf_p-vi_mes_19760203_xiii-word-day-for-vocations.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.
ges/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_02021983_world-day-for-vocations.htmls
pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messa-
Acesso em: 18 jan. 2020.
23 JOÃO PAULO II. Mensagem do papa João Paulo II para o 42° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/voca
tions/documents/hf_jp-ii_mes_20040811_xlii-voc-2005.html>. Acesso em: 18 jan. 2020. 24 JOÃO PAULO II. Mensagem do papa João Paulo II para o 27° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/mes-
sages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_04101989_world-day-for-vocations.html>.
Acesso em: 18 jan. 2020.
25 Idem.
a5
Esse estilo de vida levará ao serviço do povo de Deus, "ca- minho e mediação preciosa para se poder compreender melhor a própria vocação. A diakonia é verdadeiro e próprio itinerário pastoral vocacional".26 Servir é possível a todos, com gestos apa- rentemente pequenos, mas, de fato, grandes, se animados pelo amor sincero. Nisso consiste a prova de uma vocação autêntica, "o verdadeiro serviço é humilde, consciente de ser 'inútil'
pois
(cf. Lc 17,10), não procura proveitos egoístas, mas gasta-se pelos outros, experimentando no dom de si a alegria da gratuidade".27 A transcendência, a doação e o serviço conduzem à plenitude e proporcionam experiências significativas duradouras, capazes de
empenhar
e sustentar uma vida.
"Jovens, cultivai a atração pelos valores e pelas escolhas radicais que fazem da existência um serviço aos outros, sob as pegadas de Jesus, o Cordeiro de Deus. Não vos deixeis seduzir s chamadas do poder e da ambição".28
pelas
CONSIDERAÇÕES FINAIS
A pobreza evangélica

O padre diocesano não professa publicamente o voto de po- breza, como os religiosos. Entretanto, ele procura imitar a vida de por Jesus Cristo. Por isso, procurará a vida inteira vivida
pobreza viver sobriamente. O seminarista diocesano é convidado, desde o início de sua formação, a conformar a sua vida com a de Cristo pobre e servidor dos irmãos, particularmente dos mais necessitados. "Cristo, sendo rico, fez-se pobre por nós, para que nos tornássemos ricos pela sua pobreza" (2Cor 8,9).29 Dom Aloisio Lorscheider, em seu livro intitulado Identidade e espiritualidade do padre diocesano, ao tratar da questão da pobreza, assim se expressa:
26
JOÃO PAULO II. Mensagem do papa João Paulo II para o 40° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_20021118_xl-voc-2003.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.
27 Idem.
28 Idem.
29 CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 104.
281

as
282
Leonardo Silva Pereira Fávaro
para fazer mais um
O padre diocesano não deve sonhar com o carro do último ano e tuosa, ou até ter casa própria junto do mar, que ele ainda aluga o mais cómodo, nem se preocupar com uma casa paroquial sun à dinheirinho. Convém utilizar-se do mundo como se, de verdade, dele não se utilizasse. E para chegar àquela liberdade pela qual os padres diocesanos sentir-se-ão livres de todo cuidado desordenado e se farão dóceis para ouvir a voz de Deus na vida de cada dia. [...] E preciso discernir, à luz da fé, todas as coisas que se apresentam, para os padres diocesanos serem levados a fazer bom uso dos bens, conforme a vontade de Deus e para
repelirem os que prejudicam a sua missão. 30
que
A Igreja necessita de presbíteros com cheiro de ovelha," sejam reflexo do admirável desígnio de Deus para a humanidade que, em consequência de uma consagração total ao Senhor e de Vidas que o Espírito Santo suscitou desde a origem da Igreja e manifestam aos olhos de todos o que Deus espera de cada um e uma imolação integral de si ao serviço de Deus e dos irmãos,
que
ele prepara para todos: o seu reino de amor, 32
"Toda vocação cristã vem de Deus, é dom divino. Todavia, ela nunca é oferecida fora ou independentemente da Igreja, mas passa sempre na Igreja e mediante a Igreja, expressa o papa São
João Paulo II.
Os seminaristas diocesanos precisam ser educados para viver a pobreza evangélica como manifestação da vontade de Deus e sua vocação específica, para que, quando se tornarem não venham a exercê-la como mercenários ou
presbíteros, profissionalmente.

"LORSCHEIDER, A. Identidade e espiritualidade do padre diocesano. Petrópolis: Vozes 2007, p. 89.
"FRANCISCO. Homilia do Santo Padre Francisco na santa missa crismal. Disponivel em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em: 25 jan. 2020.
PAULO VI. Mensagem do papa Paulo VI para o 8° Dia Mundial de Oração pelas Vocaçõe Disponivel em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/messages/vocations/documents/hp-vi mes 19710502 viii-word-day-for-vocations.html>. Acesso em: 18 jan. 2020. "JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 35.
Um sacerdócio livre, generoso e doado somente acontece consagrado e ligado ao mais santo dos vínculos: o amor único e perene de Cristo. Sem comunhão de amor, não se pode dar res- posta convicta, íntegra e definitiva. Resposta capaz de abarcar toda a existência, de ultrapassar as próprias limitações, disposta a alcançar tudo e todos: os pobres, os pequenos, os sofredores,
OS
afastados,
os distantes. Assim, estará confirmada a vocação
de Deus que encontrou acolhimento no coração humano: a amizade com Cristo, o dom total de si mesmo a Deus e à vida
em
à comunhão.34 Somente o testemunho pessoal da vida, toda ela dedicada a serviço dos homens, poderá confirmar as pala- vras e revelar eficazmente o amor de Deus pela humanidade. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BENTO XVI. Mensagem do papa Bento XVI para o 43° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.
vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20060305xliii-vocations.html>. Acesso
em:
15 jan. 2020.
A pobreza evangélica
Mensagem do papa Bento XVI para o 47° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.va/
content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20091113_xlvii-vocations.html>. Acesso em: 28 jan. 2020. CARVALHO, H. R.; LORENZ. F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017.
CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto Christus Dominus. São Paulo: Paulinas, 2007. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017.
"BENTOXVI. Mensagem do papa Bento XVI para o 47° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20091113_xlvii-vocations.html>. Acesso em: 28 jan. 2020.

o anúncio do Evangelho Loyola, 2013.
Mensagem do papa
no mundo atual. São Paulo: Paulus,
Francisco
para
de Oração pelas Vocações. Disponível em:
html>. Acesso em: 15 jan. 2020.
I do 52° Dia Mundial <http://w2.vatican.val
content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-fran
cesco_20150329_52-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni. Exortação Apostólica
Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus,
2018. Discurso do papa Francisco aos seminaristas do Venerável Colégio Inglês de Roma.
Amor fiel a Deus e serviço humilde aos
news/2018-04/papa-seminaristas-amor-fiel-deus-servico-humil- irmãos. Disponível em:
<https:// www.vaticannews.va/pt/papa/
de-irmaos.html>. Acesso em: 30 abr. 2019.
(2013). Disponível em:
Homilia do Santo Padre Francisco na santa missa crismal :
<http://w2.vatican.va/content/francesco/
pt/homilies/2013/documents/papafrancesco_20130328_messa- GALILEA, S. Discipulos de
Cristo. São Paulo: Paulus, 1996. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal
Pastores
- crismale.html>. Acesso em: 25 jan. 2020.
Dabo Vobis. São Paulo: Paulinas, 1992.
.Mensagem do papa João Paulo II para o 17° Dia Mundial <http://www.vatican. de Oração
pelas Vocações. Disponível em: va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/
hf_jp-ii_mes_02031980_world-day-for-vocations.html>. Acesso
em: 18 jan. 2020.
Mensagem do papa João Paulo II para o 20° Dia Mundial de Oração pelas Vocações.
Disponível em: <http://www.vatican.
va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/
hf_jp-ii_mes_02021983_world-day-for-vocations.html>. Acesso
em: 18 jan. 2020.
as
Mensagem do papa João Paulo II para o 27° Dia Mundial de Oração pelas Vocações.
Disponível em: <http://www.vatican.
va/content/john-paul-ii/es/messages/vocations/documents/
hf_jp-ii_mes_04101989_world-day-for-vocations.html>. Acesso
em: 18 jan. 2020.
Mensagem do papa João Paulo II para o 37° Dia Mundial
de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.
va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/
hf_jp-ii_mes_30091999_xxxvii-voc- 2000.html>. Acesso em:
22 jan. 2020.
Mensagem do papa João Paulo II para o 40° Dia Mundial
de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.va/
content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jp-
-ii_mes_20021118_xl-voc-2003.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.

Mensagem do papa João Paulo II para o 42o Dia Mundial
de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.va/
content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jp-ïi_
mes_20040811_xlii-voc-2005.html>. Acesso em:
A pobreza evangélica
18 jan. 2020. LORSCHEIDER, A. Identidade e espiritualidade do padre dioce- sano. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2007, p. 110. MESTERS, C. Jesus formando e formador: aprender e ensinar. São Leopoldo: CEBI, 2012.
PAULO VI. Mensagem do papa Paulo VI para o 8° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican.
va/content/paul-vi/it/messages/vocations/documents/hf_p-
-vi_mes_19710502_viii-word-day-for-vocations.html>. Acesso
em: 18 jan. 2020.
Mensagem do papa Paulo VI para o 14° Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Disponível em: <http://www.vatican. va/content/paul-vi/it/messages/vocations/documents/hf_p-
-vi_mes_19761230_xiv-word-day-for-vocations.html>. Acesso
em: 18 jan. 2020.
285

286
Leonardo Silva Pereira Fávaro
- vi_mes_19760203_xiii-word-day-for-vocations.html>. Acesso
Mensagem do papa Paulo VI para o 13° Dia Mundial
va/content/paul-vi/it/messages/vocations/documents/hf_p em: <http://www.vatican
de Oração pelas Vocações. Disponível
em: 18 jan. 2020.
A
19
as
INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO PROCESSO FORMATIVO
Alexander José da Silva
A influência das redes sociais
INTRODUÇÃO
A comunicação é um ato inerente ao ser humano, necessário ao qualquer meio. As mídias sociais têm evoluído para que
convívio em
rudo seja cada vez mais prático e rápido na interação das pessoas. Os diversos aplicativos nos mantêm interligados, conectados e, por meio deles, formamos uma única rede on-line.
A humanidade vive em uma sociedade “tecnolíquida”, na
qual conectividade permanente, na qual é difícil distinguir os limites tempo passado, em detrimento de outros fins e obrigações.
ou
Essa afirmação é essencial para apontar a real situação das relações presentes na sociedade contemporânea. O ser humano está totalmente conectado; se, porventura, a bateria de seu aparelho smartphone descarregar, a sensação será de estar “fora deste mundo”.

Uma das características marcantes do perfil das pessoas deste século é a de sentir prazer em praticamente tudo o que se faz on-line. Neste contexto, torna-se necessária a reflexão sobre a influência da tecnologia e das redes sociais no processo

1. Pertence ao clero da diocese de Limeira-SP. Formado em Filosofia e Teologia pela PUC--Campinas. Especialista em Catequese pelo Centro Universitário Salesiano (Unisal) e pós--graduando em Educação Especial Inclusiva. Assessor diocesano de Catequese Inclusiva, membro do Regional Sul 1 da CNBB, da Comissão Bíblico-Catequética da CNBB e articulador da equipe de catequese inclusiva do Regional Sul 1 da CNBB.

2. VIDAL, J. A. V. A internet na vida sacerdotal. Disponível em: <https://www.presbitehttps://.www.presbiteros.org.br/a-internet-na-vida-sacerdotal/>. Acesso em: 14 maio 2020.

3. COSTA, A. M. N. da. Primeiros contornos de uma nova "configuração psíquica". Cad. CEDES, Campinas, v. 25, n. 65, p. 81, 2005. Disponível em: <http:/www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a06v2565.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

- se ao Bom Pastor, modelo de comunicador d
evangelizado

formativo dos jovens e adultos que são chamados a configura e-mail, WhatsApp. You Tube e outras redes sociais. Esses líderes se No tempo dos líderes bíblicos, não existiam celulares, internet, tornaram mestres da fala e da escrita. As suas comunicações podem ser consideradas mensagens intensas, efetivas e duradouras e tem
persistido ao longo da história, como nos
s relembra a passagem do
ensinando nas sinagogas deles e pregando as boas novas do Reino, evangelista Mateus 4,23.25: "Ele percorreu, então, toda a Galileia, entre o povo. [...] Seguindo-no grandes multidões, da Galileia, de e curando toda sorte de moléstias e toda sorte de enfermidades Mas, em tempos de "tecnologias", dadas as suas i como utilizá-las para ser um bom pastor, modelo de comunicador e evangelizador para o anúncio da Boa-nova? Jesus Cristo sabia o Jerusalém, da Judeia e do outro lado do Jordão".
influências,
as carac-
que comunicar ao público de seu tempo. Considerava a terísticas "do contexto" em que estava inserido para encontrar a melhor forma de comunicação, conferindo clareza ao seu d a ponto de seus ouvintes afirmarem: "Nunca homem algum falou
como este" (cf. Mt 7,29; Jo 7,46).
discurso,

Ao seu trabalho de anunciar o Reino, o Senhor associou os seus discípulos e a sua Igreja, quando proclamou para todos los mesma missão: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16,15), a qual tem conotação comunicativa. Pregar
o Evangelho encontra significado especial no tempo das redes sar ciais, na compreensão da forma como estabelecemos e mantemos as relações nestas, especialmente para a divulgação da Boa-nova.

1. AS COMUNIDADES PAROQUIAIS
SÃO VERDADEIRAS PROMOTORAS DA VOCAÇÃO ECLESIAL
promotoras e

As comunidades paroquiais são as verdadeiras formadoras da vocação eclesial. Todavia, é essencial compreender- mos o quanto a tecnologia propôs os modelos comunicacionais vigentes na sociedade atual, caracterizando o modo de viver, ser e agir de cada pessoa.
as
de rede e
Com a popularização da internet, desde o final do século XX, a comunidade, como parte integrante da história da humanidade, é um dos grandes fenômenos sociológicos em tempos estreitamento das relações. E, com isso, as comunidades continuam sendo portadoras de especificidades marcadas pelos laços que inte- gram sua união e fortalecimento. O intenso fluxo de informações e de conhecimento desfaz barreiras do tempo e do espaço e permite que as pessoas se comuniquem com muito mais facilidade, influen-
ciando também
A
as relações
os níveis de interação no espaço físico.
A influência das redes sociais
s entre as pessoas, produzindo a "cultura da internet, definida pelos especialistas como a cultura dos criadores e ali- mentadores de internet. Portanto, é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo que influencia as práticas das pessoas, os produtores, comerciantes
e usuários da internet.
A internet possui uma estrutura de quatro camadas: cultura
tecnomeritocrática, cultura hacker, cultura comunidade virtual e cultura empresarial. Trataremos acerca da terceira camada, in- titulada comunidade virtual. Todas elas apresentam estrutura de
ideologia
e de liberdade, sendo interligadas.
Para tanto, é preciso compreender que o conceito comuni- dade passou a ser utilizado em várias perspectivas. Aplica-se aos mais diversos tratados sociológicos, filosóficos, culturais, edu- cacionais, econômicos e religiosos. Não podemos circunscrever em apenas uma definição, mas será necessário delimitá-lo a par- tir do contexto cibernético. No ciberespaço, as redes mundiais de computadores que estão interligadas são chamadas de comu-
nidades virtuais, que "necessitam de ter por base sentimentos
SILVA, A. J. Cyber e os relacionamentos interpessoais em meio aos fenômenos tecnológicos. 2013. 54f. TCC. (Licenciatura em Filosofia) - Pontificia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2013.
› CASTELLS, M. A galáxia da internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 34-35. 6 PERUZZO, C. M. K. Comunidades em tempo de redes. In: PERUZZO, C. M. K.; COGO, D.; KAPLÚN, G. Comunicación y movimientos populares: Quais redes? Porto Alegre: Unisinos, 2002, p. 275-298.
289

290
Alexander José da Silva
sejam encontrados nelas.7
e objetivos comuns", embora nem sempre esses elementos de comunhão, confiança, compromisso, responsabilidade O surgimento das comunidades virtuais, na era do ciberes

paço e suas experiências, alterou as dimensões e o conceito de comunidade. Além de retirarem a necessidade de uma interação face a face, as comunidades virtuais se caracterizam pelo relaciona- mento em meio às redes de computadores, que agrega dimensões
de partilha de interesses comuns, de sentimentos e del
linguagens.
Essa interação proporciona a criação de salas e grupos virtuais entre aqueles que possuem mais características semelhantes. As comu- nidades virtuais dispensam a necessidade da presença física, no
entanto, ao mesmo tempo, são "repletas de paixões e de p
de conflitos e amizades". 8
projetos,
As comunidades virtuais estão inseridas num espaço ci- bernético, sendo ele um lugar privilegiado para observação dos resultados das tecnologias. O ciberespaço é um "espaço sagrado", lugar de movimentação de conhecimentos e de informações, um
espaço de encruzilhadas.'
O ciberespaço possibilita a formação de redes relacionais entre vencido. Essas pessoas utilizam todo o potencial da telemática p pessoas de todos os lugares. A distância física tornou-se um dado
se reunirem por interesses comuns, para
bater
para
papo, trocar arqui-
vos, fotos, músicas, entre outras atividades. O ciberespaço é mais que um fenômeno técnico, destaca-se como fenômeno social,10
Ainda, é preciso citar os newsgroups, que são grupos de in- teração e relacionamento entre internautas, exemplo: Facebook, Twitter, Instagram, Google+ e WhatsApp. A dinâmica social da cibercultura projeta a criação de novos programas que permitem a interatividade social. "1
Idem.
LÉVY, P. O que é o virtual? 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 21
LEMOS, A. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 138
10 Idem. "Ibidem,
P.
139.
maior
as
É um desafio ter um perfil no Facebook. Uma quantidade de amigos impossibilita relação com rodos, ao passo que o número menor teoricamente viabiliza interação. Por isso, quanto número dos "amigos", mais o Facebook corre o
mais aumenta o
risco de perder
não é possível
seu significado, tornando-se um simples catálogo
de endereços um pouco evoluído tecnologicamente. Caso se possua poucos amigos, não faz sentido manter um perfil, porque o contato com eles é frequente; caso se possua muitíssimos, é inútil, porque A lógica original do Facebook presume conexão com a vida

real do indivíduo, contudo, assistimos vidas paralelas: apresenta-se parte de uma vida, buscando esconder a outra parte que desagrada. O uso ideal das plataformas digitais "é aquele feito a partir das relações reais".13 Essas plataformas devem favorecer reencontro de amigos, partilha de aprendizados e demais atividades saudáveis que contribuem para o convívio humano.
manter os contatos. É necessário um equilíbrio.2
Os vocacionados,
uma vez frutos da cultura circundante,
A influência das redes socials
preciso considerar
integram essa geração inteiramente conectada que, para estar bem, necessita estar totalmente on-line. É que, independentemente do meio físico ou eletrônico, as relações interpessoais são consequência do contato estabelecido entre as pessoas. Mais precisamente, fazendo uso do ato comunicacional é que as relações se fortalecem.
Jesus ensina aos discípulos que a falta de comunicação impossibilita a missão, chamando a atenção deles pela falta de comunicação com Deus diante de uma pessoa: “Jesus respondeu: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei com vocês? Até quando irei suportá-los?"" (Mt 17,17). Sem uma comunicação eficiente com Deus, por meio da oração e do jejum, tornou-se impraticável a cura de uma pessoa doente.
John Barlow, cofundador da Electronic Frontier Foundation, apresenta a criação desse espaço comunitário como um novo tipo de relação das comunicações, pois há um desejo "de interagir
12 SPADARO, A. Web 2.0: redes sociais. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 103. 13 Ibidem, p. 104
291

e na interação face a face. 14
plenamente com a consciência que está tentando se comunicar cada sujeito presentes e explícitos na criação de laços de amizades Todavia, faz-se necessário tornar os valores e interesses visiveis de Porém, é necessário destacarmos que as relações virtuais estabelecem riscos, à medida que as situações podem ser encurtadas, os encontros evitados. Por meio de uma mensagem de texto, conseguimos - ou, aparentemente, achamos que conseguimos À medida que podemos nos relacionar virtualmente, por que explicar algo. Então, por que aprofundar-se, delongar-se?
estabelecer o contato físico, para que manter os encontros? A maior preocupação apresentada pelos atuais educadores consiste em ter cuidado com o isolamento. Do mesmo modo,
as comunidades formativas sofrem com essa
dificuldade
atual.
A própria religiosidade muitas vezes torna-se light e intimista, so- bressaindo o subjetivo em detrimento da comunidade. Diante dis- so, qual será o perfil do candidato ao presbiterato? Sem suplantar a individualidade do sujeito que está em rede, é preciso formá-lo o individualismo, que hoje é gritante nos seminários e entre os para a comunhão e abertura ao outro. Além do isolamento, há presbíteros. Passamos de um extremo ao outro: do comunitarismo ao individualismo. As redes sociais têm muita influência sobre

essa atitude tão gritante na sociedade.
A internet e a forma como a utilizamos no
estabelecimento
de relações também nos oferecem emoções, as quais podem ser leves e ou intensas. E ainda nos facilitam sair do tédio e evitar o contato com qualquer outra emoção de que queiramos nos distanciar. Por vezes, quando estamos conectados, parece que o tempo passa mais rápido, podemos facilmente manter contato ou distanciar-nos daquilo que não gostamos ou que nos chateia, muito esforço seja necessário e, por vezes, sem que nenhum diálogo tenha sido estabelecido. Apenas com um clique,
sem que
resolvemos a situação.
"CASTELLS, M. A galáxia da internet, p. 100.
as
Mas essas características da vivência na comunidade virtual evidenciam as ambivalências a que estamos submetidos enquanto seres humanos, de forma que, quando vivenciamos as relações humanas reais ou não virtuais, quando temos o contato face a
ster a sensação de que é hora de desligar a conexão, face, podemos
distanciarmo-nos como forma de resolver, em detrimento do estabelecimento do diálogo e da convivência.
nossa
qualquer
com um
uma
A vivência do mundo virtual, em muitos aspectos, limita a capacidade de lidar com as frustrações, na medida em que conflito e divergência parece ser resolvido facilmente clique, que pode representar um mero "não curti" ou até "exclusão da pessoa da sua vida". Neste contexto é que preci- samos reconhecer que as comunidades paroquiais são verdadeiras promotoras da vocação eclesial, ao possibilitarem a formação. As redes sociais, como o próprio nome já diz, não têm como missão a tarefa de educar e formar.
A influência das redes sociais
A paróquia educa para o encontro, para o diálogo, para o mistério e a revelação de Deus em Jesus Cristo, nos irmãos e no próprio seio da comunidade dos crentes. Assim, a paróquia se constitui em Igreja visível de Cristo, onde o vocacionado pode aguçar sua percepção de Cristo, do discipulado, da missão e do encontro com o próximo. A paróquia é um caminho mistagógico de comunicação do mistério cristão, que envolve, num diálogo o Senhor, a comunidade e o próprio vocacionado. Requer o desenvolvimento de habilidades de escuta, de silêncio e de reverência. Pede um movimento de voltar-se para si, para encontrar-se em seu próprio mistério e identidade de filho e discípulo de Deus, e de sair de si, superar-se, para entregar-se ao de Deus, comunicando-se inteiramente àqueles a quem chamado a servir e dar a vida.
existencial,
povo
é
A ideia de comunidade virtual é um conceito próprio da modernidade, sendo ela uma organização social nova. As comunidades modernas no ciberespaço envolvem sentimentos que podem ser omitidos, mascarados e, até mesmo, adulterados na tentativa de transmitir uma falsa imagem de si. O sujeito

perde sua autenticidade e sacrifica sua almejar pertencer a um grupo.
a identidade em razão de
O processo digital de formação de "guetos" é delicado,
presbiteral
c.
inclusive,
sobretudo na formação do candidato ao ministério tendo em vista que grupos com ideias semelhantes radicais, formam frentes de batalha na busca por mais seguidores
que assumam o mesmo projeto.
É necessário priorizar as experiências reais em
detrimento das
ajudam a nos desenvolver como seres humanos, mas não a partir como a frustração, a empatia, o diálogo. Essas experiências nos virtuais, pois são aquelas que nos oportunizam lidar com questões de uma perspectiva de solução mágica ou num simples clicar, O papa Bento XVI, a respeito das relações e dos meios pelos c mas sim a partir de reflexão, amadurecimento e discernimento.
as vivenciamos, exorta:
s quais
O desejo de interligação e o instinto de comunicação, que se revelam tão naturais na cultura contemporânea, na verdade são apenas manifestações modernas daquela propensão fundamental
e constante que têm os seres humanos para se
ultrapassarem a
asi
quan
a5
de opções virtuais. A ética cristã exerce um papel essencial na for- mação da consciência como pressuposto do juízo moral. 2. AS INFLUÊNCIAS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA VIDA DO CANDIDATO AO PRESBITERATO
mesmos entrando em relação com os outros. Na realidade, c do nos abrimos aos outros, damos satisfação às nossas carências mais profundas e tornamo-nos de forma mais plena humanos. Naturalmente, não falo de relações passageiras, superficiais: falo do De fato, amar é aquilo para que fomos projetados pelo Criador. verdadeiro amor, que constitui o centro da doutrina moral de Jesus: "Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças e amarás o teu próximo como a ti mesmo" (cf. Mc 12,30-31) is Por isso, é preciso refletir sobre o modo de formar as pessoas de hoje para uma interação positiva e crítica diante do emaranhado respeito
sms spa srp Puenu V
Os meios de comunicação, notoriamente, favorecem a aproxi- mação das pessoas por meio de ferramentas de bate-papo, como o atual WhatsApp, entre outras. Levando em consideração esse fato, é certo que os candidatos ao presbiterato também estão imersos nessa teia de relações virtuais, sobretudo a geração mais recente.
BENTO XVI. Mensagem do papa Bento XVI para o 43° Dia Mundial das Comu- nicações Sociais. Novas tecnologias, novas relações, promover uma cultura de de diálogo, de

amizade. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-rvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world--communications-day.html>. Acesso em: 16 maio 2020.

No entanto, embora haja elementos positivos nessa aproxi- mação virtual, o ambiente cibernético também pode tornar-se um espaço de fuga e de graves ameaças e perigos aos quais todos estão vulneráveis. O Sínodo da Juventude, a esse respeito, afirma que:

O ambiente digital caracteriza o mundo contemporâneo. Amplas camadas da humanidade estão mergulhadas nele de maneira normal e contínua [...]. A web e as redes sociais constituem uma "praça" onde os jovens transcorrem muito tempo e se encontram facilmente [...]. O ambiente digital é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até ao caso extremo da darkweb [...].16

A palavra "virtual" vem do latim medieval virtualis, derivado, por sua vez, de virtus, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência, e não em ato. Lembramos aqui os estudos tomistas fundamentados em Aristóteles, no movimento de "ato e potência".

O virtual tende a atualizar-se sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Para exemplificar, a árvore está virtualmente presente em uma semente, ou seja, em ato, ela é semente, e sua potência ou virtualidade é árvore; além disso,

16 FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019, n. 21-24.

SILVA, A. J. Cyber e os relacionamentos interpessoais em meio aos fenômenos tecnológicos, p. 29.

295

297

167

296

Alexander José da Silva

dade são apenas duas maneiras de ser

diferentes, 18

o virtual não se opoe ao real, mas ao atual. Virtualidade e atuali Para Pierre Lévy, o virtual pode ser entendido como um processo de questionamento que vem se descolocando do "aqui e agor Podemos dizer que toda forma de leitura hermenêutica é um processo Lévy, quando introduz o conceito de virtual, resgata Gilles

de virtualização, e toda forma de escrita, uma

Deleuze, na obra Diferença e repetição,20

atualização.

afirmando

que o vir-

tual deve ser mesmo definido como uma estrita parte do objeto real como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual e ai mergulhasse como numa dimensão objetiva".21

Em outras pa- afirmação de que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual, pois

lavras, Deleuze dá atenção para a "inexatidão" desta

possui plena realidade enquanto

virtual.

oposição e

que

Esse processo de virtualização e atualização compõe toda a rea- lidade que é constituída no processo interminável de atualizações e virtualizações sucessivas. Além disso, a realidade virtual é o atual c seja, é a realidade, apesar de que existem linhas de pensamentos que divergem dessa compreensão. O período da pandemia imposto pela Covid-19, doença infec- ciosa causada por um novo vírus, que surgiu na China no ano de se transforma constantemente, ou
2019 e se espalhou pelo mundo inteiro, fez com que a
Igreja
repen-
sasse algumas situações no que se refere à evangelização, diante do critério de isolamento adotado pelos governantes de todo o mundo. Certamente, uma realidade desconhecida e desafiadora, na qual o graça tornou-se as redes sociais, e os fiéis adequaram-se à contemplação "virtual" dos mistérios da fé. A live era o espaço
canal da
ocupado para evangelizar aqueles que se encontravam em casa
"LEVY. PO que é o virtual, p. 15.
"Filosofo francés que nasceu em 1925 e faleceu em 1995. Trouxe grande importância para a filosofia. Ministrou curso de História da Filosofia na Universidade de Lyon. Entre seus escritos, a teorização das instâncias do atual e do virtual foi o que mais influenciou nosso pensador contemporâneo Pierre Lévy, no intuito de construir um olhar sobre o mundo a partir das possibilidades.
A obra Difference et répétition (traduzida como Diferença e repetição), sendo a tese de seu doutorado, no ano de 1968, que via a critica ao conhecimento pela via da represen tação mental, e a ciência, derivada dessa forma clássica lógica e representativa. DELEUZE, G. Diferença e repetição. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006, p. 197.
nos
as
Rute, em seu artigo "Sem presbítero, não, mas sem povo, sim?, a práxis escolhida como forma emergente naquela
questiona
realidade, a
no
dizer
que "retornamos ao modelo tridentino, segundo
o ministro oferece o sacrificio a Deus por todos [...] a mensa-
o qual c
gem transmitida é de que são os ministros que devem pensar tudo aquilo que serve e de que o povo, por sua vez, deve acompanhar,
como os
torcedores do próprio time ou como seguidores de um
autor no Tweet"." E certo que a internet exerceu um valor precioso na vivência e celebração da fé, durante o tempo de pandemia, no entanto, a reflexão que surge desse contexto é a finalidade com a los meios virtuais foram utilizados. O espaço virtual tem sido qual utilizado para evangelizar ou para a promoção de si? , ao tratar do impacto das redes sociais na vida dos pres- Trasferetti,
bíteros, bem como dos candidatos ao ministério presbiteral, afirma:
A preocupação
com o exterior é muito grande. Estar bem-vestido,

aparentando seriedade, compromisso e fidelidade com as orientações da instituição é uma necessidade real. Nesse sentido, a exposição de religiosos mostrando suas roupas clericais é o que mais ganha destaque. Por quê? Afirmação da própria identidade? Exibicionis- mo e vaidade? Demonstração de poder e autoridade? Vislumbre de carreirismo? As dúvidas pendem mais para interpretações negativas porque um religioso, considerando o estilo de vida que professa, não precisa e não deveria expor-se desta forma. [...] Contudo, os religiosos esperam ganhar os parabéns ou os aplausos das pessoas queridas com quem compartilham informações e fotos no Facebook, por exemplo. Há até os que dependem, para se sentirem bem e realizados, do número de pessoas que "curtiram" seus post e fotos. Dependem da visibilidade e aprovação do outro para se sentirem bem. E o mundo parece desabar quando o número de "curtidas" cai um pouquinho ou não alcança o patamar almejado por eles. Parece muito estranho em se tratando de religiosos, mas é o que acontece."
23
22 RUTE, S. S. Sem presbítero, não, mas sem povo, sim? Revista de Liturgia, n. 279, maio-jun./2020, p. 9-10. Disponível em: <https://revistadeliturgia.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Revista-de-Liturgia-Ed-279-Artigo-Pg-9-10.pdf/>. Acesso em 2 maio 2020.
2 TRASFERETTI, J. A. Exposição pessoal nas redes sociais: racionalidade, profetismo ou mediocridade? In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018, p. 290-291.

servir (cf. Mt 20,28). Diferentemente dos escribas e fariseus que Jesus Cristo não veio ao mundo para ser servido, mas para gostavam de aparecer, o Filho de Deus veio para trazer um novo ensinamento. Esse ensinamento não era algo teórico, mas exis tencial: "Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como amei vocês, que vocês se amem uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns aos outros, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos" (Jo 13,34-35).
Não são poucos os
s presbíteros e, do mesmo modo, já alguns
vocacionados que buscam promover sua imagem à custa do mi- generosa e gratuita. A busca por status, prestígio e poder desvia o nistério que, acima de tudo, deve ser entendido como doação sentido original e essencial da vocação presbiteral, que é o serviço o "sucesso" é um desserviço à evangelização. Na realidade, o espaço a ser aproveitado para expandir o anúncio querigmático
desinteressado e amoroso. Utilizar as mídias como
que
deveria
trampolim para
da fé crista torna-se uma autopromoção inadequada e descabil.co
Não obstante a necessidade do pensamento crítico para avaliá- Cristo, as redes sociais oferecem a possibilidade de transmitir e viver a -las, à luz do Evangelho e da missão de anunciar e testemunhar Jesus fé. Uma das grandes dificuldades do mundo virtual é produzir r sagens e conteúdos que catalisem a atenção e o interesse do grande público e alcancem envolvimento e fidelização. A identidade eclesial,

a sua tradição, os valores do Evangelho, as multiformes
men-
expressões
e percepções das experiências da missão, das comunidades eclesiais e, claro, a pessoa de Jesus Cristo, sua Palavra viva, carregam a força informacional daquela afirmação de Pedro: "A quem iremos? Só vós
tendes palavras de vida eterna" (Jo 6,68).

Isso significa que o Reino de Deus e o Evangelho que o Senhor pede que anunciemos têm toda fecundidade e capacidade de produzir “frutos que permaneçam” (Jo 15,16). Essa perspectiva nos convida a refletir sobre a parábola da videira e dos ramos que o Senhor conta aos discípulos ainda hoje: estar ligados a ele, pois sem ele somos nada e não produzimos nada. Sem o seu amor caridade, somos apenas um sino que tange o vazio.
pelas suas

O maior desafio, portanto, para a cultura formativa, é trilhar o caminho de Cristo, o Bom Pastor, pois o "bom pastor dá a sua vida sovelhas" (Jo 10,11). A exigência missionária dos novos tempos é o fortalecimento de uma Igreja que "não esteja demasiado debruçada sobre si mesma, mas procure sobretudo refletir Jesus Cristo".24 Dessa forma, é preciso discernir o que tem gerado nos vocacionados essa busca por prestigio midiático e, inclusive, o interesse pelos youtubers, até mesmo a tentativa de tornar-se influencer. Será realmente o interesse por uma nova evangelização?

É no
grande
um
para a

mundo digital que as pessoas encontram maior li-
berdade para expor suas opiniões. Sendo um ambiente com e acesso de informações, pode causar prejuizo aos jovens que estão descobrindo e construindo sua identidade. Hoje, há à amadurecimento tardio, logo, a passagem da adolescência a juventude tende a ser prorrogada. Os vocacionados que chegam aos seminários, muitas vezes, carregam consigo resquí- uma visão eclesial a partir dos relatos de grupos virtuais coordenados por "gurus, que pretendem inculcar sua visão unilateral da teologia e, por conseguinte, do ser Igreja..
cios de

A influência das redes sociais

Como lidar com esse fenômeno social e cultural nos semi- nários? O número de youtubers cresce diariamente, e o acesso a eles torna-se cada vez mais fácil e difuso. É necessário repensar o processo educativo dos candidatos ao
por uma
presbiterato, na busca
formação crítica, que garanta o discernimento coerente do projeto de vida que desejam abraçar. Resta-nos um questio- namento sobre as vias mais prudentes para o educar, em vista da configuração do seminarista diocesano ao coração de Cristo, o Bom Pastor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembra-nos Paulo Freire que a "educação é uma forma de intervenção no mundo", e, por isso, ela pode intervir no

24 FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit para os jovens e para todo o povo de Deus, n. 39.

aprendizado.
meio virtual, oferecendo oportunidades impares no processo de dos efeitos tecnológicos da sociedade emergente. Do mesmo O ensino a distância surge como consequência modo, facilita o acesso à educação de tantas pessoas que, diante de sua situação social, desejaram ter formação acadêmica e
conseguiram com o método tradicional.
e não
É certo que há teorias contrárias ao EAD, mas vale ressaltar sociedade. O tempo disciplinado ajuda o aluno a fazer suas rela- que a flexibilidade de estudos é algo muito característico de nossa ções e obrigações. Assim, esse sistema educativo pode favorecer ponibilidade e necessidade, desde que corresponda àquilo que é às pessoas a organização de seus estudos de acordo com sua dis
fundamentalmente pedagógico.
A dimensão intelectual no processo formativo
tura às novas realidades
que
colaboram para o
tem por
processo de
intenção favorecer aos seminaristas diocesanos uma aber- taformas digitais possibilita um aprendizado à distância. A evangelização, ao passo que o processo educativo nas pla-
evangelização também precisa adequar-se de maneira saudável
a esses novos areópagos. O candidato ao
presbiterato deve
estar conectado às redes sociais como forma de anunciar a
Boa-nova de Jesus Cristo.
Encontramos com facilidade “doutrinadores"
que possuem
distantes, muitas vezes, das reais necessidades da Igreja. O papa seus canais virtuais para fornecer ideologias fundamentalistas,
Francisco tem sido uma voz profética que é rejeitada e contrariada por muitos desses "gurus" de plantão, inclusive, com diversos ataques contra a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São perceptíveis argumentos acríticos, totalmente desligados da realidade, que impedem o Evangelho de se encarnar com o drama
da vida humana.
Segundo dom Joel Portela, a Igreja é uma instituição de grande importância na formação de consciência da sociedade. Para ele,
25 FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (Coleção Leitura). 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 98.
35
"as pessoas tendem a crer, porque sempre se fez assim e porque presbítero faz parte de uma instituição sólida". Entretanto, é
O
rse a voz do presbítero está em união ao Evangelho preciso discernir
de Jesus Cristo, que promove a vida plena (Jo 10,10).

A imersão no mundo virtual propiciou uma espécie de "migra ção digital", isto é, um distanciamento da família, dos valores culturais e religiosos, o que leva muitas pessoas a um mundo de solidão e autoinversão, até sentirem uma falta de raizes, embora fisicamente fiquem no mesmo lugar. A vida nova e transbordante dos jovens, que impele a buscar a afirmação da própria persona- lidade, enfrenta hoje um novo desafio: interagir com um mundo real e virtual no qual entram sozinhos como em um continente global desconhecido. Os jovens de hoje são os primeiros a fazer essa síntese entre o pessoal, o próprio de cada cultura e o global. Mas isso requer que eles consigam passar do contato virtual para uma comunicação boa e saudável.27

influência das redes socials

O seminarista diocesano é chamado a viver de maneira coerente a sua vocação no ambiente digital, tendo em vista que o testemunho é imprescindível em sua caminhada formativa. O conteúdo compartilhado na internet tem um alcance inimaginável. Nisso consiste o incentivo para que os jovens formandos aproveitem esse recurso para evangelizar, divulgar e anunciar a pessoa de Jesus Cristo. As redes sociais precisam colaborar para a promoção do bem.

A sociedade cibernética é real. As manifestações culturais e linguísticas mudaram com o advento desta nova configuração do ser pessoa e do ser cristão. Somos seres on-line. Os vocacionados que emergem dessa personalização do sagrado, por meio das mídias digitais, enfrentam o desafio de discernir e selecionar os elementos que virtualmente colaboram para sua configuração ao Cristo Pastor, comunicador

por

excelência.

26 AMADO, J. P. A caridade pastoral e seu diálogo com a razão: algumas reflexões sobre a dimensão intelectual na formação dos presbíteros. Vida Pastoral, São Paulo, n. 328, p. 13-20, jul.-ago. 2019.

27 FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit para os jovens e para todo o povo de Deus, n. 90.

É preciso considerar que o presbítero diocesano é chamado a formar consciências, portanto, a postura crítica diante das realidades digitais é a atitude mais prudente para evitar possíveis desvios do projeto vocacional abraçado. Vale o cuidado para não ficar apenas

A smartphone, pois é

com um "lado da janela" do computador ou necessário abrir "novas abas" para compreender: a reta intencionali Evangelho dade das pessoas. "Ai de mim se não anunciar o

(ICo

9.16). O anúncio é intrínseco à missão presbiteral. Deste modo, no contexto da diocesaneidade, possa ser sinal visível do amor mi- para a evangelização e contribuir para que o presbítero diocesano, essas novas ferramentas têm o poder de colaborar consideravelmente sericordioso de Deus no meio de seu povo, particularmente r aqueles que estão nas comunidades paroquiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J. P. A caridade pastoral e seu diálogo algumas reflexões sobre a dimensão intelectual na
para
com a razão:
formação dos
presbíteros. Vida Pastoral, São Paulo, n. 328, p. 13-20, jul.-ago. :
<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/
2019. Disponível em:
ministerio-presbiteral/a-caridade-pastoral-e-seu-dialogo-com-a-
-razao-algumas-reflexoes-sobre-a-dimensao-intelectual-na-for-
macao-dos-presbiteros/>. Acesso em: 2 maio 2020.
BENTO XVI. Mensagem
do
Bento XVI papa
para o
43° Dia
novas
Mundial das Comunicações Sociais. Novas tecnologias, relações: promover uma cultura de respeito, de diálogo, de
amizade. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/
benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-
-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html>.
Acesso em: 16 maio 2020.
CASTELLS, M. A galáxia da internet. Rio de Janeiro: Jorge
Zahar, 2003.
COSTA, A. M. N. da. Primeiros contornos de uma nova "confi- guração psíquica". Cad. CEDES, Campinas, v. 25, n. 65, p. 81, 2005. Disponível em:
<http:/www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/ a06v2565.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.
a
DELEUZE, G. Diferença e repetição. São Paulo: Graal, 2006. FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 2004. LEMOS, A. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
LEVY, P. Cibercultura. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
A influência das redes sociais
O que é o virtual? 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. PERUZZO, C. M. K. Comunidades em tempo de redes. In: PERUZZO, C. M. K.; COGO, D.; KAPLÚN, G. Comunicación y movimientos populares: Quais redes? Porto Alegre: Unisinos, 2002. RUTE, S. S. Sem presbítero, não, mas sem povo, sim? Revista de Liturgia, n. 279, maio-jun./2020, p. 9-10. Disponível em: <https://revistadeliturgia.com.br/wp-content/uploads/2020/04/
Revista-de-Liturgia-Ed-279-Artigo-Pg-9-10.pdf/>. Acesso em:
2 maio 2020.
SILVA, A. J. Cyber e os relacionamentos interpessoais em meio aos fe- nômenos tecnológicos. 2013.54f. TCC. (Licenciatura em Filosofia) -Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2013. SPADARO, A. Web 2.0: redes sociais. São Paulo: Paulinas, 2013. TRASFERETTI, J. A. Exposição pessoal nas redes sociais: racio- nalidade,

profetismo ou mediocridade? In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN. M. I. de C.; ZACHARIAS, R. Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018.
VIDAL, J. A. V. A internet na vida sacerdotal. Disponível em: <https://www.presbitehttps://www.presbiteros.org.br/a-internet- -na-vida-sacerdotal/>. Acesso em: 14 maio 2020.

20

O RISCO DO ENCANTAMENTO PELO PALCO E PELO SUCESSO

Dêvisson Luan Oliveira Dias'

INTRODUÇÃO

"Vaidade das vaidades, tudo é vaidade" (Ecl 1,2). A citação do versículo de Eclesiastes tem como propósito abordar o en- cantamento pelo palco e pelo sucesso e alguns dos riscos que este envolvimento acarreta na missão do presbítero diocesano e dos vocacionados ao ministério presbiteral. Os avanços tecnológicos da sociedade contemporânea apresentam, entre tantas novidades, novos meios de comunicação social, proporcionando como que uma pujança dos areópagos atuais e implicando diretamente a difusão da própria imagem. Esses novos areópagos são os novos espaços e meios de co- municações, que incluem um gama de opções: o jornal, o rádio, a televisão e, principalmente, a internet, que, por meio das redes sociais, vem fascinando a sociedade, na medida em que esta se vê encantada com a possibilidade de se fazer protagonista e famosa e de ser conhecida.

A velocidade com que essas mudanças estão ocorrendo desafia a Igreja, que continua pregando uma verdade imutável, ensinada pelo próprio Deus feito homem, mas que, ao mesmo tempo, precisa utilizar essas ferramentas para cumprir sua missão de anunciar a Boa-nova.

A Igreja reconhece a necessidade desta inserção nos novos areópagos, reflexo das grandes mudanças culturais. Fruto do Con- cílio Ecumênico Vaticano II, o Decreto Conciliar Inter Mirifica,

'Seminarista diocesano da arquidiocese de São Paulo-SP.

sobre os meios de comunicação social, de 4 de dezembro de 1963, é um marco na história da Igreja. As linhas do documento acen- a uma tecnicidade a serviço da transmissão, mas tomada como tuam que a comunicação não deve ser minimizada ou reduzir-se importância dos novos caminhos da comunicação social, trata e de sua missão de propagar e firmar o Reino de Deus e olhando a um processo entre os homens. A Igreja, ciente da responsabilidade orienta, nesse decreto, sobre as questões referentes ao uso desses meios, ressaltando a importância de serem utilizados de maneira responsável para o anúncio do Evangelho.

1. A COMUNICAÇÃO E A CARIDADE, MISSÃO DE TODA A IGREJA

A encarnação de Jesus Cristo, como afirma o

Manual pastoral

de comunicação social do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), marca o momento culminante da comunicação entre Deus e o homem, quando Deus se fez próximo, encarnado em nossa condição humana, buscando a comunicação e a comunhão total, em

prolongação do processo comunicativo da Família Tri- nitária (Jo 1,14). Por ele, que é a Palavra eterna, nos é revelada a Verdade do Pai (Jo 14,6).2

Jesus Cristo se constitui um perfeito comunicador por pala- vras e ações. Valendo-se de uma linguagem simples e direta, por meio de parábolas, repletas de imagens do cotidiano e de realidades vivenciadas, ele "favorecia o encontro das pessoas consigo mesmas e as envolvia no compromisso de uma ética de valorização da vida e da dignidade humana".3

Na descrição neotestamentária, de Cristo nasce a comunidade de fé, a Igreja, fruto da participação na vida de Jesus, e os "primei- ros cristãos se tornaram verdadeiros comunicadores do projeto de Deus, formando um só coração e uma só alma".4

CELAM. Comunicacion, misión y desafio. Manual de comunicación Social - DECOS. Bogotá: Prensa Moderna Impresores, 1997, p. 116.

CNBB. Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (Documentos da CNBB, 99). Brasília: Edições CNBB, 2014, n. 42

Ibidem, n. 52.

Na atual Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis- O dom da vocação presbiteral, sobre a formação sacerdotal, o papa Francisco orienta que não deve faltar nos seminários uma sensibilização a respeito do tema da comunicação social, do seu saudável uso na evangelização pelas redes midiáticas e da criação de um hábito saudável quanto ao uso equilibrado e maduro dessa tecnologia." Dom Jorge Patrón, arcebispo-secretário para os seminários junto à Congregação para o Clero, afirma que é necessário unir a formação sacerdotal com o mundo da comunicação digital e das redes sociais, como se São Paulo exclamasse: "Ai de mim, se não evangelizar no mundo digital!" (1Cor 9,16). E continua afir- mando que não poderá ser um sacerdote em saída ou com cheiro das ovelhas se não entrar neste novo mundo onde transita, vive e ama a maior parte das ovelhas. O "continente digital" é o espaço de busca, de encontro, onde se presta a "diaconia da cultura"?

O risco do encantamento

Foi na mensagem do Ano da Misericórdia que o papa Fran- cisco afirmou que a natureza do amor é a comunicação que nos leva a nos abrir sem nos isolar, "e, se o nosso coração e os nossos gestos forem animados pela caridade, pelo amor divino, a nossa comunicação será portadora da força de Deus".*

É missão da Igreja e é missão do cristão comunicar, utilizando esses novos areópagos, porém animados pela caridade, pois, caso contrário, a comunicação não será portadora da força de Deus.

A caridade, o amor, como define São Paulo, "não é inve- joso, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de in- conveniente, não procura seu próprio interesse" (1Cor 13,4-5).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 98.

PATRÓN WONG, J. C. Formación de pastores en la era digital, 2018, p. 6.

7 Termos utilizados pelo papa Bento XVI na Mensagem do papa Bento XVI para o 44° Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html>. Acesso em: 27 set. 2020.

FRANCISCO. Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo. Mensagem para o 50° Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: <www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/commucations/documents/papa-francesco_20160124_mes-saggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 26 out. 2019.

próprios interesses, anunciar-se a si mesmo, isto é, o encanta- Um grande perigo dos meios de comunicação é a busca dos
mento por sucesso, status e fama. Em outras
palavras,
a van-
glória, que elimina a caridade, como afirmou, em 1609, São Francisco de Sales, no seu livro intitulado Filoteia (Introdução
à Vida Devota):
Chamamos vanglória aquela que nos atribuímos ou por coisas que não estão em nós, de todo, ou por coisas que estão em nós, mas não são nossas, nem procedem de nós, ou por muitas outras que estão
em nós, são nossas, mas não merecem que delas nos
gloriemos.
A nobreza do nascimento, o favor dos grandes, o aplauso do povo
são coisas que estão fora de nós, em nossos estima de outros homens; por que gloriarmo-nos disso?? antepassados
ou na
Um testemunho atual e muito significativo para a vida de todo cristão, mas sobretudo para os jovens, é a vida de Carlo Acutis, recentemente beatificado em Assis, na Itália. Conhecido como ciberapóstolo e nominado como padroeiro da internet. o adolescente de 15 anos, quando enfermo, ofereceu seus so-
apostolado
frimentos pelo papa e pela Igreja, realizando um fecundo na internet. Carlo criou um site e passou a divulgar os milagres eucarísticos, pois sua vida era centrada na força da Eucaristia. A caridade que impelia seu coração incendiava outros jovens e provocava numerosas conversões. Ele conduzia para Cristo! Este ciberapóstolo comunicou com a caridade, uma linguagem universal. Sabia qual era o centro de toda a missão, quem ele deveria divulgar e colocar no cimo das redes para iluminar todos os recônditos. "Não a nós, Senhor, não a nós" (SI 115,1). Ele é modelo gigantesco de comunicador, de expressiva humildade e caridade. O beato Carlo Acutis fez da internet e de suas relações um campo fecundo para semear as sementes da Boa-nova. O campo da internet também produz modelos de seguidores do Evangelho.
SALES, S. F. de. Filoteia: introdução à vida devota. Petrópolis: Vozes, 1959, p. 152.
2. ONDE REINA A VAIDADE, NÃO EXISTE CARIDADE
vanglória como a
Santo Tomás de Aquino define vaidade ou "perversão do bem da glória, mas não considera ruim o desejo de glória, pois, citando a passagem da Escritura: "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos muito amados" (Ef5,1), afirma que buscar a glória é, de certo modo, imitar Deus e excita o homem a p o bem, por exemplo, estudando e trabalhando com empenho."" a praticar
O risco do encantamento
Neste contexto de vanglória, porém, desponta a soberba, uma espécie de cegueira da mente. Uma cegueira que almeja visibilidade. O vício da soberba deve ser combatido desde o processo formativo do futuro presbítero diocesano, por meio da humildade. João Batista, o filho dos idosos Zacarias e Isabel (cf. Lc 1,5-25), um personagem paradigmático, preparou o caminho para aquele que é o caminho, a fim de que Cristo reine na vida das pessoas. O

profeta João jamais se autopromoveu, mesmo tendo muitos seguidores de sua mensagem. Como servo humilde, tem o seu ocaso em nome da verdade que veio após ele, ciente de cumpriu a sua missão. "Depois de mim, vai chegar alguém mais forte do que eu. E eu não sou digno sequer de me abaixar para desamarrar as suas sandálias" (Mc 1,7).
que
perguntas
As questões sobre as quais precisamos refletir são: o que é e como adquirir a humildade? Como ser um servo humilde? São essenciais que devem nos conduzir à prática de uma autèntica vida cristã e ao verdadeiro anúncio do Evangelho pela primeira moda- lidade de comunicação da fé, que, conforme afirma o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, continua sendo o testemunho. João não idealizou ser a palavra, foi apenas a voz. Buscou para si o anonimato, deu ao que era mestre e merecedor de "seguidas" o mérito que é inerente a ele, apontando-o. Os que seguiam João, por de seu testemunho, encontram o Rabi (Jo 1,35-42).
meio
10 AQUINO, T. Sobre o ensino (De Magistro) e os sete pecados capitais. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 72.
"CNBB. Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 57.
309

Dêvisson Luan Oliveira Dias
Segundo Cantalamessa, um sacerdote poderia dizer, su penitência, falar discretamente de si, mas ainda é necessário perficialmente, que a humildade é se reconhecer pecador, fazer aprofundar-se na sua definição, olhando para Jesus, que diz e afirma: "Carreguem a minha carga e aprendam de mim, porque
sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29), 12
Homem Perfeito. De que forma ele foi humilde? Onde se encontra Jesus nunca pecou, pois é o Filho Unigênito de Deus Santo co sua humildade? O que ele fez para ser humilde? Ele despojou-se
de si mesmo, desceu até nossa humanidade, abaixou-se!
igualdade
Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim,
apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo,
O com
tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz! (Fl 2,6-8). Abaixou-se para lavar r os pés: "Então, Jesus [...] colocou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando a toalha que tinha na cintura" (Jo 13,5). Ele desceu até chegar ao túmulo e, ainda mais baixo, desceu à mansão dos mortos. E o Pai o elevou acima dos céus, colocando tudo sob os seus pés: "De fato, quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado" (Lc 14,11). É na imitação de Cristo, isto é, tendo "os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo" (Fl 2,5), que encontramos a resposta de como ser humildes.
No Novo Testamento, segundo Cantalamessa,13 a palavra usada para o ato de humilhar-se (tapeinoo) significa, literalmente, abaixar-se, tender para baixo, fazer-se pequeno.

Humildade é disponibilidade a descer de nós mesmos, abaixar-se para os irmãos, é vontade de servir, e de servir por amor, não por algum cálculo ou vantagem ou glória que possa advir para nós mesmos.
14
CANTALAMESSA, R. O Verbo se faz carne. reflexão sobre a Palavra de Deus. Anos A. B. C. São Paulo: Ave-Maria, 2012, p. 714.
Ibidem, p. 715.
"Ibidem, p. 716.
P
A humildade é gratuidade, é a manifestação do amor de doação. A humildade é a caridade e a caridade é a humildade. Esta caridade nos leva a enxergar quem somos e também ao outro, por isso é um caminhar na verdade, pois ela abre os olhos da alma. No movimento de esvaziamento ou abaixamento do Verbo, a própria Palavra encarnada, descobrimos a dinâmica do serviço
e generoso. Evidentemente, a perfeição da humildade humilde
nós não alcançaremos. Como Cristo no deserto, seremos tentados a querer ter tudo: todos os reinos e fama, como ofereceu o diabo: "Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. E lhe disse: 'Eu te darei tudo isso, se te ajoelhares diante de mim, para adorar"" (Lc 4,7-8).
me
O risco do encantamento
O próprio Cristo ensina os apóstolos como se portar diante do desejo de fama e de poder. Quando estes estão discutindo sobre quem se sentará ao lado direito ou esquerdo, Jesus diz: “Mas, entre vós, não deve ser assim: quem quiser ser grande, seja vosso servo; e quem quiser ser o primeiro, seja o escravo de todos. Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate para muitos" (Mc 10,43-45).
Maria, a Mãe de Deus, também nos ensina como anunciar o amor de Cristo na profunda humildade e obediência. Maria carregava o próprio Cristo em seu ventre. Sem que ela falasse nem se ensoberbecesse, no silêncio, o próprio Deus era reconhecido dentro de sua carne: "E exclamou em alta voz: 'Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre!"" (Lc 1,42).
Maria se mantinha humilde, reconhecendo que era o próprio Deus que a tornava especial: "Minha alma proclama a grandeza do Senhor, meu espírito se alegra em Deus, meu salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva" (Lc 1,46-78).
Judite, a piedosa viúva do Antigo Testamento, apresenta uma oração que ajuda a livrar-se das tentações e a seguir o caminho de uma comunicação cheia da força de Deus, para que ele seja conhecido todos os povos:
por
Não é na multidão, Senhor, que está o vosso poder, nem vos com- prazeis na força dos cavalos. Os soberbos nunca vos agradaram, mas
311

Dêvisson Luan Oliveira Dias-
sempre vos foram aceitas as preces dos mansos e humildes. Deus do céu, criador das águas e senhor de toda a criação, ouvi uma pobre de vossa promessa. Inspirai as palavras de minha boca e dai firmeza suplicante que só confia em vossa misericórdia. Lembrai-vos, Senhor, para sempre consagrada e que todos os povos reconheçam que só à resolução de meu coração, para que a vossa casa vos permaneça

vós sois Deus e que não há outro fora de vós (Jt 9,16-18). Muitos outros exemplos bíblicos podem ser encontrados
relacionados à vaidade. São sempre a
humildade e a
obediência
que os santos aprenderam e traduziram os ensinamentos de Cristo que permitem superar essa tentação. Foi com esses ensinamentos
em seus desafios, dentro das mudanças sociais de seus
Cabe às novas gerações, como recomendam os
tempos.
documentos
da Igreja, atualizar e valer-se dos meios de comunicação para o bem comum e para a propagação do Evangelho, primeiramente pelo testemunho de vida.
Segundo Patrón, é necessário formar os sacerdotes para que aproveitem os desenvolvimentos das comunicações sociais e sejam pastoralmente ativos na era digital. A capacitação técnica nos meios atuais de comunicação e nos aspectos referentes à linguagem verbal e não verbal favorece uma linguagem acessível e simples,
mas que toque o coração do interlocutor. 15
O anúncio e a comunicação do Evangelho pedem, primei- ramente, uma vida autêntica e um testemunho pessoal e comu- nitário que sejam um espelho do Evangelho cotidiano e em cada espaço pelo qual se passa. Isso requer ser um nas redes sociais, no discípulo missionário, inclusive no meio digital.
O interlocutor deve ser colocado diante do coração da men- sagem de Jesus, o núcleo essencial do Evangelho, não em coisas secundárias, fora deste centro. Deve ser apresentada a amizade com Cristo nas redes sociais, com um modo de viver transparente e coerente, convidando os outros a seguir, não só por ideias, mas por sentimentos, emoções, gestos, imagens e exclamações.
As redes sociais são uma oportunidade para convidar os interlocutores para participar das experiências realmente co- munitárias, nos eventos litúrgicos, catequéticos, espirituais e da vida comunitária, inclusive animando-os a ser protagonistas nas transformações sociais no mundo e na sociedade, conforme o Evangelho, despertando a solidariedade, a sensibilidade social e a caridade, traduzidas em gestos concretos aos mais sofredores. O seminarista e o presbítero diocesanos devem esforçar-se sempre em superar a superficialidade motivada pelo narcisismo ou pela fuga da vida real, pela purificação interior, tornando-se livres para beneficiar-se desses meios e comunicar a mensagem de Cristo, indo ao encontro do próximo.
3. QUANDO PODEMOS SUCUMBIR PELO ENCANTAMENTO?
O risco do encantamento
Os ministros ordenados, os vocacionados, religiosos e reli- os fiéis cristãos e todos os discípulos do Senhor possuem giosas, como sementeira a alma humana e todas as dimensões antro- pológicas, a saber, o bio-psicossocial-espiritual do homem. Alguns podem, infelizmente, utilizar-se do Evangelho como meio de engrandecimento, desejando a direita ou a esquerda do mestre ou, pior, querendo ocupar o centro, o primeiro lugar. Essa problemática não é uma realidade apenas atual, mas histórica, pois existe desde como homem e se compara ou compara o que tem e os seus que o homem se compreende dons com os dos seus irmãos.
A força do Evangelho pode ser usada de forma contrária, convertendo-se em uma alteridade abusiva, de autopromoção c de glória de si mesmo, velada em discursos

piedosos, em serviços mascarados (mera filantropia), em caridade vaidosa. A cruz do anonimato nos dias atuais amedronta, como qualquer outra cruz que nos leva ao caminho que Jesus trilhou (cf. Mt 16,24). O apóstolo Pedro temeu! O método do amor de Deus passa pela estrada da cruz, que é esvaziamento do amor vaidoso e curvado sobre nós mesmos.
312
15 PATRÓN WONG, J. C. Formación de pastores en la era digital, p. 6.
313

314
Devisson Luan Oliveira Dias
décadas, no Brasil, revela a necessidade de uma aproximação e A divulgação do decréscimo de católicos, nas últimas de algumas mudanças em nossa missão. Não podemos deixar de destacar a força incomensurável proporcionada pelos meios de comunicação, até agora, descrita e valorizada por nós. São significativos os frutos da evangelização e o retorno de muitos Entretanto, onde há massa, a vaidade humana pode ser pujante católicos ao seio da Igreja, pelos meios de comunicação social.
e se impor! O sucesso, alcançado com nossa
própria promoção,
não é evangélico e tampouco deve pértencer aos seguidores de Jesus. O poder, o sucesso e a fama distanciam o coração do ho- A atmosfera de ter aparência de discípulo fala mais alto do que mem de Deus. A vaidade cria no homem o desejo de aparência. a de ser discípulo. Sabemos que o anúncio de Jesus não é soltar aos ventos uma teoria, uma história que aparentava derrota, mas que foi vitória; é preciso promover o encontro do próximo com
a pessoa de Jesus Cristo.
Para que eu apresente alguém como meu
amigo, é necessá-
rio conhecê-lo e ter com ele vínculos profundos. A vaidade de mostrar-se como amigo de Jesus, para que muitos sejam amigos nossos, é tentadora. E uma finalidade fadada ao fracasso! Não se pode aparentar ser amigo, pois na amizade não cabe aparência. A analogia de um suposto amigo é o que muitas vezes observamos no mundo religioso. Tendemos a nos aproximar de pessoas que são como desejamos ser ou de pessoas em quem projetamos nossos ideais. Elas têm algo que nos encanta, que nos atrai. A aparência de amigo de Jesus é uma isca farta a alimentar quem se coloca como íntimo do Senhor, seu amigo mais próximo, um encantamento pelo palco religioso, onde, aparentemente, o Mestre é o protagonista, mas de uma promoção pessoal! Não é papel nosso afirmar que não existem amigos íntimos do Senhor. Vejam os santos, que amizade! Eles se encontraram consigo, pelo Deus feito homem, que é caminho, verdade e vida. O perigo está em colocar nosso amigo em nossos moldes, apresentar o Jesus amigo que me promove.
CONSIDERAÇÕES FINAIS
A experiência de fé no Ressuscitado, vivida pessoal e comuni- tariamente, é a força que destrói todo o homem velho, repleto de soberba e de vaidades. A sua obra redentora tornou-se modelo de comunicação para todos os cristãos. Esse modelo de c deve inspirar e levar todas as pessoas a unirem forças, a estenderem as mãos fraternalmente aos grupos sociais e às nações, pois "ser cristão não é um peso, mas um dom. O dom do discipulado é ser comunicador. A mensagem c
Ressuscitado
comunicação

o na palavra e na vida dos seus filhos e filhas. A primeira
crista comunica o amor do Criador e do
modalidade de comunicação da fé continua sendo o testemunho
O risco do encantamento
O seminarista diocesano há de se cuidar para que suas ativi- dades pastorais, a presidência da celebração da Palavra e, quando presbítero, as celebrações da Eucaristia não se tornem teatrais, transformando o altar em palco de exibição pessoal eesquecendo-se do próprio Cristo e do anúncio da Boa-nova. O seminarista dioce- sano deve entender que a missão primordial do futuro presbítero diocesano é a pregação da Palavra de Deus, e não de si mesmo, sendo aquele que anuncia o Cristo como Mestre e Senhor da vida de todos aqueles que estão sob sua responsabilidade paroquial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, T. Sobre o ensino (De Magistro) e os sete pecados capitais. São Paulo: Martins Fontes, 2001. BENTO XVI. Mensagem do Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: <http://www. papa Bento XVI
vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/ para o 44° Dia
documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communi- cations-day.html>. Acesso em: 27 set. 2020.

16 CNBB. Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 57.

17 CARVALHO, H. R. Estilo profético de vida: de senhores da fé a servidores da alegria. In: Formação: desafios morais. TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C., ZACHARIAS, R. (orgs.). São Paulo: Paulus, 2018.

CANTALAMESSA, R. O Verbo se faz carne: reflexão sobre a Palavra de Deus. Anos A, B, C. São Paulo: Ave-Maria, 2012. CARVALHO, H. R. Estilo profético de vida: de senhores da fé a de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Formação: desafios morais. São servidores da alegria. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M.I. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes;
Paulo: Paulus, 2018.
São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.
CELAM. Comunicacion, misión y desafio. Manual de comunicación Social - DECOS. Bogotá: Prensa Moderna Impresores, 1997.
CNBB. Diretório de Comunicação da Igreja no
Brasil (Documentos
da CNBB, 99). Brasília: Edições CNBB, 2014.
CONCILIO VATICANO II. Decreto Conciliar Inter Mirifica
sobre os Meios de Comunicação Social. Disponível
em: <http://
www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/docu-
ments/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html>. Acesso
em: 3 ago. 2020.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017.
FRANCISCO. Comunicação e Misericórdia: um encontro fecun- do. Mensagem para o 50° Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em:

<www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/
commucations/documents/papa-francesco_20160124_mes-
era digital,
saggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 26 out. 2019. PATRÓN WONG, J. C. Formación de pastores en 2018. Disponível em: <http://www.clerus.va/content/clerus/es/notizie/new32.html>. Acesso em: 26 out. 2019.
SALES, S. F. de. Filoteia: introdução à vida devota. Petrópolis: Vozes, 1959.
21
O PERFIL DO SEMINARISTA DIOCESANO
INTRODUÇÃO
Caio Henrique Esponton
Desde os primórdios da Igreja, especialmente nas epistolas
O perfil do seminarista
do Novo Testamento, encontramos uma diversidade de recomen- dações acerca dos líderes destinados ao serviço das comunidades cristas. A reflexão sobre a vocação e seu processo formativo perpassa toda a história da Igreja, construindo-se em uma liga- ção intrínseca com os diversos contextos históricos e culturais. A mudança de época marca a contemporaneidade, na qual novos paradigmas, advindos das mais diversas realidades e situações, apresentam-se como contexto específico e, ao mesmo tempo, como desafio diante do qual se coloca a Igreja.?
Em um mundo onde o indivíduo, suas relações e sua sub-
jetividade colocam-se cada vez mais no centro do pensamento, torna-se importante ressaltar que toda reflexão é sempre atingida duas subjetividades: a por a do sujeito emissor e a do sujeito receptor. A rapidez e a fluidez das informações constituem uma interpelação a reflexões mais profundas. Temas complexos, como o processo formativo de novos presbíteros, exigem uma abordagem séria, fundamentada e, ao mesmo tempo, ampla, sob uma diversidade de perspectivas, que leve em consideração a pluralidade de relações desenvolvidas pelos seminaristas e presbíteros no mundo atual.
O ser humano pode ser compreendido "como um ser aberto
à totalidade da realidade, como um nó de relações orientado em
Especialista em Espiritualidade e bacharel em Filosofia.
2CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010, p. 22.
317

profundos para a Igreja, jamais deve prevalecer
um pensamento
todas as direções". Por isso, ao submeter à reflexão temas carose unilateral e decisivamente fechado sobre si mesmo, formulado por uma leitura rígida dos documentos, sem espaço à c adaptação. Ao se falar do processo formativo, fala-se de pessoas que respondem a uma inquietação profunda, que sonham, desejam,
a crítica
ou a
em favor de
idealizam, mas, sobretudo, colocam-se a caminho uma realidade infinitamente maior: o Reino de Deus. 1. O SEMINARISTA HOJE

Refletir sobre o seminarista diocesano, no contexto atual, é refletir sobre a totalidade da Igreja. E impossível refletir de maneira singular sobre um único aspecto da Igreja, uma vez que a Igreja é uma unidade na diversidade. A reflexão sobre um de seus carismas ou de suas realidades implica, necessariamente, a reflexão sobre
a totalidade do conjunto.

A Igreja, na contemporaneidade, está focalizada sob uma diversidade de olhares. A Igreja como instituição perde força à medida que avançam os processos de secularização e laicização do Ocidente. Diante desta primeira constatação, surgem três reações internas: a primeira é a desesperança, pela qual muitos se distanciam da realidade eclesial. A segunda reação é o desejo do retrocesso, notável, no interior da Igreja, em um de retorno ao passado. O ideal de segurança e de estabilidade desejo constante oferecido pela imagem de uma Igreja triunfante permanece ten- tador para muitos cristãos. A terceira reação constitui-se em uma abertura ao diálogo com o mundo contemporâneo e um retorno ao essencial da fé cristã.

à compreender. "Todos são filhos ou herdeiros das mudanças em curso; elas afetam a todos, ainda que seja mais fácil perceber a des- construção que geram em relação a um passado recente do que o potencial que encerram de um amanhá inédito". Assim como todo jovem, o seminarista diocesano deve questionar-se sobre o sentido da vida, isto é, construir um projeto que realize sua existência.

É neste contexto que se encontram os seminaristas diocesanos. Inseridos na Igreja e no mundo, formam-se marcados pelas di- cotomias próprias da juventude, pela rapidez do pensamento e da comunicação, incompreendidos e, muitas vezes, indispostos

2. A IDENTIDADE DO SEMINARISTA: PROCESSO, ENCONTRO E CONSTRUÇÃO

as

O perfil do seminarista

A pergunta pelo sentido é essencial em uma época na qual s identidades se redefinem rapidamente. Muitas são as definições dadas a grupos, pessoas, situações e contextos. A questão da iden- tidade desenvolve-se em um conflito constante de afirmação e de negação, no qual o ser humano tenta equilibrar-se e responder
pouco a pouco quem ele é. Tanto a Igreja quanto os formandos devem empenhar-se em uma reflexão profunda sobre si mesmos. A nova Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis apresenta este caminho de identificação como uma gradual configuração:

A ideia de fundo é que os seminários possam formar discípulos mis- sionários enamorados do Mestre, pastores com "cheiro de ovelhas que vivam no meio delas para servi-las e conduzi-las à misericórdia de Deus. Por isso, é necessário que cada sacerdote se sinta sempre um "discípulo a caminho", carente constantemente de uma formação integral, compreendida como contínua configuração a Cristo.

A figura do Bom Pastor como meta de identificação reapa- rece revestida de certa novidade em tempos de retrocesso eclesial. Cria-se a expectativa de uma Igreja próxima, despojada, dialogal, comunitária. O seminarista diocesano deve habituar-se à proximi- dade com as pessoas, a saber ouvir, acolher, colocar-se à disposição para ir ao encontro das periferias geográficas e existenciais.

BOFF, L. Jesus Cristo Libertador. ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 216.

CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, 2010, n. 33.

'CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 5.

O presbitero é também, e em muitas situações,
o pastor. E
deve dizer: "Passou fazendo o bem" (At 10.38). Como o Cristo imita a caridade de Cristo no meio de seu povo. Dele também se procura ajudar o povo - muitas vezes parecido com ovelhas sem pastor (cf. Mt 9,36) - a encontrar o seu caminho, guiando-o para vida, conhece suas necessidades e anseios. Numa palavra, com a a Verdade e a Vida. Vive no meio do seu povo, compartilha sa graça de Cristo, esforça-se por ser o bom pastor que dá a vida pelo
rebanho, se preciso for (Jo 10,15; 13,1).
para este movimento gradual de compreensão de si e de confi As duas principais etapas do processo formativo apontam guração permanente ao Cristo Pastor. A etapa do discipulado, que "visa educar a pessoa à verdade do próprio.
ser, à liberdade
e ao domínio de si, com vista à superação das diversas formas de individualismo, e ao dom sincero de si que dá lugar à uma generosa dedicação aos outros", elabora a formulação de uma personalidade própria de quem segue Jesus em todas as dimen- viver responsavelmente as virtudes cardeais, bem como as sões da vida, para que, assim, possa, na etapa da configuração, teologais e os conselhos evangélicos, sendo dócil ao Espírito, relendo toda a história pessoal em vista de uma identidade presbiteral e missionária.
O jovem seminarista diocesano é um sujeito em processo de crescimento, com todas as realidades existenciais do ser hu- mano. Por isso, a formação presbiteral deve levar em conta que lida com pessoas, em sua juventude, com suas imaturidades, mas também com suas potencialidades. Bem afirmou o papa João Paulo II: “Sem uma formação humana, toda formação sacerdotal ficará privada de seu necessário fundamento".?
CNBB. Vida e ministério do presbítero: pastoral vocacional. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1982, n. 200.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 63.
Ibidem, n. 69.
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 116, n. 43.
O discipulado é um tempo precioso de entrar em si mesmo guiado pela luz de Jesus Cristo e de sua Palavra, auxiliado pelos
formadores
e pelo apoio da vida espiritual.
A etapa discipular [...] representa o caminho pedagógico espiri- tual, no qual são empreendidas todas as energias possíveis para alicerçar vida quotidiana comunitária no seguimento de Jesus, a partir da o seminarista em suas escolhas pessoais e práticas de escuta atenta e interessada da Palavra de Deus para guards-la no coração e colocá-la em prática. Também neste periodo se deve ter especial atenção às importantes mudanças inerentes ao desenvol vimento da dimensão humana, quando vivido em harmonia com o crescimento e o enriquecimento da vida espiritual, para ajudar o seminarista a amadurecer sua decisão definitiva de seguir o Senhor Jesus por meio do itinerário formativo proposto para a Igreja no Brasil para se assumir o presbiterado.

O perfil do seminarista

No decorrer dos anos, a dimensão humana ficou ofuscadh por uma áurea sagrada que reduziu a compreensão da vocação à santidade. Urge clarificar que tanto os seminaristas quanto os diáconos, presbíteros e bispos fazem parte do povo de Deus. Não são uma categoria essencialmente hierárquica, revestida de um poder autoritário, mas sim uma categoria servical, articuladora, próxima e dialogal. A Igreja é, como define o Vaticano II, povo de Deus. Muitas vezes, o seminarista coloca-se "diante da", e não "com" a comunidade. O próprio Jesus, no episódio de Emaús, coloca-se junto da caminhada dos discípulos antes de tomar a palavra: "Ora, enquanto discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles" (Lc 24,15). A vo- cação cristã e presbiteral é compreendida, a partir da atitude de Jesus, em termos de seguimento e de caminho com Cristo. Esse processo atinge e molda todo nosso ser, fazendo da humanidade do seminarista diocesano conteúdo central do diálogo existencial estabelecido no chamado divino.

10 CNBB. Diretrizes para a formação dos presbiteros na Igreja do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 142.

A radicalidade e
autenticidade
no seguimento a Jesus Cristo

moldam o presbítero diocesano a ponto de torná-lo parecido com configurados ao mais profundo e existencial exercício do serviço ele, fazendo com que sua vida e seu ministério presbiteral sejam
dedicado a Deus, à Igreja e à comunidade paroquial,"

A transparência e a verdade diante de si e dos outros, a exemplo da autenticidade de Cristo em sua vida, não é resul- tado de uma escolha momentânea, mas sim de um processo. O seminarista diocesano não está preparado, pelo contrário, ele está no tempo de tentar responder às questões naturais de uma realidade vocacional tão exigente como o ministério presbiteral. Nesse tempo de busca, o jovem é sabiamente ampa- rado pela Igreja: a etapa inicial da formação permite ao jovem vocacionado abrir-se às mais diversas realidades da vida, para que, pouco a pouco, ele coloque sua vida em conformidade
com a vida do Cristo Pastor.

É um jovem em processo do qual se deve exigir e esperar
formação.

de acordo com o que se exige e espera de alguém em O seminarista diocesano é, primeiramente, buscas. O seminarista busca responder a um uma pessoa de questionamen-
to e a uma interpelação próprios de sua juventude, sob uma
perspectiva vocacional profunda e misteriosa. Ele se configura
que
a Cristo Pastor, percorrendo um caminho para toda a vida, desde a formação até o ministério presbiteral lhe é proposto e sua consumação pascal.

O seguimento de Jesus, na perspectiva do Reino de Deus, vive-se no intenso e, às vezes, difícil caminhar do dia a dia, com as mais complexas e diversas situações que o presbítero diocesano enfrenta em sua jornada diária, pois ele tem consciência de que todo sofri- mento

humano, toda luta em busca de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária se transformarão em conquistas e vitórias para o crescimento pessoal e comunitário.12
"CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 24.
12 Ibidem, p. 25.
3. A VOCAÇÃO DO FORMANDO: SER OU ESTAR SEMINARISTA?
movimento interno e externo do ser humano. Interno porque diz A vocação é uma realidade de dupla implicação, ou seja, é um a interpelação que se faz perceber no amago da vida, respeito a uma
no coração dotado de uma busca que só Deus pode preencher. Ao mesmo tempo, a vocação implica uma realidade externa, porque é uma interpelação à qual o homem, em sua limitação, responde. É dom que vem ao encontro do ser humano e o chama para ser sujeito de sua vida- no caso do vocacionado, ao ministé-
rio eclesial.
1-, um sujeito configurado à Vida mesma. Afirmava o
papa João Paulo II: "A história de cada vocação sacerdotal, como aliás de qualquer outra vocação cristã, é a história de um inefável diálogo entre Deus e o homem, entre o amor de Deus que chama liberdade do homem que, no amor, responde a Deus".
e a
O perfil do seminarista
povo
de
Toda vocação é sempre resposta a um chamado, é relação. Assim, a a Igreja é dotada de uma diversidade de carismas e minis- térios (cf. 1Cor 12,4-6). A diversidade das vocações do Deus constitui a beleza e a própria catolicidade da Igreja, por isso, reduzir o conteúdo da vocação ao ministério do serviço ordenado consiste em um empobrecimento: "A Igreja abarca em si todas as vocações que Deus lhe oferece, e, no seu caminho de salvação, ela própria se configura como mistério de vocação".14
A vocação para o presbiterato, especificamente, é uma reali- dade presente e fundamental ser humano responde de maneira profunda, indivisa e totalmente para a Igreja. É um dom ao qual o oblativa: à vocação se responde integralmente. Por isso, o forman- do percorre um caminho para que a resposta dada ao chamado divino seja uma resposta livre, autêntica e profunda. Uma vez que a vocação se direciona ao ser humano em sua totalidade e é um convite a desinstalar-se e "sair de si mesmo",15 o formando
13 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes, n. 36.
14 Ibidem, n. 35.
15 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 29.

vocacionado a deixar suas seguranças e
s seminários com ideais
é primeiramente um idealizações próprias. Alguns procuram os preconcebidos, e isso reflete uma imaturidade c ser trabalhada, para que se possa corresponder
integral e configuradora a Cristo Pastor. 16

que
ainda
precisa
a uma autêntica
disponibilidade e renúncia de si mesmo, em favor de uma resposta Muitos se fecham em ideais prontos, que eles mesmos es- preconceitos, blindam-se diante das propostas formativas e, não tabeleceram como seus modelos. Motivados pelo medo ou por raramente, enxergam todo o processo como uma simples etapa rumo ao presbiterato. A vocação ao presbiterato não representa uma conclusão da qual a etapa formativa seria um estágio passageiro, mas, pelo contrário, o presbiterato representa uma dimensão específica do mesmo processo formativo que perpassa toda a vida.

O objetivo geral e os específicos indicam que a formação é um processo permanente que abrange todas as fases da vida e suas di- mensões, com diversidade de formas e métodos. E particularmente
importante a formação que precede a ordenação,
mas é também
decisiva no exercício do ministério presbiteral. Por isso, no semi- nário, o futuro presbítero aprenderá os princípios da formação permanente, como adquirir o hábito da oração, da leitura, do estudo, da atualização, como amadurecimento contínuo e resposta
ágil às novas situações pastorais, num permanente processo de conversão, no seguimento de Jesus Cristo.17

Tanto o presbiterato como o período formativo são etapas de desenvolvimento da mesma vocação batismal. O cristão é chamado ao discipulado por toda a vida. Não há separação entre o discipulado batismal e o presbiterato. Pelo contrário, é próprio da formação unir de modo integrado estas dimensões, formando discípulos-presbíteros.

O caminho formativo não pode ser compreendido como um simples estágio em vista do presbiterato. A formação constante

16 BOFF, L. Cristianismo: o mínimo do mínimo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 95-101.
CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, 2010, n. 88.

dos discípulos de Jesus não é uma realidade fragmentada, mas sim um itinerário que acompanha o sujeito desde a fonte batismal em uma dinámica própria que encontra eco na própria história na qual, gradualmente, a revelação prepara o ser
da salvação,
humano para o momento da realização de suas potencialidades,
sem
definir
presbítero
estágios e conclusões. Ser seminarista, tal como ser bispo, insere-se profundamente numa vocação
ou
primeira e inalienável: ser cristão. O seminarista diocesano deve compreender-se como cristão, batizado, membro do povo de Deus, chamado a servi-lo com todas as suas capacidades diante da Igreja, que analisará e confirmará, ou não, a autenticidade de tal vocação, para que então, configurado a Cristo Pastor, seja enviado como servidor a uma comunidade crista.

O perfil do seminarista

A vocação é um dom que se desperta no seio da Igreja, de uma comunidade. Muitos jovens afetados pelo individualismo buscam, solitariamente, encontrar o chamado profundo que

acreditam ter: apartam-se da comunidade, isolam-se em seus ideais e suas causas próprias, encantam-se com inúmeros artefatos e, pouco a pouco, per- dem a capacidade de se relacionar com as pessoas, com a comunida- de dos discípulos. Toda vocação autêntica é vivida em comunidade. Tal âmbito comunitário favorecerá a relação com o bispo, com os irmãos do presbitério e com os fiéis. A experiência da vida comunitária é um elemento precioso e iniludível na formação daqueles que serão chamados, no futuro, a exercer uma verdadeira paternidade espiritual nas comunidades a eles confiadas. Cada candidato que se prepara para o ministério deve sentir cada vez mais profundamente o desejo de comunhão."
Da mesma maneira que a construção da identidade e a con- figuração a Cristo Bom Pastor acontecem dentro de um processo, também a vocação participa da mesma dinamicidade, apresentando

18 CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Orientações para a utiliza- ção das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio. Brasília: Edições CNBB, 2012, n. 11.
19 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, n. 51.

vocação do seminarista diocesano é primeiramente
uma vocação
sua autenticidade no decorrer do caminho formativo. Por isso, a jovens descobrem, pouco a pouco, uma vocação ao serviço mais batismal, comum a todo o povo de Deus.
Posteriormente, alguns
realidade
pres
biteral em uma Igreja particular, ou mesmo a outras formas de profundo à comunidade eclesial. Despertam-se à exercício do ministério do presbiterato, e colocam-se a caminho.
O importante, porém, é ressaltar que o é, em si, uma vocação.

4. MISSÃO DO SEMINARISTA DIOCESANO: SER PRESENÇA

colocar-se a
caminho já
em função

Existe uma singularidade na missão do seminarista diocesano dentro da dinâmica eclesial. Ele é um jovem em processo de forma- ção, de integração e de elaboração de sua personalidade da identificação com o Bom Pastor: um jovem em maturação. Ele é uma pessoa que responde a um chamado profundo, radicado interiormente em seu coração e, portanto, inserido na dinamicidade da própria vida.
A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar.20
O cristão, enquanto seguidor de Jesus Cristo, compreende-se sempre inserido na missão iniciada pelo Mestre: "Assim como o Pai me enviou, eu vos envio" (Jo 20,21). A Igreja se concebe como enviada, especialmente no Concílio Vaticano II. A missão é intrínseca à sua razão de ser e de agir. Por isso, o formando deve

FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013, n. 273.
encontrar o sentido de sua existência dentro da missão comum do povo de Deus. Tal missão resume-se no anúncio e no testemunho fiel do Evangelho, que possibilita a irrupção do Reino já no agora da história, ainda que não em plenitude."
que
A Igreja e os cristãos participam de um conjunto de sentido maior e transcendente, que os envia a toda parte e lugar, como anunciadores de uma mensagem de salvação. Por isso, não há cristãos autenticamente despertos para a sua realidade discipular I não se inseriram na missão da Igreja. A missão eclesial e uma realidade universal, da qual o seminarista diocesano, como membro vivo da Igreja, povo de Deus, participa. Sendo todos os batizados participantes da mesma missão de Cristo continuada pela Igreja, a missão assume um caráter comunitário. Se Cristo viveu em comunhão com as pessoas, se a Igreja é um espaço de comunhão de pessoas, os futuros presbíteros da Igreja devem ser pessoas de comunhão.

O perfil do seminarista

Os presbíteros, dado que sua figura e seu papel na Igreja não subs- tituem, antes promovem, o sacerdócio batismal de todo o povo de Deus, conduzindo-o à sua plena atuação eclesial, encontram-se num relacionamento positivo e promotor com os leigos. Eles estão a serviço da fé, esperança e caridade destes. Reconhecem e sustentam sua dignidade de filhos de Deus como amigos e irmãos, ajudando-os a exercitar, em plenitude, o seu papel específico na missão da Igreja.23

É muito frequente observar seminaristas que se colocam como autoridade diante da comunidade. Sendo ainda formando, primeira missão que lhe cabe é a de aprender. O seminarista não é designado ao trabalho pastoral para ensinar, tampouco para assumir uma postura de liderança diante da comunidade, mas para observar, participar, articular
juntamente com os leigos
a
sim

21 BOFF, L. Cristianismo: o mínimo do mínimo, p. 89-101
22 CARVALHO, H.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano, p. 51.
23 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes, n. 17.

experimentar, seminarista dincessmo deve alacamm um mabalho em conjunto. Assim, stunde disposte aprend nhão com a missão do povedie Deus participar de ses il conhecer suas reflexives. Oununcio dio Evangelho, ammes the nu
um anúncio testemunhal concretizado mosservigo caridesse Como pastores desse povo, os padres diocesanos são chamados convocados a servi-lo por meio da missão, evangelizaçãn, dedica can, defesa da vida, du werdade e da justiça. E no meio dessa gente tão necessitada da presença amorosa e misericordiosa de Deus que o padre diocesano exercerá, a exemplo do único e termo Pastor, a bondade, a paternidade e a espiritualidade tão especifica do pastor
paroquial diocesano.25

Emissão do seminarista diocesano aprender o serviço disponi vel e generoso. O servir com amor e sem esperar recompensas deve ser nítido no processo formativo de um vocacionado. O serviço silencioso ao ser humano implica um sinal de autêntica vocação. Do mesmo modo, é preciso integrar a intelectualidade e a espiri- tualidade. Em um mundo cada vez mais informado e dinâmico, a primeira consiste em uma necessidade para a atuação pastoral e o anúncio do Evangelho, devendo ensinar ao seminarista o dom da humildade e do esforço pessoal, para que ele possa servir edif cando, na racionalidade da fé, o povo de Deus. Inseparável a ela. encontra-se a espiritualidade. Ninguém é cristão se não desenvolver a espiritualidade em sua vida. Ora, a espiritualidade mando e o cristão autênticos na sua maneira de lidar com a vida. sabendo ponderar as decisões para o éxito da missão.26

torna o for-

Assim, a missão do seminarista diocesano é ser presença profunda, cooperativa, fraterna. Ele está para compartilhar, para caminhar conjuntamente, para aprender; contribui com as co- munidades, a partir de sua presença discreta e cooperativa, para criar e fazer despontar lideranças, carismas e vocações.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, n. 120.

25

CARVALHO, H. R.; LORENZ, E Espiritualidade do padre diocesano, p. 84. 26 Ibidem, p. 88.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ratherin samação presibitamil anualmente, é um desafia Nos últimos dienos, a liga elabos uma infinidade de docu pos comentades anca das diversas dimensies do processo femme, um we que est pcso é fundamental para a ação pastoral dla lignja. O que surge como innorpelação a esta realidade o distanciumem em as ages e a realidade eclesial

As orientações e cartaces da Igreja constituen um fundamen to essencial para modas as reflexives desenvolvidas em seus E- cessario colocá-lo sempre em dialogo com as mais diversas realidades Cistentes na canolicidade da Igreja. O ser humano.comp

um ser humano em construção, no qual não se encum definides os limites e as potencialidades. É um ser humano carne de sent do. Muitos jovens, sedentos de um sentido profundo para a vida. encontram na Igreja um local onde satisfazem suas inquietacies e por este motivo, não podem ser categorizados dentro de parámetros rigidamente estabelecidos a formação presbiteral deve ser concebida a partir da singularidade de cada sujeito.

O perfil de seminarista

A tentação de padronizar é uma das mais fortes presentes no processo formativo. Os jovens vivem imersos na pluralidade, co processo formativo deve educá-los para dialogar com ca plura lidade. O fechamento e o tradicionalismo, tal como o fundamen- talismo de muitos movimentos que já atingem a formação e os formadores, não colaboram para uma posição adequada da Igreja diante do mundo contemporáneo. O mundo contemporáneo é um lugar de diálogo, de presença humilde e humana.

tal

Por fim, a formação presbiteral configura o formando a Cristo Bom Pastor. Há pressupostos inalienáveis para configuração, que, muitas vezes, passam despercebidos nos anos de formação. Primeiramente, o seminarista diocesano é convidado a ser sujeito de si mesmo. Seminaristas diocesanos infantilizados e irresponsáveis serão padres problemáticos. Em segundo lugar, o seminarista diocesano é convidado a ser cristão, tendo em vista que a

experièncіa de fé não é resultado de um momento singular, mas de um processo. Terceiro e mais
329

330
Caio Henrique Esponton
importante: テゥ preciso ser discテュpulo de Jesus. Seguidores de uma Pessoa, nテ」o simplesmente de ideais, mas de alguテゥm concreto, que deve ser o テコnico critテゥrio para o pensar, o agir, o falar e o
ser do cristテ」o no mundo.
Os seminaristas diocesanos devem cultivar caracteristicas
prテウprias do discipulado e da proximidade com o
Cristo Pastor: o
amor incondicional e oblativo pela diocese; a unidade e obedien- cia filial ao bispo; companheirismo, proximidade e fraternidade
verdadeira entre os irmテ」os no
solicitude para com o povo de Deus. テ・na experiテェncia da dioce- presbitテゥrio; presenテァa ativa, zelo e saneidade que o seminarista diocesano testemunha o da vida e da comunhテ」o.27

REFERテ刻CIAS BIBLIOGRテ:ICAS

Evangelho
BOFF, L. Igreja: carisma e poder. Ensaios de Eclesiologia Militante, 3. ed. Petrテウpolis: Vozes, 1981.
Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crテュtica para o
nosso tempo. Petrテウpolis: Vozes, 2012.
Cristianismo: o mテュnimo do mテュnimo. 2. ed. Petrテウpolis: Vozes, 2013.
CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incardinaテァテ」o. Sテ」o Paulo: Paulus, 2020. CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre dio- cesano. Sテ」o Paulo: Paulus, 2017 (Coleテァテ」o Comunidade e Missテ」o). CNBB.
Diretrizes para a formaテァテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil. Texto aprovado pela 56a Assembleia Geral. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2019.
Diretrizes para a formaテァテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil. Texto aprovado pela 48a Assembleia Geral. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2010.
CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incar dinaテァテ」o Sテ」o Paulo: Paulus, 2020, p. 17.
Formaテァテ」o dos presbテュteros na Igreja do Brasil: diretrizes bテ。sicas. Texto aprovado pela 22 Assembleia Geral. Sテ」o Paulo:
Paulinas, 1984.
Vida e ministテゥrio do presbテュtero. pastoral vocacional. Texto aprovado pela 19a Assembleia Geral. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1982. CONGREGAテ・グ PARA A EDUCAテ・グ CATテ鏑ICA.
Orien taテァテオes pastorais para a promoテァテ」o das vocaテァテオes ao ministテゥrio presbiteral. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2012.
Instruテァテ」o sobre os critテゥrios de discernimento vocacional acerca de pessoas com tendテェncias homossexuais e da sua admissテ」o ao seminテ。rio e テs ordens sacras. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2005.
Orientaテァテオes para a utilizaテァテ」o das competテェncias psicolテウgicas na admissテ」o e na formaテァテ」o dos candidatos ao sacerdテウcio. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2010.

CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテァテ」o pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasilia Ediテァテオes CNBB, 2017.
O perfil do seminarista
FONTES, D. A. Padre: um perito em humanidade. Vida Pastoral, Sテ」o Paulo, n. 328, p. 21-28, jun./ago. 2019. FRANCISCO. Exortaテァテ」o Apostテウlica Evangelii Gaudium sobre o anテコncio do Evangelho no mundo atual. Sテ」o Paulo: Paulus, 2013. JOテグ PAULO IL Exorta テァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formaテァテ」o dos sacerdotes. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1992. Kテ廸G, H. A Igreja tem salvaテァテ」o? Traduテァテ」o Saulo Krieger. Sテ」o Paulo: Paulus, 2012.
Ser cristテ」o. Traduテァテ」o Josテゥ Wisniewski Filho, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
PAULO VI. Carta Enciclica Eclesiam Suam sobre os caminhos da Igreja. Disponテュvel em: <http://w2.vatican.val/content/paul-vi/pt/ encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964 ecclesiam.html>. Acesso em: 24 jul. 2019.
331

Caio Henrique Esponton
WISNIEWSKI, E. Formaテァテ」o presbiteral: os desafios morais de uma empreitada. Vida Pastoral, Sテ」o Paulo, n. 328, p. 3-12, jun
ago. 2019.
22
VIVER COMO PRESBテ控ERO, DESDE A FORMAテ・グ INICIAL
Eliton Fernando Felczack
Viver como presbitero
332
INTRODUテ・グ
Este capテュtulo テゥ uma reflexテ」o para todos os jovens que se encontram em qualquer uma das etapas da formaテァテ」o seminaris- tica rumo テ ordenaテァテ」o presbiteral. O grande sonho de qualquer seminarista テゥ o dia da ordenaテァテ」o. Para os seminaristas diocesanos, テゥ o cume de um processo que dura no mテュnimo oito anos de cami- nhada, contemplando os perテュodos do propedeutico, discipulado e configuraテァテ」o. O jovem, antes de ingressar no seminテ。rio, deve ter uma intenテァテ」o reta, um propテウsito claro, semelhante aos discipulos, para evitar frustraテァテオes como a do jovem rico. Este foi ter um encontro com Jesus, sustentado em suas certezas e convicテァテオes. O Senhor pede que ele se desapegue daquilo que nテ」o テゥ essencial para segui-lo (cf. Lc 18,18-30). A vida テゥ uma sテウ, e o jovem nテ」o deve fazer do seminテ。rio o refテコgio para a sua existティncia e seus problemas pessoais.
Um seminarista diocesano comprometido e apaixonado por Jesus Cristo e por sua Igreja poderテ。 ser um presbテュtero que irradie a graテァa e o amor de Deus, sendo sal e luz do mundo (cf. Mt 5,13- 14). Ele contagiarテ。 as pessoas ao seu derredor, servindo テ Igreja e ao seu povo com ardor e alegria. テ・comum iniciar o processo
'Pertence ao clero da diocese de Joinville (administrador paroquial da parテウquia Nossa Senhora dos Navegantes, em Balneテ。rio Barra do Sul-SC). テ・especialista em Espiritualidade (Centro Universitテ。rio Salesiano de Sテ」o Paulo - Unisal), especialista em Acompa nhamento de Adolescentes e Jovens (Unisal), especialista em Estudos Bテュblicos (Faculdade Catテウlica de Santa Catarina - Facasc), especializando em Administraテァテ」o Estratテゥgica de Pessoas (Universidade do Vale do Itajaテュ - Univali) e tambテゥm em Parapsicologia Clinica (Faculdade de Tecnologia de Curitiba - Fatec/PR).
333

final do
de formação seminarística deixando o "ser padre" para o f período teológico, quando a ordenação já está às portas. Durante
diferenciação
as etapas do processo formativo, parece haver uma do "perfil do seminarista" e do "sentido" da etapa formativa p o ministério presbiteral. A experiência traduz essa tese quando se observa o perfil do seminarista que está no daquele que já cursa a Teologia. Há uma
O
para
propedeutico e diferenciação nítida
quanto ao perfil. Transparece que os do propedéutico não precisam estar tão focados no ministério presbiteral antes de aderirem às formativo é longo,
ordens sacras no seminário maior. O
processo
e cada etapa tem sentido no intuito de configurar o vocacionado ao Cristo Bom Pastor. Os discípulos iniciaram com o Mestre
um caminho de três anos de intensa convivência com o Senhor. Cada dia era momento propício de conversão.
próprio
A opção de viver como presbítero, desde a formação ini- cial, é importante para quem inicia o processo formativo com responsabilidade e maturidade. Isso é antagónico a um mundo
emérito Bento XVI argumentou, em um de seus diálogos sobre a ditadura do relativismo, na qual não existem verdades perenes, exceto a própria relatividade como
com valores relativos. O
valor absoluto:
papa
Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é clas- sificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar "aqui e além por qualquer vento de doutrina", aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio
eu e as suas vontades.2
Quando se afirma que o seminarista diocesano precisa, des- de o ingresso no seminário, viver como presbítero, significa que deve assumir o ministério presbiteral como um projeto de vida.
* RATZINGER, J. Santa Missa Pro eligendo romano pontifice. Homilia do cardeal Joseph Ratzinger, decano do Colégio Cardinalício. 18. abr. 2005. Disponível em: <http://www. vatican, va/gpll/documents/homily-pro-eligendo-pontifice 20050418_po.html>. Aces so em: 3 ago. 2020.
Esse projeto é audacioso, especialmente diante das várias possi- bilidades que o mundo atual oferece. O processo atual de glo- balização, no qual a cultura, a economia, as políticas públicas, a família, a escola e o mercado de trabalho passam por muitas transformações, requer dos seminaristas diocesanos atenção para aquilo que lhes faça sentido e seja construtivo, possibilitando sua formação integral. Os valores do Evangelho, por muitas vezes, estarão na contramão dos valores apregoados pela sociedade atual. Por isso, a

trajetória precisa ser refletida, ou seja, o itinerário de formação presbiteral exige acompanhamento,
Este é importante para que o seminarista diocesano seja con- frontado, estimulado à reflexão e ao diálogo, especialmente com alguém mais experiente que ofereça ferramentas para uma forma- ção integral. O acompanhante com vivência prática testemunha que é possível viver a vida com um projeto, segundo os designios de Deus. Muitas pessoas, em particular jovens e casados, procuram crescer na fé e na adesão ao projeto de vida evangélica através da confrontação com os irmãos e irmás mais experientes.' Jesus Cristo também fez esse processo de discernimento e acompanhamento pessoas, ao estabelecer diálogos lapidares com Nicodemos, Zaqueu, Pedro, a samaritana e com seus discípulos.
das
Viver como presbitero
O presente capítulo busca, com base na Sagrada Escritura e no magistério, fundamentos para o sacramento da ordem, no intuito de oferecer parámetros para os seminaristas viverem o presbiterato, já no processo formativo, acompanhados por seus superiores. O seminarista diocesano necessita ser uma pessoa cheia do Espírito Santo, à semelhança de Maria Santíssima, a serva do Senhor. O Espírito dá vida ao agir eclesial e isso implica, neces- sariamente, abertura para as espiritualidades e pastorais da Igreja. Este é um trabalho inicial, a Palavra de Deus não é estanque, e a Igreja é dinâmica sob a ação da Trindade. São contribuições iniciais que têm como objetivo aprofundar o ser presbítero na caminhada seminarística.
'TOMASI, F. L. M. Ouro testado no fogo, acompanhamento psicoespiritual entre mistério e seguimento. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 13.
335

336
Eliton Fernando Felczack
1. FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DO SACRAMENTO DA ORDEM
A Sagrada Escritura é uma das fontes mais utilizadas pelos A pregação de Jesus destinou-se a todas as pessoas de Israel. seminaristas para sua oração pessoal e discernimento vocacional.
Dentre elas, destaca-se o grupo dos Doze
que Jesus chamou
para
si, no intuito de continuar sua missão neste mundo. "Jesus subiu à montanha e chamou os que ele mesmo quis; e foram até ele. Então constituiu doze para estarem com ele e para enviá-los a anunciar, com a autoridade de expulsar demônios" (Mc 3,13-15). A tradição eclesial começou a chamar o ministério dos apóstolos de sacerdócio.
O sacerdócio é um elemento comum na história das religiões. A origem da palavra "sacerdote" vem de "sacer", isto é, sagrado, e "dare", "dotare", aquele que pode dar o sagrado, do grego "hiereus", santo. Compreende-se o sacerdote, em quase todas as religiões, como alguém que é constituído para fazer a mediação entre Deus e o povo. O sacerdote pertence à esfera do sagrado, sendo seu oficio relacionado à religião de seu povo, cultos e sacrificios.
oferecendo
No Antigo Testamento, o sacerdócio passou por uma longa evolução, desde o sacerdócio familiar até a oficialização do ofício no templo de Jerusalém. No tempo dos patriarcas, os sacrifícios eram oferecidos pelo chefe do clá. Em Abraão, concentra-se a figura de

sacerdote e chefe familiar. O Senhor apareceu a Abrão e lhe disse: "Darei esta terra à tua descendência. Abrão edificou aí um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido" (Gn 12,7).
No período de Moisés, forma-se uma nova compreensão do sacerdócio. A liturgia da Igreja vé no sacerdócio de Aarão e no ser- viço dos levitas, como também da instituição dos setenta anciãos, prefigurações do ministério ordenador da Nova Aliança. Aqui, o sacerdócio judaico se institucionaliza e se organiza. Moisés coloca
CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 53.
ZILLES, U. Os sacramentos da Igreja católica. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 379-380.
Aarão como sumo sacerdote, criando os sacerdotes aaronitas (cf. Ex 29,29-30). Os levitas são subordinados aos aaronitas, auxiliando-os
em outras
funções, exceto o oferecimento de sacrificios.
No período pós-exílico, o sacerdócio judaico executa um papel fundamental na reconstrução da identidade judaica. Com o gover- no persa, os judeus conseguem retornar do cativeiro da Babilònia e reconstruir a cidade santa de Jerusalém. Destaca-se o papel de Neemias: "Eu lhes contei como a mão bondosa de Deus me tinha protegido e lhes comuniquei as palavras que o rei me tinha dito. responderam: 'Sim, vamos reconstruir. E iniciaram com
Eles me
coragem a boa obra" (Ne 2,18). Os sacerdotes da Antiga Aliança, como mediadores entre Deus e o povo, servem como sinal de esperança diante de uma nova história, após o exilio babilónico.
Viver como presbitero
O seminarista diocesano, que vive com responsabilidade o "ser padre" no período formativo, deve avaliar como está ajudando a construir a comunidade no seminário e, ao mesmo tempo, como convive com seus pares. A capacidade de união de forças diante das adversidades foi determinante da figura de Neemias para reerguer a fé do povo e reconstruir a cidade. No tempo greco-romano, o sinédrio era a autoridade máxima dos judeus, tanto no campo profano como no religioso. Neemias centralizou, na figura do sacerdote, o poder civil e religioso concedido à provincia de Judá pelos persas. Assim, nem sempre o sacerdócio foi exercido por pessoas de boa índole, sendo que, no período helenístico, as fun- ções sacerdotais eram compradas (cf. 2Mc 4,7-10). Isso ocasionou revoltas do povo e de sacerdotes zelosos. Esse é o período histórico dos irmãos macabeus.
No Novo Testamento, tem-se a figura de Jesus Cristo como o sumo e eterno sacerdote da Nova e Eterna Aliança (cf. 1Tm 2,5). Jesus Cristo realiza a missão de mediador entre o Pai e os homens. O sacrifício de Cristo aconteceu uma única vez para sempre (cf. Hb 9,26). É escatológico e definitivo. A carta aos Hebreus afirma: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre" (Hb 13.8).
Ibidem, p.
380.
337

Jesus Cristo realiza em si todas as prefigurações sacerdotais da Antiga Aliança. Isso é evidente no serviço eclesial, pois é o próprio

Cristo que age na pessoa dos ministros ordenados.
Jesus Cristo contou com o grupo dos Doze em sua missão, Poderia fazer tudo sozinho, mas não quis. A ação dos doze após- tolos não pode ser compreendida separadamente da ação de Jesus
Cristo. Muito pelo contrário, eles participam da sua
intimidade
e compartilham o significado da sua vida.7 O número doze tem um significado simbólico. Pode remeter às doze tribos de Israel e
às doze entradas do templo. O Senhor contou com os
discípulos
para segui-lo e levar a todos a Boa Notícia. Também remete ao número das testemunhas da ressurreição (cf. 1 Cor 15,5), nomean- do primeiramente a figura de Pedro. O testemunho de Cristo deve ser anunciado a todos os povos: "Como o Pai me enviou, eu também vos envio" (cf. Jo 20,21).
O caminho que Jesus trilhou, da Galileia até Jerusalém, é apresentado para ser assumido e seguido por quem queira ser discípulo seu. Destacam-se três argumentos diante do chama- mento de Jesus:
a) Não é o discípulo que escolhe seu mestre. Jesus elege seus dis- cípulos de maneira livre e soberana.
b) O objeto do chamamento é estar com Jesus e participar de sua missão. Não se trata apenas de transmitir uma doutrina. c) Os discípulos não são chamados apenas como indivíduos, mas como colégio, como os "doze❞ .8
que
Os discípulos não se autodenominam apóstolos, pois foram chamados pelo Senhor. Os doze não foram chamados porque possuíam capacidades especiais ou porque eram melhores do os demais discípulos para receber a missão que lhes seria confiada. O Evangelho não indica qualquer qualidade humana ou religiosa e desse razão à escolha. A resposta que se torna clara é aceitarem o chamado e não colocarem condição alguma para seguir Jesus.
que
CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre diocesano, p. 55. ZILLES, U. Os sacramentos da Igreja católica, P. 384.
Jesus critica o sacerdócio ritualista e sem sentido. Isso se torna evidente na parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,25-36). O sacerdote e o levita vão ao templo para seguir a Lei e oferecer os sacrifícios rituais. O samaritano exerce a misericórdia diante de uma vida. A Lei deve estar a serviço da vida, e não o contrário. Em outra ocasião, pede para que os fariseus aprendam que "mi-
sericórdia da Lei, que impede de ver em Jesus o Filho de Deus, levou ao sacrifício da cruz, reconciliando todas as pessoas (cf. Gl 3,28).
eu quero, não sacrificios" (Mt 9,13). A absolutização
Viver como presbitero
O Novo Testamento enfatiza o sacerdócio comum do povo, remetendo à tradição mosaica. O povo de Israel foi constituido um povo de sacerdotes. O próprio Senhor diz a Moisés: "Agora, se realmente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade entre todos os povos; [...] e vós sereis para mim um reino de sacerdotes é uma nação santa" (Ex 19,5-6). Esta é uma aliança horizontal, ou seja, todas as pessoas serão sacerdotes no sentido de levarem a bom termo a Lei do Senhor. Ora, se o povo desejava ser livre - é evidente que desejava-, de- via, obviamente, pôr-se nas mãos da divindade.

Para melhor se conscientizarem disso, pôs por escrito suas principais exigências, erigindo-se como norma suprema de moralidade.' A Aliança concretiza-se desde que o homem faça a sua parte sendo fiel como o Senhor. Deus acolhe seu povo à semelhança de uma mãe que amamenta e dá colo aos seus filhos (cf. Is 66,12-13).
Todo o povo de Deus é também um povo sacerdotal na Nova Aliança. Com Jesus Cristo, a Aliança estende-se além dos muros de Israel. "Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, formai um edifício espiritual, um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo" (1Pd 2,5). Os cristãos são um povo profético, membros do corpo de Deus e fortalecidos com a força do Espírito Santo. Como um povo profético e real, os cristãos buscam dar testemunho da
"SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999, p. 2.
339

vontade de Deus e influenciar o curso dos eventos do mundo, Cada cristão é chamado pelo Senhor a pregar sua Palavra e mani- festar ao mundo o Reino de Deus. Esse é o sacerdócio batismal, são enviados como discípulos de Jesus para serem sal e luz do no qual todos são filhos de Deus! Com o sacramento da crisma,
mundo (cf. Mt 5,13-14).
2. SACRAMENTO DA ORDEM E MAGISTÉRIO DA IGREJA
ou seja,
O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática Lumen Gentium, diferencia o sacerdócio batismal do sacerdócio minis- terial. "Na comunidade dos batizados, há diferenças, diferentes dons do Espírito Santo ou carismas. [...] Em sentido amplo, carisma é o apelo que Deus dirige a cada pessoa para um serviço determinado na comunidade, um apelo que ao mesmo tempo capacita para tal".11 O sacerdócio batismal não exclui o ministerial, mas o pressupõe. Cada pessoa possui um carisma devem ser discernidos à luz do Espírito Santo. e chamado que Ninguém se basta a si mesmo, as pessoas devem formar um só corpo e um só espírito. A pluralidade dos carismas exige unidade e ordem, operadas pelo Espírito Santo: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo" (1 Cor 12,4). O carisma do ministério sacerdotal consiste no governo da comunidade: promove e desen- volve as diversas tarefas e ministérios. Deste modo, o sacerdote exerce o ministério de Cristo, Senhor e cabeça da Igreja. 12
12
Os seminaristas diocesanos, em decorrência da vivência do sa- cerdócio batismal, sentem-se atraídos para o sacerdócio ministerial, buscando viver o chamado do Senhor em suas vidas. É um serviço, e não um status perante a sociedade. É preciso eliminar o cargo como poder e transformá-lo em ministério. Os ministros representam
10 VV. AA. A natureza e missão da Igreja: rumo a uma declaração conjunta. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2009, p. 19.
"ZILLES, U. Os sacramentos da Igreja católica, p. 386.
12 MÜLLER, G. L. Dogmática católica: teoria e prática da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 530.
e simbolizam Cristo, o Deus encarnado no meio da comunidade, e não uma deidade concebida à maneira humana." O sacramento da ordem consiste num sacramento do

serviço e da comunhão," O padre ou sacerdote é aquele que se coloca a serviço da comunidade, seguindo a missão confiada por Cristo aos a O sacerdote é aquele que purifica a pessoa das projeções dos sapóstolos. outros e das ilusões criadas por ela mesma, com as quais encobre sua verdadeira imagem. Ele também purifica a pessoa da culpa que obscurece sua essência. Vê nela a beleza primordial de Deus e não se deixa levar por pré-julgamentos. Descobre indícios de Deus em cada vida humana.15
a sua
As palavras do padre não são meramente as suas palavras ou doutrina. Deveriam ser sempre a doutrina de Cristo, que os enviou. A ação do padre sobre as almas deveria vir de alguma coisa mais do que seu pobre poder humano, para aconselhar e dar con- solação. Embora humanos, os seus atos, pobres e deficientes em si mesmos, devem ser sustentados pela ação sacramental de Jesus Cristo e vivificados pelo trabalho escondido do Espírito Santo. O sacramento que alimenta a vida dos cristãos é a Eucaristia, dom celebrado e ministrado pelo presbítero.
Viver como presbitero
A hierarquia que temos hoje na Igreja, com os ministérios or- denados, refere-se aos escritos do Novo Testamento que falam dos termos episcopos (cf. 1Tm 3,1), presbíteros (cf. Tg 5,14) e diáconos (cf. 1Tm 3,8). As cartas do bispo mártir Inácio de Antioquia, do ano de 107, já falam do bispo, do presbítero e do diácono como graus hierárquicos com poderes bem determinados e inter-relação mútua. Os três graus do sacramento da ordem têm origem na Tradição apostólica e na Sagrada Escritura. Possuem raizes na vontade soteriológica de Cristo e na cooperação do Espírito Santo, que inspira a Igreja.
13 SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo, p. 335.
14 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1536. 15 GRÜN, A. Ordem: vida sacerdotal. São Paulo: Loyola, 2006, p. 14.
16 MERTON, T. Homem algum é uma ilha. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1961, p. 153.
17 BERGER, R. Dicionário de liturgia pastoral. São Paulo: Loyola, 2010, p. 285.

sobretudo,
Na antiga Igreja, o sacerdote não tinha apenas o dever de ministrar a Eucaristia. Devia ministrar todos os sacramentos e, devia anunciar a Palavra de Deus na prédica e instruir os cristãos na doutrina da fé cristá. Cipriano fala da obra sagrada da Palavra, (hierourgein). Portanto, para Cipriano, a divulgação da Boa-nova é empregando para isso a palavra grega que designa "ação sacerdotal uma ação sacerdotal tanto quanto o ministério dos sacramentos, O anúncio da Palavra é uma ação que os sacerdotes realizam para levar os fiéis ao encontro com Deus. Os sacerdotes, pelo sa- cramento da ordem, são imagem viva de Cristo Cabeça e Pastor da Igreja. 19 Na comunidade antiga de Jerusalém, já existiam pessoas que conduziam os cristãos no caminho de Jesus: "E a palavra de Deus crescia. O número dos discípulos multi- plicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável sacerdotes obedecia à fé" (At 6,7).
grupo de
Jesus redimiu os pecados de toda a humanidade ao passar pela paixão-morte-ressurreição. No mistério pascal, Jesus esvazia-se de si mesmo para resgatar a sua glória (cf. Fl 2,6). No

sacramento da ordem, as pessoas também devem esvaziar-se de si próprias para que o Espírito Santo possa agir nelas, da mesma forma que no ministério de Jesus.
No rito de ordenação há a prostração, os candidatos ficam deitados no chão, enquanto toda a comunidade reza. É um sinal da total dedicação a Deus, o reconhecimento da própria impotência e da própria humanidade. Eles serão ordenados não porque mereceram a ordenação sacerdotal, mas porque Deus os chamou em sua fraqueza. 20
Também faz parte do rito de ordenação a unção das mãos nos presbíteros e da cabeça no caso dos bispos. A unção é sempre um sinal de doação espiritual. A unção com o óleo do crisma expressa o desejo de que elas sejam sempre mãos afetuosas, que
18 GRÜN, A. Ordem: vida sacerdotal, p. 26.
1. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação
dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. São Paulo: Loyola, 1992, n. 42.
GRÜN, A. Ordem: vida sacerdotal, p. 32.
O
Viver como presbitero
toquem as pessoas e as aproximem fisicamente do amor de Deus. O sacerdote deve sempre tornar-se o pão que nutre as pessoas. Imitar aquilo que é feito durante a Eucaristia, quer dizer, doar-se com Cristo, estar pronto a colocar a própria existência em jogo pelas pessoas e pelo ministério para o qual Cristo o chamou.21 "O sacramento da ordem é a ação simbólica, na qual a Igreja, por meio do bispo legítimo, confere a um batizado do sexo masculino poder espiritual por intermédio do Espírito Santo, [...] em nome de Cristo, para conduzir a Igreja pela palavra e pela graça de Deus Os presbíteros devem ser assíduos colaboradores dos bispos Eles são chamados a servir o povo de Deus, formando um só presbitério na Igreja particular, nas mais variadas funções que lhes são delegadas. Sob a autoridade do bispo, torna-se visível em todos os lugares a Igreja universal, contribuindo para a edificação do corpo de Cristo (cf. Ef 4,12). O objetivo do ministério e da vida dos padres é a promoção da glória de Deus em Cristo, a qual consiste que os seres humanos acolham consciente e livremente, com gratidão, a obra de Deus realizada em Cristo, e a manifestem em toda a sua vida. Os presbíteros estão no mundo, não são do mundo. As virtudes evan- gélicas da pobreza, castidade e obediência, assumidas na ordenação, prefiguram: as realidades eternas na vida presente, sendo testemunho diante do mundo e do povo de Deus.
Destaca-se também no rito da ordenação a imposição das mãos. A Sagrada Escritura fala que a mão direita do Senhor fez maravilhas, ou seja, quando Deus atuou, em algum momento da história da salvação, em favor de seu povo. "Na liturgia crista, a imposição de mãos é, de modo especial, expressão sacramental da transmissão do Espírito. [...] O ato de impor as mãos possui, ao lado da função de bênção, frequentemente, também o sentido de tomada de posse, da aceitação por Deus".24 Canonicamente, o essencial para a validade
21 MERTON, T. Homem algum é uma ilha, p. 156.
22 CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 8.
33 CONCILIO VATICANO II. Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida sacerdotal. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 2.
24 BERGER, R. Dicionário de Liturgia Pastoral, p. 190-191.

das ordenações são: imposição das mãos do bispo que preside a ordenação e as palavras grifadas na grande oração consecratória,
de acordo com cada um dos três graus." Segue-se que o
candidato
abraça o sacerdócio ministerial; o neopresbítero é aceito no clero
com a comunicação recíproca do abraço da paz.
Ser uma pessoa de relações e de paz faz com que o seminarista diocesano prefigure sua vida de presbítero durante a formação. "Os padres estão sacramentalmente unidos, em íntima fraternidade por causa da ordenação. De modo especial na diocese, em que formam um único presbitério, a serviço do mesmo
bispo".26 Os
seminaristas que convivem no seminário formarão o futuro pres- bitério de sua diocese. As relações de solidariedade, ajuda mútua evidentes quando estiverem em seus diferentes ofícios na Igreja e colaboração com os irmãos na casa de formação tornar-se-áo particular em que estarão inseridos como padres. E a vivência da
diocesaneidade sendo gerada, alimentada e fortalecida.
3. ABERTURA PARA AS ESPIRITUALIDADES E PASTORAIS DA IGREJA
Diante de um mundo cada vez mais plural e desafiador, cabe ao presbítero diocesano em potencial viver e se preparar no seminário para as diversas espiritualidades e pastorais da Igreja na qual está inserido. “Por isso, [...] o ordenando não deve ser ordenado apenas por sua devoção particular, mas para que trabalhe na edificação do Corpo de Cristo, ou seja, para que continue, de algum modo, a missão salvífica de Cristo-Cabeça” 27 A formação de presbíteros sectários é prejudicial à Igreja, que, como mãe, acolhe todos os movimentos e pastorais em suas diferentes espiritualidades.
25 LARA, L. Compêndio de Direito Canônico ao alcance de todos. São Paulo: Fons Sapientiae, 2015, p. 186.
26 CONCILIO VATICANO II. Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida sacerdotal, n. 8.
"HORTAL, J. Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2015, p. 221.
O termo
"espiritualidade" origina-se da palavra grega
pneumatikos, que pode
rito" ou "cheio do espírito".28 Na Bíblia, não há nenhuma teoria ser traduzida por "de acordo com o espi- acerca da espiritualidade, mas acenos e passagens que remetem ao espiritual, de forma particular em Paulo. Encontra-se com frequência o convite a viver como "homens espirituais" (1Cor 2,13; Gl 6,1; Rm 8,9), a viver "na perfeição da santidade, espírito, alma e corpo" (1Ts 5,23).
Dentro do conhecimento teológico, é difícil delimitar uma área de estudo acerca da espiritualidade, pois ela é o lugar de coincidência de várias disciplinas teológicas.?" A espiritualidade não é algo originado de premissas teológicas ou mesmo de expe- rimentos científicos, mas uma síntese criativa e dinâmica entre fé e vida. Na teologia católica, refere-se à ação do Espírito Santo na vida dos fiéis, à vida sobrenatural, a qual consiste na busca da perfeição da vida do cristão. Em outras palavras, designa a vida segundo o Espírito de Deus.30
Viver como presbitero

A reflexão e a vivência acerca da espiritualidade cristã são funda- mentais para se viver o presbiterato enquanto seminarista diocesano. Espiritualidade é uma expressão para designar a totalidade do ser humano enquanto sentido e vitalidade, por isso, espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida." A definição anterior ajuda a compreender o sentido de espiritualidade, pois o senso comum coloca o termo como algo exclusivo de pessoas especiais, santas ou envolvidas com a religião.
elas
Todos têm um espírito que impulsiona suas vidas. O pres- bítero deve ser ponte entre as pessoas, despertando o que têm de melhor. Há espíritos bons e outros não tão bons, bem como pessoas de espiritualidade autêntica ou mesmo inautêntica. Uma pessoa ambiciosa e exploradora, que procura dominar os outros, tem muita espiritualidade, mas de egoísmo, de ambição,
28 GRÜN, A. Espiritualidade e entusiasmo. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 12, grifo do autor.
29 MONDONI, D. Teologia da espiritualidade crista. São Paulo: Loyola, 2000, p. 18.
30 ZILLES, U. Os sacramentos da Igreja católica, p. 421.
31 MÜLLER, M. C. et al. (orgs.). Espiritualidade e qualidade de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 8.
345

idolátrica. Essa última postura soa estranha a todas as pessoas engajadas em pastorais e movimentos, pois entendem a espiri tualidade como o oposto de egoísmo, ambição e idolatria. O cristianismo nasceu plural. Os quatro Evangelhos, suas peculiaridades referentes a cada uma das comunidades, mostram que ser cristão não implica viver de uma única forma.
com
O Espírito suscita movimentos e pastorais de acordo com o tempo e o ambiente em que estão inseridos. O caráter eclesial da espiritualidade cristã faz com que existam diferentes funções e comportamentos, que formam um só corpo, que é a Igreja (cf. 1Cor 12,27). O seminarista diocesano deve cuidar para que não cultive uma espiritualidade cristã somente de fachada. Deve olhar para a Sagrada Escritura e para o magistério, para obter um caminho sólido e não caminhar de forma paralela à Igreja.
É certo que, no Corpo de Cristo, deve ter olhos e pés, mãos e cabeça, e que o olho não pode dizer ao pé que não necessita dele; porém, os olhos que impedem caminhar, as autoridades que impedem ensinar, pastores que confundem a administração com dar a vida às ovelhas, espirituais que fazem os ricos passarem facilmente pelo buraco da agulha, profetas que recusam toda institucionalização e a hierarquia etc.33
que
Os seminaristas diocesanos não devem fazer uma formação particular à proposta pela Igreja nos seminários, pois estarão se- parados do de Cristo, corpo é a Igreja. A unidade é rompida, formando um ministério a serviço de interesses particulares da pessoa, em detrimento de toda a caminhada eclesial. "Um [...] fenômeno preocupante é o fato de vocacionados que chegam aos seminários ou formandos que já estão estudando filosofia ou teologia terem seus profetas' ou 'gurus' pessoais, e, não raras vezes, resistirem à orientação dada por seus formadores e professores".
CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. Espiritualidade da libertação. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 24.

SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo, p. 242-243.
TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018, p. 98.
Essa postura remete ao fechamento para as espiritualidades e pas- torais da Igreja, com fundamento em doutrinas sectárias e forma- ção de fá-clubes particulares. Isso dificulta o diálogo d variadas pastorais, fazendo do presbítero um guru pessoal agindo autonomamente, separado do corpo de Cristo, que é a Igreja.
com as mais
O processo formativo deve, também, formar pessoas capazes de lidar e se comportar com naturalidade e sabedoria diante das diferenças; de usar com liberdade e temperança os bens materiais e as redes sociais digitais; de construir um estilo de vida que teste munhe a opção feita pelo próprio Cristo, que se fez pobre para nos enriquecer (cf. 2Cor 8,9); de não se perder por causa dos desejos de consumismo, do gosto exacerbado por vestes luxuosas e carros de luxo, da dependência da internet e das redes sociais, do apego aos bens materiais."
Viver como presbitere
O seminarista diocesano que quer viver como presbítero desde a formação inicial deve buscar constantemente o conhe- cimento, sobretudo a sabedoria, diante do que a vida eclesial interpela. O presbítero em potencial deve ser sensível à realidade do seu entorno, sendo como o pai e a mãe que acolhem todos os filhos sem distinção. O presbitério não pode enaltecer a si mesmo e transformar as celebrações em eventos ser feito de palco para atrair as pessoas. O presbítero deve se colocar como a voz clama no deserto, anunciando o Messias, à semelhança de João Batista (cf. Mc 1,2-3), como aquele que prepara o caminho para que Cristo possa reinar na vida das pessoas."
para
que
CONSIDERAÇÕES FINAIS
Diante do que a Sagrada Escritura e o magistério ensinam e orientam acerca do sacerdócio, deve-se ler a nova Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis em consonância com as novas realidades
"Ibidem, p. 12-13.
36 CARVALHO, H. R. Estilo profético de vida: de senhores da fé a servidores da alegria. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C. Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018, p. 15.
347

Igreja,
do mundo. O presbítero é chamado por Deus a servir a inserido em sua realidade particular, considerando as pastorais e espiritualidades existentes. O seminarista diocesano não é uma pessoa perfeita, da mesma forma que os discípulos do Senhor, que tinham dúvidas e fraquejavam na fé.
Durante o processo formativo rumo ao sacerdócio ministerial, o seminarista se apresenta como "um mistério para si mesmo, no qual se entrelaçam e coexistem dois aspectos da sua humanidade, a serem integrados reciprocamente: por um lado, ela é caracterizada por dons e riquezas, plasmada pela graça; por outro, é marcada por limites e fragilidades. [...] O

tempo de formação para o sacerdócio ministerial é tempo de prova, de amadurecimento e de discernimento."
O sujeito da formação é o próprio seminarista diocesano que deve avançar para águas mais profundas, da mesma forma que os discípulos obedeceram à voz do Mestre (cf. Lc 5,4). Viver no comodismo e fazer o mínimo que se espera não são atitudes fazem parte e de um seminarista que está vivendo o ministério
que
presbiteral no seminário. O povo amado de Deus espera de seu padre um discípulo-missionário de Jesus Cristo, apaixonado pelo anúncio do Reino de Deus. É fundamental que, no processo formativo, tenha integrado o humano, espiritual, intelectual e pastoral, centrado em Jesus Cristo, Bom Pastor, 38
O presbítero em potencial deve ouvir a Palavra de Deus e proclamá-la com sua vida. É famosa a máxima de São Francisco de Assis: "Evangelize sempre, se necessário com palavras". Há também o aspecto intelectual, compreendendo o magistério e a Tradição da Igreja, para oferecer respostas consistentes num mundo no qual imperam opiniões que nem sempre favorecem a vida em plenitude anunciada por Jesus.
O carisma do Bom Pastor, que acolhe todas as pessoas, diante de várias espiritualidades, movimentos e pastorais que existem
"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 28.
3CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB, 2007, n. 319.
atualmente.
na Igreja, precisa ser um agir constante. O seminarista diocesano, após realizar com seriedade e responsabilidade o pro- cesso formativo, é chamado a cultivar o seu c espírito missionário,
exercendo com humildade a função pastoral de guia dotado de autoridade, mestre da Palavra e ministro dos sacramentos, ao mesmo tempo que pratica uma profunda paternidade espiritual." O viver como presbítero diocesano, desde a formação inicial, requer dos seminaristas diocesanos constante aprofundamento e aprendizado dos ensinamentos deixados por Jesus Cristo. Acima de tudo, requer a vivência, a tradução desses ensinamentos em atitudes concretas. Experenciar a condição de presbítero, desde a formação inicial, é um desafio que requer um constante "sair" de si para que o Cristo Bom Pastor possa agir. A espiritualidade será um sustentáculo, à medida que o sacerdote torna-se bálsamo diante das alegrias e tristezas do povo de Deus.
Inspirado na caridade pastoral do Bom Pastor, o presbítero exercerá o seu ministério no contexto da diocesaneidade,
Viver como presbitero
isto é, amando a diocese com amor esponsal, respeitando o seu bispo, vivendo a fraternidade presbiteral e cuidando do povo de Deus, em sua comunidade paroquial ou em outras frentes a que o bispo e o conselho de presbíteros o enviarem, sendo para todos um sinal do amor visível de Deus, concretizando, dessa maneira, a espiritualidade e a vivência do carisma diocesano.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BERGER, R. Dicionário de liturgia pastoral. São Paulo: Loyola, 2010, p. 285.
BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.
39 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 33.

10 CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020, p. 17.

CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. Espiritualidade do padre
diocesano. São Paulo: Paulus, 2017, p. 53.
CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade,
esponsalidade e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020. CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. Espiritualidade da libertação.
Petrópolis: Vozes, 1993.
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Con- ferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.
Brasília: Edições CNBB, 2007.
CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen
Gentium sobre a Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
. Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida
sacerdotal. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação pres-
biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017.
GRÜN, A. Espiritualidade e entusiasmo. São Paulo: Paulinas, 2008. Ordem: vida sacerdotal. São Paulo: Loyola, 2006 (Coleção Sacramentos).
HORTAL, J. Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico- -pastoral. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2015.
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. São Paulo: Loyola, 1992.
LARA, L. Compêndio de Direito Canônico ao alcance de todos. São Paulo: Fons Sapientiae, 2015.
MERTON, T. Homem algum é uma ilha. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1961.
MONDONI, D. Teologia da espiritualidade crista. São Paulo: Loyola, 2000.
MÜLLER, G. L. Dogmática católica: teoria e prática da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.
MÜLLER, M. C. et al. (orgs.). Espiritualidade e qualidade de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
RATZINGER, J. Santa Missa Pro eligendo romano pontifice. Ho- milia do cardeal Joseph Ratzinger, decano do Colégio Cardinali- cio. 18. abr. 2005. Disponível em:
<http://www.vatican.va/gpl/
documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.htmb..
Acesso em: 3 ago. 2020.
SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999. TOMASI, F. L.M. Ouro testado no fogo: acompanhamento psicoes- piritual entre mistério e seguimento. São Paulo: Paulinas, 2007.
TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C., ZACHARIAS, R. Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018.

VV. AA. A natureza e missão da Igreja: rumo a uma declaração conjunta. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2009. ZILLES, U. Os sacramentos da Igreja católica. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
351

23
A ESPIRITUALIDADE DO SEMINARISTA DIOCESANO
Igor Kawakame Ratlef
INTRODUÇÃO
A fonte e a origem de toda vocação cristã é a encontro pes- soal com Nosso Senhor Jesus Cristo. O apóstolo André ouviu o anuncio de João Batista: "Els o cordeiro de Deus!" (o 1.36). Ouxindo o falan seguiu Jesus. Ao deparar-se com seu irmão Simão Pedro, disse the "Encontramos o Messias" (Jo 1.41). Eo conduzlu ao Senhor que exclamour "Tu és Simão, filho de João, chamar-te-dx Colas", que quer dizer pedra (Jo 1.42).
Esse & portanto, o itinerario do cristão ouvir a voz do Mestre, encontrar-se pessoalmente com ele e segul-lo. Foi assim com os dore apóstolos. E dessa maneira até os dias de hoje, quando muitas crianças, jovens e adultos ouvem a voz do Senhor e, no encontro pessoal, sentem o chamado para unirem-se mais intimamente com ele e o seguirem com confiança. O chamado, o encontro e o seguimento são manifestações do amor de Deus e do ardor de quem se deixa fascinar por ele.
Nos cremos no amor de Deus-deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e desta forma, o rumo decisive. No seu Evangelho, João tinha expressado este acontecimento com as palavras seguintes: 'Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que n'Ele crer [...] tenha a vida eterna' (3,16). Com a
Seminarista diocesano da diocese de Jales-SP
353

354

centralidade do amor, a fé cristã acolheu o núcleo da fé de Israel e. ao mesmo tempo, deu a este núcleo uma nova profundidade
e amplitude."
A partir desse encontro primacial, surge, no coração de cada homem e mulher, uma viva necessidade de conversão, de comu nhão fraterna e, sobretudo, de solidariedade. Emana, da mesma
forma, o ardente desejo de anunciá-lo, de pregar seu Evangelho
e, acima de tudo, testemunhá-lo na vida cotidiana e, assim, levar outras pessoas a terem o mesmo encontro pessoal com o Salvador que liberta, que consagra e que envia. E o encontro numinoso c desvela, que abre os selos do livro da vida e estabelece irresistivel e profundo diálogo de fé.
que
Que diz hoje Jesus Cristo aos homens e mulheres [...], neste mo- mento da sua história? A pergunta não deve ser uma interrogação teórica, e sim concreta, isto é, deve levar a um verdadeiro encontro e a um diálogo na fé. Todos os homens e mulheres [...] são convi- dados a procurar encontrar-se com Cristo, como se encontra um discípulo em busca da verdade com o seu Mestre, um amigo em

busca de amizade com um seu companheiro de caminho."
Esse encontro se dá com Cristo crucificado e ressuscitado. Em sua vida terrena, Jesus viveu uma condição plenamente humana. Sendo Deus, esvaziou-se. Ao encarnar-se, nasceu no singelo pre- sépio de Belém (cf. Lc 2,6-7); na sua infância e juventude, pisou o pó da terra, como todos os outros seres humanos; fez-se o pão da vida, para que a humanidade fizesse memória de sua paixão.
Na cruz e pela cruz, Cristo venceu a morte física e, sobretudo, espiritual. Por sua ressurreição, vive eternamente junto ao Pai e, no tempo, junto à sua Igreja peregrina. Por seu Espírito, é doador de vida: iluminando, guiando, consolando, fortalecendo e salvando a quem se aproxima dele em busca de paz e de bem-aventurança.
BENTO XVI. Carta Encíclica Deus Caritas Est. São Paulo: Paulinas, 2005, n. 1. SINODO DOS BISPOS. Assembleia especial para as Américas: encontro com Jesus Cristo Vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América. São Paulo: Paulinas, 1996, n. 4.
Ibidem, n. 6.
O ser humano é intimamente tocado e atraído pelo Pai, pelo oferecimento de seu Filho Jesus Cristo, que revela o amor divino, de onde saiu para vir ao encontro de cada homem e de cada mu- lher. Renovado pela força santificadora do Espirito Santo, surge do coração da pessoa humana um clamor: "Abba, Pai!" (Gl 4.6): "Trata-se de uma nova criação, onde o amor do Pai, do Filho e do Espirito Santo renova a vida das criaturas
A partir desse encontro pessoal com Jesus Cristo, por mejo do sacramento do batismo, que faz o fiel participar do sacerdócio comum, Horescem na Santa Igreja diversos ministérios que conti- nuam a missão do Nazareno no mundo hodierno. Após profunda oração, Jesus chamou os doze, para que o seguissem, e os cons rituiu apóstolos (cf. Lc 6.13). Ainda hoje, o Senhor se encontra pessoalmente com muitos homens e mulheres, jovens e idosos, e
A espiritualidade d
os chama para o seguimento e os envia para a missio. Cristo Nosso Senhor, para apascentar e aumentar continuamente o povo de Deus, instituiu na Igreja diversos ministérios, para bem de todo o corpo. Com efeito, os ministros que têm o poder sagrado servem os seus irmãos para que todos os que pertencem ao povo de Deus, e por isso possuem a verdadeira dignidade crista, alcancem a salvação, conspirando livre e ordenadamente para o mesmo fim."
A espiritualidade do seminarista diocesano fundamenta-se em Jesus Cristo, o Bom Pastor, modelo da caridade pastoral. O amor incondicional para com a diocese, enquanto território sagrado, ou seja, "terra santa", é uma caracteristica elementar de sua espiritualidade. A relação filial e amorosa para com o bispo é outra dimensão típica da espiritualidade do seminarista dio- cesano, que o preparará para o ministério presbiteral, ao passo que a convivência fraterna e solidária no seminário prefigurará espírito de fraternidade presbiteral que viverá quando tornar-se
O
CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA E DO CARIBE. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB: São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007, n. 241. "CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. In: Compendio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 18.
355

356

Igor Kawakame Ratlef
presbitero diocesano. E, por fim, o zelo pastoral ed respeito para com o povo de Deus da comunidade paroquial, na qual exerce
o seu trabalho pastoral aos fins de semana, configuram a espiri rualidade do seminarista diocesano e, por sua vez, a vivência da diocesancidade. Nisso consiste a essência e o fundamento de sua
espiritualidade e carisma."

1. VOCAÇÃO: UMA ESPIRITUALIDADE DISCERNIDA E ENCARNADA

Dentre os diversos ministérios específicos que o Espírito Santo suscita na vida e na missão da Igreja, destaca-se o sacer- dócio ministerial, inerente ao sacerdócio de Cristo. Na sinagoga de Nazaré, quando Jesus proclamou que "o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar rim ano da graça do Senhor" (Lc 4,18-19), ele apresenta-se como messias e sacerdote, profeta e rei.

Muitos homens, adultos e, principalmente, jovens, sentem em seus corações o toque de Cristo, para configurarem-se mais intimamente a ele, por meio do sacramento da ordem, e serem místico de Cristo, na sociedade hodierna, ada Igreja, corpo presença santificando-a pelo testemunho. Ao ouvirem o chamado interpe- lante do Senhor - "Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz de cada dia e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, esse a salvará" (Lc 9,23-24)- íntimo de seu ser um desejo de despojamento de sua vida para o seguimento a Jesus de Nazaré.

-, sentem no mais.

Estes vocacionados ao ministério ordenado - após longa reflexão, partindo da oração e reflexão da Palavra de Deus - são enviados por suas comunidades eclesiais a se formarem, sendo

CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incar dinação São Paulo: Paulus, 2020, p. 15-16.

a cada dia discipulos que se configuram, paulatinamente, ao
Mestre, nos
seminários, casas de formação
vida consagrada.
ou institutos de

As vocações eclesiais são manifestação das incomensuráveis riquezas de Cristo (Ef 3.8) e, portanto, devem ser tidas em grande conside- ração e cultivadas com grande prontidão e solicitude, de modo a que possam desabrochar e amadurecer. Entre as múltiplas vocações incessantemente suscitadas pelo Espirito Santo no povo de Deus, aquela ao sacerdócio ministerial chama a "participar do sacerdócio hierárquico de Cristo" (OT, n. 2) e unir-se a ele no seu "apascentar a Igreja com a palavra e a graça de Deus (LG, n. 11). Essa vocação se manifesta em várias circunstâncias, em felição às diversas fases da vida humana: nos adolescentes, nos adultos e, como confirma a constante experiência da Igreja, também nas crianças."

Todo o caminho de formação ao ministério ordenado deve ser uma constante e profunda configuração a Cristo, pois "o que está na origem da vocação sacerdotal é um dom da graça divina, que se concretiza também na ordenação sacramental. Desta forma, a união com Cristo, que nasce a partir da oração - silenciosa e prolongada -, é o centro de toda a formação.

A espiritualidade do seminarista

A dinâmica orante constitui o fundamento de todo o processo formativo. É nela que o candidato ao sacerdócio adquire profunda comunhão com Deus, consigo mesmo e com os irmãos. É na oração o seminarista diocesano vai inserir-se no ministério do Cristo Bom Pastor, que clama: "Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas" (Jo 10,14-15).

que

É desta fundamental e indispensável exigência religiosa que parte e se desenrola o processo educativo de uma vida espiritual, entendida como relação e comunicação com Deus. Segundo a revelação e a experiência crista, a formação espiritual possui a inconfundível

* CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 11. Ibidem, n. 34.

357

358

Igor Kawakame Ratle

"essa formação é obra do Espírito e compromete a pessoa na sua originalidade que provém da "novidade" evangélica. Efetivamente totalidade; introduz na comunhão profunda com Jesus Cristo, Bom Pastor; conduz a uma submissão de toda a vida ao Espírito numa atitude filial para com o Pai, e numa ligação fiel à Igreja. A formação espiritual radica na experiência da cruz para poder introduzir, em

profunda comunhão, na totalidade do mistério pascal", 10

Deste modo, a fonte e a origem de toda vocação sacerdo- tal estão em Cristo crucificado e ressuscitado, que, ao aparecer aos seus discípulos, no primeiro dia da semana, diz: "A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio" (Jo 20,21). Este clamor ressoou de modo fundamental nos ouvidos e no coração dos discípulos, que creram na ressurreição e acolhe ram o envio do Senhor. Ainda hoje, este brado do Ressuscitado ecoa na consciência dos vocacionados e os envia.

O centro de toda a formação do presbítero deve ser um encontro pessoal e permanente com a cruz e a ressurreição. O ministério ordenado, portanto, é intimamente envolvido pelo mistério pascal. As palavras da oração consecratória da ordenação presbiteral enaltecem, de forma celebrativa, essa intimidade.

Na plenitude dos tempos, Pai Santo, enviastes ao mundo vosso Filho, Jesus, Apóstolo e Pontífice da nossa fé. Ele, pelo Espírito Santo, a vós se ofereceu na cruz, como hóstia pura, e fez os seus apóstolos, santificados na verdade, participantes de sua missão; e lhes destes colaboradores para anunciar e consumar em todo o tempo a obra da salvação."

O seminarista diocesano é chamado a deixar-se iluminar pela luz de Cristo ressuscitado, principalmente ao interiorizar e celebrar o mistério pascal, anualmente, na Semana Maior; semanalmente, na liturgia dominical, e diariamente, na liturgia das horas. Deste

"JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. Sião Paulo: Paulinas, 1992, n. 45.

"CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRA- MENTOS Pontifical romano. São Paulo: Paulus, 2000, n. 159.

modo, as palavras ditas pelo sacerdote ao acender o círio pascal, na " vigília pascal, fazem todo sentido: "A luz de Cristo que ressuscita res- plandecente dissipe as trevas do nosso coração e da nossa mente","2

designio de
A oração pessoal constitui-se um verdadeiro local de encon- tro íntimo com Deus. Jesus sempre tinha momentos em que se retirava e, "erguendo os olhos ao céu" (Jo 17,1), se colocava diante do Pai, em uma atitude de confiante entrega ao seu amor. Assim, também os que aspiram pelo sacerdócio ministerial são chamados a discernir sua vocação em oração profunda e si- lenciosa, como ensinou Jesus: "Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora ao Pai que esta lá, no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensara" (Mt 6,6).
Num contexto de agitação e ruído como o da nossa sociedade, uma necessária pedagogia para a oração é a educação para o sentido profundamente humano e para o valor religioso do silêncio, qual atmosfera espiritual indispensável para se perceber a presença de Deus e para se deixar conquistar por el.
A espiritualidade do seminarista
Merece igual destaque a importância da oração comunitária. Assim como os discípulos reunidos, no dia de Pentecostes (cf. At 2,1-13), receberam o Espírito Santo que os enviara em missão, também hoje, quando os seminaristas se reúnem, em comunida- de, nos seminários, para meditar a liturgia das horas, participar da Eucaristia e de outros momentos de piedade popular, são igualmente inflamados pelo mesmo Espírito que dá força para a vida comunitária.
Entretanto, para que o formando possa melhor ouvir o cha- mado do Senhor, é essencial que esta oração esteja alicerçada na Sagrada Escritura. O hagiógrafo narra a ação de Deus na história, que leva da escravidão à liberdade, e, também hoje, esta Palavra continua a ser "lâmpada para os meus pés e luz para o meu cami-
CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRA- MENTOS. Missal romano. Tradução portuguesa da segunda edição típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 1992, p. 272.
JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 47.
359

nho" (SI 118,105). Pela leitura, meditação, oração e
contemplação
da Escritura, no silêncio da consciência de cada vocacionado,
ouve-se a voz do Mestre que chama, consagra e envia.
Deve recordar-se que ignorar as Escrituras é ignorar Cristo. No processo de amadurecimento espiritual, um lugar eminente está reservado à relação com a Palavra de Deus, que antes de tornar-se pregação deve ser acolhida profundamente no coração, sobretudo no contexto da "Nova Evangelização", à qual a Igreja hoje é cha- mada. Ela é uma referência contínua para a vida do discipulado e da configuração espiritual a Cristo Bom Pastor. Os seminaristas precisam ser introduzidos gradualmente no conhecimento da Pa- cotidiana e profunda, praticada com fidelidade e diligência, na lavra de Deus, através do método da lectio divina. Uma meditação qual convirja também uma fecunda reciprocidade entre estudo e oração, poderá dirigir-lhes uma abordagem integral seja ao Antigo
seja ao Novo Testamento. 14

Para que o seminarista diocesano deixe-se envolver pelo mistério pascal e configure-se a Jesus Cristo, é essencial que tenha uma vida de profunda comunhão com os sacramentos, que "estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm tam- bém a função de instruir". De modo particular, os aspirantes ao presbiterato devem ter profunda intimidade com a Eucaristia e a reconciliação.

É na celebração da Eucaristia, "fonte e centro de toda a vida crista", que os seminaristas "oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela". 16 A grande maioria dos ambientes de formação tem a graça de proporcionar aos seminaristas a oportu- nidade de celebrar a Eucaristia diariamente; ao participar de forma "plena, consciente e ativa"," atualizam o sacrifício redentor de

"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 103

CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium. In: Com- pendio de Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 59.

CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium, n. 11. "CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium, n. 59.

e

Jesus Cristo e, da mesma forma que o pão e o vinho são oferecidos consagrados a Deus, a vida e o coração dos vocacionados são, igualmente, oferecidos ao Pai e por ele consagrados, numa atitude de sincera configuração a seu Filho Jesus.

Deste modo, ressoam, no mais intimo do ser do que se pre- para ao sacerdócio, as palavras do salmista: "Que poderei retribuir ao Senhor Deus por tudo aquilo que ele fez em meu favor? Elevo o cálice da minha salvação, invocando o nome santo do Senhor" (Sl 115,12-13).

A Eucaristia e a Penitência são dois sacramentos intimamente unidos. Se a Eucaristia torna presente o sacrificio redentor da cruz, perpetuando-o sacramentalmente, isso significa que deriva dela uma contínua exigência de conversão, de resposta pessoal à exor- tação que S. Paulo dirigia aos cristãos de Corinto: "Suplicamo-vos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus" (2Cor 5,20). Se, para além disso, o cristão tem na consciência o peso dum pecado grave, então o itinerário da penitència através do sacramento da Reconciliação torna-se caminho obrigatório para se abeirar e participar plenamente do sacrifício eucarístico.

A espiritualidade do seminarista

Outro pilar importantíssimo para a espiritualidade do semina- rista diocesano é o sacramento da reconciliação, em que se reconhece pecador, necessitado do perdão, e, com grande humildade, entre- ga-se nos braços de Deus; como o pai misericordioso que acolhe o filho que pecara contra o céu e contra ele, perdendo a dignidade, este Pai o recobre com a túnica do acolhimento, impõe-lhe o anel da dignidade e as sandálias do carinho (cf. Lc 15,11-32).

Essa é a pedagogia com que Deus age na vida do penitente que se prostra com reverência diante do confessor, que, por sua vez, atua in persona Christi. É no período de formação que o se- minarista diocesano deve aproximar-se, com grande frequência e adesão, desse sacramento de cura de feridas espirituais. Somente o seminarista que se abre com docilidade à reconciliação será um

18 JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia sobre a Eucaristia e sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003, n. 37.

do
confessor que levará os penitentes ao verdadeiro encontro com Jesus Cristo, rosto visível do Pai que é invisível. O bispo, na oração
consecratória da ordenação presbiteral, exclama:
Cos
Seja ele juntamente conosco fiel dispensador de nossos mistérios, de modo que o povo renasça pela água da regeneração, ganhe nova força do vosso altar, os pecadores sejam reconciliados e enfermos se reanimem. Que ele seja sempre unido a nós, Senhor, para implorar a vossa misericórdia em favor do povo a à ele confiado e em favor de todo o mundo.19
Em se tratando de implorar a misericórdia do Senhor em favor povo a ele confiado, são de suma importância as orações que o pastor é chamado a fazer pelo rebanho, pela Eucaristia, mas também pela oração da liturgia das horas. Nesta oração, a Igreja oferece a Deus um sacrificio de louvor, isto é, o fruto dos lábios glorifica seu nome e santifica os homens. Na oração do ofício divino, que os seminaristas e ministros ordenados meditam, é "verdadeiramente a voz da Esposa que fala com o Esposo ou, melhor, é a oração que Cristo, unido ao seu corpo, eleva ao Pai".20 A meditação das horas canónicas não deve ser mera leitura ou repetição de fórmulas preestabelecidas, mas verdadeiro mergulhar no mistério de Deus, que se revela na oração que a Igreja propõe.
Na vida de oração de um presbítero, não deve faltar a liturgia das horas, que representa uma verdadeira e própria "escola de oração" também para os seminaristas, os quais, aproximando-se gradual- mente da oração da Igreja, através do ofício divino, aprendam a apreciar a sua riqueza e beleza.21
Há ainda outra dimensão da vida do seminarista diocesano de hoje, que amanhã se tornará presbítero, que se funde pro- fundamente com a espiritualidade: o celibato. Toda a vida de
"CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRA- MENTOS. Pontifical romano, n. 159.
* CONCILIO VATICANO II. Constituição dogmática Sacrosanctum Concilium, n. 84.
"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamen- talis Institutionis Sacerdotalis, n. 105.
seminário deve ser uma preparação, também afetiva e sexual, para a vida ministerial. Já no rito da ordenação diaconal, o bispo interroga o ordinando, também sobre este propósito: "Em sinal de teu coração consagrado a Cristo Senhor, queres guardar para sempre o celibato por amor do Reino dos Céus, a serviço de Deus e da humanidade?" "
A castidade é um conselho evangélico que faz com que o Vocacionado viva sua afetividade na lógica do dom. Segundo a Pastores Dabo Vobis, o futuro sacerdote precisa "conhecer, estimar, amar e viver o celibato na sua verdadeira natureza com implicações evangélicas, espirituais e pastorais".23
Para que a escolha do celibato seja realmente livre, é necessário que os seminaristas possam compreender, à luz da fé, a força evan- gélica de tal dom. [...] Seria gravemente imprudente admitir ao sacramento da Ordem um seminarista que não tenha amadurecido uma afetividade serena e livre, fiel à castidade celibatária, através do exercício das virtudes humanas e sacerdotais, entendidas como abertura à ação da graça, e não como mera virtude voluntaristica relativa à continência.
A espiritualidade do seminarista-

Por fim, não deve faltar na espiritualidade do seminarista diocesano a devoção filial à Virgem Maria, que tudo conservava e guardava em seu coração (cf. Lc 2,19). Sua docilidade ao designio divino deve ser um exemplo de configuração a Cristo. Tal devoção deve ser marcada, sobretudo, com a oração do terço.

2. MISSÃO: DISCIPULOS DO BOM PASTOR

Todas essas formas de espiritualidade que levam ao encontro pessoal com Jesus Cristo, as quais o seminarista diocesano é cha- mado a viver permanentemente, só têm sentido se postas a serviço

22 CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRA- MENTOS. Pontifical romano, n. 228.

25 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis, n. 50.

"CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 110.

do povo santo de Deus. A espiritualidade que estes são chamados a assumir não pode confundir-se com um espiritualismo intimista que não leva a uma verdadeira acolhida da revelação de Deus. E de grande importância que, durante os anos de formação pastorais nas comunidades eclesiais. Tal contato com o povo de nos seminários, os seminaristas diocesanos façam experiências Deus servirá como verdadeiro locus theologicus, a fim de que os estudos de filosofia e teologia não sejam usados como ortodoxia previamente estabelecida, mas sim como uma fonte criadora de ideias. Uma ação pastoral que realmente forme os seminaristas segundo o critério do Reino de Deus é aquela em que há uma articulação dialética entre a ação e a reflexão.

A espiritualidade dos seminaristas e propedeutas deve estar in- timamente associada à vida pastoral, de modo que manifeste, desde o processo formativo, o que é fundamental no ministério presbiteral: a caridade de Cristo. O Diretório para o Ministério c a Vida dos Presbíteros, da Congregação para o Clero, assim o diz: "A atividade ministerial deve ser uma manifestação da caridade de Cristo, da qual o presbítero saberá exprimir atitudes e comporta- mentos, até a doação total de si em beneficio do rebanho que lhe foi confiado". Sua atividade pastoral "deve ser particularmente próxima aos sofredores, aos pequenos, às crianças, às pessoas em dificuldade, aos marginalizados e aos pobres, levando a todos o amor e a misericórdia do Bom Pastor", 25

Em uma experiência pastoral bem edificada, os pensamentos, sentimentos, palavras e atos dos vocacionados ao presbitério dioce- sano vão, paulatinamente, se configurando à pessoa de Cristo Bom Pastor, que "dá a vida por suas ovelhas" (Jo 10,11). Em comunhão com a missão da Igreja, no que se refere à formação dos novos pa- dres, a diocese de Jales, estado de São Paulo, elaborou seu "Projeto de Acompanhamento Pastoral dos Seminaristas", no qual propóc objetivos pontuais que os levam a uma verdadeira práxis pastoral:

"ANDRIETTA, R. Final de semana de espiritualidade dos seminaristas e propedeutas da diocese de Jales. Jales, 2018, n. 7 (Apostila).

Proporcionar aos seminaristas a interação entre a teoria das disciplinas teológicas e a verdadeira prática pastoral na vida das comunidades: - Favorecer o crescimento do compromisso pessoal e assumirem as responsabilidades como futuros pastores do rebanho de Deus e ajudá-los na prática da caridade pastoral;
Possibilitar aos seminaristas uma comunhão de vida com a co- munidade dos fiéis e com o presbiterio,
- Contribuir para que a formação pastoral não se reduza a uma série de atividades desconexas, mas que possam desenvolver or- ganicamente suas experiências pastorais através do engajamento prolongado na comunidade, da qual deverá conhecer a história e respeitar a caminhada.26
povo
espiritualidade do seminarista
A espiritualidade do seminarista diocesano - que é cha- mado por Deus do meio de um determinado povo, que se reúne em comunidade eclesial, para uma especial consagração na intimidade divina e posto de volta no meio deste para ser sinal sacramental de sua presença - só tem sentido se estiver em profunda comunhão com a diocese no qual será, juridicamente, incardinado. O seminarista será constituído presbítero em favor de um determinado povo. Eis a definição do Código de Direito Canônico:
A diocese é uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do bispo com a cooperação do presbitério, de tal modo que, unindo-se ela a seu pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante na Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica."
Em se tratando da espiritualidade diocesana, outra dimensão que não pode estar ausente, desde os inicios da formação pres- biteral, é a diocesaneidade. Esse vocábulo é novo na linguagem
26 DIOCESE DE JALES. Projeto de acompanhamento pastoral dos seminaristas da diocese de Jales. Jales, 2019, p. 1 (Apostila).
"CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave-Maria, Paulus: Petrópolis: Vozes, 2011, n. 369.

teológico-eclesial, porém é uma questão da vida diocesana que é a inserção do padre diocesano na sua diocese. A diocese, o bispo tem de ser discutida, aprofundada e vivenciada. Diocesaneidade diocesano, a comunhão presbiteral e o povo de Deus são os quatro elementos constitutivos do que chamamos de diocesaneidade,28 Urge, portanto, a necessidade de, desde o período de formação inicial, os aspirantes ao presbiterado criarem essa comunhão com a diocese, com o bispo, os padres e o povo de Deus, pois nisso consiste o carisma diocesano. Essa proposta foi acolhida diocese de Jales, quando propôs o objetivo geral do Projeto de pela acompanhamento pastoral dos seminaristas:
Formar verdadeiros pastores do rebanho de Deus, segundo o exem- plo de Nosso Senhor Jesus Cristo, devidamente preparados para exercerem o ministério do serviço ao povo que Deus lhes confiar, tendo presente que são chamados ao ministério da comunhão com Cristo Bom Pastor, com a Igreja particular de Jales e com a vida de nossas comunidades e paróquias.29
CONSIDERAÇÕES FINAIS
que

A espiritualidade do seminarista diocesano tem como identida- de o encontro pessoal com Jesus Cristo, Bom Pastor, conhece suas ovelhas, e elas o conhecem (cf. Jo 10,14); desse encontro provêm o discipulado e a configuração. Sua vocação é ter uma espi- ritualidade encarnada na realidade do povo de Deus, marcada pela participação no mistério pascal por meio da oração, reflexão sobre a Sagrada Escritura, oração da liturgia das horas e vida eucarística. Deve conformar-se, desde cedo, com o amor e o respeito pela dio- cese, o carinho para com o bispo, a fraternidade entre os irmãos do seminário e a doação incondicional ao povo de Deus, onde exerce o seu trabalho pastoral nos fins de semana.
"CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e in- cardinação, p. 16.
"DIOCESE DE JALES. Projeto de acompanhamento pastoral dos seminaristas da diocese de Jales, p. 1.
Esse caminho de diocesaneidade fortalecerá sua doação total ao Reino de Deus, por meio da caridade pastoral, e sua missão será marcada por uma dedicação samaritana na qual o pastor possa sentir o cheiro das ovelhas. Com Maria, a Mãe do Bom Pastor, possa o seminarista diocesano reafirmar o seu "sim" ao chantado do Senhor. No discipulado e na configuração a Cristo, é preciso deixar-se conduzir pela vontade do Filho: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5), para que a sua alegria esteja em nós e nossa felicidade seja plena (Jo 15,11).
Vamos encerrar este capítulo com a mesma oração elaborada nos livros Espiritualidade do padre diocesano e Diocesaneidade, esponsalidade e incardinação", cujo texto é de autoria de um dos organizadores deste livro:
A espiritualidade do seminarista
Deus, Pai querido, renovamos, em Jesus Cristo, Bom Pastor, Sumo e Eterno Sacerdote, pela graça do Espírito Santo, o propósito de fazer de nossas comunidades paroquiais casa que alegremente acolhe, ama, evangeliza e transforma a vida de tantos irmãos e irmás. Renovamos também o compromisso de fidelidade, respeito, participação e comunhão com a diocese, o bispo, o presbitério e o povo de Deus que o Senhor nos destinou na comunidade paroquial, a fim de que possamos construir, desde já, "um novo céu e uma nova terra, em que Deus será tudo em todos". Renovamos ainda nossa diocesaneidade, a exemplo de Maria, discípula e missionária, nossa Mãe Aparecida, que fez de sua vida total e radical entrega ao exemplo dela, possamos viver para proclamar as "maravilhas plano de Deus. A que Deus realizou em cada um de nós, amar com a ternura de Jesus Cristo" e testemunhar a alegria de promover e enaltecer a diocesaneidade em todas as circunstâncias e realidades, hoje e sempre. Amém.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ANDRIETTA, R. Final de semana de espiritualidade dos semina- ristas e propedeutas da diocese de Jales. Jales, 2018, n. 7 (Apostila).

Igor Kawakame Ratlef
BENTO XVI. Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre
cristão. São Paulo: Paulus, 2005.
o amor
CARVALHO, H. R.; LORENZ, F. A espiritualidade do padre
diocesano. São Paulo: Paulus, 2017.

CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020.
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, Paulinas,
Ave-Maria, Paulus; Petrópolis: Vozes, 2000.
CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO. Tradução CNBB. São
Paulo: Loyola, 1983.
CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. In: Compendio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 1-160.
Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium. In: Compendio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 521-750.
CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA E DO CARIBE. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017.
CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCI- PLINA DOS SACRAMENTOS. Missal Romano. São Paulo: Paulus, 1992.
Pontifical Romano. São Paulo: Paulus, 2000.
DIOCESE DE JALES. Projeto de Acompanhamento Pastoral dos Seminaristas da Diocese de Jales. Jales, 2019 (Apostila). JOAO PAULO II. Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia sobre a Eucaristia e a sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003.
Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis. São Paulo: Paulinas, 1992.
SÍNODO DOS BISPOS. Assembleia especial para as Américas: encontro com Jesus Cristo Vivo. São Paulo: Paulinas, 1996.

24

A PRESENÇA DAS MULHERES NO PROCESSO FORMATIVO DOS SEMINARISTAS DIOCESANOS

A presença das mulheres

INTRODUÇÃO

Suzana Coutinho1

Este capítulo é fruto da minha experiência na participação em momentos de formação de futuros presbíteros, do que é apresentado pela Palavra de Deus sobre a presença feminina na comunidade de fé e do magistério da Igreja.

Como catequista, atuando junto às comunidades e pastorais, convivi com muitos seminaristas diocesanos durante a realização de seus estágios pastorais. Depois, como secretária de pastoral da arquidiocese de Pouso Alegre, o contato se estabelecia, principal- mente, na organização de atividades. Em seguida, como professora do Instituto Teológico Interdiocesano São José, convivi com os seminaristas das três dioceses que formam a província eclesiás- tica de Pouso Alegre (Pouso Alegre, Campanha e Guaxupé) e de algumas comunidades e instituições religiosas. Do Instituto, nasceu a Faculdade Católica de Pouso Alegre, onde continuei como professora. Também atuei junto aos Seminários São José, da diocese de Campanha, nas turmas do propedêutico e do curso livre de Filosofia, e Nossa Senhora Auxiliadora, no propedêutico da arquidiocese de Pouso Alegre.

e

Nessas experiências, encontrei outras mulheres, leigas consagradas, e compartilhamos o desafio de atuar no ambiente

É mestra em Educação (Unisal), formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Univás), lato sensu em Comunicação Social Teoria e Prática (USF-Sepac). Professora na Universidade do Vale do Sapucaí (Univás). Integrante da equipe da revista Ecoando (Paulus).
371
1814
35

372
Suzana Coutinho
de formação presbiteral. Outras mulheres participam no processo formativo como psicólogas que acompanham, de forma diferente dos professores, o desenvolvimento dos seminaristas diocesanos. Não se pode esquecer que, até em maior número e com presença mais significativa, em termos de tempo de convivência, encontram-se mulheres nos serviços administrativos (secretaria, recepção, biblioteca) e nas cozinhas e na manutenção dos semi- nários. Há ainda o convívio com as "madrinhas" de oração, com as integrantes das pastorais e movimentos e as comunidades.
Cada
grupo
coordenadoras de
o dessas mulheres revela os limites e as possibili- dades dessa convivência: algumas vezes, mais próxima e afetiva, num sentido saudável e maduro, o que leva à partilha das dores e angústias, das alegrias e esperanças da vida seminarística e crista; outras, mais formal e técnica, numa postura que chamaria de "interações formais", quando as relações são baseadas nas partilhas básicas entre os sujeitos; ou, ainda, numa relação que pode parecer
maternal, de cuidado ou de amizade.2
No entanto, dificilmente se poderá dizer que o processo de formação dos seminaristas diocesanos não conta com a pre-
essa presença
sença feminina. O que se pode é problematizar e as relações que são construídas - ou as não construídas. Há de se observar o que está mais presente nessas relações: a cooperação ou a subordinação, o clericalismo ou a sinodalidade, o afeto ou a indiferença, a humanização ou a objetificação. E o que se deseja, de fato, aprofundar durante essa formação, considerando os papéis do futuro presbítero na Igreja? Trata- -se de um olhar antropológico, mas também eclesiológico e pastoral, definido pelo projeto de formação e pelas escolhas e condução desse projeto pela equipe de formação. Ao olhar para a Palavra de Deus e para o magistério da Igreja, podemos encontrar linhas inspiradoras, que revelam as possibilidades e os limites dessa presença.
2 MORAN, J. M. Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 43.
1. A PRESENÇA DO FEMININO:
UM OLHAR A PARTIR DA PALAVRA DE DEUS E DO MAGISTÉRIO DA IGREJA
A narrativa da criação da humanidade, em Gênesis, é o fundamento para a antropologia cristá em que se le e se observa
e
que homem e mulher foram criados por Deus à sua imagem semelhança, levando o magistério da Igreja a declarar a igual dignidade dos dois.' Na história da salvação, muitas

mulheres foram apresentadas como fundamentais na caminhada do povo de Deus. No Antigo Testamento, figuras como Sará, Rebeca, Lia Raquel (cf. Gn 17; 21; 24; 29) estão na formação inicial desse uma, com sua personalidade distinta, com erros e
e
povo. Cada acertos - o que não difere da presença masculina nessa mesma história -, vai educando os patriarcas. A mãe e a irmá de Moisés, assim como a filha do faraó (cf. Ex 2), são responsáveis diretas pela realização de sua missão. Miriam (cf. Ex 15,20), inclusive, acompanha em busca da terra prometida. A juíza Débora, embaixo de uma árvore, é responsável pela formação de um comandante, escolhido por Javé, mas envolto em seus medos e dúvidas (cf. Jz 4,1-10). Judite sai de seu tempo de viúva para dar
O
ao povo a segurança que necessitava para seguir em frente (cf. Jt8). Ruth segue as orientações de sua sogra, para integrar a árvore genealógica do Messias (cf. Rt 2).
A presença das mulheres
No Novo Testamento, quem recebe a notícia e a responsabi- lidade de educar o Messias é uma jovem mulher da Galileia (cf. Lc 1,26-38). Segundo a tradição judaica, a mãe e a avó de Jesus eram as primeiras responsáveis por sua educação religiosa. É para Maria Madalena que o Cristo ressuscitado se revela primeiro, e é ela quem comunica a alegria da ressurreição, o centro da fé cristã, aos apóstolos (cf. Mc 16,9-11). Nas comunidades cristas, principalmente com o apóstolo Paulo, as mulheres têm papel fundamental no anúncio do Evangelho e na iniciação cristã de
3 JOÃO PAULO II. Carta Apostólica Mulieris Dignitatem: a dignidade e a vocação da mulher. São Paulo: Paulinas, 1988, n. 8.
373

374
Suzana Coutinho
Lídia era a coordenadora de uma comunidade, formada a partir de muitos, como. Priscila, em relação a Apolo (cf. At 18,24-26). sua casa (cf. At 16,11-15.40). Júnia e o marido são considerados
apóstolos por Paulo (cf. Rm 16,7).
- se afirmar
É importante ressaltar que, neste período, as mulheres não podiam participar da vida pública, porém, tinham influência em casa. Pode- para que as mulheres participassem com empenho e dedicação da r que a criação das "igrejas domésticas" muito colaborou Igreja nascente São várias as mulheres que ofereciam suas casas para que os primeiros cristãos pudessem se reunir para escutar a Palavra e celebrar a Fração do Pão. Alguns exemplos: Priscila (cf. Rm 16,50), Apia (cf. Fm 2), Lídia (cf. At 16,15), Ninfa (cf. Cl 4,15) e Júlia (cf. Rm 16,15). Essas e outras informações conta que as mulheres tinham papel preponderante na vida, na organização e na liturgia das primeiras comunidades.
nos dão
Ainda nas comunidades da Patrística, muitas mulheres contribuíram diretamente para a formação dos cristãos, como evangelizadoras, catequistas e diaconisas. São João Crisóstomo escreve à diaconisa Olímpia e suas companheiras diversas cartas, para animá-las durante o martírio, ao exercerem a missão evan- gelizadora na comunidade cristã em Constantinopla. Quantos cristãos, orientados por essas mulheres, não se tornaram presbí- teros, epíscopos e até papas?"

Embora o papel das mulheres tenha sido diminuído na liderança da Igreja em tempos posteriores, elas sempre estiveram na base do cristianismo. Mulheres comuns, rainhas, religiosas, intelectuais, artistas, educadoras e mestras. Elevadas ao título de santas e até doutoras da Igreja, guiam a vida cristã até hoje com seu exemplo e seus escritos. Teresa de Ávila reconstruiu a base da vida monástica; Clara de Assis encorajou Francisco a seguir sua voca- ção e missão; Luiza de Marillac deu novo impulso ao trabalho de
CARVALHO, H. R. Liturgia: elementos básicos para a formação de catequistas. São Paulo: Paulus, 2018, p. 36.
* SÃO JOÃO CRISOSTOMO. Da incompreensibilidade de Deus. Da providência de Deus Cartas a Olimpia. Patristica. São Paulo: Paulus, p. 199.
caridade de Vicente de Paulo. Sobre elas, o papa Francisco escreve: "E precisamente em periodos nos quais as mulheres estiveram mais excluídas, o Espirito Santo suscitou santas, cujo fascínio provocou novos dinamismos espirituais e reformas importantes na
Igreja.
No Concilio Vaticano II, estavam presentes, ajudando nos trabalhos internos, nas reflexões e nas propostas para a renovação da Igreja, embora pouco se fale dessa presença. Sabemos da parti- cipação de muitas mulheres na produção dos documentos da cate- quese no Brasil, por exemplo, mas, da mesma forma, esses nomes quase nunca aparecem. Mas estão lá, em seu corpo feminino, em suas experiências comunitárias de fé, no zelo pela formação cristá tanto de leigos e leigas como também dos presbíteros
A presença das mulheres
Nos últimos anos, tem crescido também o papel das mulheres no campo da teologia, assim como já vinha em crescente o papel delas no campo da filosofia. Muitas teólogas têm ajudado a pensar a fé, a lhe dar um corpo sistematizado, racional. Elas já estavam presentes na Patrística, foram "esquecidas" na Idade Média e, por longo tempo, na Modernidade. Mas retomam sua missão junto à fé crista na contemporaneidade. Estão nas associações, sociedades e grupos de reflexão e pesquisa teológica de diversas denominações cristãs e em trabalhos ecumênicos. No Sinodo para a Amazónia, por exemplo, era visível o número considerável de mulheres nas diversas comissões.
São João Paulo II foi o primeiro papa a escolher e nomear mu- lheres para o Comitê Teológico Internacional, órgão de assessoria do Vaticano, sendo uma religiosa e outra leiga (Sara Butler e Barbara Hallensleben, respectivamente). O papa Francisco aumentou essa participação feminina no Comitê, em 2014, nomeando quatro teólogas, duas religiosas e duas leigas: Ir. Prudence Allen, Ir. Alenka Arko, Moira Mary McQueen e Marianne Schlosser. A Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, a Soter, organização brasileira, no momento da preparação deste artigo, contava, em seu corpo de conselheiros, com seis mulheres, num total de doze integrantes.
"FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exultate sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2018, n. 12.

375

Muitos dos escritos elaborados por essas
mulheres, tanto
na teologia como na filosofia e em outras áreas acessadas para a formação dos futuros presbíteros (psicologia, antropologia, peda- gogia, sociologia etc.), ou com a contribuição

delas, são estudados nos seminários, ainda em menor número que os dos homens, principalmente na teologia, deve-se dizer. Mas já estão lá, nas obras das bibliotecas, nas salas de aula, nos trabalhos de pesquisa, na orientação à vida cristãá dos jovens seminaristas diocesanos.

Do outro lado da cadeira, para que cheguem à missão filosó- fica e teológica mais mulheres e, entre elas, mais leigas, buscam os estudos nessas duas áreas, compondo o corpo discente das faculda- des de filosofia e teologia. Portanto, tornam-se colegas dos futuros presbíteros, participando da caminhada na dimensão intelectual, mas, também, por certo, nas dimensões humano-afetiva, social e espiritual. Nas dimensões comunitária e missionária, basta lembrar e elas são a maioria nas comunidades eclesiais e na vida religiosa, muito se consagra à missão. Nas atividades pastorais e missio- nárias, por certo, estão em relação com os futuros presbíteros.

que

que

Os documentos da Igreja voltados à formação presbiteral falam pouco da participação de mulheres nesse processo. Na Exor- tação Apostólica Pastores Dabo Vobis, São João Paulo II ressalta a participação das mulheres na formação dos seminaristas. O papa recorda a exortação Christifideles Laici e a Carta Apostólica Mulieris Dignitatem, para ressaltar e valorizar a espiritualidade laical e o "ca- risma da feminilidade em todo e qualquer itinerário educativo".? Conclui que "é oportuno incluir, de forma prudente e adaptada aos vários contextos culturais, a colaboração de leigos, homens e mulheres, no trabalho formativo dos futuros sacerdotes". Em especial, deste trecho, salienta-se a colaboração de mulheres leigas no trabalho formativo, o que amplia a participação das mulheres no ambiente seminarístico, não só como zeladoras e cuidadoras - entendendo que essas funções também se somam à formação. Aqui, enfatiza-se essa participação no trabalho formativo.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 66.

A presença das mulheres

O Documento de Aparecida não trata da presença feminina na formação dos seminaristas, mas traz uma reflexão, a partir da an- tropologia crista, sobre o papel da mulher na Igreja. Ressalta a igual identidade entre homem e mulher, como imagem e semelhança de Deus, e a convivência numa comunidade de iguais na diferença. Segue enfatizando que a "relação entre a mulher e o homem é de reciprocidade e colaboração mútua, sendo corresponsáveis pelo presente e futuro da sociedade humana"? Nas propostas pasto- rais, fala da necessidade de impulsionar a organização pastoral. promovendo o mais amplo protagonismo das mulheres. É de maior interesse, neste artigo, destacar o trecho: "Garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, como também nas instâncias de planejamento e decisão pastorais, valorizando sua contribuição"."

Na Ratio Fundamentalis Institucionis Sacerdotalis, destaca-se a participação de professores leigos. Quer-se entender aquí que o termo "leigo" agrupa tanto homens como mulheres. Para sua atuação na formação nos semi- nários, é necessário que apresentem preparação adequada para o exercício intelectual a que se propõem e aceitem fazê-lo de acordo com o magistério da Igreja, em consonância com o seu ensina- mento." Assim, fundamenta-se a participação ativa de mulheres leigas também na formação presbiteral nos seminários.

Nas Recomendações pastorais da Assembleia Plenária da Ponti- ficia Comissão para a América Latina, intitulada A formação sacer- dotal nos seminários, de fevereiro de 2009, há pouca menção sobre as mulheres nesse processo. Mas o documento enfatiza a urgência de

"educar os candidatos ao sacerdócio para uma afetividade ma- dura que lhes consinta estabelecer relações humanas equilibradas
* CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Epis copado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasilia Edições CNBB, 2007, n. 451.
9 Ibidem, n. 452. 10 Ibidem, n. 458.
11 Idem.
12 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dam da vocação presbiteral: Ratio Fundamentals Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 125, 143 e 150.
13 Ibidem, n. 144.
377

e lograr contatos de cooperaテアテ」o apostテウlica com as mulheres, em consonテ「ncia com a opテアテ」o pelo celibato e pelo Reino dos Cテゥus". Destaca-se, aqui, o termo "cooperaテアテ」o apostテウlica",
incluindo
as
mulheres como protagonistas de atividades pastorais e buscando nテ」o enfatizar o clericalismo nas relaテアテオes entre presbテュteros e lei. gos, mais precisamente com as leigas. No entanto, o documento mostra preocupaテアテ」o com a formaテアテ」o afetiva, importante, sem. dテコvida, mas, neste sentido, reduz ao campo da preparaテアテ」o para essas relaテアテオes e nテ」o aponta para a participaテアテ」o ativa das mulheres nas diversas dimensテオes da formaテアテ」o, inclusive a intelectual, que テゥ mais comum encontrar nas experiテエncias dos seminaristas diocesanos, seja dentro dos prテウprios seminテ。rios, seja na formaテアテ」o intelectual em instituiテアテオes como universidades e faculdades, onde a presenテアa das mulheres se faz tanto na docテエncia como no corpo
discente, seja como religiosas, seja como leigas.
Em 2016, o Relatテウrio final do Sテュnodo dos Bispos sobre a fa- mテュlia, intitulado A vocaテアテ」o e a missテ」o da famテュlia na Igreja e no mundo contemporテ「neo, destacou a presenテアa feminina na formaテアテ」o sacerdotal, na dimensテ」o da variedade e complementaridade das vocaテアテオes na Igreja.15 テ・bom recordar que o texto tem como foco a famテュlia. O tema foi retomado pelo papa Francisco na exortaテアテ」o Amoris Laetitia.16
Tambテゥm em 2016, a Congregaテアテ」o para o Clero publicou a Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis - O dom da voca- テアテ」o presbiteral. Esse テゥ o documento mais atual sobre a formaテアテ」o seminarテュstica. Trata da formaテアテ」o para a relaテアテ」o madura entre homens e mulheres e do papel destas na formaテアテ」o familiar e co- munitテ。ria do candidato ao ministテゥrio presbiteral," mencionando
"RECOMENDAテ・髭S Pastorais da Assembleia Plenテ。ria da Pontifテュcia Comissテ」o para a Amテゥrica Latina. A formaテアテ」o sacerdotal nos seminテ。rios. 2009, n. 6. "Sテ康ODO DOS BISPOS. A vocaテアテ」o e a missテ」o da famテュlia na Igreja e no mundo con- temporテ。neo. Relatテウrio final do Sテュnodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2016, n. 61.
FRANCISCO. Exortaテアテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na familia. Brasilia: Ediテアテオes CNBB, 2016, n. 203.
"CONGREGAテ・グ PARA O CLERO. O dom da vocaテアテ」o presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, n. 95.

mulheres
tambテゥm a possibilidade de consulta avaliativa dos seminaristas テs com quem convivam. No documento, a presenテアa da mulher no percurso formativo do seminテ。rio engloba a formaテアテ」o intelectual, pastoral, familiar e comunitテ。ria e recorda que as mulheres sテ」o maioria "entre os destinatテ。rios e os colaboradores da aテアテ」o pastoral do sacerdore".19 Portanto, o documento segue a tradiテアテ」o de Joテ」o Paulo II, principalmente da Pastores Dabo Vobis. mas nテ」o aprofunda o papel das mulheres nessa missテ」o. O cardeal Marc Ouellet comenta esse nテ」o aprofundamento. Dizcardeal, prefeito para a Congregaテアテ」o para os Bispos, que o texto, em sua visテ」o, precisa de mais aberturas e desenvolvimentos. Para ele, a Igreja catテゥlica estテ。 ainda em uma concepテアテ」o clerical de formaテアテ」o, mas que se esforテアa para progredir, no entanto, "permanecendo na continuidade do que foi feito". Diz, ainda, que acredita faltar muito no que se refere テ integraテアテ」o das mulheres na formaテアテ」o."

No Brasil, a recepテアテ」o da Ratio gerou o documento Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil. Nas diretrizes, ecoam as orientaテアテオes da Pastores Dabo Vobis, sobre a presenテアa de cristテ」os leigos e leigas no itinerテ。rio formativo nos espaテアos de formaテアテ」o seminarテュstica.22

2. A PRESENテ② FEMININA:
MINISTテ噓IOS E SINODALIDADE

A presenテアa das mulheres

Em geral, os documentos consultados para a realizaテアテ」o deste capテュtulo, sobre a presenテアa feminina no processo de formaテアテ」o dos seminaristas diocesanos, apresentam alguns aspectos positivos da presenテアa da mulher no itinerテ。rio formativo do futuro presbテュtero:

18 Ibidem, n. 205 19 Ibidem, n. 151.

20 Entrevista, em 25 de abril de 2020, ao caderno do L'Osservatore Romano, "Mulher, Igreja, Mundo". Disponテュvel em: <https://www.osservatoreromano.va/it/news/2020-0-4/per-formare-i-preti-servono-piu-donne.html>.

21 A traduテアテ」o do italiano para o portuguテエs da entrevista do cardeal Marc Ouellet, divulgada no link: <https://www.osservatoreromano.va/it/news/2020-04/per-formare-i-preti--servono-piu-donne.html>, foi feita pela aurora deste artigo.

22 CNBB. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbテュteros da Igreja no Brasil. Brasilia: Ediテアテオes CNBB, 2019, n. 153.

a) o contato dos futuros padres com a
diversidade
presente
nas comunidades cristas: b) a construção de relacionamentos saudáveis e maduros com pessoas de outro sexo:
c) o contributo da "feminilidade", entendendo a expressio como um conjunto de caracteristicas que seriam proprias das mulheres, como o cuidado, a expressão afetiva mais livre e aberta etc., que seriam pontos também a serem tra- balhados na dimensão da ação pastoral:
d) a colaboração na formação intelectual, como (educadoras):
professoras

na equipe de
e) a integração da visão feminina na equipe de formação, para a observação e acompanhamento do vocacionado. O cardeal Ouellet, na entrevista anteriormente citada, ao ser questionado sobre qual seria o contributo das mulheres na formação dos futuros presbíteros, indica desde o ensino (teoló gico, filosófico e de espiritualidade) à integração formadores, especialmente no discernimento de vocações. Cita o acompanhamento espiritual, porém destaca que considera melhor que essa função seja exercida por um presbítero, já que se trata de acompanhar um candidato ao sacerdócio. Mas salienta que a mulher "pode acompanhar a formação humana, aspecto que, na minha opinião, não é suficientemente desenvolvido em seminários. É necessário avaliar o grau de liberdade dos candi- datos, sua capacidade de ser coerente, estabelecer seu plano de vida e, também, sua identidade psicossocial e psicossexual".23
Parece-nos, também, que há uma necessidade de sa- lientar a importância da presença feminina no itinerário formativo do presbítero em vista da compreensão da vida eclesial em sua diversidade. Interessante conhecer o artigo de dom João Rezende Costa,24 publicado em 1983, pela
23 Tradução da autora da entrevista do cardeal Marc Ouellet, divulgada no link: <https://www.osservatoreromano.va/it/news/2020-04/per-formare-i-preti-servono-piu-donne.html>.
"Arcebispo de Belo Horizonte, no período de 1967-1986. Salesiano de D. Bosco, mineiro de Borda da Mata. Primo da avó materna da autora deste capítulo. Faleceu em 2007, aos 96 anos de idade.
revista Vida Pastoral, que reflete sobre a relação entre clero e leigos. Nele, podemos ler. "A Igreja é rica de serviços, caris- mas e ministérios, pois cada diferença funda novo serviço. E não é possível, portanto, haver um cristão que esteja des tituido de ministérios, ao chegar à idade da razão. A tarefa messiánica de Jesus expressa-se em cada um de uma maneira". E, ainda agora, segunda década do século XXI, temos que reafirmar esse ensinamento da Igreja, em relação ao leigos c, em especial, às mulheres. Precisamos ainda solicitar que a formação de nossos futuros presbiteros considere, fortemente esse componente.
A presença das mulhe
No entanto, a simples presença feminina nos espaços formativos não representa, por si mesma, a edificação dessa eclesialidade ministerial, fundamentada na teologia batismal e num desejo de sinodalidade para a caminhada da Igreja. Isso è construído num processo cultural, que se estabelece a cada dia. para cada pessoa e sujeito em formação, tanto para os futuros presbiteros diocesanos, para as comunidades e instituições cristas, quanto para as próprias mulheres que participam desse itinerário. Trata-se de um jeito de ser Igreja que se pode ver com clareza no artigo de dom João Rezende Costa, ao falar das distinções entre os membros do povo de Deus:
Todas essas distinções, repito, não são títulos de dignidade no sentido de se poderem aduzir como base para exigir dos outros veneração, rapapés e salamaleques, mas única e exclusivamente comissionamentos em que se insere o carisma de Deus para o serviço diverso exigido pelo bem dos outros no seio do povo de Deus. São títulos de deveres e obrigações, de encargos e minis- térios, e não títulos honoríficos ou de pedestal para o culto das personalidades. São participações nas dores do "Servo de lahweh em prol da multidão.
25 O texto pode ser lido em sua integridade no link: hps://www.vidapastocal.com.br/artigos/eclesiologia/ainda-uma-igreja de clerigos eleigos i

Suzana Coutin

CONSIDERAテ・髭S FINAIS

A dimensテ」o feminina da Igreja, por assim dizer, テゥ cons titutiva dela, e nテ」o apenas uma decoraテアテ」o, "um batom e um perfume". A mulher que se faz presente no itinerテ。rio formativo do futuro presbテュtero diocesano テゥ tambテゥm imagem de Deus, membro de seu povo, continuadora da missテ」o de Jesus, voca- cionada テ vida e テ dignidade. Exerce sua vocaテアテ」o como mテ」e, catequista, mestra, cuidadora, coordenadora, animadora, es pecialista em diversas テ。reas. Contribui, com sua experiテエncia e com seu conhecimento, para o crescimento da Igreja, mテ」e e mestra. E, entre as vテ。rias atividades para isso, contribui formaテアテ」o dos futuros presbテュteros, colaborando, dessa maneira, para que cada seminarista diocesano possa, desde o inテュcio da formaテアテ」o, aprender, com a presenテアa feminina, "a vivテエncia da diocesaneidade, tテ」o necessテ。ria para a compreensテ」o de uma autテエntica espiritualidade diocesana".26

para a

Nテ」o se trata de reivindicar um espaテアo de poder. Trata-se de reconhecer os dons e carismas do Espテュrito, que sopra onde quer, que permanece com os seguidores e seguidoras de Jesus, para fortalecer sua Igreja na realizaテアテ」o da missテ」o redentora. A presenテアa das mulheres na formaテアテ」o do seminarista diocesano, em suas diversas possibilidades, deveria ser reconhecida como graテアa e dom de Deus. テ・ele que se manifesta em seus filhos e filhas, para gerar vida no meio de seu povo (cf. At 2,17). Nテ」o deveria haver medo dessa presenテアa, muito menos indiferenテアa quanto a ela. テ・na multiplicidade de dons e carismas que a Igreja continua a missテ」o de Jesus. As diferenテアas nテ」o deveriam nos atormentar, mas, antes, nos possibilitar amadurecer na vida e na fテゥ. Creio, pela minha experiテエncia e pela luz que a Palavra de Deus e o magistテゥrio da Igreja lanテアam sobre ela, que as mulheres possibilitam テ comunidade cristテ」 ser mais parecida com o Mestre.

* CARVALHO, H. R; PEREIRA, E.; COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incar- dina テアテ」o, Sテ」o Paulo: Paulus, 2020, p. 21.

REFERテ刻CIAS BIBLIOGRテ:ICAS

CARVALHO, H. R. Liturgia: elementos bテ。sicos para-a formaテアテ」o de catequistas. Sテ」o Paulo: Paulus, 2018.

CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E., COSTA, E. Diocesaneidade, esponsalidade e incardinaテア テ」o. Sテ」o Paulo: Paulus, 2020.

CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Confe- rテエncia Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Sテ」o Paulo: Paulus, Paulinas; Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2007. CNBB. Diretrizes para a formaテアテ」o dos presbiteros da Igreja no Bra Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2019.

CONGREGAテ・グ PARA O CLERO; O dom da bocaテアテ」o pres- biteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Brasテュlia: Ediテアテオes CNBB, 2017.

COSTA, J. R. Ainda uma Igreja de clテゥrigos e leigos? Revista Vida Pastoral, Sテ」o Paulo, maio-jun. 1983. Dispontテュvel em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/ainda-uma-igreja- -de-clerigos-e-leigos-i/>. Acesso em: 20 mai. 2020.

A presenテアa das mulher

FERRAUTO, R. Per formare i preti servono piテケ donne. Os- servatore Romano, Donne Chiesa Mondo, Vaticano, 25 abr. 2020. Dispontテュvel em: <https://www.osservatoreromano.va/it/news/2020-04/per-formare-i-preti-servono-piu-donne.html>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FRANCISCO. Exortaテァテ」o Apostテウlica Gaudete et Exsultate sobre o chamado テ santidade no mundo atual. Sテ」o Paulo: Loyola, 2018. Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Amoris Laetitia sobre
o amor na famテュlia. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2016. JOテグ PAULO II. Carta Apostテウ lica Mulieris Dignitatem: a dignidade e a vocaテァテ」o da mulher. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1988. Exortaテァテ」o Apostテウlica Pテウs-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formaテァテ」o dos sacerdotes. Sテ」o Paulo: Paulinas, 1992.

integrado da comunicaテァテ」o pessoal, social e tecnolテウgica. Sテ」o Paulo MORAN, J. M. Mudanテァas na comunicaテァテ」o pessoal. gerenciamento
Paulinas, 1998.
RECOMENDAテ・髭S Pastorais da Assembleia Plenテ。ria da Pon-
tificia Comissテ」o para a Amテゥrica Latina. A formaテァテ」o sacerdotal nos
seminテ。rios. 2009, n. 6.
Sテグ JOテグ CRISテ鉄TOMO. Da incompreensibilidade de Deus. Da providencia de Deus. Cartas a Olimpia. Patrテュstica. Sテ」o Paulo
Paulus, 2015.
Sテ康ODO DOS BISPOS: A vocaテァテ」o e a missテ」o da famテュlia na Igreja e no mundo contemporテ「neo. Relatテウrio final do Sテュnodo dos Bispos
ao Santo Padre Francisco. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2016.
A EXPERIテ劾CIA DO DESLIGAMENTO 25 DO PROCESSO FORMATIVO
INTRODUテ・グ
Altierez Sebastiテ」o dos Santos
A experiテェncia do desligamen
Centa-se que Agテ。tocles, tirano de Siracusa, no sテゥculo 3.2.C apテウs montar um poderoso exテゥrcito e o colocara bordo de nume rosos navios, teria desembarcado na cidade rival de Cartago para dominテ。-la. Ao desembarcar as tropas, ele teria dado ordens para que se queimassem as naus, para que nテ」o restasse outra opテァテ」o aos seus comandados a nテ」o ser a vitテウria naquela guerra. Esse feito dra- mテ。tico, que, ao longo da histテウria, parece ter-se repetido algumas vezes, テゥ usado como ilustraテァテ」o quando se fala de determinaテァテ」o, empenho, seriedade e fidelidade a um projeto. Aqui partilho minha experiテェncia no caminho formativo e, sobretudo, a experiテェncia do desligamento deste belo e longo caminho. Uso a metテ。fora acima para descrever o que sente um jovem quando decide "entrar para o serviテァo de Deus" (Eclo 2,1.13): essa escolha, naquele momento, テゥ uma escolha de todo o coraテァテ」o e para toda a vida.
Inicio dizendo que minha experiテェncia de quase oito anos no caminho formativo foi profundamente enriquecedora e contribuiu muito para o amadurecimento de algumas de minhas qualidades (embora tambテゥm tenha tolhido outras, mas isso テゥ natural). Iniciei meu percurso aos 16 anos, ingressando na Pia Sociedade de Sテ」o
テ・doutorando em Ciテェncias da Religiテ」o, mestre em Ciテェncias da Religiテ」o, pテウ s-graduado em Catequese e Docテェncia do Ensino Superior, graduado em Histテウria e Filosofia. Assessor para a formaテァテ」o de catequistas, comunidades, juventude, religiosos e clero em diversas dioceses por todo o Brasil. Faz parte da equipe da Revista de Interpretaテ ァテ」o Biblica Latino- -Americana, RIBLA. Autor dos livros Amor e tempestade e Rotas de navegaテァテ」o.

2A CORAGEM de "queimar as naus". Dispon╤╖vel em: <aceguarulhos.com.br/blog/a-
-coragem-de-queimar-as-naus/#gsc.tab 0>. Acesso em: 9 fev. 2019.
385

388
Altierez Sebastião dos Santos
nem temos consciência da meta que queremos atingir. Muito enganado está quem, na formação, pensa que a ordenação é o
ca
fim do percurso e que, então, poderá alcançar a maturidade independência. Quem pensa assim precisa amadurecer sua visão
de mundo e também de Igreja, e essa reflexão precisa fazer do discernimento vocacional.
nesse
naristas
que.
por
parte
Quando a equipe formativa chega ao consenso de iniciar o processo de desligamento, acredite, passos podem ter sido dados sentido ambas as partes, e não enganemos ninguém: costuma ser um momento doloroso, pois envolve a interrupção de um projeto de vida. Mais que a exoneração de um trabalho, o desfazimento de um vínculo de amizade ou até de namoro, a demissão do seminário tem uma carga diferente. Conheci semi-discernindo, pediram para ser desligados e choraram muito no dia em que precisaram ir embora. Também conheci seminaristas que não pediram para ser desligados e choraram do mesmo modo, até de forma mais sentida. Eu mesmo passei pelas duas experiências: ser desligado e pedir o desligamento. Posso garantir que ambas são dolorosas, pois, ao encerrar o vínculo com o seminário, um ciclo muito enriquecedor se finda, as alegrias se transformam em memórias, as expectativas viram incertezas, e o seu lugar no mundo fica questionado.
As duas reações mais possíveis diante do desligamento são olhar para o passado e se lamentar ou olhar com esperança para o que vem pela frente. No primeiro caso (quando a decisão vem dos formadores), é como se um envelhecimento precoce se abatesse sobre quem, num dia, tem um projeto para toda a vida e olha para o futuro, mas, no outro, não pode mais contar com isso, e acaba olhando para o passado vivido no seminário. No segundo caso (quando a decisão é do seminarista), o passado está também associado a um período de gratidão e aprendizado, mas o futuro se descortina como o tempo da realização.
mesmo a esse
Em todo caso, muitas coisas passam pela cabeça de um seminarista quando isso acontece. Seja quando ele é convidado a deixar o seminário, seja quando chega por discernimento. Uma das primeiras questões, de ordem prática,
é: e agora? O que vou fazer? Nessa questão, entra a preocupação pela própria colocação no mercado de trabalho. Ao longo dos anos, conheci seminaristas que encerravam suas trajetórias formativas e precisavam trabalhar, mas os diplomas sem reconhecimento não auxiliavam nesse sentido (coisas de nossa formação...) ou, então, mesmo com reconhecimento legal, dar aulas de filosofia não havia sido uma aspiração. Mas é preciso falar desses aspectos. Eles também fazem parte do discernimento.

Outra questão é como administrar a frustração das pessoas e a própria frustração. Ao longo da caminhada formativa. Jaços vão sendo construídos e esperanças vão sendo depositadas, Há candidatos que não sabem como comunicar a decisão do desli gamento à familia, que ansiava pela ordenação do filho novo se ausentou, e há famílias que fazem uma festa quando que tão jovem deixa o seminário.
0
Em qualquer uma das situações, é muito comum que, ao retornar à sua casa, já não a sinta mais sua, mas um lugar ao qual não pertence mais. Há um deslocamento que é fruto do amadu- recimento, e isso é positivo.
A experiência do desligamento
Mas, sobretudo, em ambas as situações, o discernimento precisa contribuir para uma reflexão saudável e consciente. Aqui, volto a falar sobre a importância de esboçar um projeto de vida no qual o jovem se veja como ministro ordenado ou como membro de um projeto apostólico - pessoal ou não - laical. Não existe apenas o estado ordenado. Veja quantos exemplos nobres e dignos de vida no laicato. Monsenhor Jonas Abib mencionava o fato de que ele sentia que poderia ser um bom pai ou poderia também ser um bom padre.' Embora, neste exemplo, estejamos falando de projetos diferentes e de estados distintos, a motivação central permanece a mesma para as duas coisas. Quem seria um bom pai realmente poderia ser um bom padre, porque a matéria-prima das vocações é o chamado de Deus para servir aos irmãos. Isso envolve ter amor pelas pessoas.
CHALITA, G. Eu acredito em milagres a história do padre Jonas Abib. Cachoeira Paulista Canção Nova, 2006, p. 103-104.
389

Altierez Sebastião dos Sa
Isso nolevia pensar que é preciso nos preparar para decidir por um caminho que traga realização e felicidade. Tentar outra ver a formação em outro serpigário ou casa formativa é ainda um cam nho, e muitos foram os que fizeram esse percurso e provaram para si e para a Igreja que uma possível decisão de algum formador não- foi feliz. O contrário também. Qual é a regra de ouro nesses casos? Não insistir naquilo que mascara a realidade. Não se deixar levar por interpretações que possam estar escondendo aspectos importantes de sua personalidade e de sua história de vida. Não podem ser mo- tivação válida para a vocação elementos como fugas afetivas, sexuais, de personalidade, de caráter ou desequilíbrios de qualquer ordem. Se há sombras em quaisquer dimensões humanas, elas devem ser trabalhadas com critério & transparência, jamais escondidas. Possuo grandes amigos que nunca tiveram receio de expor aos formadores suas fragilidades, por piores que fossem; isso, ao invés de diminuir- -lhes o apreço, os fez serem vistos como corajosos e conscientes de suas próprias realidades, características raras hoje em dia.
C
No entanto, quando ainda não temos maturidade, transpa- rência, confiança ou discernimento suficientes, estamos sujeitos a comprar dívidas a médio e longo prazos, por assim dizer. Se não fui capaz de discernir da melhor maneira meu desligamento passei a me esconder e a adotar máscaras para permanecer na formação e ser ordenado, isso significa que, em algum momento, meu personagem será revelado, e decepcionarei muitas pessoas por não ter tido coragem suficiente de me mostrar como sou. Que valor teria para o povo de Deus e sua Igreja uma atitude como essa, tão próxima ao que vemos todos os dias na lama da política, por exemplo? Outra consequência que costuma se abater sobre quem se prende a um papel, anda nas sombras ou dissimula uma conduta é que vai se

construindo uma muralha ao redor de sua personalidade, que vai ficando cada vez menor, mais apagada e mais desinteressante. Quando a muralha aumenta, você diminui, correndo o risco de transformar-se em uma nulidade. Por tudo isso, a transparência, a coragem de abandonar as máscaras, é algo necessário para você e para sua felicidade.
A franqueza e o zelo dos formadores, algo que ajuda no processo de retomar o fio da vida. A dificuldade do desligamen- to requer uma atitude de coragem de antas ás partes, mas pesa sobre a equipe formativa, representada pelo reitor do seminário, a responsabilidade de realizar esse processo, levando em conta a pessoa e os sonhos do principal interessado.
A figura do reitor ou de quem é responsável pela formação or na-se cada vez mais importante para a unificação do perquo formativo, a fim de que se alcance um discernimento realista por meio da consulta a todas as pessoas envolvidas na formação. como também na eventual decisão de interromper antio formativo, ajudando o candidato a prosseguir em outro percurso vocacional.
A experièncìa do desligame
Dito de outra forma, o processo mais justo é aquele que dá a oportunidade de conhecer os motivos de tal decisão e também a oportunidade de ouvir o candidato sobre isso. A lisura e a transpa- rência não devem desaparecer, da parte dos formadores para com o seminarista, quando este vai ser dispensado. Pelo contrário, é neste momento tão complexo, que é preciso um diálogo marcado pela clareza, expondo as motivações e constatações que levaram a essa decisão. Infelizmente, muitas vezes, ocorre que essa etapa, dificil e delicada, acaba sendo feita como se ali, naquela relação, já não houvesse mais a confiança que antes fora tantas vezes invocada, como se ela fosse uma moeda descartável, sem valor.
Ao longo de oito anos, não me alegro em relembrar desligamentos ocorreram marcados pela mais estarrecedora ano- que alguns mia, alguns sendo motivados por conversas desencontradas, outros como acerto de contas e, finalmente, alguns por implicância. Em cada um desses casos, de forma abrupta, o jovem era comunicado e convidado a deixar o seminário o mais breve possível, sem saber exatamente por que estava sendo expulso. Sei que são palavras duras, mas o tempo, com seu poder de trazer todas as respostas,
* SÍNODO DOS BISPOS 2018. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo: Paulus, 2019, n. 100.

inclusive às perguntas não formuladas, revelou a brutalidade de certas intervenções, quando esses jovens se tornaram pais exem-
plares ou abnegados sacerdotes.
nimento no
Mas também vi outros exemplos dignos de menção, como o de meu último formador, cônego Jeronymo Furian, que, com amizade e caridade, percorria com os jovens um caminho de discer- suas motivações, e reorientava seu projeto de vida, optando pela o qual o próprio jovem revisitava sua história vocacional, consciência. "Os jovens são continuamente convidados a fazer escolhas que orientam sua existência; eles expressam o desejo de ser escutados, reconhecidos e acompanhados". Desligamentos feitos na base da confiança e do diálogo, mesmo que sejam ao termo de uma trajetória dificil, perturbadora e desgastante, salvam a nobreza da milenar formação sacerdotal. Mais que isso, dão ao jovem que foi desligado o respeito tantas vezes pedido a ele para com a instituição. Podem até mesmo dar a ele paz de consciência e tranquilidade, pois, se o processo foi bem feito,

ele terá uma estrutura construída para apoiar-se nela e tentar outra forma de vida. Mais que isso, ele poderá visitar sua trajetória vocacional e dialogar com as dimensões pessoais que precisam ser iluminadas.
É importante assumir sua identidade com autenticidade e since- ridade. Não tenha medo de se ver como é. Seja como futuro padre ou futuro leigo, você terá valor e nobreza se tiver sido autêntico. Qual valor tem uma moeda falsa? Eu não sei; só o sabem aqueles e aquelas que, em algum momento, descobrem o engodo. Gosto de uma lição que uma religiosa, irmá Zélia, nossa orientadora de retiros, nos lembrava: a forma como São Jorge e Santa Marta lidavam com seus dragões; enquanto o valente cavaleiro havia investido ferozmente contra seu dragão, provavelmente causando danos a si, ao seu cavalo e às suas armas, a doce e meiga menina havia também se encontrado com um terrível monstro em uma aldeia, mas optou por um diálogo afetivo com ele, que, depois disso, passou a seguir a santa por toda parte, como um animal
de estimação, causando grande admiração às pessoas. Nós temos esses dois modos de lidar com nossos dragões interiores, aceitan- do-os ou ignorando-os e até maltratando-os, e ambas as formas vão moldar nosso caráter, para sermos pessoas que acolhem ou pessoas que se lançam sobre as outras de lança e armadura, prontas para causar muito estrago. Essa reflexão é válida para quem está em processo formativo no seminário, pois precisa, como parte do discernimento, assumir sua identidade de forma autèntica sincera, condição que vai ser determinante na experiência do desligamento e, muito mais ainda, para toda a vida.
e
CONSIDERAÇÕES FINAIS
experiência do desligame
Finalmente, gostaria de concluir dizendo que há na expe- riência do desligamento algo que somente quem a vivenciou vai entender. Não há formador ou orientador algum que possa ter a mínima noção do que isso significa na vida de um jovem, a não
ser que tenham vivenciado a mesma experiência e na mesma intensidade. Eu passei por essa situação duas vezes, quando fui convidado a fazer uma experiência e quando pedi o desligamento.
O que me ajudou foi o discernimento e a autenticidade comigo mesmo, com a família, com a Igreja e com o povo. O mais im- portante, porém, foi voltar à praia onde julgava ter "queimado meus navios e descobrir que havia nascido ali um verdadeiro porto com numerosas naus partindo em muitas e muitas direções. Há sempre um navio à nossa espera. Um grande abraço. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
A CORAGEM de "queimar as naus". Disponível em: <acegua-rulhos.com.br/blog/a-coragem-de-queimar-as-naus/#gsc.tab 0>.
Acesso em: 9 fev. 2019.
CHALITA, G. Eu acredito em milagres a história do padre Jonas Abib. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2006. SÍNODO DOS BISPOS 2018. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo: Paulus, 2019.
192
Ibidem, n. 7.
393

26
A ARTE DE ENVELHECER COM SABEDORIA, ALEGRIA E PRAZER
A arte de envelhe

INTRODUÇÃO

Humberto Robson de Carvalho

É estranho, num livro dedicado a jovens seminaristas diocesa- nos, propor uma reflexão sobre o envelhecimento. Dá a sensação de ser um tema distante do momento presente, entretanto, faz-se e do o fará com serenidade, alegria e necessário. O seminarista que, desde do, refletir e trabalhar essa questão, com certeza, quando chegar á hora de tornar-se emérito, e a certeza de ter cumprido exem- plarmente a sua missão profética de presbítero servidor da Igreja seu povo e de ter combatido o bom combate, como afirma o apóstolo Paulo em seu testamento espiritual (cf. 2Tm 4,6-8).

Mas, o que é envelhecer? Ninguém deveria tornar-se velho. Bem dife- rente é ser idoso, ter idade avançada, maturidade, mas espirito jovem, aberto às mudanças de um mundo em constante transformação. "Idolecer" deveria ser o verbo que define essa nova visão da vida. A sociedade em geral e, por sua vez, a Igreja, que nela está inserida, não nos preparam para esse momento tão importante e inevitável da vida de todos, inclusive daqueles que um dia, por livre opção, renunciaram à família, ao status e a tantas outras situações em favor do Reino de Deus e da Igreja. Essa é uma reflexão, um

Pertence ao clero da arquidiocese de São Paulo (pároco da paróquia Nossa Senhora Aparecida, região episcopal Santana). É mestre em Educação, especialista em Catequese. Espiritualidade e Liturgia, graduado em Filosofia, Pedagogia e Teologia. Coordenador dos cursos de pós-graduação em Espiritualidade e Catequese no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal - Campus Pio XI).

* SCHMITT, C. A. O segredo da longevidade: sonhos e desafios para manter-se ativo e saudável em qualquer idade. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 9.

amadurecimento e uma preparação que todo vocacionado neces- sa taner ao longo de seu processo vocacional, sobretudo nos anos que antecedem o pedido para tornar-se emérito. O envelhecimento é visto pelo conjunto da sociedade como um tabu, como algo desagradável e que, portanto, deve ser negado. Lidar com as questões da velhice e do envelhecer, tanto nosso quanto do outro, requer uma abertura especial.

Quando começa a velhice? O Brasil tem como referencial a idade de 60 anos como inicio do envelhecimento. Outros países, sobretudo os desenvolvidos, determinam a idade de 65 anos como inicio dessa fase. Já se discute a possibilidade de a velhice ser considerada a partir dos 70 ou 75 anos.

Estamos preparados para o envelhecimento e suas consequên- cias? Doenças; limitações, perdas, submissão, aniquilamento, soli- dão, rebaixamento e tantas outras adversidades, que na juventude não faziam parte do projeto de vida, parecem ser características do envelhecimento. Mas como podemos preparar-nos para essa etapa da vida?

De que maneira o envelhecimento tornar-se-á arte, profecia e libertação? Talvez a melhor resposta para essa pergunta seja a aceitação da própria velhice como dom, graça e bênção. Dessa forma, podemos aprender as lições mais interessantes e sábias que ela própria nos ensina. Buscar nessa etapa as riquezas que, ao longo da vida, foram se acumulando, ressignificando as experiências e lembranças que a vida permitiu ao longo dos anos. Lidar com as mágoas, os desafetos e as tristezas da vida com alegria, esperança e muito bom humor. Não deixar que as dificuldades presentes tomem conta de toda uma

história construída de sucessos e in- sucessos. Ser forte, corajoso, audacioso e persistente no bem que se pode fazer a todo momento e a todos.
CORTE, B.: MERCADANTE, E. E; ARCURI, I. G. (orgs.). Velhice, envelhecimento, complexidade São Paulo: Veror, 2005, p. 40-41.
BRANDÃO, V. M. A. T.; MERCADANTE, E. F. Envelhecimento ou longevidade? Questões fundamentais do ser humano. São Paulo: Paulus, 2012, p. 23.
A velhice representa mais que o simples fato de envelhecer é uma etapa da vida e um encontro consigo mesmo. A ciência da gerontologia fala dela como de um estágio do desenvolvimento que tem suas leis e seus principios.
Envelhecer do corpo, mas manter o espirito saudável, dispos to e jovial. Essa é uma sabedoria adquirida com as experiências de vida. Ao invés do culto e preocupação com a imagem (exteriori- dade), devemos nos preocupar com a alma (interioridade). Viver intensamente a vida com alegria, sabedoria e prazer.
O envelhecimento não é um distúrbio, não mais que a infancia. a adolescência e a vida adulta. Esse foi o grande restemunho de João Paulo II: envelhecer com coragem e serenidade diante da câmeras, sem disfarce, apesar da doença que prejudicava seu corpo.
A arte de envelhe
A reflexão que segue pretende abordar algumas dimensões da preparação para um envelhecimento mais prazeroso e sadio. Tem por objetivo proporcionar ao vocacionado independência na vivência da pátria terrestre em busca da Jerusalém celeste, experienciando esse momento da vida com sabedoria, alegria e prazer. Tenho plena consciência de que se trata de um exercício bastante complexo e dificil de elaborar, pois carregamos conosco a ideia de que seremos, de certa forma, eternamente jovens e adultos, sem nunca nos tornar idosos.
1. VIVER A VELHICE COM SABEDORIA, ALEGRIA E PRAZER
Confesso-lhes que transparecem, neste texto, inúmeras refle- xões de minha condição. Estou perplexo diante de uma realidade que já começo a viver em minha existência e vivência presbiteral. Há poucos dias, completei 60 anos. Quase não acredito que já celebrei essa data. Não me sinto com 60 anos. Pergunto-me o que fiz em prol dos outros, da sociedade e da Igreja. O papa Francisco, a esse respeito, tem o seguinte pensamento:
GAUTHIER, J. Os desafios dos sessenta anos. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 90. Idem.
397

398
selhos bem como um bom vinho A medida yo
wwwvwvinho fica melhor de theo, mano melhor Naob
Max, quando envelho malo vinho via vinagre priso velhovec bom com sodoria para resmi sabedoria
1. ha de responder a essas quedes, lango mão de alum memorias Recordo me, como se fosse hoje, o jeiro can shoso do meu pai da minha mace do convivio com minha ma Frames codes aprendines, elescomo pais e nos como filhos. Também pem minha mente os primeiros dias de escola. O encanto por ehee, particularmente, pela primeira professora. Daria, no lingajar de hoje uma doutora! Uma sabia mesta, inclosive carequise. Posso afirmar que herdei de casa e da escola, sobretudo daquela profesord que sa hoje, no que diz respeico minha postura profissional. Sou eternamente grato por iso
O que isso tem a ver com a velhice? No meu ponto de vista. sus percepede positivas oferecem me alicerce e sabedoria para viver a velhice com sabedoria, alegria e prazer

Envelhecer é uma longa aprendizagem, uma aventura, aré. Uma aventura essencialmente espicicual. Não é um peso, mas um dom. Nao cuma decadència, mas uma oportunidade: não uma desgraça, mas uma graça. Portanto, è necessario preparar-se para ela, pois. em core medida, e verdade que se tem a velhice que se merece. A velhice & a herança da nossa juvencode.
Envelhecer, de acordo com Anselm Grün, baseado em C.G. Jung, é fazer como o sol: recolher-se para se iluminar. O idow deve mergulhar em si mesmo, buscar o que há de mais belo, sábio e poético para experimentar da sua propria riqueza. Ele menciona que, em algumas calcaras, os idosos são os "guardias dos mistérios e das leis". Isso significa imbuir-se da sabedoria humana e dela ransbordar-se, apossando-se dela desde a juventude. Quem não fizer assim, com certeza na velhice não terá o que colher."
PAPERANCISCO E AMIGOS Sabda S Paulo Loyola 2018, p. 19 DUBOIS DUMES, J. Rrem forelle: a avente espiritual. Sio Pruks Paulinas 2005, p. 15.
CRONA. A sublime nel polis Vores, Nobilis 2016, p. 13-14.
Taveller notice pe de nabalho de sociais de Tidades the parto de desociedade Muro pelo comvare, pode sig sequin pel ww vida ativa e saude Avella fase de desenvo na qual podem ser ses i ponades para a re de notas arvidades e os projetos de vol
Avelhice, con vibia companhei de plancto que cheg todos, mesmo para os mais jovens, gridaticamente nos ex devemos viver com arre, sabedoria de temps do seminário, seja ele na fase inicial intermediaria on findes um lugar de vida e esperança espaço de cabindade da fam berço da fraternidade, do companheirismo escola de rape s pastoral, em meio dos colegas que se propram para aquis
O seminarista precisa beber da fonte man bacqueo espaço do seminário. Ser sinal de graça e bench para a comuni dade educativa seminaristica. Contribuir as misimo para que seminário não apague o que cada um trouse de herança de familias, isto é, o aconchego, a peculiaridade da vida familiar e da vivência do afeto, manifestado em sus diferentes formac
O jovem seminarista deve, desde cedo, aprender a nine apegar demasiadamente aos bens materials, dos expose titulos Tudo isso é muito passageiro. Necessita aprender e tomar cons ciência do que se tem e do que se faz, de que é tudo prosto não nos pertence. A paróquia não é nossa, a casa paroquial bas nos pertence, os títulos e cargos são passageiros. O pegs exacer bado nos roma doentes e infelizes. Tomemos por exemplo certes párocos que, em suas mudanças, levaram o minimo necessitio e jamais copiemos o exemplo daqueles que levaram tudo da cast paroquial, não deixando para o seu sucessor tem meam c mesa, fogão e geladeira.
No processo da vivência de uma velice plena e realizada uma dimensão que se roma indispensivel é o conhecimento e acele
YASO, DR. NETTO, MPC bees and de São Paulo: São Camilo Poles, 2000 p 27-28
300

400
Humberto Robson de Carvall
aos
conhecer
O
de si como filho amado e querido por Deus. Ouso sugerir meus queridos irmãos seminaristas que aceitem e sejam sinceros com seus terapeutas. Não acatem essa condição como imposição dos formadores, mas como recurso que os ajudará a se e se aceitar como são, inclusive abrindo-se e permitindo que especialista contribua para esse

processo de autoconhecimento e de aceitação de si. Esse mergulho na própria interioridade, por meio da terapia, os ajudará a ser pessoas felizes e, em consequência, ministros qualificados para o serviço a Deus e à Igreja.

Em sintonia com o acompanhamento terapêutico, a orien- tação espiritual e a presença frequente do confessor são outros elementos indispensáveis no amadurecimento e sobrevivência da vocação. Não terá perseverança quem ousar seguir em frente sem a presença do orientador espiritual e do confessor. Insisto em afirmar que esse procedimento deve ser sistemático. O amadurecimento e o aprofundamento precisam ser experienciados, o que requer tempo e reflexão.

Outro elemento essencial é a presença dos amigos verdadeiros. Forme, desde a sua entrada no seminário, um grupo de amigos. Disse amigos, não colegas. A amizade verdadeira é como um "tesouro precioso" (Eclo 6,14-15). Quem encontrou verdadeiros amigos, com certeza, foi capaz de trazer um pedaço do céu para terra. Não tenha receio de formar e conquistar amigos. A amizade nascida do coração de Deus, nos primeiros tempos de seminário, servirá para toda a vida.

A vida de oração permeada pelos encontros fraternos e a vida académica levada com seriedade, e não leviandade, vão fazer com que você amadureça e cresça em "idade, graça e sabedoria" (cf. Lc 2,52). Aqui, meu caro jovem seminarista, ouça o conselho de um irmão presbítero mais velho: não perca tempo. Estude de verdade e com prazer. Não se contente com a aula do professor. Pesquise mais, aprofunde-se naquilo para que você tem aptidão. Essas dimensões ajudarão você na vivência de uma juventude feliz e, por consequência, de uma velhice encantadora, apesar das contrariedades pertinentes à idade avançada. E, aos já idosos, a certeza de que a oração nos une aos irmãos e a Deus.

A ancianidade é um tempo muito apropriado para intensificar a nossa vida religiosa. Ao aproximar-se do término da nossa vida terrena, em vez de ser motivo de angústia e de preocupação, de- veria ser ocasião para reforçar a familiaridade com Deus por meio de uma mais constante dedicação à oração, na forma de ação de graças pelos beneficios recebidos, ou de pedido, não somente por nossas necessidades pessoais, mas com atenção ao vasto horizonte de todas as faltas e as dores da humanidade."

A arte de envelhe

Envelhecer com sabedoria, alegria e prazer é viver intensa mente cada instante da vida, como se fosse o último. Dé o melhor de você em tudo o que você faz. Não se sinta desvalorizado se o formador colocá-lo num trabalho com que você não se identify ca. Reflita sobre qual o aprendizado e desenvolvimento que esse trabalho lhe oportuniza. De dignidade a esse trabalho. Hone-o faça-o com qualidade e generosidade. Quando lhe for dada uma paróquia, não considere que a do outro é melhor do que a sua. Faça da sua a melhor.

O fracasso é fonte de sabedoria [...]. A visão mais sábia que o idoso tem das coisas fundamenta-se realmente em saber como aceitar os fracassos. É preciso aceitar a vida como ela é. É como goleiro no futebol, que pega a bola de onde outro jogador a chuta: ela pode vir daqui ou dali... Mas você não pode ter medo da vida, de entregar o jogo.

2. COMO ENFRENTAR O ENVELHECIMENTO SEM FICAR VELHO?

Como enfrentar o envelhecimento sem ficar velho? Será isso possível? Como se sentirá o idoso presbítero já emérito, sem ter mais a sua comunidade paroquial e as responsabilidades peculiares a esses desafios? Se, porventura, for acometido de alguma doença que o impossibilite viver intensamente a vida, como reagira?

"ESTÉVES MEDINA, J. O valor dos anos para acolher a velhice na própria vida. Brasilia Edições CNBB, 2019, p. 23.

12
PAPA FRANCISCO E AMIGOS. Sabedoria das idades, p. 25.
401

402
Humberto Robson de Carvalhe
Se necessitar se recolher a um local específico para idosos, como reagirà interior e exteriormente? Essas indagações parecem muito distantes de um seminarista no início de sua caminhada vocacio nal, porém, sábias, se as fizer desde sua tenra idade. Auguro que es sas reflexões colaborem no processo formativo de cada seminarista. Um dos segredos para o envelhecimento feliz e realizado é aceitar a velhice tal qual ela é. Assumi-la e pronto. Uma palavra-chave para aquele que alcançou uma idade avançada é "assumir", "aceitar", inclusive alegremente, a própria realidade e vê-la como um olhar de fé, como parte do caminho que a miseri- cordiosa providência de Deus nos indicou para avançar na nossa peregrinação até ele."
Não adianta fingir que o tempo não passou e que conti- nuamos jovens como no início do ministério presbíteral. Não é verdade. O tempo passa, e a idade também. Quem não se prepara e não admite que a velhice nos acompanha, com certeza, viverá esse período da vida de forma amargurada e infeliz. A velhice não é um período negativo e temível. Ao contrário, é uma fase especial, sobretudo se as outras fases foram vividas intensamente.14 Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu (Ecl 3,1-8).
graça
É muito importante, nessa fase tão rica da vida, olhar para o passado como tempo de e bênção e perceber que o que se viveu, na infância, na juventude e na vida adulta, agora se recolhe e pode tornar-se fonte de sabedoria e conforto, apesar de certos desconfortos que esse período da vida carrega consigo. Também a infância, a adolescência, a juventude e a vida adulta consigo certas dificuldades peculiares, porém, todas se constituem carregam em fontes de aprendizado e amadurecimento.
Nesse período da vida, é necessário tomar cuidado para não se fechar em si mesmo. É preciso lutar contra o isolamento, a tristeza e qualquer sentimento pessimista. É importante encontrar
P
179.
"ESTÉVES MEDINA, J. O valor dos anos para acolher a velhice na própria vida, p. 23.
"PAGOLA, J.A. É bom crer em Jesus. Petrópolis: Vozes, 2012,
meios e maneiras de estar presente no mundo e, na medida do que se pode fazer, contribuir patx o hem do próximo." E ma etapa da vida na qual também precisamos ser protagonistas, como em
tantas outras que viventos.
Viver plenamente essa fase da vida é redescobrir valores e afazeres peculiares, por exemplo, reescrever o projeto de vida. abraçando serviços e ocupações que am idoso poses desempenhar da melhor maneira. Quantos serviços de evangelização e bem co- mum pode fazer uma pessoa idosal Bases abraçar com comic
A acte de envelhe
o desejo de continuar a servir a Deus, à Igreja e so princi Saber organizar-se e cumpre a realização de um p vida, que leve em consideração as oraches, as leinn, exerci físico, o

cuidado com a saúde, o encontro com os amuse a fa mília, são elementos fundamentais para a vivência de uma velhice plena e feliz. Viver com dignidade e alegria essa etapa da vida é um exercício que se inicia desde a juventude. Não se pode desar para a velhice a Mesmo na idade avançada, permanece a necessidade de atribuir preparação desse momento tão especial da vida. propósito e sentido à própria experiência de vida.
A
pessoa idosa pode viver não somente com personalidade, mas também com que sabe sentido de responsabilidade, isto é, ela pode in respondendo no dia a dia as demandas de sua jubilação. Daí a importância de saber organizar-se para estabelecer o tempo a ser dedicado ao cuidado pessoal, ao exercicio físico, a leitura, ao desfrute da música ou a outras inclinações, bem como o tempo a ser reservado aos relacio namentos com os amigos, aos encontros ou bate-papos informais com as pessoas, a serviço dos outros.
comprometer-se em tarefas acertadas
Preparar-se para uma velhice ativa e saudável significa, desde cedo, preocupar-se com a alimentação. É necessário cuidar de sua alimentação, sobretudo no que se refere às quantidades suficientes de vitaminas e fibras. As frutas e as verduras são fontes riquíssimas
15 Ibidem, p. 180. 16 Ibidem, p. 182-183.
403

escolhas
de nutrientes que deverão ser levadas em consideração nas alimentares. Dormir bem e o suficiente é outra questão muito importante que se deve levar em consideração desde cedo.
Tomar muito cuidado com as bebidas alcoólicas ça tabagismo. A bebida e o tabagismo, além de não fazerem bem à saúde, não condizem com o estado de vida abraçado. É importante refletir sobre o que estamos tentando compensar com determinados hábitos.
O tabagismo, conforme já amplamente comprovado pela me- dicina, é altamente destrutivo, impossibilitando qualquer projeto de qualidade prolongada de vida, e, por isso, deve ser evitado a todo custo, principalmente cuidando para superar ou prevenir condições emocionais que conduzem ou favorecem o vício de fumar, como a ansiedade, a tristeza, a depressão, a solidão, entre outras.17
Outro ponto importante para a qualidade de vida são as atividades físicas. Os exercícios físicos previnem o surgimento de várias doenças peculiares na terceira e quarta idades. É saudável escolher a atividade física que mais lhe parecer favorável. Não se trata aqui de modelar o corpo, como se estivesse se preparando para um concurso de beleza, mas de prepará-lo adequadamente para uma velhice sadia. O sedentarismo carrega consigo uma série de repercussões para toda a vida.
Cuidar da saúde é condição si ne qua non para uma vivência sadia do presente e para a conservação e preservação de uma velhice com qualidade. Realizar periodicamente consultas aos médicos e dentistas, bem como os exames solicitados, é uma atitude fundamental para garantir a qualidade de vida em todas as suas fases.
Encontre tempo para o descanso. Cada um sabe como melhor aproveitar e deleitar-se das coisas boas e sadias. O descanso fará com que você possa dar o melhor de si no tempo de estudos e, na vida presbiteral, fará com que atenda samaritanamente todas as pessoas que chegarem até você. O descanso permitirá que você produza eficazmente os frutos do trabalho em prol do povo Deus, para o qual foi chamado a dar a sua vida.
de

YASO, D. R.; NETTO, M. P. Como envelhecer bem? Questões fundamentais da saúde, p. 64-68.
Cuidar dos aspectos físicos do corpo é básico, porque afeta os demais aspectos do desenvolvimento humano. Fazer exercícios físicos todos os dias, descansar as horas necessárias, alimen- tar-se adequadamente e manter contato com a natureza são algumas das atividades tidas como básicas e que favorecem a manutenção da estrutura fisica do organismo, que envelhece a cada dia que passa.18
A arte de envelhe
Em se tratando da arte de envelhecer com sabedoria, ale- gria e prazer, um dos aspectos que o seminarista desde cedo deverá organizar refere-se às demandas administrativas, isto é, cuidar dos seus recursos financeiros com equidade e justiça, pensando sempre no seu futuro. É importante conhecer o básico do mercado financeiro e investir em previdência privada ou seguros que visem proteger as suas economias, tendo a consciência de que a velhice será o momento em que mais necessitará de tais recursos para a vivência de uma vida digna. Não se trata de uma administração mesquinha e interesseira. mas prudente e de bom senso.
O que fazer com a frustração, a solidão, a sexualidade e a internet? São todas questões relevantes que, na maioria das vezes, na infância, na juventude e na idade adulta, foram levadas de qualquer maneira e que muito vão pesar na velhice. Como lidar com a frustração adquirida durante a vida inteira? E a solidão, essa companheira que carregamos a vida inteira? Ora solidão equilibrada e sensata, ora desenfreada e perversa? E a sexualidade, tão banalizada, complexa e cheia de tabu? Às vezes, supõe-se que, na velhice, essa dimensão, tão importante na vida dos seres humanos, se esvai e se definha. Não é verdade. Estará muito viva e presente até o dia da morte. Como lidar e trabalhar com competência e sabedoria essa questão? E o uso equilibrado e amadurecido da internet? São questões difíceis e complexas que o vocacionado tem de trabalhar durante toda a vida, inclusive na velhice.
18 BRUSTOLIN, L. A.; CORTELLETTI, I. (orgs.). Saber viver. reflexões e dicas para envelhecer com qualidade. São Paulo: Paulus, 2013, p. 24.

O que falar das perdas? Perda dos amigos, dos conhecidos e, sobretudo, dos pais? Como lidar com a questão da reconcilia- ção consigo mesmo, com a história, com os erros pessoais e dos outros também? Como fazer a experiência cotidiana do perdão? A vigilância permanente é uma dimensão escatológica que não pode deixar de lado: estar sempre preparado para a última transferência da vida. Em se tratando dessas questões, a morte é, sem dúvida, um dos aspectos fundamentais que o seminarista deve levar em consideração em sua formação permanente. Como se preparar para ela?
se
Quando eu era seminarista, havia o costume de mensalmente trocar de lugares no dormitório, no refeitório e da sala de estudos. Esse exercício servia naturalmente para educar o jovem formando as mudanças de casa e de apostolado, mas também servia de prepa- ração para a morte. Sabemos que não levaremos nada de material no caixão, além de algumas poucas flores. Surpreendi-me quando perguntei a uma amiga religiosa o que levava em suas mudanças. Respondeu-me ela: "Duas pequenas malas". Continuei a

perguntar: "E os livros?". Disse-me ela: "Deixo-os na biblioteca da casa". Confesso-lhes que as respostas dessa amiga irmá me deixaram inquieto. Tenho de aprender muito com ela. Por isso, caros irmãos seminaristas, comecem desde cedo a exer- citarem-se no desapego das coisas materiais. Cuidem com carinho e exatidão na administração dos bens materiais pessoais e paroquiais. Tentem ao máximo educarem-se para que as coisas materiais não os sufoquem e tomem conta a ponto de tornarem-se escravos delas. Não percam a mística do encantamento e apaixonamento pelo Senhor da vida e da história, tornando-se meros funcionários da Igreja e não se preparando para o momento tão especial do encontro com o Cristo, o Bom Pastor, por excelência.

Tantos outros aspectos poderiam e deveriam ser tratados aqui, no entanto, deixaremos esses elementos que consideramos fundamentais para que cada seminarista, em sua formação, possa, da melhor maneira, absorvê-los e traduzi-los em seu dia a dia, a fim de que, quando a velhice chegar, possa estar preparado da melhor maneira possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

e

A arte de envelhecer é um processo que se inicia na mais tenra juventude. Não se pode deixar para depois. Trata-se de posturas e práticas realizadas no tempo presente. É uma perspectiva a ser assimilada e levada e consideração pelo seminarista diocesano, desde sua entrada no seminário. De acordo com Simone de Beauvoir, escritora, filósofa e ativista politica francesa, "a velhice não é um fator estático. É o resultado e o prolongamento de um processo, é uma mudança contínua, e mudar é a lei da vida"."

Velhice, senescencia, ancianidade, a arte de envelhecer, en- velhecer sem ficar velho, são todas expressões positivas para untar de uma etapa da vida. Entretanto, é necessário afirmar que não podemos deixar de mencionar o sentido do sofrimento que es fase da vida pode trazer consigo

Verdadeiramente sobrenatural e, ao mesmo tempo, humano, é sobrenatural, porque se radica no mistério divino da Redenção do mundo; e é também profundamente humano, porque nele o homem se aceita a si mesmo, com a sua própria humanidade, com a própria dignidade e a própria missão."

A arte de envelh

A velhice faz parte da condição humana. É o momento da vida em que se pode fazer a síntese da história vivida e nela reco- nhecer os acertos e os erros, inclusive compreender os limites que esta fase apresenta, vivendo-a, sem medo de ser feliz. Sabemos que a morte não é o fim, mas o início da vida definitiva e plena com o Senhor da vida e da história. Por isso, é necessário viver intensamente esse período, com alegria, esperança e vitalidade. "

O seminarista diocesano, em sua preparação para a vida minis- terial presbiteral, terá de se confrontar diariamente com o sentido

19 VILAS-BOAS, M. Terceira idade, uma experiência de amor. terapia corporal para idosos. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 7-8.

20 JOÃO PAULO II. Carta Apostólica Salvifici Doloris o sentido cristão do sofrimento humano. São Paulo: Paulinas, 2018. n. 31.

21 BOFF, L. Entre o caos e a ordem. Disponível em: <uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/ Leonardo-boff-sr-humano-moderno-cultivou-especie-de-complexo-de-deus/index.htm- - page5>. Acesso em: 6 out. 2020.

mais
profundo da vida, o que inclui a preparação para a velhice. Será um desafio, uma meta talvez inesperada, no entanto necessária. O jovem seminarista a sério as propostas em preparação à velhice, com certeza, chegará que, desde cedo, tomar essa consciência e levar nela da melhor forma possível, conformando a sua vida com a vida de Cristo Jesus, Mestre e Senhor: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham abundantemente" (Jo 10,10).

No contexto de uma nova cultura formativa do presbítero diocesano, o jovem seminarista há de levar em consideração a sua humanidade, da qual a velhice é uma situação real, existencial e especial. Se, no passado, a formação priorizou aspectos como a Santidade, a intelectualidade e a vida pastoral, hoje, com a nova Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, a dimensão huma- no-afetiva é a questão central na formação inicial e permanente do presbítero. E, sobretudo, a arte de envelhecer é uma dimensão essencial a ser trabalhada desde o início na vida do jovem semina- rista, que começa a sua formação para o presbiterato.22

O seminarista diocesano, em sua fase de formação inicial, intermediária ou final, precisa considerar que deverá ser homem de Deus e, ao mesmo tempo, homem do povo. Padre conforme o coração do Bom Pastor, atento, acolhedor, paciente, compreen- sivo, misericordioso, estudioso, ético, místico e sempre pronto a ser no mundo sinal e portador do amor generoso e solícito de Deus. Inclusive, preparado para viver em sua própria pele as consequências que a idade avançada poderá ocasionar, levando em consideração que um dia fez a opção de ser para o mundo sinal e portador do amor de Deus.23

Aquele que é chamado a ser presbítero esforça-se para viver intensamente a juventude, preparando-se para a velhice e cuidando de si, levando em consideração que a sua vida será

"CARVALHO, H. R. A urgência de formar o coração. In: VEIGA, A. C; ZACHARIAS, R. (orgs.). Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa. São Paulo: Paulus, 2019, p. 136.

CARVALHO, H. R. Estilo profético de vida: de senhores da fé a servidores da alegria. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Formação: desafios morais. São Paulo: Paulus, 2018, p. 30.

inteiramente doada para Deus, para a Igreja e para o seu povo. Esse processo dinámico é mobilizado e realizado no contexto da diocesaneidade, que é percebida na pertença e no amor que o presbítero diocesano tem e manifesta para com a sua diocese, no respeito e carinho que tem para com o seu bispo diocesano; no compromisso fraterno com os demais membros do presbitério e no amor incondicional ao povo da comunidade paroquial à qual foi destinado.

Outro aspecto a ser considerado é que, durante as outras fases da vida, predominam os ganhos, enquanto, na velhice, a predo minância é de perdas. Saber a hora exata de tornar-se emérito, do deixar para os sucessores a coordenação dos afazeres, inclusive da missão, é fundamental para o amadurecimento e vivência sadia da velhice, tendo consciência de que o sucesso fará diferente de você. Não sofrer por isso. Saber respeitar o novo jeito de quem assume aquilo que você exercia. Saber viver com sabedoria a nova fase que está por ser vivida. Essas são atitudes que constroem a vivência de uma velhice alegre e bem vivida.

A arte de envelhe

A diocese, por meio de seu bispo, animador e paí, a pastoral presbiteral, a equipe vocacional e outros meios deverão colabo- rar com os irmãos presbíteros no que se refere ao processo de envelhecimento.
Como a diocese poderá e deverá trabalhar essa dimensio junto ao clero? O que a diocese tem feito em relação aos padres que estão caminhando para a velhice? No contexto de hoje, qual jovem entregará a sua vida à Igreja se perceber que, depois de uma longa jornada de trabalho e evangelização, será de certa for- ma abandonado? A pastoral vocacional deve estar atenta a isso. O cuidado com os padres idosos reflete diretamente na ani- mação vocacional dos jovens vocacionados. E você, irmão seminarista, jovem, como pode contribuir e aprender com o processo de envelhecer e com os padres idosos?
CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; DA COSTA, E. Diedade, sponsalidade e incardinação. São Paulo: Paulus, 2020, p. 15.
409

A arte de envelhed
Humberto Robson de Carval
410
REFERテ劾CIAS BIBLIOGRテ：ICAS
BOFF, L. Entre o caos e a ordem. Disponテュvel em: <uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/Leonardo-boff-sr-humano-moder-no-cultivou-especie-de-complexo-de-deus/index.htm-page5>. Acesso em: 6 out. 2020.
BRANDテグ, V. M. A. T.; MERCADANTE, E. F. Envelhecimento ou longevidade? Questテオes fundamentais do ser humano. Sテ」o Paulo: Paulus, 2012.
BRUSTOLIN, L. A.; CORTELLETTI, I. (orgs.). Saber viver. reflexテオes e dicas para envelhecer com qualidade. Sテ」o Paulo: Paulus, 2013.
por
CARVALHO, H. R. A urgテェncia de formar o coraテァテ」o. In: VEIGA, A. C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Igreja e escテ「ndalos sexuais. uma nova cultura formativa. Sテ」o Paulo: Paulus, 2019.
Estilo profテゥtico de vida: de senhores da fテゥ a servidores da alegria. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. (orgs.). Formaテァテ」o: desafios morais. Sテ」o Paulo: Paulus, 2018.
CARVALHO, H. R.; PEREIRA, E.; DA COSTA, E. Diocesa- neidade, esponsalidade e incardinaテァテ」o. Sテ」o Paulo: Paulus, 2020. Cテ燃TE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (orgs.). Velhice, envelhecimento, complexidade. Sテ」o Paulo: Vetor, 2005. DUBOIS-DUMテ右, J. P. Envelhecer sem ficar velho: a aventura espiritual. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2017.
ESTテ鰻ES MEDINA, J. O valor dos anos: para acolher a velhice na prテウpria vida. Brasテュlia: Ediテァテオes CNBB, 2019.
GAUTHIER, J. Os desafios dos sessenta anos. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2014.
GRテ廸. A. A sublime arte de envelhecer. Petrテウpolis: Vozes, Nobilis, 2016.
JOテグ PAULO II. Carta Apostテウlica Salvifici Doloris o sentido cristテ」o do sofrimento humano. Sテ」o Paulo: Paulinas, 2018. PAGOLA, J. A. テ・bom crer em Jesus. Petrテウpolis: Vozes, 2012.
PAPA FRANCISCO E AMIGOS. Sabedoria das idades. Sテ」o Paulo: Loyola, 2018.

SCHMITT, C. A. O segredo da longevidade. sonhos e desafios para manter-se ativo e saud
テ。vel em qualquer idade. S テ」o Paulo: Paulinas, 2018.
VILAS-BOAS, M. Terceira idade, uma experiテ・ncia de amor terapia corporal para idosos. S テ」o Paulo: Paulinas, 2014.
YASO, D. R.; NETTO, M. P. Como envelhecer bem? Questテオes fundamentais da saテ⊐de. S テ」o Paulo: S テ」o Camilo, Paulus, 2009.
411

Agradecimentos
SUMÁRIO
Apresentação
Introdução
11
Capítulo 1-O papel da família no processo
vocacional do seminarista diocesano
15
Túlio Rocha Pugas
Capítulo 2 - Vocação:
relação entré chamado e resposta
.31
Bruno Brentan
Capítulo 3-0 crescimento integral do seminarista: a interação das dimensões formativas
Darlan Heleno Schwaab
Capítulo 4 - Sexualidade, afetividade e castidade
Dener Evangelista Barbosa de Sales
Capítulo 5 - A vivência fraterna
e comunitária no seminário
Ailton Martins Evangelista
Capítulo 6 - Oração pessoal e comunitária do seminarista diocesano
Jonny Walz
Capítulo 7 - A vida litúrgica e sacramental
no processo formativo
Juliélton de Melo Targino
Capítulo 8 - Abertura e verdade no relacionamento
com os formadores
Marcos Antônio de Lima Santos
47
83
111
123

Capitulo 2 sentido da obediência crista
133
Renato Petrocelli Moraes
Capulo 10- A urgência de uma formação intelectual de qualidade
143
Roberto Ademir Melgar Henriques Júnior
Capítulo 19-A influência das redes sociais

no processo formativo Alexander José da Silva
Capítulo 20-O risco do encantamento
Capítulo 11-A integração de si mesmo para tornar-se discípulo e missionário: o diálogo entre
pelo palco e pelo sucesso
Dévisson Luan Oliveira Dias
305
o processo formativo do seminarista diocesano e o acompanhamento psicológico ..161
Edson Pereira
Capítulo 12- Prestação de contas, um caminho de transparência e fidelidade
Capítulo 22-Viver como presbítero,
Capítulo 21-O perfil do seminarista diocesano Cain Henrique Espontan
317
desde a formação inicial
.177
Eliton Fernando Felczack
333
Vinicius Martins Cestari
Capítulo 23-A espiritualidade
Capítulo 13-0 impacto
do seminarista diocesano
dos fundamentalismos na formação..... João Gabriel da Cruz Andrade
353
.191
Igor Kawakame Ratlef
Capítulo 24 - A presença das mulheres no processo
Capítulo 14-O seminarista servidor,
pastor e missionário
207
formativo dos seminaristas diocesanos Suzana Coutinho
371
José Vinícius Bonfante
Capítulo 25-A experiência do desligamento
Capítulo 15-A responsabilidade e o compromisso
do processo formativo
385
no processo formativo
223
Altierez Sebastião dos Santos
Guilherme Aparecido de Lima
Capítulo 26-A arte de envelhecer
Capítulo 16-A catequese e o seminarista diocesano:
com sabedoria, alegria e prazer Humberto Robson de Carvalho
395
serviço da Palavra de Deus
revelada em Jesus Cristo
Antonio Wardison C. Silva
Capítulo 17-A bondade e a misericórdia

como atitudes transformadoras
Thales Martins dos Santos
Capítulo 18- A pobreza evangélica como estilo de vida
do seminarista diocesano
Leonardo Silva Pereira Fávaro
235
257
271

THALES MARTINS DOS SANTOS É mestrando em Ciências da Religião (Umesp). Especialista em Espiritualidade (Unisal-SP). Li- cenciado em Filosofia (Faerpi-PI). Bacharel em Teologia (Pio XI-SP). Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM). Membro do grupo de pesquisa Pessoa humana: antropo- logia, ética e sexualidade (PUC-SP/CNPq).
ANTONIO WARDISON C. SILVA Doutor e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC- -SP). Especialista em Filosofia e Existência e em Catequese. Licenciado em Filosofia e ba- charel em Teologia. Desenvolve pesquisas na área de filosofia contemporânea, particular- mente sobre ética, linguagem e pragmatismo; também nas áreas da hermenêutica, antropo- logia teológica e catequese. Atualmente, pró- -reitor de extensão, ação comunitária e pasto- ral do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal). Professor, na mesma institui- ção, de cursos de pós-graduação; pesquisador do grupo de pesquisa Antropologia Teológica (Unisal/CNPq) e do Centro de Estudos de Pragmatismo (PUC-SP/CNPq). Autor do li- vro Karl-Oto Apel: itinerário formativo da ética do discurso, publicado pela Paulus.

P
or que um livro sobre a identidade, a vocação e a mis- são do seminarista diocesano? O desejo de tal escrito encontra-se no vazio literário desse assunto específico. Os religiosos aspirantes ao ministério presbiteral encontram abundantes textos em seus diversos institutos, congregações ou ordens. Os seminaristas diocesanos, por sua vez, carecem de tais textos. Este livro pretende auxiliar a pastoral vocacional e os responsáveis pelo processo de discernimento dos jovens e adultos que se apresentam com o desejo de se tornarem minis- tros ordenados para servir o Senhor. Está organizado em vinte e seis capítulos, elaborados por vários autores espalhados por todo o Brasil. Os temas propostos foram avaliados e sugeridos por diversos formadores, alguns bispos e pessoas envolvidas no processo formativo dos seminaristas diocesanos. Com exceção de alguns presbíteros diocesanos, uma fiel cristã leiga compro- metida com a formação de presbíteros e cinco fiéis cristãos leigos comprometidos com a causa da formação laical, todos os demais capítulos foram escritos por seminaristas diocesanos no período do discipulado e da configuração. Acreditamos e apostamos no protagonismo daqueles que se tornarão padres diocesanos configurados ao Cristo Bom Pastor, modelo de toda caridade pastoral, e ao carisma específico da diocesaneidade.
VOCAÇÃO FORMAÇÃO
&
ISBN 978-65-5562-307-9
786555 623079 PAULUS.COM.BR